

CHODERLOS
DE LACLOS

As relações perigosas

Parte I

CARTA I

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY NO CONVENTO DAS URSULINAS DE...

Como vê, minha boa amiga, cumpro com minha palavra, e fitas e toucados não ocupam todo o meu tempo; sempre há de sobrar-me algum para você. No entanto, só no dia de hoje vi mais adereços do que vi nos quatro anos que passamos juntas; e acho que a soberba Tanville^b sentirá, em minha primeira visita, quando pretendo chamá-la, mais mágoa do que pensava causar-nos nas vezes em que vinha visitar-nos *en grande toilette*.¹ Minha mãe consultou-me sobre tudo; tem me tratado muito menos como uma pensionista. Tenho agora uma camareira só para mim; disponho de um quarto e de uma saleta, e lhe escrevo num lindo secretário, de que me deram a chave e no qual posso trancar tudo que quiser. Disse minha mãe que eu iria vê-la todo dia a seu despertar; que, para o almoço, bastava-me estar penteada, já que sempre estaríamos a sós, e que então ela me diria, a cada dia, a que horas deveria ir ter com ela durante a tarde. O restante do tempo está a meu dispor, e tenho minha harpa, meu desenho, e livros, como no convento; com a diferença de que madre Perpétua não está aqui para ralhar comigo e que, caso quisesse, poderia ficar sempre à toa: mas como não tenho minha Sophie para rir e conversar, prefiro me ocupar.

Ainda não são cinco horas; só devo encontrar-me com minha mãe às sete: tempo bastante, se tivesse algo para lhe contar! Mas ainda não me disseram nada; não fossem os preparativos que vejo a meu redor, e a quantidade de costureiras que vêm aqui por mim, não acreditaria que estão pretendendo casar-me, e que este é apenas mais um disparate da boa Joséphine.^c Contudo, minha mãe tantas vezes me disse que uma donzela devia ficar no convento até casar que, se está me tirando dele, Joséphine deve ter razão.

Uma carruagem acaba de parar à porta, e minha mãe mandou chamar-me em seus aposentos sem demora. E se for este senhor? Não estou arrumada, minha mão treme e meu coração bate forte. Perguntei à

camareira se sabia quem estava com minha mãe: “Acho que é mesmo o senhor C.”, disse ela. E ria. Ah! Acho que é ele. Seguramente volto depois para lhe contar o que acontecer. Por enquanto, já tem o nome dele. Não devo fazer-me esperar. Adeus, até daqui a pouco.

Como vai zombar da pobre Cécile! Ah! Fiquei tão envergonhada! Mas você, como eu, teria se deixado enganar. Ao entrar nos aposentos de minha mãe, avistei um senhor vestido de preto, em pé ao lado dela. Cumprimentei da melhor forma que pude, e fiquei ali, sem conseguir me mexer. Pode imaginar o quanto eu o examinava! “Senhora”, disse ele a minha mãe, ao cumprimentar-me, “é uma jovem encantadora, e percebo mais que nunca o valor de sua gentileza.” A essas palavras tão positivas, fui tomada por uma tremedeira tal que não conseguia manter-me em pé; achei uma poltrona, sentei-me, muito vermelha e desconcertada. Mal me tinha sentado, e o homem já estava a meus pés. Sua pobre Cécile então perdeu a cabeça; estava assombrada, como disse minha mãe. Levantei-me soltando um grito lancinante...; como naquele dia do trovão, lembra? Minha mãe deu uma risada, dizendo: “Ora, o que houve? Sente-se e dê seu pé a este senhor”. Com efeito, minha amiga, o tal senhor era um sapateiro. Não sei lhe dizer a vergonha que senti: felizmente, só estava ali minha mãe. Acho que, depois de casada, não irei mais recorrer a esse sapateiro.

Você há de convir que, com isso, estamos muito bem informadas! Adeus. São quase seis horas e minha camareira diz que devo me arrumar. Adeus, minha cara Sophie; ainda gosto de você como quando estava no convento.

p.s. — Não sei por quem enviar esta carta, de modo que vou esperar que Joséphine apareça.

Paris, neste 3 de agosto de 17**.

CARTA 2
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT
NO CASTELO DE...

Volte, meu caro visconde, volte: o que tem feito, o que tem a fazer em casa de uma velha tia cujos bens todos já lhe foram legados? Venha embora

imediatamente; preciso de você. Ocorreu-me uma ideia excelente e gostaria de confiar-lhe sua execução. Essas poucas palavras deveriam bastar; e, muito honrado com minha escolha, deveria você, diligentemente, vir tomar minhas ordens de joelhos; mas você abusa de minhas atenções, mesmo depois de não mais desfrutá-las; e, entre um ódio eterno ou uma indulgência excessiva, para sorte sua, é minha gentileza que se impõe. De modo que consinto em contar-lhe minhas intenções. Só me jure que, cavaleiro fiel, não irá se envolver em nenhuma aventura enquanto não tiver levado esta a termo. É digna de um herói: você estará servindo o amor e a vingança; será, por fim, mais uma *rouerie*^d a acrescentar a suas Memórias: sim, suas Memórias, pois quero que um dia sejam publicadas, e me encarrego de escrevê-las. Mas deixemos isso para lá e voltemos ao que me interessa.

A sra. de Volanges está para casar sua filha: ainda é segredo, mas ela ontem me pôs a par. E quem você supõe que ela escolheu para genro? O conde de Gercourt. Eu, prima de Gercourt?³ Quem diria!?! Estou tão furiosa... Pois bem! Ainda não adivinhou? Ah, que mente lerda! Acaso você já perdoou a Gercourt sua aventura com a intendenta? E eu, não tenho mais motivos de queixa ainda, monstro? Mas tenho me acalmado, e a esperança de vingar-me tranquiliza minha alma.

Tantas vezes você, assim como eu, se aborreceu com a importância dada por Gercourt a sua futura mulher, e com sua tola presunção de que irá evitar o inevitável. Conhece suas ridículas prenoções quanto à educação claustral, e seu preconceito, mais ridículo ainda, sobre o recato das loiras. Na verdade, eu seria capaz de apostar que, no que pesem as sessenta mil libras de renda da menina Volanges, ele jamais teria acertado esse casamento se ela fosse morena, ou se não tivesse estado no convento. Pois vamos provar-lhe que não passa de um tolo:⁵ isso ele sem dúvida ainda será algum dia, não é o que me preocupa; o divertido seria que ele já o fosse desde o começo. Como não iríamos rir, no dia seguinte, ao ouvi-lo se gabar! Porque ele vai se gabar; além disso, se você desse uma vez um trato nessa menina, só por muito azar Gercourt acabaria sendo, como outro qualquer, motivo de chacota em toda a Paris.

De resto, a heroína deste novo romance^e merece toda a sua atenção: é realmente bonita; tem apenas quinze anos, um botão de rosa; incrivelmente maljeitosa, sem dúvida, e sem nenhuma afetação: mas isso não é algo que vocês, homens, temam; além do mais, um certo olhar langoroso que

realmente promete. Some-se a isso que eu o estarei recomendando; só lhe resta agradecer-me e obedecer.

Receberá esta carta amanhã pela manhã. Exijo que amanhã mesmo, às sete da tarde, esteja em minha casa. Não vou receber ninguém antes das oito, nem mesmo meu atual cavaleiro: ele não tem tino suficiente para um assunto tão sério. Como vê, não me deixo cegar pelo amor. Às oito horas, devolvo-lhe sua liberdade, e às dez, você retorna para jantar com a linda menina em questão, uma vez que mãe e filha virão jantar em minha casa. Adeus, já passa de meio-dia: logo não irei mais me ocupar com você.

Paris, neste 4 de agosto de 17**.

CARTA 3
DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Não sei de nada ainda, minha boa amiga. Minha mãe recebeu ontem muitas pessoas para jantar. Apesar de meu interesse em observar, principalmente os homens, muito me aborreci. Homens e mulheres, todos me fitavam bastante, e então cochichavam entre si; percebia claramente que falavam de mim, o que me fazia corar. Não conseguia evitar, e bem que eu gostaria, pois reparei que, quando fitavam as outras mulheres, elas não coravam; ou talvez o ruge que elas usam dissimule o rubor causado pelo acanhamento; uma vez que deve ser bem difícil não corar quando um homem nos encara fixamente.

O que mais me preocupava era não saber o que pensavam a meu respeito. Creio ter escutado, duas ou três vezes, a palavra *bonita*; mas escutei claramente a palavra *maljeitosa*; e deve ser mesmo verdade, pois a mulher que falava assim é parente e amiga de minha mãe; parece, inclusive, ter logo se tomado de amizade por mim. Foi a única pessoa que conversou um pouco comigo. Amanhã vamos jantar em casa dela.

Também escutei, após o jantar, um homem dizendo a outro, e tenho certeza de que falava de mim: “Há que deixá-la amadurecer, no inverno veremos”. Talvez fosse aquele que deve casar-se comigo; mas, nesse caso, já seria dentro de quatro meses! Queria muito saber algo a respeito.

Acaba de entrar Joséphine, e diz que está com pressa. Mas ainda quero lhe contar mais um de meus maus jeitos. Ai, acho que aquela senhora tinha

ração!

Após o jantar, puseram-se a jogar. Sentei-me junto de minha mãe; não sei como aconteceu, mas peguei no sono quase imediatamente. Acordei com uma sonora gargalhada. Não sei se era de mim que estavam rindo, acredito que sim. Minha mãe me autorizou a retirar-me, para minha imensa alegria. Imagine, já passava das onze horas. Adeus, minha cara Sophie; continue amando muito a sua Cécile. Asseguro-lhe que a sociedade não é divertida como pensávamos.

Paris, neste 4 de agosto de 17**.

CARTA 4
VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA
DE MERTEUIL EM PARIS

Suas ordens são encantadoras; sua maneira de dá-las é mais amável ainda; você seria capaz de fazer apreciar o despotismo. Não é a primeira vez, como sabe, que lamento não ser mais seu escravo; e por mais monstro que diga que sou, nunca relembro sem prazer o tempo em que me gratificava com mais doces apelidos. Não raro, sinto inclusive o desejo de voltar a merecê-los e acabar dando ao mundo, com você, um exemplo de constância. Interesses mais largos nos chamam, porém; nosso destino é conquistar; cabe a nós cumpri-lo: quiçá ainda nos encontremos no fim da carreira; pois, digo isso sem querer aborrecê-la, mui bela marquesa, seus passos são, no mínimo, parelhos com os meus; e desde que, separando-nos para a alegria geral, vimos pregando a fé cada um por seu lado, quer parecer-me que nesta missão amorosa você angaria mais prosélitos que eu. Conheço seu zelo, seu ardente fervor; e, se nos julgasse Deus por nossas obras, você seria algum dia a padroeira de uma grande cidade, ao passo que esse seu amigo seria, quando muito, o santo de alguma aldeia. Esta linguagem mística a surpreende, não é verdade? Ocorre que há uma semana não escuto nem falo nenhuma outra; e é para aperfeiçoar-me nela que me vejo forçado a desobedecer-lhe.

Não se zangue, e escute-me. Depositária de todos os segredos de meu coração, vou confidenciar-lhe o maior plano que já concebi. O que me sugere? Seduzir uma moça que não viu nada, nem conhece nada; que, por

assim dizer, me seria entregue sem defesa; que uma primeira homenagem não deixará de embriagar, e que a curiosidade talvez conduzisse mais rapidamente que o amor. Vinte homens poderiam bem suceder como eu. O mesmo não se dá com o projeto que me ocupa; seu êxito me assegura tanta glória quanto prazer. O próprio amor que tece minha coroa hesita entre o mirto e os louros, ou melhor, há de juntar a ambos para honrar meu triunfo.⁷ Você mesma, bela amiga, será tomada de um santo respeito, e dirá, entusiasmada: “Aí está um homem a meu gosto”.

Você conhece a presidenta Tourvel, sua devoção, seu amor conjugal, seus princípios austeros. Eis aí o que vou atacar; eis aí o inimigo a minha altura; eis aí o objetivo que pretendo alcançar;

*Et si de l'obtenir je n'emporte le prix,
J'aurai du moins l'honneur de l'avoir entrepris.^f*

É permitido citar versos ruins, quando são de um grande poeta.^g

Pois saiba que o presidente se encontra na Borgonha, por conta de um processo de peso (espero fazê-lo perder outro, mais importante). Sua inconsolável metade deverá passar aqui todo o período dessa aflitiva viuvez. Uma missa diária, algumas visitas aos pobres do cantão, orações de manhã e de tarde, passeios solitários, piedosas conversas com minha velha tia e, vez ou outra, um melancólico *wisk*, deveriam ser seu único entretenimento. Preparo-lhe outros, mais eficazes. Meu anjo bom me trouxe até aqui, para alegria dela e minha. Insensato, lamentava as vinte e quatro horas que ia sacrificar em civilidades de praxe. Como me puniria agora quem me obrigasse a voltar para Paris! Felizmente, são precisas quatro pessoas para jogar *wisk*; e, como por aqui se encontra apenas o pároco do lugar, minha imortal⁹ tia insistiu muito para que eu lhe sacrificasse alguns dias. Imagine se não consenti. Você não faz ideia de como tem me mimado desde então, de como, mais que nada, sente-se enlevada ao ver-me assistir regularmente à missa e a suas orações. Não desconfia de qual Divindade eu adoro.

Cá estou, portanto, há quatro dias, entregue a uma forte paixão. Você sabe como desejo intensamente e como devoro os obstáculos: mas desconhece o quanto a solidão aumenta o ardor do desejo. Tenho apenas uma ideia; de dia penso nela, sonho com ela à noite. Preciso possuir essa mulher, para evitar o ridículo de apaixonar-me por ela: pois até onde não

nos leva um desejo contrariado? Ó delicioso gozo! Imploro-lhe para minha felicidade e, sobretudo, para meu sossego. Que sorte a nossa as mulheres se defenderem tão mal! Ou não passaríamos, junto delas, de tímidos escravos. Sinto, neste instante, um sentimento de gratidão pelas mulheres fáceis, que naturalmente me traz a seus pés. Prosterno-me diante delas a fim de obter meu perdão, e assim concluo esta carta demasiado extensa. Adeus, belíssima amiga: sem rancor.

Do castelo de..., 5 de agosto de 17**.

CARTA 5
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Sabia, visconde, que sua carta é de uma rara insolência, e que eu bem poderia zangar-me? Mostra-me, porém, claramente que perdeu a cabeça, e só isso é que o salvou de minha indignação. Amiga generosa e sensível, esqueço minha injúria para só cuidar de seu perigo; e por mais tedioso que seja chamar alguém à razão, cedo à necessidade que você tem disso neste momento.

Você, possuir a presidenta Tourvel! Que capricho mais ridículo! Reconheço aí sua cabeça-dura, que só sabe desejar o que julga não poder conseguir. O que tem essa mulher, afinal? Feições regulares, concedo, mas nenhuma expressividade; um corpo sofrível, mas sem nenhum encanto: sempre vestida de forma risível, com tantos fichus a cobrir-lhe o colo e o corpete a subir-lhe até o queixo! É como amiga que lhe digo: basta-lhe uma mulher como essa para perder todo o seu prestígio. Lembre-se do dia em que ela fez a coleta na Saint-Roch, e você me agradeceu por ter lhe proporcionado esse espetáculo. Ainda posso vê-la, dando a mão àquele varapau de cabelos compridos, quase caindo a cada passo, suas anquinhas de quatro arcos sempre a roçar a cabeça de alguém, e enrubescendo a cada reverência. Quem teria imaginado, então, que você um dia iria desejar essa mulher? Vamos, visconde, enrubesça por sua vez e caia em si. Prometo guardar segredo.

Além disso, pense só nos dissabores que o esperam! Que rival teria a combater? Um marido! Não se sente humilhado a essa simples palavra?

Que vergonha, se fracassar! E que pouca glória haveria, aliás, em ser bem-sucedido! Digo mais: não espere daí prazer algum. Existe prazer com as virtuosas? Refiro-me àquelas de boa-fé: reservadas mesmo no fundo do prazer, não proporcionam mais que semigozos. Essa total entrega de si mesmo, esse delírio da volúpia em que o prazer se depura pelo excesso, esses bens do amor, elas desconhecem. Escute o que lhe digo: na mais feliz das hipóteses, sua presidenta julgará já ter feito tudo por você ao tratá-lo como marido, e mesmo no mais terno tête-à-tête conjugal, sempre se continua sendo dois. Nesse caso, pior ainda: sua virtuosa é uma devota, com essa devoção de comadre que condena a uma infância eterna. Você talvez ultrapasse esse obstáculo, mas não tenha a pretensão de destruí-lo: vencedor do amor a Deus, não irá vencer o medo do Diabo; e quando, com sua amante nos braços, sentir palpitar seu coração, será de medo, e não de amor. Quem sabe, se tivesse mais cedo conhecido essa mulher, talvez pudesse ter lhe ensinado alguma coisa; mas ela está com vinte e dois anos, e há quase dois está casada. Acredite, visconde, quando uma mulher se acomodou a esse ponto, há que abandoná-la a sua sorte: nunca passará de uma coitada.

E é por esse belo motivo que você se nega a me obedecer, que vai se enterrar nesse mausoléu de sua tia, e renuncia à aventura mais deliciosa e mais própria a honrar seus talentos. Por que fatalidade tem sempre Gercourt de manter uma vantagem em relação a você? Veja bem, digo isso sem nenhuma irritação: nesse momento, estou tentada a acreditar que você não merece a reputação que tem; estou sobretudo tentada a retirar a confiança que lhe tenho. Jamais poderei me habituar a contar meus segredos ao amante da sra. de Tourvel.

Saiba, no entanto, que a menina Volanges já virou a cabeça de alguém. O jovem Danceny é louco por ela. Eles cantaram juntos, e ela, de fato, canta melhor do que cabe a uma pensionista. Eles devem ensaiar muitos duetos, e creio que de bom grado ela se prestaria a um uníssono. Mas Danceny é um menino que vai perder tempo a falar de amor sem nada concluir. A mocinha, por sua vez, é um tanto arisca; e, seja como for, isso tudo será bem menos divertido do que você teria sabido torná-lo; de modo que me sinto irritada, e vou decerto ralhar com o cavaleiro quando ele chegar. Ele que saiba se manter calmo, pois, no momento, não me custaria romper com ele. Tenho certeza de que, tivesse eu o tino de abandoná-lo agora, seria para ele um desespero; e nada me diverte tanto como um desespero

amoroso. Ele me chamaria de pérfida, e essa palavra, pérfida, sempre me agradou; é, depois de cruela, a palavra mais doce aos ouvidos de uma mulher, e a menos difícil de merecer. É sério, vou tratar desse rompimento. Veja só o que você causou! De modo que deixo isso para sua consciência. Adeus. Recomende-me às orações de sua presidenta.

Paris, neste 7 de agosto de 17**.

CARTA 6
DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

Com que então não há mulher que não abuse do poder que soube conquistar! Mesmo você, a quem tantas vezes chamei de minha indulgente amiga, deixa afinal de sê-lo e não hesita em me atacar no próprio objeto de minhas afeições! Com que cores se atreve a retratar a sra. de Tourvel!... Que homem não pagaria com a vida tal insolente ousadia? Que outra mulher, senão você, por tal ousadia não receberia em troca, no mínimo, algum gesto maldoso? Rogo-lhe que não mais me submeta a tão duros testes; não garanto poder suportá-los. Em nome da amizade, espere até eu possuir essa mulher antes de falar mal dela. Então não sabe que somente à volúpia cabe desprender a venda do amor?

Mas que digo? A sra. de Tourvel acaso precisa de ilusão? Não; para ser adorável, basta-lhe ser ela mesma. Você a critica por mal se vestir; acredito: qualquer adorno atua em seu desfavor; tudo o que a dissimula a enfeia. É no abandono do traje casual que ela se mostra realmente deslumbrante. Graças ao calor sufocante que temos enfrentado, um mero négligé de tecido me deixa entrever sua silhueta cheia e elegante. Uma simples musselina cobre-lhe o colo; e meus olhares furtivos, mas penetrantes, já captaram suas formas sedutoras. Você diz que seu semblante não tem expressão alguma. E o que poderia expressar, quando nada lhe fala ao coração? Não, ela decerto não tem, como têm nossas mulheres coquetes, o olhar mentiroso que às vezes seduz e sempre nos engana. Não sabe encobrir o vazio de uma frase com um sorriso estudado; e, embora possua os mais lindos dentes do mundo, ri tão somente daquilo que a diverte. Há que ver, no entanto, como nas brincadeiras ligeiras

oferece a imagem de uma alegria inocente e franca! Como, junto de um infeliz que se apressa em acudir, seu olhar demonstra a pura alegria e a bondade compassiva! Há que ver, antes de mais nada, à menor palavra de elogio ou lisonja, desenhar-se em seu celeste semblante o comovente embaraço de uma modéstia em nada fingida!... Porque é pudica e devota, você a julga fria e sem vida? Minha opinião é bem diferente. Que espantosa sensibilidade não deve ter, para estendê-la ao marido, e continuar amando uma criatura sempre ausente? Que prova mais concludente poderia desejar? Consegui mais uma, no entanto.

Conduzi-a, durante o passeio, de maneira que deparássemos com um fosso a ser transposto e, embora seja muito ágil, é, mais que tudo, tímida: você bem pode imaginar que uma virtuosa teme dar o salto.^g Foi preciso que confiasse em mim. Segurei em meus braços essa mulher recatada. Enquanto nos preparávamos e minha velha era atravessada, a alegre devota rira às gargalhadas; mas assim que a peguei no colo, num hábil desjeito nossos braços se enlaçaram mutuamente. Apertei seu peito contra o meu e, nesse breve ínterim, senti seu coração bater mais depressa. Um amável rubor veio colorir-lhe o rosto e seu casto embaraço bastou para me indicar que seu coração palpitara de amor, e não de receio. Minha tia, porém, tal como você, deixou-se enganar, dizendo: “A menina se assustou”; mas a encantadora candura da menina não permitiu que mentisse, e ela respondeu ingenuamente: “Não, é que...”. Essas simples palavras bastaram para esclarecer-me. Daquele momento em diante, a doce esperança tomou o lugar da cruel apreensão. Hei de ter essa mulher; hei de arrebatá-la ao marido que a profana; ousarei furtá-la ao próprio Deus que ela adora. Que delícia é ser alternadamente o causador e o vencedor de seus remorsos! Longe de mim a ideia de derrubar os preconceitos que a cerceiam! Só virão aumentar minha alegria e minha glória. Que ela acredite na virtude, mas que a mim a sacrifique; que suas faltas a apavorem, mas não logrem detê-la; e que, agitada por mil terrores, não consiga abstraí-los, vencê-los, senão em meus braços. E que então, concedo, ela me diga: “Eu o adoro”; somente ela, entre as mulheres, será digna de pronunciar essa palavra. Serei realmente o Deus que ela terá preferido.

Sejamos sinceros: em nossos arranjos, tão frios quanto fáceis, o que chamamos de felicidade não passa de mero prazer. Quer saber? Julgava estar murcho meu coração, e encontrando em mim mesmo tão somente

sentidos, lamentava minha velhice prematura. A sra. de Tourvel devolveu-me as graciosas ilusões da mocidade. Com ela, não preciso gozar para ser feliz. Só o que me assusta é o tempo que irá me tomar esta aventura; pois não me atrevo a deixar nada ao acaso. Embora relembre minhas bem-sucedidas temeridades, não me arrisco a pô-las em prática. Para que eu seja realmente feliz, ela precisa entregar-se, o que não será coisa fácil.

Você decerto ficaria admirada com minha cautela. Ainda não pronunciei a palavra amor; mas já chegamos a confiança e interesse. Para enganá-la o menos possível e, sobretudo, para antecipar o efeito de conversas que poderiam lhe chegar aos ouvidos, eu mesmo lhe contei, como me declarando culpado, alguns casos meus mais conhecidos. Você acharia graça da candura com que me arrazoava. Quer, diz ela, converter-me. Ainda não desconfia do quanto há de custar-lhe tentar. Está longe de imaginar que ao defender, para usar suas próprias palavras, as infelizes cuja perdição provoquei, está desde já falando em causa própria. Essa ideia me ocorreu em meio a um de seus sermões, e não pude resistir ao prazer de interrompê-la e assegurar-lhe que falava igual a um profeta. Adeus, minha belíssima amiga. Como vê, não estou irremediavelmente perdido.

P.S. — A propósito, matou-se de desespero o pobre cavaleiro? Você é, na verdade, cem vezes pior do que eu, e me deixaria humilhado caso eu possuísse amor-próprio.

Do castelo de..., neste 9 de agosto de 17**.

CARTA 7

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY^h

Se nada comento sobre meu casamento, é porque não estou a esse respeito mais informada do que já estava. Acostumei-me a não pensar mais nisso, e me sinto bem à vontade com meu modo de vida. Tenho estudado bastante canto e harpa; tenho a impressão de apreciá-los mais desde que já não tenho professor, ou talvez porque agora tenha um melhor. O cavaleiro Danceney, o senhor de que lhe falei, com quem cantei em casa da sra. de Merteuil, faz a gentileza de vir aqui todos os dias e cantar comigo horas a fio. Ele é extremamente amável. Canta como um anjo e compõe melodias

muito bonitas, de que escreve também as letras. É mesmo uma pena que seja Cavaleiro de Malta! Acredito que, se viesse a casar-se, sua esposa seria muito feliz... É de uma delicadeza encantadora. Nunca parece estar elogiando, mas tudo o que ele diz lisonjeia. Corrige-me constantemente, tanto na música com em outros assuntos, mas suas críticas vêm envoltas em tanto interesse e alegria que é impossível não lhe ser grata. Apenas com o olhar já parece dizer algo gentil. É, além disso, muito obsequioso. Ontem, por exemplo, havia sido convidado a um grande concerto; preferiu ficar em casa de minha mãe. Fiquei muito contente, pois, quando ele não está, ninguém fala comigo e me aborreço; ao passo que, quando está, cantamos os dois e conversamos. Ele sempre tem algo a me dizer. Ele e a sra. de Merteuil são as duas únicas pessoas que me parecem gentis. Mas adeus cara amiga; prometi aprender para hoje uma arieta para harpa de difícilíssimo acompanhamento, e não quero faltar a minha palavra. Volto a estudar, até que ele chegue.

De..., neste 7 de agosto de 17**.

CARTA 8

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE VOLANGES

Ninguém, senhora, será mais sensível que eu à confiança de que me dá mostras, nem estará mais interessada em estabelecer a srta. de Volanges. É do fundo de minh'alma que desejo a ela uma felicidade que sem dúvida alguma merece, e para a qual confio em sua sabedoria. Não conheço o sr. conde de Gercourt, mas, se foi honrado por sua escolha, não posso senão fazer dele uma ideia das mais favoráveis. Limito-me, senhora, a desejar que esse casamento seja tão feliz como o meu, o qual foi também obra sua, e pelo qual lhe sou cada dia mais grata. Que a felicidade da senhorita sua filha seja sua recompensa por aquela que me propiciou; e que a melhor das amigas possa ser igualmente a mais afortunada das mães!

Lamento muitíssimo não poder prestar-lhe pessoalmente a homenagem destes votos sinceros e ser, tão logo como gostaria, apresentada à srta. de Volanges. Depois de ter desfrutado de suas bondades realmente maternais, ousou esperar dela a terna amizade de uma irmã. Peço-lhe, senhora, que lhe faça, em meu nome, o pedido desta amizade, até que eu me encontre em

situação de merecê-la.

Pretendo permanecer no campo enquanto durar a ausência do sr. de Tourvel. Reservei este tempo para desfrutar e aproveitar a companhia da respeitável sra. de Rosemonde, encantadora como sempre. Sua idade avançada em nada a prejudica: conserva toda a sua memória e alegria. Seu corpo apenas tem oitenta e quatro anos; seu espírito não tem mais que vinte.

Nosso isolamento tem sido animado por seu sobrinho, o visconde de Valmont, que se dignou nos ceder alguns dias. Eu só o conhecia de reputação, a qual pouco me inclinava a querer conhecê-lo melhor. Quer parecer-me, porém, que ele vale mais que ela. Aqui, onde não o perturba o turbilhão da vida social, diz coisas sensatas com surpreendente facilidade, e reconhece seus erros com rara candura. Conversa comigo com muita confiança, e eu o exorto com muita severidade. A senhora, que o conhece, há de convir que seria essa uma bela conversão: mas não tenho dúvidas de que, apesar de suas promessas, uma semana em Paris lhe fará esquecer todos os meus sermões. Entretanto, sua estada aqui irá ao menos interromper, por algum tempo, sua conduta habitual; e acredito que, pela maneira como vive, o melhor que pode fazer é não fazer absolutamente nada. Ele sabe que estou a escrever-lhe e pediu que lhe transmitisse seus respeitosos cumprimentos. Receba também os meus, com a bondade que lhe é peculiar, e jamais duvide dos sentimentos com que tenho a honra de ser etc.

Do castelo de..., neste 9 de agosto de 17**.

CARTA 9

DA SRA. DE VOLANGES À PRESIDENTA DE TOURVEL

Jamais duvidei, minha jovem e bela amiga, da amizade que nutre por mim ou de seu sincero interesse por tudo que me diz respeito. Não é para esclarecer esse aspecto, que espero definitivamente assente entre nós, que respondo a sua *resposta*: creio, porém, não poder furtar-me a falar-lhe acerca do visconde de Valmont.

Não esperava, confesso, deparar algum dia com esse nome em uma carta sua. Com efeito, o que pode haver em comum entre ele e a senhora? Não

conhece esse homem; pois como teria você aprendido o que é a alma de um libertino? Fala-me em sua *rara candura*. Sim! A candura de Valmont será deveras muito rara. Sendo Valmont ainda mais falso, e perigoso, do que é amável e sedutor, desde a mais tenra idade nunca deu um passo, nem nunca disse uma palavra, sem segundas intenções, e nunca teve uma intenção que não fosse desonesta ou criminosa. Minha amiga, bem me conhece; e bem sabe que, entre as virtudes que me esforço por cultivar, a indulgência não é a que mais aprecio. Assim, fosse Valmont arrastado por ardentes paixões, fosse ele, como tantos outros, seduzido por erros de sua idade, lamentaria por ele embora censurando sua conduta, e esperaria, em silêncio, o momento em que uma feliz conversão o devolvesse à estima das pessoas de bem. Mas Valmont não é assim: sua conduta reflete seus princípios. Ele sabe calcular o quanto um homem pode se permitir em matéria de horrores sem comprometer-se; e, para ser mau e cruel sem se arriscar, escolheu as mulheres como vítimas. Não me detenho a contar todas as que ele seduziu: de quantas, porém, não terá sido a perdição? Tais aventuras escandalosas não chegam até você, nessa vida sensata e retirada que é a sua. Eu poderia contar-lhe algumas, que a fariam estremecer; mas seu olhar, puro como sua alma, se turvaria a essas descrições. Certa de que para você Valmont nunca representará um perigo, não carece de tais armas para defender-se. A única coisa que teria a dizer-lhe é que, dentre as mulheres a quem, com ou sem êxito, ele cortejou, nenhuma deixou de ter motivos de queixa. A marquesa de Merteuil constitui a única exceção a essa regra: foi a única que soube resistir-lhe e anular sua maldade. Confesso que esse episódio de sua vida é, a meus olhos, o mais meritório: foi o que bastou para ser plenamente desculpada, aos olhos de todos, por certas inconseqüências que lhe censuravam desde o início de sua viuvez.ⁱ

Seja como for, bela amiga, a idade, a experiência e, sobretudo, a amizade autorizam-me a observar que a ausência de Valmont começa a ser notada na sociedade e, caso se venha a saber que ele permaneceu algum tempo com você e com a tia, sua reputação estará nas mãos dele — sendo essa a maior desgraça que possa acontecer a uma mulher. Meu conselho, portanto, é que peça à tia de Valmont para não detê-lo por mais tempo; e, caso ele insista em ficar, creio que não deve hesitar em ceder-lhe o lugar. Mas por que haveria ele de ficar? O que andarão fazendo no interior? Se mandasse vigiar seus passos, tenho certeza de que ainda iria descobrir que ele apenas encontrou um cômodo refúgio para planejar uma perfídia

qualquer nas redondezas. Na impossibilidade de remediar o mal, contente-se em dele precaver-se.

Adeus, bela amiga. O casamento de minha filha teve de ser um pouco adiado. O conde de Gercourt, que esperávamos mais dia menos dia, escreveu dizendo que seu regimento está seguindo para a Córsega;¹¹ e, posto que por lá ainda ocorrem ações de guerra, não terá como ausentar-se antes do inverno. Isso me contraria, mas dá-me esperanças de que tenhamos o prazer de sua presença nas bodas — estava triste por se festejarem sem você. Adeus; sou, para além dos elogios ou ressalvas, inteiramente sua.

P.S. — Transmita minhas lembranças à sra. de Rosemonde, de quem continuo gostando tal como ela merece.

De..., neste 11 de agosto de 17**.

CARTA IO
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Está aborrecido comigo, visconde? Ou estará morto? Ou, como seria de seu feitio, tem vivido apenas para sua presidenta? Essa mulher, que lhe devolveu *as ilusões da mocidade*, logo haverá de devolver-lhe também seus ridículos preconceitos. Ei-lo então, já tímido e escravo; melhor seria estar apaixonado. Ei-lo que renuncia *a suas bem-sucedidas temeridades*. Ei-lo, então, agindo sem princípios e entregando tudo ao acaso, ou melhor, ao capricho. Já não recorda que o amor, tal como a medicina, *é tão somente a arte de ajudar a natureza*? Como vê, estou a feri-lo com suas próprias armas; mas não tiro orgulho disso, pois é como ferir um homem caído. *Ela precisa entregar-se*, diz você. É, sem dúvida, precisa; e há de se entregar, como as outras, com a diferença de que o fará de má vontade. Para que ela acabe se entregando, porém, a melhor maneira é, antes de mais nada, tomá-la. Como essa ridícula distinção é, de fato, um legítimo disparate do amor! Eu disse amor; pois você está enamorado. Falar de outro modo equivaleria a traí-lo, seria ocultar-lhe seu mal. Diga-me, pois, ó amante langoroso: julga então ter violentado as mulheres que possuiu? Por mais

vontade que tenhamos de nos entregar, por mais afoitas que sejamos, precisamos, ainda assim, de um pretexto; e existe, para nós, pretexto mais cômodo que esse, que faz parecer que cedemos à força? Quanto a mim, confesso, uma das coisas que mais me lisonjeiam é uma investida intensa e bem conduzida, onde tudo se sucede ordenadamente, embora de forma rápida; que nunca nos deixe na penosa situação de termos de consertar nós mesmas uma falta de jeito que deveríamos, pelo contrário, aproveitar; que sabe manter a aparência de violência até nas coisas que concedemos, e contemplar habilmente nossas duas paixões prediletas, que são o orgulho da defesa e o prazer da derrota. Concedo que esse talento, mais raro do que se imagina, sempre me agradou, mesmo nas vezes em que não me seduziu, e mesmo acontecendo de, às vezes, eu me render por simples recompensa. Tal como, nos torneios de antigamente, a dama constituía o prêmio do valor e da destreza.

Mas você, que deixou de ser quem é, comporta-se como se tivesse medo de triunfar. Ora, desde quando é dado a viajar por etapas pequenas e caminhos secundários? Meu amigo, quem quer chegar, usa cavalos de posta e a estrada principal! Mas basta desse assunto, que me deixa tão mais irritada quanto me priva do prazer de encontrá-lo. Ao menos escreva-me mais amiúde, dê-me notícias de seus progressos. Sabe que há quase quinze dias essa ridícula aventura o mantém ocupado, e tem negligenciado todo o mundo?

A propósito de negligência, você faz lembrar essas pessoas que mandam regularmente um criado pedir notícias dos amigos doentes, mas nunca o mandam esperar pela resposta. Você conclui sua última carta perguntando-me se o cavaleiro morreu. Não respondi, e você nem por isso preocupou-se. Já não lembra que meu amante é seu amigo nato? Mas fique tranquilo, ele não morreu; e, se tivesse morrido, seria de excesso de alegria. Pobre cavaleiro, que terno ele é! Como foi feito para o amor! Como sabe sentir com intensidade! Chego a sentir-me tonta. Sério, sua perfeita felicidade em ser amado por mim faz com que eu de fato me afeiçoe muito a ele.

Naquele mesmo dia em que lhe escrevi que ia tratar de nosso rompimento, quão feliz eu o tornei! Contudo, estava seriamente matutando em como desesperá-lo, quando anunciaram sua visita. Quer por capricho, quer por razão, nunca me parecera tão bem. Recebi-o, no entanto, com certa irritação. Ele contava passar duas horas comigo, antes do horário em que minha casa estaria aberta a todos. Disse-lhe que estava

para sair. Perguntou-me aonde eu ia. Neguei-me a dizê-lo. Ele insistiu. *Onde o senhor não estiver*, respondi com acrimônia. Ele, por sorte sua, quedou-se petrificado ante minha resposta; pois, tivesse dito uma palavra sequer, a consequência inevitável teria sido uma cena conduzindo ao rompimento que eu planejava. Surpresa ante seu silêncio, ergui os olhos para ele com o único objetivo, juro-lhe, de ver a cara que fazia. Vi, naquele semblante encantador, aquela tristeza, a um tempo profunda e terna, à qual, você mesmo concordou, é bem difícil de resistir. A mesma causa produziu o mesmo efeito; fui vencida pela segunda vez. A partir daí, preocupei-me tão somente em evitar que ele enxergasse em mim alguma falha. “Estou saindo para tratar de um assunto”, disse-lhe num tom um pouco mais suave, “um assunto que inclusive lhe diz respeito; mas não me faça perguntas. Vou jantar em casa; volte mais tarde, e terá a explicação.” Ele então recobrou a fala, mas não permiti que fizesse uso dela. “Estou com muita pressa”, prossegui. “Deixe-me, e até hoje à noite.” Ele beijou minha mão e saiu.

Imediatamente, para compensá-lo, e talvez para compensar a mim mesma, decido mostrar-lhe minha *petite maison*, de cuja existência ele nem sequer suspeitava. Chamo minha fiel Victoire. Estou com enxaqueca e, no que diz respeito à criadagem, de cama; enfim, a sós com a *legítima*, visto-me de camareira, ao passo que ela assume a aparência de um laçao. Em seguida, Victoire chama um fiacre à porta do jardim, e lá vamos nós. Ao chegar àquele templo do amor, escolho meu mais sedutor négligé, que é delicioso, e de minha concepção: nada revela, mas deixa adivinhar tudo. Prometo que lhe darei um molde para sua presidentia quando a tiver tornado digna de usá-lo.

Depois desses preparativos, enquanto Victoire trata de outros detalhes, leio um capítulo do *Sopha*, uma carta de Heloísa e dois contos de La Fontaine¹³ a fim de repassar os diferentes tons que queria assumir. Entretanto, bate à porta meu cavaleiro, com a costumeira diligência. Meu porteiro nega-lhe a entrada, explica-lhe que estou doente: primeiro incidente. Ao mesmo tempo, entrega-lhe um bilhete meu, mas não com minha caligrafia, conforme minha prudente regra. Ele abre o bilhete e lê, pela mão de Victoire: “Às nove horas em ponto, no Boulevard,¹⁴ em frente aos cafés”. Ele comparece; lá, um jovem laçao que ele não conhece, ou pelo menos julga não conhecer, pois tratava-se de Victoire, pede-lhe que dispense seu carro e o acompanhe. Essa movimentação romanesca toda lhe

excitava a mente, e uma mente excitada não faz mal nenhum. Ele chega afinal, e a surpresa e o amor causam-lhe um verdadeiro encantamento. Para dar-lhe tempo de se recompor, passeamos alguns momentos pelo bosque, e então o trago para a casa. Ele vê, de início, a mesa posta para dois; depois, uma cama arrumada. Passamos para a saleta, que estava em todo o seu esplendor. Ali, em parte por reflexão, em parte por sentimento, abraço-o e me deixo cair a seus pés. “Ah, meu amigo!”, digo-lhe, “porque queria preparar-lhe a surpresa deste momento, lamento tê-lo afligido com um aparente mau humor; ter velado, por um momento, meu coração a seu olhar. Perdoe-me por meus erros, que quero expiar pelo amor.” Pode imaginar o efeito causado por esse discurso sentimental. O feliz cavaleiro me fez levantar, e meu perdão foi selado naquela mesma otomana em que você e eu selamos tão alegremente e de igual maneira nosso eterno rompimento.

Como tínhamos seis horas a passar juntos, e que eu decidira que aquelas horas seriam para ele deliciosas, moderei meus arroubos, e a amável faceirice veio substituir a ternura. Creio que nunca me empenhei tanto em agradar, nem nunca me senti tão satisfeita comigo mesma. Após o jantar, alternando meninice e sensatez, brincadeira e sensibilidade, e às vezes até licenciosidade, diverti-me imaginando-o como a um sultão em seu serralho, do qual eu era sucessivamente as diferentes favoritas. Com efeito, seus reiterados galanteios foram a cada vez recebidos, embora pela mesma mulher, por uma nova amante.

Por fim, ao raiar do dia, foi preciso separar-nos; e o que quer que ele dissesse, o que quer que fizesse, inclusive, para demonstrar o contrário, estava tão precisado disso como pouco desejoso. Ao sairmos, e à guisa de último adeus, peguei a chave do ditoso refúgio e, pondo-a em suas mãos, disse-lhe: “Só por sua causa adquirir esta casa; é justo que seja seu dono: ao sacrificador cabe dispor do templo”.¹⁵ Por meio dessa astúcia, preveni as reflexões que poderiam lhe suscitar a propriedade, sempre suspeita, de uma *petite maison*. Conheço-o suficientemente bem para ter certeza de que só fará uso dela comigo; e, caso me ocorra o capricho de ir até lá sem ele, resta-me uma cópia da chave. Ele quis a todo custo marcar um dia para voltarmos lá, mas ainda o amo demasiado para querer gastá-lo com tanta pressa. Só podemos nos permitir excessos com quem queremos abandonar em breve. Ele não sabe disso; mas, por sorte dele, eu sei por ambos.

Percebo que são três horas da manhã, que escrevi um volume inteiro

quando só pretendia escrever um bilhete. Tal é o encanto da amizade confiante: graças a ela você ainda é aquele de quem mais gosto; na verdade, porém, o cavaleiro é o que mais me agrada.

De..., neste 12 de agosto de 17**.

CARTA II
DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE VOLANGES

Sua carta, tão severa, teria me assustado, senhora, se porventura eu não encontrasse nesse lugar mais motivos para me sentir segura do que os que a senhora me dá para sentir-me receosa. O temível sr. de Valmont, que deve ser o terror de todas as mulheres, parece ter deposto suas armas mortíferas antes de entrar neste castelo. Longe de arquitetar planos, aqui ele não trouxe nem sequer pretensões; e a qualidade de homem amável, que seus próprios inimigos lhe reconhecem, aqui quase se esvai, deixando-lhe apenas aquela do bom moço. O ar do campo, aparentemente, produziu esse milagre. O que posso lhe assegurar é que, estando sempre comigo, parecendo inclusive apreciar minha companhia, não deixou escapar uma única palavra que se aparente a amor, nenhuma dessas frases que todos os homens se permitem, sem ter, como ele, com que justificá-las. Jamais nos obriga a essa reserva que toda mulher de respeito é forçada a manter hoje em dia a fim de conter os homens que a cercam. Ele sabe não abusar da alegria que inspira. Talvez seja um tanto galanteador; mas o é com tamanha delicadeza que faria com que a própria modéstia se acostumasse ao elogio. Enfim, se eu tivesse um irmão, gostaria que ele fosse tal como o sr. de Valmont tem se mostrado aqui. Muitas mulheres talvez esperem dele uma galanteria mais acentuada; e confesso que lhe sou infinitamente grata por ter sabido julgar-me o suficiente para não me confundir com elas.

Tal descrição difere bastante, sem dúvida, desta que a senhora traça, mas ainda assim podem ambas ser fiéis se as fixarmos cronologicamente. Ele próprio reconhece ter cometido muitos erros, e muitos outros decerto lhe terão sido atribuídos. Mas conheci poucos homens que se referissem às mulheres virtuosas com mais respeito, diria quase com entusiasmo. Pelo que diz a senhora, pelo menos nesse ponto, ele não tem me enganado. Prova disso é seu comportamento em relação à sra. de Merteuil. Fala

muito sobre ela, e sempre com tais elogios e um ar de sincera afeição que cheguei a pensar, até receber sua carta, que isso que ele chamava de amizade entre eles era de fato amor. Censuro-me por esse juízo temerário, tão mais errado pelo fato de que ele próprio amiúde procurou justificá-la. Confesso que via como mera delicadeza o que, da parte dele, era honesta sinceridade. Não sei, mas parece-me que alguém capaz de uma amizade tão constante por uma mulher tão estimável não pode ser um irremediável libertino. De resto, ignoro se devemos a comportada conduta que tem tido aqui a algum plano pelas redondezas, como supõe. Existem, de fato, nas cercanias, algumas mulheres amáveis; mas ele pouco sai, exceto pela manhã, quando então diz que vai caçar. Verdade é que ele raramente traz alguma caça, mas afirma que é pouco hábil nessa matéria. Além disso, pouco se me dá o que ele possa fazer lá fora, e, se me importasse saber, seria apenas para ter mais um motivo para converter-me a sua opinião, ou aproximá-la da minha.

Quanto a sua sugestão de que eu trate de abreviar a estada que o sr. de Valmont pretende fazer aqui, parece-me difícil ousar pedir à tia que não receba o próprio sobrinho em casa, mesmo porque ela lhe quer muito bem. Prometo-lhe, porém, mas só por deferência, e não por necessidade, aproveitar a primeira oportunidade para fazer tal pedido, quer a ela, quer a ele próprio. Quanto a mim, o sr. de Tourvel está a par de minha intenção de permanecer aqui até seu regresso, e muito o espantaria, com razão, uma leviandade que me fizesse mudar de ideia.

São essas, senhora, explicações bastante longas: é que julguei ser meu dever para com a verdade dar um testemunho favorável do sr. de Valmont, de que ele me parece estar bem precisado perante a senhora. Nem por isso sou menos sensível à amizade que ditou seus conselhos. A ela é que devo, igualmente, suas gentis palavras acerca da delonga no casamento da senhorita sua filha, pelo que lhe agradeço sinceramente. Por maior que seja, contudo, o prazer que esses momentos decerto me trarão, eu de bom grado os sacrificaria ao desejo de que a srta. de Volanges seja feliz o quanto antes, se é que pode ser mais feliz do que junto de uma mãe tão digna de toda a ternura e respeito. Partilho com ela esses dois sentimentos que me prendem à senhora, e peço-lhe que acolha com bondade minhas palavras.

Tenho a honra de ser etc.

De..., neste 13 de agosto de 17**.

CARTA 12
DE CÉCILE VOLANGES À MARQUESA DE MERTEUIL

Minha mãe, senhora, está indisposta; não vai sair, e preciso fazer-lhe companhia. De modo que não terei a honra de acompanhá-la à Ópera. Asseguro-lhe que lamento, muito mais que faltar ao espetáculo, a falta de sua companhia. Rogo-lhe que acredite. Quero-lhe tanto bem! Faria a gentileza de dizer ao sr. cavaleiro Danceny que não possuo a coletânea que mencionou, e ficaria feliz se ele pudesse trazê-la amanhã? Caso ele venha hoje, vão dizer-lhe que não estamos; isso porque minha mãe não quer receber ninguém. Espero que amanhã esteja se sentindo melhor.

Tenho a honra de ser etc.

De..., neste 13 de agosto de 17**.

CARTA 13
DA MARQUESA DE MERTEUIL A CÉCILE VOLANGES

Muito me aborrece, minha bela, tanto ser privada do prazer de vê-la como o motivo dessa privação. Espero que esta oportunidade possa se repetir. Vou transmitir seu recado ao cavaleiro Danceny, que decerto ficará muito aborrecido ao saber da doença de sua mãe. Se ela aceitar receber-me amanhã, irei fazer-lhe companhia. Investiremos, ela e eu, contra o cavaleiro de Bellerochej no piquet;¹⁶ e, enquanto ganharmos seu dinheiro, teremos além disso o prazer de ouvi-la cantar com seu amável professor, a quem farei essa sugestão. Se for conveniente para sua mãe e para você, respondo por mim e por meus dois cavaleiros. Adeus, minha bela; meus cumprimentos a minha cara sra. de Volanges. Um beijo afetuoso.

De..., neste 13 de agosto de 17**.

CARTA 14

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Ontem não lhe escrevi, minha cara Sophie, mas não foi por prazer, posso assegurar-lhe. Minha mãe estava enferma, e não saí de perto dela o dia inteiro. À noite, quando me recolhi, não tinha ânimo para coisa alguma; deitei-me depressa, para ter certeza de que o dia terminara: nunca tinha vivido nenhum mais comprido. Não que eu não goste muito de minha mãe; mas não sei o que houve. Eu ia à Ópera com a sra. de Merteuil; o cavaleiro Danceny estaria presente. Você sabe que são essas as duas pessoas de que mais gosto. Quando chegou a hora em que deveria estar lá, meu coração se apertou malgrado meu. Desgostei-me com tudo, e chorei, chorei, sem conseguir evitar. Felizmente minha mãe estava deitada e não podia me ver. Tenho certeza de que o cavaleiro Danceny também se aborreceu; mas terá se distraído com o espetáculo e com o público presente: é bem diferente.

Por sorte, minha mãe hoje se sente melhor, e a sra. de Merteuil virá visitar-nos junto com mais uma pessoa e o cavaleiro Danceny. Mas a sra. de Merteuil sempre vem muito tarde, e é tedioso ficar tanto tempo sozinha. Ainda são apenas onze horas. É verdade que preciso tocar harpa; e minha toalete irá me tomar algum tempo, pois hoje quero estar bem penteada. Acho que a madre Perpétua tem razão quando diz que nos tornamos vaidosas ao frequentar a sociedade. Nunca tive tanta vontade de ser bonita como de uns dias para cá, e acho que não o sou tanto como julgava ser; além disso, fica-se em desvantagem ao lado de mulheres que usam ruge. A sra. de Merteuil, por exemplo: percebo que os homens a acham mais bonita que a mim. Não que isso me incomode muito, porque ela gosta de mim; além disso, garante que o cavaleiro Danceny me acha mais bonita que a ela. Foi muito honesto de sua parte me dizer isso, mesmo porque se mostrava satisfeita ao dizê-lo. Está aí algo que me custa entender. É que ela me quer tanto bem! E ele!... Ah, fiquei tão contente! Também, parece-me que apenas olhar para ele já me torna mais bonita. Por mim, olharia sempre, se não temesse encontrar seus olhos: pois, sempre que isso acontece, fico desconcertada, e sinto uma certa tristeza; mas não faz mal.

Adeus, minha amiga: vou tratar de minha toalete. Quero-lhe bem, como sempre.

Paris, neste 14 de agosto de 17**.

CARTA 15
DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

É muito honesto de sua parte não me abandonar a minha triste sorte. A vida que levo aqui é deveras cansativa, por seu excesso de repouso e insípida mesmice. Ao ler sua carta e o relato minucioso do dia maravilhoso que teve, estive várias vezes tentado a pretextar algum negócio, voar a seus pés e pedir-lhe, em meu benefício, uma infidelidade a seu cavaleiro que, afinal, não merece a sorte que tem. Sabe que me deixou com ciúmes? Por que fala em um eterno rompimento? Renego esse juramento, pronunciado em meio ao delírio: não seríamos dignos de prestá-lo se fôssemos cumpri-lo. Ah! Oxalá possa um dia vingar-me em seus braços do involuntário despeito que a felicidade do cavaleiro me causou! Fico indignado, confesso, ao pensar que esse homem, sem argumentar, sem fazer o menor esforço, seguindo meramente o impulso de seu coração, obtém uma felicidade que eu não posso alcançar. Mas ah! Vou perturbá-la... Prometa-me que hei de perturbá-la. Você mesma não se sente humilhada? Dá-se ao trabalho de enganá-lo, e ele é mais feliz que você. Você o julga preso a seus grilhões, e você é quem está presa aos dele. Ele dorme tranquilo, enquanto você vela por seus prazeres. O que mais faria uma escrava?

Ora, bela amiga, enquanto você se divide entre vários, não sinto o menor ciúme: enxergo em seus amantes meros sucessores de Alexandre, incapazes de, juntos, manter esse império em que eu reinava soberano. Mas que você se entregue por inteiro a um deles, que exista outro homem tão feliz como eu! Isso não irei suportar; não espere que eu me conforme. Ou bem me aceite de volta, ou bem aceite algum outro; e não traia, por um exclusivo capricho, a inviolável amizade que juramos um ao outro.

Já me basta, decerto, ter de queixar-me do amor. Bem vê que me presto a suas ideias, e que reconheço meus erros. Com efeito, se estar apaixonado é não conseguir viver sem possuir o que se deseja, sem a isso sacrificar o tempo, os prazeres, a vida, então estou mesmo apaixonado. Não que isso muito me adiante. Nem teria nada a contar-lhe a respeito, não fosse um fato que muito me tem dado a refletir, e do qual ainda não sei se devo temer ou esperar.

Você conhece meu criado, que é uma mina de intrigas e um legítimo laçao de comédia. Pode imaginar que uma de suas atribuições era apaixonar-se pela camareira e embriagar a criadagem. O safado tem mais sorte que eu; já foi bem-sucedido. Acaba de descobrir que a sra. de Tourvel incumbiu um de seus criados de colher informações sobre minha conduta e até de me seguir, desde que sem dar na vista, em meus passeios matinais. O que pretende essa mulher? Com que então a mais virtuosa entre todas ousa arriscar-se em coisas que nós mal ousaríamos permitir-nos! Juro que... Antes, porém, de pensar em me vingar dessa astúcia feminina, tratemos de revertê-la a nosso favor. Até agora, esses passeios de que ela suspeita não tinham nenhum objeto específico; cumpre dar-lhes algum. É um ponto que merece toda a minha atenção, e despeço-me para refletir sobre ele. Adeus, bela amiga.

Ainda no castelo de..., neste 15 de agosto de 17**.

CARTA 16
DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Ah! Minha Sophie, são tantas as novidades! Talvez não devesse contar-lhe, mas preciso falar com alguém: é mais forte que eu. Esse cavaleiro Danceny... Estou tão perturbada que mal consigo escrever, nem sei por onde começar. Não toquei mais no assunto desde que lhe contei a simpática noite^k que passamos nos aposentos de minha mãe, com ele e a sra. de Merteuil: é que já não queria falar nisso com ninguém, embora estivesse sempre pensando a respeito. Desde então, ele foi ficando triste, mas tão triste, tão triste, que me dava dó; e, quando lhe perguntava por quê, dizia que não; mas eu via que estava. Ontem, enfim, estava ainda mais triste que o normal. O que não o impediu de fazer a gentileza de cantar comigo como de costume; a cada vez que me olhava, porém, eu sentia um aperto no coração. Depois que terminamos de cantar, ele foi guardar minha harpa no estojo e, ao devolver-me a chave, pediu que eu voltasse a tocar à noite, assim que ficasse sozinha. Não suspeitei de nada. Nem sequer queria tocar, mas tanto ele rogou que acabei por consentir. Ele tinha lá suas razões. Com efeito, tão logo me recolhi a meus aposentos e minha camareira saiu, fui buscar a harpa. Entre as cordas, encontrei uma

carta, apenas dobrada, sem lacre, escrita por ele. Ah! Se você soubesse o que dizia! Desde que li essa carta, sinto-me tão feliz que não consigo pensar em outra coisa. Reli-a quatro vezes seguidas, depois guardei-a em meu secretário. Eu a sabia de cor e, uma vez deitada, tanto a repetia que nem pensava em dormir. Assim que fechava os olhos, eu o via ali, dizendo-me pessoalmente tudo o que eu acabava de ler. Só muito tarde peguei no sono e, nem bem acordei (ainda era muito cedo), tornei a pegar a carta para lê-la à vontade. Levei-a para minha cama, e então beijei-a como se... Talvez seja feio beijar uma carta dessa maneira, mas não pude me impedir.

Neste momento, minha amiga, embora muito contente, também me sinto confusa; pois não devo, decerto, responder a essa carta. Sei que não deveria, no entanto é o que ele me pede; e, se eu não responder, tenho certeza de que ele vai continuar triste. Não deixa de ser muito doloroso para ele! O que me aconselha? Mas você não saberá mais que eu. Tenho vontade de conversar com a sra. de Merteuil, que me quer bem. Gostaria de consolá-lo; mas não queria fazer nada de errado. Tanto nos recomendam que tenhamos bom coração! E então nos proíbem o que este coração nos inspira quando se trata de um homem! Ora, não é justo. Um homem acaso não é nosso próximo, tanto quanto a mulher, e até mais? Afinal, não temos um pai como temos uma mãe, não temos um irmão como temos uma irmã? E ainda temos o marido. No entanto, se eu fizesse algo que não fosse correto, talvez o próprio sr. Danceny não ficasse com uma boa imagem de mim. Ah, imagine, antes prefiro vê-lo triste. Mas ainda há tempo. Pois ele escreveu ontem, não sou obrigada a responder hoje. Hoje à noite estarei com a sra. de Merteuil e, se tiver coragem, vou lhe contar tudo. Fazendo apenas o que ela me disser, não terei do que censurar-me. E talvez ela me diga que posso responder um pouco, para que ele não fique triste. Ah! Que situação difícil.

Adeus, minha boa amiga. Diga-me o que lhe parece.

De..., neste 19 de agosto de 17**.

CARTA 17
DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES

Antes de me entregar ao prazer, ou à necessidade, de escrever-lhe, peço-lhe,

senhorita, que me escute. Sinto que, para ousar lhe declarar meus sentimentos, preciso de indulgência, a qual já seria inútil caso quisesse apenas justificá-los. O que vou fazer, afinal, além de mostrar-lhe sua própria obra? E o que tenho a dizer-lhe que meus olhares, minha confusão, meu comportamento, e mesmo meu silêncio, já não tenham dito antes de mim? Ora, por que iria aborrecê-la um sentimento que fez nascer? Emanado da senhorita, é decerto um sentimento digno de lhe ser ofertado; se é ardente como é minha alma, é puro como é a sua. Acaso seria um crime ter sabido apreciar seu semblante gracioso, seus talentos sedutores, seus encantos feiticeiros, e a comovente candura que acrescenta um valor inestimável a qualidades por si tão preciosas? Decerto que não. Mas, mesmo sem ser culpado, pode-se ser infeliz; e é esse o destino que me espera, caso recuse aceitar meu galanteio. É esse o primeiro que meu coração oferece. Não fosse pela senhorita eu ainda seria, se não feliz, ao menos tranquilo. Mas eu a vi; a serenidade foi-se para longe de mim, e minha felicidade é incerta. A senhorita, porém, surpreende-se com minha tristeza: indaga-me sua causa; em certos momentos, reparei que ela a afligia. Ah! Diga uma palavra apenas, e minha felicidade será obra sua. Antes de pronunciá-la, porém, considere que uma palavra poderá também causar minha desgraça. Seja, portanto, o árbitro de meu destino. Pela senhorita, serei eternamente feliz ou infeliz. E em que mãos mais caras poderia entregar tamanho interesse?

Termino, como comecei, implorando por sua indulgência. Pedi que me escutasse: ouse um pouco mais, pedindo-lhe que me responda. Negar-se seria levar-me a crer que se sentiu ofendida, embora meu coração afiance que meu respeito se iguala a meu amor.

P.S. — Poderá empregar, para responder-me, o mesmo meio que emprego para fazer-lhe chegar esta carta; parece-me ser igualmente seguro e cômodo.

De..., neste 18 de agosto de 17**.

Como, Sophie! Já de antemão censura o que vou fazer! Já eram muitas as minhas preocupações, você só faz aumentá-las. Está claro, diz você, que não devo responder. Fala como se fosse fácil, você que aliás nem sabe ao certo do que se trata: não está aqui para ver. Tenho certeza de que, em meu lugar, faria o mesmo que eu. Sem dúvida, de modo geral, não se deve responder; e você bem viu, por minha carta de ontem, que nem eu queria isso. Mas não creio que alguém algum dia já tenha se encontrado nessa situação.

Sendo, ainda por cima, obrigada a decidir sozinha! A sra. de Merteuil, que eu contava ver ontem à noite, não apareceu. Tudo conspira contra mim: foi através dela que o conheci. Foi quase sempre com ela que o encontrei, que falei com ele. Não que eu lhe queira mal por isso, mas ela deixou-me sozinha num momento de dificuldade. Pobre de mim!

Imagine que ele ontem apareceu como de costume. Eu estava tão perturbada que não ousava fitá-lo. Ele não podia falar-me, estando minha mãe presente. Eu bem desconfiava que estaria aborrecido, ao ver que eu não lhe escrevera. Não sabia como comportar-me. Instantes depois, ele me perguntou se eu queria que ele fosse buscar minha harpa. Meu coração batia tão forte que só o que consegui foi responder-lhe que sim. Quando voltou, foi muito pior. Fitei-o apenas por um instante. Ele, por sua vez, não me olhou; mas estava com um ar abatido, até parecia adoentado, o que muito me afligia. Pôs-se a afinar a harpa, e então disse-me ao trazê-la: “Ah, senhorita!...”. Disse essas duas palavras apenas, mas num tom que me deixou transtornada. Preludiei em minha harpa, alheia ao que fazia. Minha mãe perguntou se não íamos cantar. Ele desculpou-se, alegando estar meio indisposto; e eu, que não tinha desculpa alguma, tive de cantar. Queria nunca ter tido voz. Escolhi propositalmente uma música que não sabia, certa de que não conseguiria cantar nenhuma e de que todos logo iriam reparar. Felizmente, chegou uma visita, e, assim que escutei a carruagem, parei e pedi-lhe que guardasse minha harpa. Temia que ele aproveitasse para ir embora, mas ele retornou.

Enquanto minha mãe e a senhora recém-chegada conversavam, tentei olhar para ele mais um instante. Meus olhos encontraram os seus, e não fui capaz de desviá-los. Pouco depois vi escorrerem suas lágrimas, teve de virar-se para que não reparassem. Com isso, não pude aguentar, senti que ia chorar também. Saí e imediatamente escrevi a lápis, num pedaço de papel: “Não fique triste, eu lhe peço; prometo responder-lhe”. Você

decerto não poderá dizer que há algo errado nisso; além do quê, foi mais forte que eu. Pus o papel entre as cordas da harpa, como ele fizera com a carta, e voltei para a sala. Sentia-me mais calma. Não via a hora da tal senhora ir embora. Felizmente, estava só de passagem, foi-se pouco depois. Assim que ela saiu, disse que queria retomar a harpa e pedi-lhe que fosse buscá-la. Pude perceber, por seu jeito, que não suspeitava de nada. Mas quando retornou, ah!, que contente estava! Ao dispor a harpa diante de mim, posicionou-se de forma que minha mãe não pudesse vê-lo, e então pegou em minha mão e estreitou-a... de um jeito!... Foi apenas um instante, mas nem saberia dizer-lhe o prazer que me causou. Retirei a mão, no entanto; de modo que nada tenho a censurar-me.

Como vê, minha boa amiga, já não posso dispensar-me de escrever-lhe, pois se o prometi; além disso, não quero causar-lhe mais tristeza, já que com isso sofro mais que ele. Se fosse com alguma má intenção, eu decerto não o faria. Mas que mal pode haver em escrever, sobretudo se for para impedir a tristeza de alguém? O que me incomoda é pensar que não vou saber escrever direito essa carta; mas ele há de perceber que não é por culpa minha. Além disso, tenho certeza de que, pelo simples fato de ser minha, será um prazer para ele.

Adeus, minha amiga. Se julgar que estou errada, diga-me; mas eu acho que não. À medida que se aproxima o momento de escrever-lhe, meu coração bate de um jeito inconcebível. Mas devo fazê-lo, já que o prometi. Adeus.

De..., neste 20 de agosto de 17**.

CARTA 19
DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

O senhor ontem estava triste, e isso me deu tanta pena que acabei prometendo responder à carta que havia me escrito. Nem por isso é menor, hoje, meu sentimento de que não deveria fazê-lo. Mas, como prometi, não posso faltar com minha palavra, o que em si é uma prova da amizade que lhe tenho. Agora que já sabe disso, espero que não me peça novamente para escrever-lhe. Espero também que não vá dizer a ninguém que lhe escrevi; porque certamente iriam censurar-me, o que poderia me causar

muita mágoa. Espero, principalmente, que o senhor mesmo não forme uma má imagem de mim, o que me causaria um pesar maior. Posso assegurar-lhe que não faria tal gentileza a qualquer outra pessoa. Gostaria que o senhor tivesse a gentileza de não ficar mais triste como estava ontem; isso me tira toda a alegria que sinto ao vê-lo. Como vê, senhor, falo-lhe com toda a franqueza. Tudo o que desejo é que nossa amizade dure para sempre, mas, peço-lhe, não me escreva mais.

Tenho a honra de ser,

CÉCILE VOLANGES

De..., neste 20 de agosto de 17**.

CARTA 20

DA MARQUESA DE MERTEUIL

AO VISCONDE DE VALMONT

Ah! Seu tratante, fica me adulando, por medo que eu o escarneça! Pois está perdoado: escreve-me tantas loucuras que força me é desculpá-lo pelo recato em que o mantém sua presidenta. Não creio que meu cavaleiro tivesse igual indulgência; seria do tipo a não aprovar a renovação de nosso contrato e não achar a menor graça em sua ideia maluca. Já eu, dei boas risadas, e realmente lamentei ser obrigada a rir sozinha. Estivesse você aqui, não sei a que me levaria essa alegria. Tive, entretanto, tempo para refletir, e armei-me de severidade. Não que esteja recusando para todo o sempre; mas prefiro adiar, e nisso tenho razão. Talvez pusesse nisso alguma vaidade, e, uma vez envolvida na brincadeira, ninguém sabe onde iria parar. Eu seria do tipo a prendê-lo novamente, a fazê-lo esquecer sua presidenta; e que escândalo seria se eu, indigna, o levasse a se desinteressar da virtude! Para evitar tal perigo, são essas minhas condições.

Assim que possuir sua formosa devota, e puder me oferecer uma prova, venha, e serei sua. Mas você não ignora que, em assuntos importantes, só se aceitam provas por escrito. Dessa forma, eu, por um lado, me tornarei uma recompensa, em vez de um consolo, e me agrada mais essa ideia. Por outro, seu êxito será mais picante, tornando-se ele próprio uma forma de infidelidade. Venha, então, venha o quanto antes trazer-me a prova de seu triunfo, qual os bravos cavaleiros que depositavam aos pés de suas damas

os brilhantes frutos de suas vitórias. Realmente, estou curiosa de saber o que poderá uma mulher virtuosa escrever depois de tal momento, e com que véu irá encobrir suas palavras depois de não ter mais nenhum encobrindo sua pessoa. Cabe a você julgar se minha exigência é demasiada; mas previno que não há o que negociar. Até lá, meu caro visconde, há de apreciar que eu me mantenha fiel a meu cavaleiro, e que me entretenha tornando-o feliz, não obstante o leve dissabor que isso lhe causa.

Acredito, no entanto, que tivesse eu menos princípios, ele teria nesse momento um perigoso rival: a pequena Volanges. Tenho loucura por essa menina, é uma verdadeira paixão. Ou muito me engano, ou ela ainda há de tornar-se uma de nossas mulheres mais em voga. Vejo seu coraçãozinho desabrochar, o que é um maravilhoso espetáculo. Ela já ama seu Danceny com furor, embora ainda não o saiba. Ele próprio, embora muito apaixonado, ainda possui a timidez de sua idade e não ousa esclarecê-la. Ambos têm verdadeira adoração por mim. A menina, sobretudo, anseia por me contar seu segredo; de alguns dias para cá, vejo-a especialmente oprimida, e estaria prestando-lhe um imenso favor se a ajudasse um pouco. Mas não esqueço que se trata de uma criança, e não quero me comprometer. Danceny se expressou de maneira um pouco mais clara; mas, quanto a ele, minha decisão está tomada: não quero ouvi-lo. Já no que diz respeito à menina, fico às vezes tentada a transformá-la em minha pupila: é um favor que tenho vontade de prestar a Gercourt. Ele me dá tempo para isso, já que deve permanecer na Córsega até o mês de outubro. Tenho para mim que posso aproveitar este tempo, e que lhe entregaremos uma mulher formada, em vez de sua inocente pensionista. De fato, que insolente segurança a desse homem, que ousa dormir tranquilo enquanto uma mulher, com motivos de queixa contra ele, ainda não se vingou? Ora, se a menina estivesse aqui nesta hora, não sei o que não seria capaz de dizer-lhe.

Adeus, visconde, boa noite e bom sucesso. Mas, por Deus, avie-se. Reflita que, se não possuir essa mulher, as demais se envergonharão de tê-lo possuído.

De..., neste 20 de agosto de 17**.

DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

Finalmente, minha linda amiga, dei um passo adiante, um passo enorme que, se não me levou ao final, ao menos mostrou-me que estou no rumo certo e dissipou o medo, que eu sentia, de ter me extraviado. Declarei, finalmente, meu amor; e, embora ela mantivesse o mais obstinado silêncio, obtive a resposta talvez menos equívoca, e mais lisonjeira. Mas não antecipemos os fatos, e retomemos mais do início.

Você recorda que ela mandou vigiar meus movimentos. Pois bem. Eu quis que esse escandaloso expediente se transformasse em edificação pública, e eis o que fiz. Incumbi meu confidente de descobrir nas redondezas algum infeliz que necessitasse de auxílio. Não era tarefa difícil de cumprir. Ontem à tarde, relatou-me que estavam para apreender, na manhã de hoje, os móveis de uma família inteira que não tinha como pagar o imposto da talha. Assegurei-me de que não havia naquela casa nenhuma moça ou mulher cuja idade ou aparência pudessem lançar suspeita sobre meu gesto e, depois de bem informado, comuniquei durante o jantar minha intenção de ir caçar no dia seguinte. Nesse ponto, devo ser justo com minha presidenta. Sentiu decerto algum remorso pela ordem que tinha dado e, sem forças para dominar a própria curiosidade, teve ao menos forças para contrariar meu desejo. Fazia um calor excessivo; eu corria o risco de adoecer; não conseguiria caçar nada, só me cansaria em vão; e, durante este diálogo, seus olhos, talvez expressando mais do que ela desejaria, informavam-me claramente que queria convencer-me com suas más razões. Eu não tinha a menor intenção de ceder, como pode imaginar, e resisti inclusive a uma pequena diatribe acerca da caça e dos caçadores, e a uma leve sombra de mau humor que obscureceu, pelo resto da noite, seu rosto celestial. Temi, por um momento, que suas ordens fossem revogadas e que seus pruridos me prejudicassem. Mas, mal avaliando a curiosidade feminina, estava enganado. Nessa mesma noite, meu criado tranquilizou-me e fui dormir satisfeito.

Ao raiar do dia, levanto-me e saio. A apenas cinquenta passos do castelo, percebo meu espião me seguindo. Começo a caçar e atravesso os campos na direção da aldeia aonde planejava ir, sem outro prazer, durante o caminho, que o de fazer correr o danado que me seguia, o qual, não se atrevendo a sair da estrada, percorria às vezes, a toda a velocidade, uma

distância três vezes superior à minha. De tanto exercitá-lo, senti eu mesmo um calor extremo e sentei-me ao pé de uma árvore. Não é que ele teve a desfaçatez de se esconder atrás de uma moita a uns vinte passos de onde eu estava, e sentar-se também? Por um momento, senti-me tentado a soltar um tiro com meu fuzil, que, embora de chumbo miúdo, bastaria para lhe dar uma lição sobre os perigos da curiosidade. Felizmente para ele, lembrei-me de que era útil, e até necessário, para meu plano; tal reflexão o salvou.

Entretanto, chego à aldeia; percebo o burburinho, aproximo-me, indago, ponho-me a par da situação. Mando chamar o coletor de impostos e, cedendo a minha generosa compaixão, pago nobremente as cinquenta e seis libras pelas quais estavam reduzindo cinco pessoas à miséria e ao desespero. A esse simples gesto, pode imaginar o coro de bênçãos que se ergueu a meu redor por parte dos presentes! E as lágrimas de gratidão que escorriam dos olhos do velho chefe daquela família, embelezando seu semblante de patriarca que, momentos antes, a marca feroz do desespero tornava absolutamente medonha! Estava a contemplar a cena quando outro camponês, mais jovem, trazendo pela mão uma mulher e dois filhos, e vindo em minha direção a passos apressados, disse-lhes: “Inclinemo-nos diante dessa imagem de Deus”; e, no mesmo instante, vi-me cercado por essa família prosternada a meus pés. Devo confessar minha fraqueza: meus olhos se umedeceram de lágrimas e senti uma emoção involuntária, mas deliciosa. Fiquei surpreso com o prazer que se experimenta ao fazer o bem; e me inclino a acreditar que essas pessoas a quem chamamos de virtuosas não possuem tanto mérito como gostam de afirmar. Seja como for, achei justo pagar àquela pobre gente pelo prazer que acabavam de me dar. Eu trouxera comigo dez luíses, que lhes dei. Então recomeçaram os agradecimentos, mas já não tinham o mesmo grau de pateticismo: o necessário causara o grande, o verdadeiro efeito; o resto era mera expressão de gratidão e espanto diante de dons supérfluos.

Entretanto, em meio às bênçãos tagarelas dessa família, eu parecia um herói na cena final de um drama. Observe que, em meio à multidão, encontrava-se meu fiel espião. Meu objetivo fora alcançado: desvencilhei-me deles todos e retornei ao castelo. Ao fim e ao cabo, congratulo-me por minha boa ideia. Essa mulher merece, sem dúvida, todo o meu empenho: este ainda há de ser minha apólice para com ela; e tendo-a, de certa forma, pago adiantado, terei conquistado o direito de dispor dessa apólice a meu

bel-prazer, sem nada a me censurar.

Ia me esquecendo de dizer que, para tirar um máximo proveito da situação, pedi àquela boa gente que orasse a Deus pelo êxito de meus projetos. Vai ver se essas orações já não foram em parte atendidas... Mas acabam de me avisar que o jantar está servido, e ficaria muito tarde para enviar esta carta se só a fechasse antes de recolher-me. De modo que o resto fica para a próxima. Lamento, posto que o resto é a melhor parte. Adeus, bela amiga. Está a roubar-me um instante do prazer de ver minha virtuosa.

De..., neste 20 de agosto de 17**.

CARTA 22
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
À SRA. DE VOLANGES

Será, sem dúvida, uma grande satisfação para a senhora descobrir uma faceta do sr. de Valmont que contrasta bastante, ao que me parece, com as outras todas que já lhe foram apresentadas. Tão desagradável é julgar desfavoravelmente quem quer que seja, tão deplorável perceber apenas vícios em quem teria todas as qualidades necessárias para fazer amar a virtude! Enfim, a senhora é tão inclinada à indulgência que é fazer-lhe um obséquio dar-lhe motivos para reconsiderar tão rigoroso juízo. O sr. de Valmont me parece fazer jus a esse favor, eu diria até essa justiça; e eis por que penso assim.

Ele deu esta manhã uma dessas saídas que poderiam sugerir algum projeto nas redondezas, conforme a ideia que lhe ocorrera; ideia essa que me culpo por ter acatado com demasiada rapidez. Felizmente para ele e, principalmente, para nós, uma vez que nos salva de sermos injustas, um de meus criados também precisava sair na mesma direção;¹ e foi assim que minha feliz, embora repreensível, curiosidade foi satisfeita. Relatou-nos esse criado que o sr. de Valmont, deparando na aldeia de... com uma desafortunada família cujos móveis estavam sendo vendidos, por não ter logrado pagar seus impostos, não só saldou rapidamente a dívida dessa pobre gente, como ainda lhes deu uma considerável soma em dinheiro. Meu empregado foi testemunha desse gesto virtuoso, e relatou-me que os

camponeses, conversando entre si, e com ele, afirmaram que um criado, que descreveram, e que o meu julga ser o criado do sr. de Valmont, buscara ontem informações sobre moradores da aldeia que porventura estivessem precisando de auxílio. Se assim for, já não se trata apenas de uma compaixão passageira ditada pelas circunstâncias, e sim de uma intenção cabal de fazer o bem, de uma preocupação com a caridade. É essa a mais bela virtude das mais belas almas. Enfim, seja acaso ou intenção, foi este um gesto honesto e louvável, cujo simples relato comoveu-me até as lágrimas. Devo acrescentar, ainda no intuito de ser justa, que quando mencionei esse gesto, sobre o qual nada dizia, ele de início negou, e, quando afinal o reconheceu, pareceu atribuir-lhe tão pouco valor que sua modéstia lhe redobrava o mérito.

E agora me diga, minha respeitável amiga, o sr. de Valmont é de fato um irremediável libertino? Caso seja, e assim se comporte, o que há de sobrar para as pessoas de bem? Como! Os maus então partilhariam com os bons o sagrado prazer da caridade? Iria Deus permitir que uma família virtuosa recebesse, das mãos de um celerado, um auxílio pelo qual daria graças à divina providência? E se prestaria a ouvir bocas puras derramando suas bênçãos sobre um infame? Não. Prefiro acreditar que os erros, por mais que perdurem, não são eternos; e não posso acreditar que aquele que faz o bem seja inimigo da virtude. O sr. de Valmont talvez não passe de mais um exemplo do perigo das relações. Detenho-me nessa ideia, que me agrada. Se, por um lado, pode servir para justificá-lo a seus olhos, por outro, torna cada vez mais preciosa a terna amizade que me une à senhora por toda a vida.

Tenho a honra de ser etc.

P.S. — A sra. de Rosemonde e eu vamos, neste instante, visitar por nossa vez a honesta e infeliz família, e somar nosso auxílio tardio ao do sr. de Valmont. Vamos levá-lo conosco. No mínimo, daremos àquela boa gente a alegria de rever seu benfeitor; creio que é só o que ele nos deixou a fazer.

De..., neste 20 de agosto de 17**.

À MARQUESA DE MERTEUIL

Tínhamos parado em meu retorno ao castelo: retomo aqui meu relato.

Mal tive tempo de fazer uma rápida toalete e fui para a sala, onde minha dama se dedicava à tapeçaria enquanto o pároco local lia o jornal¹⁹ para minha velha tia. Fui sentar-me ao lado do tear. Olhares ainda mais ternos que de costume, quase acariciantes, logo me deram a suspeitar que o criado já prestara contas de sua missão. Com efeito, minha amável curiosa não soube guardar por mais tempo o segredo que me furtara; e, sem receio de interromper o venerável pastor cuja fala, porém, se assemelhava a uma homilia: “Também tenho uma novidade para contar”, disse; e em seguida narrou minha aventura, com uma precisão que fazia jus à inteligência do narrador. Pode imaginar como exibi então toda a minha modéstia. Mas quem poderia deter uma mulher que tece, sem perceber, o elogio daquele que ama? Tomei então o partido de deixá-la falar. Parecia estar pregando o panegírico de um santo. Enquanto isso eu observava, não sem alguma esperança, tudo o que prometiam ao amor seu olhar animado, seus gestos agora mais livres e, principalmente, o tom de sua voz que, por sua já sensível alteração, traía-lhe a emoção da alma. Mal terminou de falar, disse-me a sra. de Rosemonde: “Venha cá, meu sobrinho, que eu lhe dê um abraço”. Senti imediatamente que a linda pregadora não poderia eximir-se de ser abraçada por sua vez. Ela, porém, tentou se esquivar; mas logo se viu em meus braços e, longe de ter forças para resistir, mal restavam aquelas que a mantinham de pé. Quanto mais observo essa mulher, mais desejável ela me parece. Apressou-se em voltar a seu tear e, parecia, aos olhos de todos, ter retomado sua tapeçaria. Bem percebi, porém, que sua mão trêmula não lhe deixava continuar o trabalho.

Após o almoço, as senhoras decidiram ir ver os desafortunados que eu tão piedosamente ajudara; acompanhei-as. Poupo-lhe o tédio dessa segunda cena de gratidão e elogios. Meu coração, instado por uma deliciosa lembrança, apressa o retorno ao castelo. No caminho, minha bela presidenta, mais sonhadora que de costume, não disse palavra. Matutando numa maneira de aproveitar o efeito causado pelo acontecimento do dia, eu mantinha o mesmo silêncio. Somente a sra. de Rosemonde falava, e não obtinha de nós senão respostas raras e curtas. Sem dúvida a aborrecemos: era minha intenção, e deu certo. Assim, ao descer do carro, foi para seus aposentos, deixando-nos a sós, minha bela e eu, numa sala pouco

iluminada; doce obscuridade que encoraja o amor tímido.

Não me foi preciso conduzir a conversa para onde eu queria. O fervor da amável pregadora serviu-me melhor do que o faria minha habilidade. “Como é possível, quando se é tão digno de fazer o bem”, disse ela, detendo em mim seu olhar doce, “passar a vida fazendo o mal?” “Não mereço”, respondi, “nem esse elogio nem essa censura; e não entendo como, sendo tão fina, ainda não me decifrou. Mesmo que minha sinceridade possa prejudicar-me a seus olhos, a senhora é tão digna dela que me seria impossível recusá-la. Encontrará a chave de minha conduta num caráter que é, infelizmente, demasiado fácil. Rodeado por pessoas sem princípios, imitei seus vícios; e talvez tenha, por amor-próprio, buscado superá-las. Aqui, do mesmo modo, seduzido pelo exemplo das virtudes, sem esperar alcançá-la tentei ao menos segui-la. Ora, o gesto pelo qual hoje me elogia talvez perdesse todo valor a seus olhos se soubesse seu verdadeiro motivo!” (Observe, bela amiga, quão próximo eu estava da verdade.) “Não é a mim”, continuei, “que aqueles infelizes devem meu auxílio. Onde julga a senhora ver um gesto louvável, eu apenas buscava um modo de agradar. Não fui, já que é preciso dizê-lo, senão o frágil agente da Divindade que eu adoro” (nesse ponto, ela tentou interromper-me, mas não lhe dei tempo). “Neste exato momento”, acrescentei, “só por fraqueza deixo escapar meu segredo. Prometera a mim mesmo não revelá-lo; era para mim uma alegria render a suas virtudes e atrativos uma pura homenagem que a senhora iria para sempre ignorar; incapaz, porém, de enganar tendo diante de mim um exemplo de candura, não terei que censurar-me por uma culpável dissimulação em relação à senhora. Não pense que a esteja ultrajando com uma criminosa esperança. Serei infeliz, já sei; mas meus sofrimentos me serão caros, pois serão prova do excesso de meu amor. A seus pés, em seu regaço, é que virei depositar minha dor. Aí buscarei forças para voltar a sofrer; aí encontrarei a condolente bondade e me sentirei consolado, por ter-se a senhora compadecido de mim. Ó, senhora que adoro! Escute-me, lamente-me, acuda-me.” Estava, entretanto, a seus pés e apertava suas mãos nas minhas. Mas ela, soltando-as de repente e cruzando-as sobre os olhos com a expressão do desespero: “Ah, infeliz!”, exclamou, e então desmanchou-se em prantos. Por sorte, eu estava a tal ponto envolvido que também me pus a chorar e, retomando suas mãos, banhei-as de lágrimas. Era esse um cuidado necessário, pois estava tão imersa em sua própria dor que não teria reparado na minha se

eu não achasse um jeito de alertá-la. Com isso, ganhei igualmente a oportunidade de contemplar com vagar aquele semblante encantador, ainda mais belo com o poderoso atrativo das lágrimas. Minha cabeça esquentava e estava tão pouco senhor de mim que fiquei tentado a aproveitar aquele momento.

Quão frágeis somos nós! Quão imperativas são as circunstâncias se eu mesmo, esquecendo-me de meus planos, arrisquei-me a perder, num prematuro triunfo, o encanto dos longos combates e os detalhes de uma penosa derrota; se, seduzido por um desejo de rapaz, pensei expor o vencedor da sra. de Tourvel a só colher, em paga de seu esforço, a insípida vantagem de possuir mais uma mulher! Ah, que ela se renda, mas que lute; que, sem forças para vencer, tenha forças para resistir; que experimente ao máximo o sentimento de sua própria fraqueza, e seja forçada a reconhecer sua derrota. Deixemos para o obscuro caçador clandestino matar de tocaia o cervo que surpreendeu; ao verdadeiro caçador cumpre forçar a presa. Não é esse um plano sublime? Mas talvez estivesse agora lamentando não o ter seguido, não fosse o acaso vir acudir minha prudência.

Ouvimos um ruído. Alguém se dirigia para a sala. A sra. de Tourvel, apavorada, levantou-se às pressas, apanhou uma das tochas e saiu. Não houve como impedi-la. Era apenas um criado. Assim que me certifiquei, fui atrás dela. Mal dera alguns passos e, quer por ter me reconhecido, quer por um vago sentimento de pânico, ouvi-a apressar o passo e se jogar, mais do que entrar, em seus aposentos, fechando a porta atrás de si. Fui até lá, mas a chave estava por dentro. Tive o cuidado de não bater: seria dar-lhe pretexto a uma resistência demasiado fácil. Tive a simples e feliz ideia de olhar pelo buraco da fechadura e, com efeito, vi essa adorável mulher de joelhos, banhada em lágrimas e rezando com fervor. Que Deus ousava invocar? Existirá algum que tenha poder contra o amor? Em vão clama ela agora por socorro alheio; sou eu quem decidirá sua sorte.

Julgando ter feito o suficiente por um dia, também recolhi-me a meus aposentos e me pus a escrever-lhe. Esperava revê-la ao jantar; mas ela mandou dizer que se sentia indisposta e estava de cama. A sra. de Rosemonde quis subir a seu quarto, mas a maliciosa doente pretextou uma enxaqueca que não lhe permitia ver ninguém. Pode imaginar que, após o jantar, foi breve o serão, e também eu fui acometido de enxaqueca. Retirado em meu quarto, escrevi uma longa carta queixando-me desse rigor, e deitei-me, com a intenção de entregá-la esta manhã. Dormi pouco,

como pode deduzir pela data desta carta. Levantei-me, reli minha epístola. Percebi que não me controlara o suficiente, que mostrava mais ardor que amor, mais irritação que tristeza. Terei de reescrevê-la. Mas, para isso, terei de estar mais calmo.

Vislumbro o raiar do dia, e espero que o frescor que o acompanha venha trazer-me o sono. Vou voltar para a cama; e, qualquer que seja o poder desta mulher, prometo não lhe dar tanta atenção que não me sobre tempo de pensar muito em você. Adeus, bela amiga.

De..., neste 21 de agosto de 17**, quatro horas da manhã.

CARTA 24
DO VISCONDE DE VALMONT
À PRESIDENTA DE TOURVEL

Ah!, senhora, por piedade, digne-se acalmar a perturbação de minha alma; digne-se dizer-me se devo esperar ou temer. Preso entre os excessos da felicidade e do infortúnio, a incerteza é um tormento cruel. Por que fui lhe falar? Por que não soube resistir ao encanto imperioso que lhe entregava meus pensamentos? Satisfeito em adorá-la em silêncio, ao menos desfrutava de meu amor; e esse sentimento puro, não perturbado pela visão de sua dor, bastava para minha felicidade. Mas a fonte de alegria transformou-se em fonte de desespero no momento em que vi escorrerem suas lágrimas, em que ouvi esse cruel *Ah, infeliz!*. Essas duas palavras, senhora, hão de repercutir por muito tempo em meu coração. Por que fatalidade o mais doce dos sentimentos inspira-lhe apenas terror? Que medo é esse? Ah, não é medo de partilhá-lo. Seu coração, que julguei erradamente, não foi feito para o amor; o meu, que a senhora calunia constantemente, é o único sensível, pois o seu é sem piedade. Não fosse assim, não teria recusado uma palavra de consolo ao infeliz que lhe contava seus tormentos; não teria se furtado a seus olhares, quando seu único prazer é o de vê-la; não teria brincado cruelmente com sua preocupação mandando dizer que se sentia enferma sem permitir que ele fosse informar-se de seu estado; teria sentido que a mesma noite que, para a senhora, não passava de doze horas de descanso iria equivaler para ele a um século de sofrimento.

Por onde, diga-me, fiz por merecer tão lamentável rigor? Não receio tomá-la como juíza: que fiz eu, afinal, além de ceder a um sentimento involuntário, inspirado pela beleza e justificado pela virtude, sempre freado pelo respeito, e cuja inocente confissão foi fruto da confiança, e não da esperança? Irá então trair essa confiança que a senhora mesma parecia autorizar-me, e à qual me entreguei sem reservas? Não, não posso crer; isso seria atribuir-lhe um erro, e meu coração se revolta a essa simples ideia. Retiro minhas censuras. Posso tê-las escrito, mas não as pensei. Ah! Deixe-me acreditar que é perfeita, é o único prazer que me resta. Prove-me que assim é concedendo-me sua generosa atenção. Que outro infeliz alguma vez já socorreu que estivesse tão precisado quanto eu? Não me abandone ao delírio em que me mergulhou. Emprésteme sua razão, uma vez que arrebatou a minha. Depois de ter me castigado, esclareça-me, para concluir sua obra.

Não quero enganá-la: não irá conseguir derrotar meu amor, mas irá me ensinar a ajustá-lo. Guiando minhas ações, ditando minhas palavras, irá ao menos poupar-me a desventura de desgostá-la. Dissipe, sobretudo, esse medo desesperante; diga que me perdoa, que tem dó de mim; garanta-me sua indulgência. Nunca será toda a que eu desejaria, mas peço apenas aquela de que preciso. Irá recusá-la?

Adeus, senhora. Acolha com bondade a homenagem de meus sentimentos, que não desmerece a de meu respeito.

De..., neste 20 de agosto de 17**.

CARTA 25
DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

Eis o boletim de ontem.

Às onze horas, entrei nos aposentos da sra. de Rosemonde, e sob seus auspícios fui introduzido no quarto da falsa doente, que ainda se encontrava acamada. Tinha os olhos muito abatidos; espero que tenha dormido tão mal quanto eu. Aproveitei um momento em que a sra. de Rosemonde se afastou para entregar minha carta. Ela se negou a pegá-la, mas deixei-a sobre a cama e comportadamente arredei a poltrona de minha

velha tia, que queria ficar perto de *sua cara menina*: teve então de guardar a carta para evitar um escândalo. Disse a enferma, sem jeito, que julgava estar com um pouco de febre. A sra. de Rosemonde pediu que eu lhe tomasse o pulso, fazendo alarde de meus conhecimentos médicos. Minha bela teve então a dupla mágoa de ser obrigada a entregar-me seu braço e de sentir que sua mentirinha seria revelada. Com efeito, peguei uma de suas mãos, estreitando-a na minha, enquanto com a outra percorria seu braço viçoso e roliço; a maliciosa criatura não reagiu, o que me levou a dizer ao afastar-me: “Não apresenta a menor perturbação”. Imaginava que seu olhar estaria muito severo e, para puni-la, não o busquei. Instantes depois, disse que queria levantar-se e deixamo-la a sós. Apareceu para o almoço, que foi melancólico. Declarou que não iria passear, o que equivalia a dizer-me que eu não teria oportunidade de lhe falar. Nesse ponto, senti que precisava introduzir um suspiro e um olhar doloroso. Ela decerto esperava por isso, pois foi o único momento do dia em que consegui encontrar seu olhar. Por recatada que seja, tem lá suas pequenas astúcias, como toda mulher. Encontrei uma oportunidade de perguntar-lhe *se tivera a bondade de me informar sobre minha sorte*, e fiquei um pouco surpreso ao ouvi-la responder: *Sim, senhor, eu lhe escrevi*. Estava ansioso para ler essa carta. Mas, quer mais uma vez por astúcia, quer por inabilidade ou timidez, ela só a entregou à noite, quando ia recolher-se. Envio-lhe essa carta, assim como o rascunho da minha; leia e avalie; veja com que insigne falsidade ela afirma que não sente amor nenhum, ao passo que tenho certeza do contrário; e depois há de queixar-se de que a engano, quando não teme enganar-me primeiro! Minha bela amiga, o mais astuto dos homens mal consegue estar ao nível da mais sincera mulher. Terei, contudo, de fingir acreditar nessa lengalenga, e me exaurir de desespero, porque apraz a essa senhora bancar a rigorosa! Como não vingar-se dessas maldades!... Ah! Paciência... Mas adeus. Ainda tenho muito a escrever.

A propósito, mande-me de volta a carta da desumana. Pode acontecer de, mais tarde, ela querer dar valor a essas ninharias, preciso estar com tudo em ordem.

Não falo aqui sobre a menina Volanges; falaremos a respeito em uma próxima oportunidade.

Do castelo, neste 22 de agosto de 17**.

CARTA 26
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Por certo não receberia nenhuma carta minha, senhor, se meu tolo comportamento de ontem à noite hoje não me obrigasse a dar-lhe uma explicação. Sim, confesso, chorei. Talvez até me tenham escapado as duas palavras que o senhor faz questão de citar. Lágrimas e palavras, o senhor reparou em tudo. Devo, portanto, tudo lhe explicar.

Habituada a só inspirar sentimentos honestos, a só ouvir palavras que posso ouvir sem enrubescer, e conseqüentemente desfrutar de uma segurança que, ousou dizer, mereço, não sei dissimular nem combater as sensações que vivencio. A surpresa e o embaraço em que me deixaram sua atitude; não sei que receio, inspirado por uma situação que jamais deveria se apresentar para mim; e talvez a revoltante ideia de me ver confundida com mulheres que o senhor despreza, e tratada com a mesma leviandade que elas: todos esses motivos, somados, suscitaram minhas lágrimas, e podem ter me levado a dizer, creio que com razão, que me sentia infeliz. Esse termo, que julga tão forte, sem dúvida ainda seria muito fraco caso minhas lágrimas e palavras tivessem tido outro motivo. Se, em vez de desaprovar sentimentos que deveriam me ofender, eu temesse partilhá-los.

Não, senhor, não tenho esse temor. Se tivesse, fugiria para cem léguas daqui; iria chorar num deserto a desgraça de o ter conhecido. Quem sabe até, apesar da certeza que tenho de que não o amo, de que jamais o amarei, quem sabe teria sido melhor seguir o conselho de meus amigos: não deixar que se aproximasse de mim.

Acreditei, e foi esse meu único erro, que o senhor haveria de respeitar uma mulher honesta, disposta a achá-lo igualmente honesto e ser justa consigo. Uma mulher que já o defendia enquanto o senhor a ultrajava com suas juras criminosas. O senhor não me conhece, não, não conhece. De outro modo, não se atreveria a arvorar seus erros em direito; por ter me dito palavras que eu não deveria ouvir, não se julgaria autorizado a escrever-me uma carta que eu não deveria ler. E ainda me pede para *guiar suas ações, ditar suas palavras!* Ora, senhor, o silêncio e o esquecimento, são esses os conselhos que me cabe lhe dar, e que cabe ao senhor acatar. Então terá, com efeito, direito a minha indulgência. Só depende do senhor

obter, inclusive, minha gratidão... Mas não, não hei de pedir nada àquele que não me respeitou. Não darei sequer um sinal de confiança àquele que abusou de minha paz de espírito. Obriga-me a temê-lo, a odiá-lo quem sabe. Não era o que eu queria. Queria ver no senhor apenas o sobrinho de minha amiga mais respeitável. Opus a voz da amizade à voz pública que o acusava. O senhor destruiu tudo, e, posso prever, não há de querer consertar nada.

Atenho-me, senhor, a afirmar-lhe que seus sentimentos me ofendem, que sua confissão me ultraja e que, principalmente, longe de um dia vir a partilhá-los, estaria forçando-me a nunca mais tornar a vê-lo se não se obrigar, sobre esse assunto, a um silêncio que julgo ter o direito de esperar, ou mesmo exigir do senhor. Junto a esta carta aquela que me escreveu, esperando que tenha a bondade de me devolver a presente. Muito me entristeceria restar qualquer vestígio de um fato que jamais deveria ter ocorrido.²⁰ Tenho a honra de ser etc.

De..., neste 21 de agosto de 17**.

CARTA 27

DE CÉCILE VOLANGES À MARQUESA DE MERTEUIL

Meu Deus, senhora, quanta bondade! Bem percebeu que me seria mais fácil escrever-lhe do que lhe falar! Também, o que tenho a dizer-lhe é bastante difícil. Mas a senhora é minha amiga, não é verdade? Sim! Minha boa amiga! Vou procurar não ter medo. Além disso, preciso tanto da senhora, de seus conselhos! Ando muito triste, e minha impressão é que todos percebem o que estou pensando; quando ele está presente, então! Enrubesco só de olharem para mim. Ontem, quando me viu chorando, era porque eu queria falar-lhe, mas um não sei quê me impedia; e, quando me perguntou o que havia comigo, as lágrimas me vieram sem querer. Não fui capaz de dizer uma só palavra. Não fosse pela senhora, minha mãe teria notado, e o que teria sido de mim? Assim, no entanto, é que passo a vida, sobretudo de quatro dias para cá!

Foi nesse dia, senhora, sim vou lhe contar, foi nesse dia que o senhor cavaleiro Danceny me escreveu. Oh! Posso assegurar-lhe que, quando deparei com sua carta, não fazia ideia do que se tratava; mas, para ser

sincera, não posso dizer que não tenha sentido um grande prazer ao lê-la. Acredite, ainda prefiro sentir-me triste a vida inteira a ele não a ter escrito. Bem sabia, porém, que isso eu não poderia dizer-lhe, e garanto-lhe que disse até que sua carta me aborrecera. Diz ele, porém, que foi mais forte que ele, e acredito; pois eu mesma decidira não responder e, no entanto, não pude me impedir de fazê-lo. Oh, escrevi-lhe uma única vez, e isso, em parte, para pedir que não mais me escrevesse. Ele, ainda assim, continua me escrevendo. E, como não respondo, percebo que anda triste, o que me aflige mais ainda. De modo que já não sei o que fazer, o que será de mim, sinto-me muito infeliz.

Diga-me, senhora, eu lhe peço, seria muito errado responder-lhe de vez em quando? Só até ele próprio aceitar não mais me escrever, e deixar tudo como era antes. Pois, quanto a mim, a continuar assim, não sei o que será. Imagine que, ao ler sua última carta, chorei que não acabava mais; e estou certa de que, se não tornar a responder-lhe, será muito triste para nós.

Envio-lhe também a carta dele, ou melhor, uma cópia, para que a senhora possa avaliar. Verá que ele não me pede nada de mau. Mas, se julgar que não está certo, prometo que não o farei. Acredito, porém, que irá pensar como eu, que não há nisso mal nenhum.

E, a propósito, permita-me aproveitar para fazer-lhe mais uma pergunta: disseram-me que era errado amar alguém. Mas por quê? O que me leva a perguntar é que o senhor cavaleiro Danceny afirma que não há nada de errado nisso, que quase todo o mundo ama. Se assim for, não vejo por que eu seria a única a me proibir. Ou será que é errado somente para as moças? Pois escutei minha mãe dizendo que a sra. D... amava o sr. M..., e não falava como de algo assim tão ruim. No entanto, tenho certeza de que se zangaria comigo se apenas desconfiasse de minha amizade pelo sr. Danceny. Minha mãe ainda me trata como se eu fosse criança, e não me diz nada de nada. Quando me tirou do convento, pensei que fosse para casar-me. Mas agora já me parece que não. Não que eu me preocupe com isso, acredite. Mas a senhora, que é tão amiga dela, talvez saiba o que se passa, e, se souber, espero que me conte.

É esta uma longuíssima carta, senhora. Mas já que me autorizou a escrever-lhe, aproveitei para dizer tudo, e conto com sua amizade.

Tenho a honra de ser etc.

Paris, neste 23 de agosto de 17**.

CARTA 28
DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES

Então, senhorita, ainda se nega a responder-me! Nada a fará ceder, e cada dia leva embora consigo a esperança que traz! Que amizade é essa que consente subsistir entre nós, se não é forte o suficiente para sensibilizá-la a minha dor; que a deixa fria e tranquila enquanto eu vivencio os tormentos de um fogo que não posso apagar? Que, longe de inspirar-lhe confiança, não logra sequer suscitar sua compaixão? Como! Seu amigo sofre e a senhorita nada faz para socorrê-lo! Uma palavra é só o que ele pede, e a senhorita a recusa! E quer que ele se contente com um sentimento tão frágil, o qual ainda receia confirmar!

Dizia-me ontem que não queria ser ingrata. Acredite, senhorita, querer pagar amor com amizade não é temer ser ingrata, é temer parecer ingrata. Entretanto, já não me atrevo a falar-lhe de um sentimento que, se não a interessa, só lhe poderá ser um fardo. Cabe-me ao menos encerrá-lo em mim mesmo, enquanto não aprendo a dominá-lo. Sinto o quanto será penosa essa tarefa; não lhe escondo que irei precisar de todas as minhas forças. Tentarei todos os meios. Um deles, o mais custoso a meu coração, será o de repetir amiúde que o seu é insensível. Vou inclusive procurar vê-la menos, já ando até pensando num pretexto plausível.

Como! Vou perder o doce hábito de vê-la todo dia! Ah, ao menos nunca deixarei de lamentá-lo. Uma eterna infelicidade será o preço do amor mais terno; e a senhorita assim o quis, isso será obra sua! Nunca mais hei de encontrar, bem sinto, a felicidade que hoje estou perdendo; a senhorita era a única feita para meu coração. Com que prazer faria juras de viver só para si! Mas não aceita recebê-las; seu silêncio revela com clareza que seu coração nada sente por mim. É, a um só tempo, a prova mais segura de sua indiferença e a forma mais cruel de dizê-la. Adeus, senhorita.

Já não ousa esperar uma resposta; o amor a escreveria com presteza, a amizade, com prazer, a própria piedade, com complacência. Mas a piedade, a amizade e o amor são igualmente alheios a seu coração.

Paris, neste 23 de agosto de 17**.

CARTA 29
DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Eu bem que dizia, Sophie, que há casos em que é permitido escrever. E asseguro-lhe que lamento muito ter seguido seu conselho, que tanta mágoa causou ao cavaleiro Danceny e a mim. Prova de que eu estava certa é que a sra. de Merteuil, a qual decerto entende do assunto, foi afinal de minha opinião. Confessei-lhe tudo. Ela, de início, disse o mesmo que você. Mas depois que lhe expliquei tudo, concordou que era bem diferente. Exige apenas que eu lhe mostre todas as minhas cartas e todas as do cavaleiro Danceny, para ter certeza de que só direi o que convém. De modo que agora me sinto sossegada. Deus meu, como gosto da sra. de Merteuil! É tão bondosa! E é muito respeitável. Assim, não há o que retrucar.

Como vou escrever ao sr. Danceny, e como ele vai ficar feliz! Mais feliz do que imagina. Pois até o momento falei apenas em minha amizade, enquanto ele queria que eu falasse em meu amor. Creio que dava na mesma, mas enfim, eu não ousava, e ele insistia. Disse isso à sra. de Merteuil. Ela respondeu que eu estava certa, e só se deve admitir que se ama quando já não se consegue evitá-lo. Ora, tenho certeza de que não vou conseguir evitá-lo por muito mais tempo. Afinal, dá na mesma, e vai deixá-lo mais feliz.

A sra. de Merteuil disse também que me emprestaria livros que versam sobre essas coisas, que me ensinariam a comportar-me, e também a escrever melhor. Como vê, ela aponta todos os meus defeitos, o que prova que me quer bem. Recomendou-me apenas que não comentasse com minha mãe sobre esses livros, pois daria a impressão de insinuar que ela negligenciou minha educação, o que poderia aborrecê-la. Pois não vou comentar.

Contudo, é extraordinário que uma mulher que não é nem bem minha parenta cuide mais de mim do que minha própria mãe! Que sorte a minha tê-la conhecido!

Ela ainda pediu a minha mãe licença para levar-me à Ópera, depois de amanhã, em seu camarote. Disse-me que ali estaremos a sós e poderemos conversar o tempo todo sem receio de sermos ouvidas. Isso me atrai muito mais do que a Ópera. Vamos também falar sobre meu casamento. Pois diz ela que eu ia de fato me casar. Mas não pudemos falar mais no assunto.

Ora, não é espantoso minha mãe não falar nada a respeito?

Adeus, minha Sophie, vou agora escrever ao cavaleiro Danceny. Ah, como estou contente.

De..., neste 24 de agosto de 17**.

CARTA 30

DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

Consinto afinal em escrever-lhe, senhor, em afirmar-lhe minha amizade, meu *amor*, uma vez que sem isso o veria infeliz. Diz que não tenho bom coração. Asseguro-lhe que está enganado, e espero que agora já não duvide disso. Se sentiu-se triste porque eu não lhe escrevia, não imagina que isso também me doía? É que por nada neste mundo iria querer fazer algo errado; e certamente não confessaria meu amor se pudesse evitá-lo. Mas sua tristeza me doía por demais. Espero que agora já não se sinta triste e que sejamos muito felizes.

Conto ter o prazer de vê-lo esta noite, e que venha cedo; nunca será tão cedo como espero. Minha mãe janta em seus aposentos, e acredito que o convidará a ficar. Espero que não tenha outro compromisso, como antes de ontem. Então, foi agradável, o tal jantar? Pois saiu para lá bastante cedo. Enfim, não vamos falar sobre isso. Agora que sabe que o amo, espero que fique comigo o mais tempo que puder. Pois só me sinto feliz quando estou com o senhor, e gostaria que isso fosse recíproco.

Lamento muito que ainda esteja triste, mas a culpa não é minha. Vou pedir para tocar harpa assim que o senhor chegar, para que veja imediatamente minha carta. É só o que posso fazer.

Adeus, senhor. Eu o amo, de todo o coração: quanto mais o digo, mais contente me sinto. Espero que o senhor também fique contente.

De..., neste 24 de agosto de 17**.

CARTA 31

DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES

Sim, sem dúvida que seremos felizes. Minha felicidade está assegurada, sendo amado pela senhorita; e a sua não há de acabar jamais se durar o mesmo tanto que o amor que me inspira. Como! Então me ama, já não receia afirmar-me seu *amor!* *Quanto mais o diz, mais contente se sente!* Depois de ler esse gracioso *Eu o amo*, escrito por seu punho, ouvi sua linda boca repetir-me a confissão. Vi fixarem-se em mim esses olhos encantadores, ainda mais belos pela expressão da ternura. Recebi suas juras de viver sempre para mim. Ah! Receba as minhas de consagrar minha vida inteira a sua felicidade; receba-as, e esteja certa de que jamais as trairei.

Que maravilhoso dia passamos ontem! Ah, por que a sra. de Merteuil não tem todo dia segredos para contar a sua mãe? Por que a ideia da pressão que nos espera tem de vir mesclar-se à deliciosa lembrança que me ocupa? Por que não posso segurar constantemente essa linda mãozinha que me escreveu *eu o amo!* Cobri-la de beijos e vingar-me assim da recusa que me fez de um favor maior!

Diga-me, minha Cécile, quando sua mãe voltou, quando fomos forçados por sua presença a só termos um pelo outro olhares indiferentes; quando já não podia consolar-me, com a afirmação de seu amor, por sua recusa em dele me dar provas; acaso não senti nenhum arrependimento? Acaso não pensou: um beijo o teria feito feliz, e fui eu quem lhe furtou essa felicidade? Prometa-me, minha adorável amiga, que da próxima vez será menos severa. Com essa promessa, hei de encontrar coragem para suportar as contrariedades que as circunstâncias nos preparam. E as cruéis privações pelo menos serão atenuadas pela certeza de que as lamenta como eu.

Adeus, graciosa Cécile: já está na hora de eu ir a sua casa. Seria impossível despedir-me, não fosse para ir revê-la. Adeus, minha amada, a quem amarei sempre mais!

De..., neste 25 de agosto de 17**.

CARTA 32

DA SRA. DE VOLANGES À PRESIDENTA DE TOURVEL

Com que então, senhora, quer que eu acredite na virtude do sr. de Valmont? Confesso que não estou convencida e que me seria tão difícil

julgá-lo honesto com base no que me contou quanto julgar vicioso um notório homem de bem de que viesse a conhecer alguma falta. A humanidade não é perfeita em nenhum aspecto, seja para o mal ou para o bem. O celerado tem lá suas virtudes, como o homem de bem tem suas fraquezas. Parece-me tão mais necessário acreditar nesta verdade quanto é dela que decorre a necessidade de indulgência, tanto para os maus como para os bons; e porque ela preserva esses últimos do orgulho e salva os primeiros do desânimo. Julgará, sem dúvida, que pratico muito mal nesse momento a indulgência que preconizo; é que só vejo nela uma perigosa fraqueza quando nos leva a tratar por igual o vicioso e o homem de bem.

Não me permitirei perscrutar as motivações do gesto do sr. de Valmont; quero crer que sejam tão louváveis quanto o gesto em si. Mas ele nem por isso deixou de passar a vida semeando perturbação, desonra e escândalo nas famílias. Escute, se assim deseja, a voz do infeliz que ele acudiu; mas que essa voz não a impeça de ouvir os gritos da centena de vítimas que ele imolou. Mesmo que ele não passe, como diz, de um exemplo do perigo das relações, deixará de ser ele próprio uma relação perigosa? Supõe que ele seja capaz de uma feliz conversão? Ou mais que isso: suponhamos que tal milagre aconteça. Ainda não haveria contra ele a opinião pública, e esta não basta para pautar sua conduta? Somente Deus pode absolver na hora do arrependimento; ele lê nos corações. Quanto aos homens, só através das ações podem julgar os pensamentos. E nenhum deles, depois que perdeu a estima dos demais, tem o direito de queixar-se da necessária desconfiança que torna essa perda tão difícil de reparar. Pense sobretudo, minha jovem amiga, que basta às vezes, para perder essa estima, dar a impressão de não lhe dar grande valor. E não taxe essa severidade de injustiça, pois, se é lícito acreditar que não se renuncia a esse bem precioso quando se tem direito a pretendê-lo, também está mais perto de fazer o mal quem não é contido por esse poderoso freio. No entanto, sob esse aspecto é que a mostraria uma relação íntima com o sr. de Valmont, por mais inocente que fosse.

Assustada pelo ímpeto com que o defende, apresso-me em antecipar-me às objeções que já posso imaginar: vai mencionar a sra. de Merteuil, a quem perdoaram essa relação; vai perguntar-me por que o recebo em minha casa; dirá que, longe de ser rejeitado pelas pessoas de bem, ele é recebido, ou mesmo requisitado, na assim chamada boa sociedade. Acredito que possa responder a tudo isso.

Primeiro, a sra. de Merteuil, que é de fato muito estimável, talvez não tenha outro defeito além de uma excessiva confiança em sua própria força; é como um hábil condutor que se diverte dirigindo um carro por entre rochedos e precipícios, e a quem só o êxito justifica: é justo louvá-la, seria imprudente segui-la. Ela própria o admite e se censura. À medida que foi conhecendo mais coisas, seus princípios se tornaram mais severos, e não hesito em assegurar-lhe que ela pensaria o mesmo que eu.

Quanto ao que me diz respeito, não vou justificar-me mais do que os outros. Recebo, sem dúvida, o sr. de Valmont, e ele é recebido em toda parte; essa é mais uma incosequência a acrescentar às outras mil que regem a sociedade. Você sabe tão bem quanto eu que passamos a vida a reparar nelas, queixar-nos delas e aceitá-las. O sr. de Valmont, que tem um belo sobrenome, uma grande fortuna e muitas qualidades amáveis, compreendeu desde cedo que para se impor na sociedade bastava manejar com igual destreza a lisonja e o ridículo. Ninguém possui, como ele, esse duplo talento: seduz com um e faz-se temer com o outro. Não é estimado; mas é adulado. Assim é sua existência no seio de uma sociedade que, mais cautelosa que corajosa, prefere respeitá-lo a combatê-lo.

Contudo, nem a própria sra. de Merteuil, nem nenhuma outra mulher, ousaria isolar-se no campo, praticamente em tête-à-tête, com um homem desses. Coube à mais comportada, à mais recatada entre elas, dar esse exemplo de incosequência. Perdoe-me essas palavras, escaparam-me por amizade. Minha bela amiga, sua própria honestidade a trai, pela segurança que lhe inspira. Considere que terá por juízes, de um lado, pessoas frívolas que não irão acreditar numa virtude cujo modelo não encontram em si mesmas; de outro, pessoas ruins que fingirão não acreditar, para puni-la de ter essa virtude. Considere que está, neste momento, fazendo o que alguns homens não ousariam arriscar. Com efeito, entre os moços, de que o sr. de Valmont se tornou, mais do que deveria, o oráculo, observo que os mais sensatos receiam mostrar-se mais intimamente ligados a ele; e a senhora não o teme! Ah! Desengane-se, eu lhe conjuro... Se meus argumentos não bastam para persuadi-la, ceda a minha amizade; ela é que me leva a insistir em meu pedido, ela é que o justifica. Julga-a severa, e meu desejo é que ela seja inútil; mas prefiro que venha a se queixar de sua solicitude que de sua negligência.

De..., neste 24 de agosto de 17**.

CARTA 33
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Uma vez que receia triunfar, caro visconde, uma vez que seu plano é fornecer armas contra si mesmo, e que seu desejo é menos vencer do que combater, nada me resta a dizer. Seu comportamento é uma obra-prima de sabedoria. Seria obra-prima de tolice na hipótese contrária e, para ser sincera, receio que esteja se iludindo.

Se o censura não é por ter deixado de aproveitar a oportunidade. Por um lado, não está claro para mim que ela tivesse surgido; por outro, bem sei que, ao contrário do que se diz, uma oportunidade perdida se recupera, ao passo que nunca se volta atrás de um gesto precipitado.

Foi um erro primário, porém, ter-se permitido escrever. Duvido, agora, que possa prever aonde isso poderá levá-lo. Acaso espera provar a essa mulher que ela deve ceder? Quer parecer-me que essa só pode ser uma verdade de sentimento, e não de demonstração; e, para que ela seja aceita, há que enternecer, e não argumentar. Mas de que lhe serviria enternecer através de uma carta, se não estará lá para aproveitar? Ainda que suas belas frases suscitassem a embriaguez do amor, julga que esta perduraria a ponto de não dar à reflexão tempo de impedir a confissão? Pense no tempo necessário para escrever uma carta, no tempo transcorrido até ela ser entregue; e pense se uma mulher, principalmente uma mulher de princípios como nossa devota, poderá querer esse tempo todo algo que se esforça por nunca querer. Esse proceder pode dar certo com meninas que, quando escrevem “eu o amo”, não sabem que estão dizendo “eu me rendo”. Mas a virtude raciocinante da sra. de Tourvel me parece conhecer muito bem o valor das palavras. De modo que, apesar da vantagem que você obteve na conversa, ela o derrota em sua carta. E então, sabe o que acontece? Pelo simples fato de discutir, já não queremos ceder. À força de procurar, encontramos boas razões, e as dizemos; depois nos apegamos a elas, não tanto por serem boas, mas para não nos desdizermos.

Além disso, algo que muito me espanta você não ter observado é que, no amor, não há nada mais difícil do que escrever o que não sentimos. Quero dizer, escrever de maneira verossímil. Não que não usemos as mesmas

palavras, mas não as dispomos do mesmo modo, ou melhor, dispomos as palavras, e basta. Releia sua carta: reina nela uma ordem que o denuncia a cada frase. Quero crer que sua presidenta é inexperiente o bastante para não perceber. Mas que importa? Nem por isso o efeito deixa de perder-se. É esse o defeito dos romances. O autor se esfalfa para se animar, e o leitor permanece frio. *Héloïse* é a única exceção e, no que pese o talento do autor, essa observação sempre levou-me a acreditar que há ali um fundo de verdade. O mesmo não acontece quando falamos. O hábito de exercitar um órgão lhe dá sensibilidade; a facilidade para as lágrimas aumenta-a ainda mais; a expressão do desejo se confunde, no olhar, com a expressão da ternura; as palavras, enfim, menos articuladas, reproduzem mais facilmente esse ar de perturbação e desordem que é a verdadeira eloquência do amor e, mais que nada, a presença do objeto amado impede a reflexão e nos faz desejar a derrota.

Acredite, visconde: ela pede que não mais lhe escreva, aproveite para reparar seu erro e espere uma oportunidade de falar. Sabe que essa mulher tem mais força do que eu imaginava? Sua defesa é boa; e não fosse a extensão da carta e o pretexto que ela dá para entrar no assunto com uma frase de reconhecimento, em nada teria se traído.

O que também deveria, parece-me, tranquilizá-lo quanto a seu êxito é ela usar forças demais de uma só vez. Minha previsão é de que irá esgotá-las na defesa da palavra e não lhe restará nenhuma para a defesa da coisa em si.

Devolvo-lhe suas duas cartas e, se for sábio, serão elas as últimas até o esperado momento. Se já não fosse tão tarde, comentaria com você sobre a menina Volanges, que tem progredido depressa e me deixado bem satisfeita. Penso que irei concluir minha tarefa antes de você, o que muito deve envergonhá-lo. Adeus por hoje.

De..., neste 24 de agosto de 17**.

CARTA 34
DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

Discorre maravilhosamente bem, bela amiga. Mas por que tanto empenho

em provar algo que ninguém ignora? Para ser rápido no amor, mais vale falar que escrever. É esse, acredito, todo o teor de sua carta. Ora, se não são esses os mais primários elementos da arte de seduzir! Meu único reparo é que você só abre uma exceção a esse princípio, ao passo que existem duas. Às meninas que adotam esse proceder por timidez e se entregam por ignorância, há que acrescentar as mulheres pretensiosas que se deixam envolver por amor-próprio e que a vaidade conduz à armadilha. Estou seguro, por exemplo, que a condessa de B..., que respondeu sem dificuldade a minha primeira carta, não tinha mais amor por mim do que eu tinha por ela, e não viu ali mais que uma oportunidade para tratar de um tema que poderia valorizá-la.

Seja como for, um advogado lhe diria que o princípio não se aplica a essa questão. Com efeito, você parte da suposição de que posso escolher entre escrever e falar, o que não é o caso. Desde o incidente do dia 19, minha desumana, que se mantém na defensiva, tem empregado, para evitar um encontro, uma habilidade que vem desnorteando a minha. A tal ponto que, a continuar assim, irá me obrigar a tratar seriamente de recuperar a vantagem perdida; pois, é evidente, de modo algum quero ser vencido por ela. Minhas cartas tornaram-se objeto de uma pequena guerra: não contente com não as responder, nega-se a recebê-las. Cada carta requer uma nova astúcia, que nem sempre dá certo.

Você há de lembrar por que simples expediente entreguei a primeira; a segunda não ofereceu maior dificuldade. Ela havia me pedido para devolver-lhe sua carta: em vez, entreguei a minha sem despertar-lhe a menor suspeita. Porém, quer por despeito por ter sido enganada, quer por capricho, quer enfim por virtude, na qual acabará me obrigando a acreditar, recusou teimosamente a terceira. Espero, no entanto, que o embaraço em que a deixou a sequência dessa recusa irá corrigi-la no futuro.

Não foi para mim uma surpresa ela negar-se a receber a carta, que simplesmente lhe ofereci; isso equivaleria a ceder um pouco, e conto com uma mais longa resistência. Após essa tentativa, que não era mais que um ensaio *en passant*, pus minha carta num envelope e, aproveitando a hora da toailete, quando a sra. de Rosemonde e a camareira estavam presentes, mandei entregá-lo por meu criado, com ordem para dizer que aquele era o documento que me pedira. Imaginei que ela recearia a explicação escandalosa exigida por uma recusa. Com efeito, aceitou a carta e meu

embaixador, que tinha ordens para observar seu semblante, e que não enxerga mal, percebeu apenas um leve rubor, mais de embaraço que de raiva.

De modo que festejei o fato de que ela ficaria com a carta ou, se quisesse devolvê-la, teria de se encontrar a sós comigo, o que me daria a oportunidade de falar-lhe. Cerca de uma hora mais tarde, um de seus criados entra em meu quarto e me entrega, da parte de sua patroa, um pacote de formato diferente do meu, em cujo envelope reconheci a tão ansiada caligrafia. Abro apressadamente... Era minha própria carta, não deslacrada, dobrada ao meio. Desconfio que o receio de que eu fosse menos sensível que ela ao escândalo é que a levou a recorrer a essa astúcia diabólica.

Você me conhece, nem preciso descrever minha fúria. Tive, porém, de recobrar meu sangue-frio e pensar em outras soluções. Eis a única que encontrei.

Toda manhã, vai alguém daqui buscar as cartas no correio, que fica a cerca de três quartos de légua. Para tanto, utiliza-se uma caixa fechada, parecida com uma caixa de esmolas, de que o agente do correio tem uma chave, e a sra. de Rosemonde, outra. Cada um deposita ali suas cartas a qualquer hora do dia. São levadas à noitinha para o correio, onde, na manhã seguinte, vai-se buscar as que chegaram. Todos os criados, sejam eles da casa ou das visitas, se revezam nessa tarefa. Não era a vez de meu criado, mas ele se ofereceu, a pretexto de que tinha algo a fazer para aqueles lados.

Escrevi, portanto, minha carta. Disfarcei minha caligrafia ao escrever o endereço, e reproduzi bastante bem, no envelope, o selo de Dijon. Escolhi essa cidade por achar mais divertido, uma vez que pleiteava assim os mesmos direitos do marido, ao escrever do mesmo lugar; e também porque minha bela passara o dia falando do desejo que sentia de receber cartas de Dijon. Pareceu-me justo proporcionar-lhe esse prazer.

Uma vez tomadas essas precauções, foi fácil juntar a carta às demais. Outra vantagem desse expediente era eu poder testemunhar a recepção, já que o costume aqui é de nos reunirmos ao desjejum e aguardarmos a chegada das cartas antes de nos dispersarmos. Estas chegaram afinal.

A sra. de Rosemonde abriu a caixa. “De Dijon”, disse, entregando a carta à sra. de Tourvel. “Não é a letra de meu marido”, retrucou esta em tom preocupado, rompendo ansiosamente o lacre. Um olhar bastou para

esclarecê-la. Então seu semblante se transtornou a tal ponto que a sra. de Rosemonde percebeu e indagou: “O que houve?”. Acerquei-me também, dizendo: “Essa carta será assim tão terrível?”. A tímida devota não ousava erguer os olhos, não dizia palavra, e, para disfarçar seu embaraço, fingia percorrer a epístola, que não estava em condições de ler. Eu saboreava sua perturbação e, não achando ruim aticá-la mais um pouco: “Seu ar já mais tranquilo”, acrescentei, “faz-me esperar que esta carta lhe causou mais espanto que dor”. A fúria então a inspirou melhor do que o faria a prudência. “Ela contém”, respondeu, “coisas que me ofendem, e estou surpresa que alguém tenha ousado escrevê-la.” “De quem se trata?”, interrompeu a sra. de Rosemonde. “Não está assinada”, respondeu a bela furiosa. “Mas tanto a carta quanto seu autor me inspiram igual desprezo. Seria um favor não se tocar mais nesse assunto.” A essas palavras, rasgou a atrevida missiva, guardou os pedaços no bolso, levantou-se e saiu.

Apesar dessa raiva toda, não deixa de estar com minha carta; e confio em sua curiosidade, que a terá levado a lê-la por inteiro.

Contar os fatos do dia seria demasiado longo. Junto deste relato os rascunhos de minhas duas cartas, assim saberá tanto quanto eu. Se quiser acompanhar minha correspondência, terá de acostumar-se a decifrar minhas minutas: nada do mundo me faria enfrentar o tédio de tornar a copiá-las. Adeus, bela amiga.

De..., neste 25 de agosto de 17**.

CARTA 35
DO VISCONDE DE VALMONT
À PRESIDENTA DE TOURVEL

Preciso obedecer-lhe, senhora, preciso provar que, em meio aos erros que faz questão de me atribuir, resta-me pelo menos delicadeza suficiente para não me permitir criticá-la e suficiente coragem para me impor os mais penosos sacrifícios. Ordena-me o silêncio e o esquecimento! Pois bem! Forçarei o amor a calar-se; e esquecerei, se possível for, a maneira cruel com que o acolheu. O desejo de agradar-lhe não me dava, decerto, esse direito; também confesso que a necessidade que tinha de sua indulgência não constituía uma razão para obtê-la. Mas a senhora, que vê em meu

amor um ultraje, esquece que seria, caso esse amor fosse um erro, tanto sua causa como sua desculpa. Esquece também que, acostumado a abrir-lhe minha alma, mesmo quando essa confiança podia me ser prejudicial, já não me era possível dissimular-lhe os sentimentos por que estou tomado; e o que era obra de minha boa-fé a senhora vê como fruto do atrevimento. Em paga do amor mais terno, mais respeitoso, mais verdadeiro, rechaça-me para longe de si. Fala-me, enfim, de seu ódio... Quem não se queixaria de ser tratado assim? Só eu me submeto; suporto tudo e não reclamo; a senhora bate e eu adoro. O inconcebível poder que exerce sobre mim a torna senhora absoluta de meus sentimentos, e se apenas meu amor lhe resiste, se não consegue destruí-lo, é por ser obra sua, não minha.

Não peço uma reciprocidade com a qual nunca me iludi. Não aspiro sequer à compaixão que o interesse que às vezes demonstrou por mim poderia me levar a esperar. Mas, confesso, creio poder pleitear sua justiça.

Disse-me, senhora, que tentaram denegrir-me a seus olhos. Caso tivesse dado ouvidos a seus amigos, não teria sequer permitido que me aproximasse de si: são essas as suas palavras. Que amigos solícitos serão esses? Essas pessoas tão severas, e de tão rígida virtude, decerto consentem em ser nomeadas; decerto não irão querer se ocultar numa sombra que as confundiria com vis caluniadores; e eu não desconhecerei nem seus nomes nem suas acusações. Reflita, senhora, que tenho o direito de saber ambas as coisas, uma vez que é por essas pessoas que me julga. Não se condena um réu sem apontar-lhe o crime, sem nomear seus acusadores. Não peço nenhuma outra mercê, e comprometo-me desde já a justificar-me, a obrigá-los a se desdizer.

Eu talvez tenha desdenhado em demasia os vãos clamores de gente que pouco me importa, mas o mesmo não se dá com sua estima; e, uma vez que consagro minha vida a merecê-la, não vou deixar que a arrebatem impunemente. Torna-se tão mais preciosa para mim porque a ela deverei, sem dúvida, esse pedido que a senhora não ousa fazer-me e que me daria, em suas palavras, direito a sua gratidão. Ah! Longe de exigir sua gratidão, eu é que lhe seria grato se me desse a oportunidade de ser-lhe agradável. Comece, pois, a ser mais justa comigo, não mais me deixando ignorar o que deseja de mim. Se pudesse adivinhá-lo, iria poupar-lhe o trabalho de dizer-me. Ao prazer de vê-la, acrescente a alegria de servi-la, e estarei feliz com sua indulgência. O que poderá detê-la? Não será, espero, o medo de uma recusa? Isso eu sinto que não lhe perdoaria. Não é uma recusa eu não

lhe devolver sua carta. Desejo, mais que a senhora mesma, que ela não me seja mais necessária. Habitado, porém, a julgar sua alma tão doce, só nesta carta posso vê-la tal como quer parecer. Quando expresso o desejo de sensibilizá-la, esta carta me diz que, antes de consentir, a senhora fugiria a cem léguas de distância; quando tudo na senhora aumenta e justifica meu amor, ela é que mais uma vez me repete que meu amor a ultraja; e, quando, ao vê-la, esse amor se me afigura o bem supremo, preciso lê-la para sentir que ele não passa de um terrível tormento. Pode então compreender que minha maior alegria seria poder devolver-lhe esta carta fatal. Pedi-la novamente seria autorizar-me a não mais acreditar no que ela contém. A senhora não nutre nenhuma dúvida, espero, quanto a minha prontidão em devolvê-la.

De..., neste 21 de agosto de 17**.

CARTA 36
DO VISCONDE DE VALMONT
À PRESIDENTA DE TOURVEL
(TIMBRADA EM DIJON)

Sua severidade, senhora, aumenta a cada dia e, atrevo-me a dizer, parece ter menos receio de ser injusta do que de ser indulgente. Depois de ter me condenado sem me ouvir, deve ter sentido, com efeito, que seria mais fácil não ler meus argumentos do que refutá-los. Recusa minhas cartas com obstinação; devolve-as com desprezo. Obriga-me, enfim, a recorrer à astúcia, quando justamente meu único objetivo é convencê-la de minha boa-fé. A necessidade em que me colocou de defender-me bastará sem dúvida para justificar meus meios. Convencido, aliás, pela sinceridade de meus sentimentos, de que para justificá-los a seus olhos bastaria fazer com que os conhecesse bem, julguei poder permitir-me esse ligeiro desvio. Por outro lado, ousou crer que irá perdoar-me por isso, e que pouco a surpreenderá o amor ser mais engenhoso para se mostrar do que a indiferença para rechaçá-lo.

Permita, portanto, que meu coração se desvende inteiramente à senhora. Ele lhe pertence, é justo que o conheça.

Ao chegar à casa da sra. de Rosemonde, estava bem longe de prever o

destino que me aguardava. Ignorava que se encontrava aqui; e acrescentaria, com a franqueza que me caracteriza, que mesmo que o soubesse isso não abalaria minha segurança. Não que não rendesse a sua beleza a justiça que não se lhe pode recusar. Acostumado, porém, a não experimentar senão desejos, a não me entregar senão àqueles estimulados pela esperança, desconhecia os tormentos do amor.

Foi a senhora testemunha da insistência da sra. de Rosemonde para que eu permanecesse algum tempo em sua casa. Eu já havia passado um dia com a senhora. Entreguei-me tão somente, ou pelo menos julguei entregar-me, ao prazer, tão natural e legítimo, de manifestar deferência por uma respeitável parenta. O tipo de vida que levávamos aqui diferia muito, sem dúvida, daquele a que estava acostumado; não me custou nada adaptar-me a ele e, sem tentar penetrar o motivo da mudança que se operava em mim, eu a atribuí a essa facilidade de temperamento que creio já ter-lhe mencionado.²¹

Desgraçadamente (e por que haverá de ser uma desgraça?), ao conhecê-la melhor, não demorei a perceber que esse rosto encantador, que me impressionara até então, era de suas qualidades a menor; sua alma celeste surpreendeu, seduziu a minha. Admirava a beleza, adorei a virtude. Sem pretender conquistá-la, tratei de merecê-la. Ao pedir sua indulgência pelo passado, ansiava por seu sufrágio no futuro. Buscava-o em suas falas, espreitava-o em seu olhar; nesse olhar que lançava um veneno ainda mais perigoso por se espalhar sem intuito e ser recebido sem desconfiança.

Então conheci o amor. Mas longe de mim me queixar! Decidido a enterrá-lo num eterno silêncio, entreguei-me sem medo e sem reservas a esse delicioso sentimento. E a cada dia aumentava seu domínio. Logo o prazer de vê-la transformou-se em necessidade. Ausentava-se por um instante? Meu coração se apertava de tristeza. Ao ruído que anunciava seu retorno, palpitava de alegria. Eu já não existia senão pela senhora, e para a senhora. Rogo-lhe, no entanto: alguma vez, em meio à alegria de brincadeiras à toa ou ao interesse de uma conversa séria, escapou-me alguma palavra capaz de denunciar o segredo de meu coração?

Chegou afinal o dia em que teria início meu infortúnio; e, por inconcebível fatalidade, foi sinalizado por uma ação honesta. Sim, foi em meio aos infelizes que eu socorrera que, entregando-se à preciosa sensibilidade que torna a própria beleza mais bela e acrescenta mais valor à virtude, a senhora terminou de perder um coração que um excesso de amor

já embriagava. Recordá-se, talvez, da preocupação que tomou conta de mim ao voltar? Eu tentava, ai de mim, lutar contra uma inclinação que sentia tornar-se mais forte que eu.

Foi depois de exaurir minhas forças nesse combate desigual que um acaso, que eu não podia prever, fez com que me encontrasse a sós com a senhora. Então, confesso, sucumbi. Meu coração, já repleto demais, não soube conter suas palavras e lágrimas. Mas será esse um crime? E, se for, já não foi suficientemente punido pelos terríveis tormentos a que estou entregue?

Consumido por um amor sem esperança, imploro por sua compaixão e só deparo com seu ódio. Sem outra felicidade senão a de vê-la, meus olhos procuram-na sem querer, e temo encontrar seu olhar. Na situação cruel a que me reduziu, passo os dias disfarçando minha dor e as noites entregando-me a ela. Ao passo que a senhora, calma e serena, só conhece tais tormentos por ser sua causadora, e congratular-se por isso. Entretanto, a senhora é quem se queixa, e sou eu quem se desculpa.

É este, porém, o relato fiel do que a senhora chama de meus erros, e que talvez fosse mais justo chamar de minha desgraça. Um amor puro e sincero, um respeito que nunca se desmentiu, uma perfeita submissão; tais são os sentimentos que a senhora me inspira. Não hesitaria em ofertá-los à própria Divindade. Ó senhora, que é a mais bela de suas obras, imite-a em sua indulgência! Pense em meu cruel sofrimento; pense sobretudo que, preso pela senhora entre o desespero e a suprema ventura, a primeira palavra que pronunciar decidirá para todo o sempre minha sorte.

De..., neste 23 de agosto de 17**.

CARTA 37

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE VOLANGES

Submeto-me, senhora, aos conselhos oferecidos por sua amizade. Habituada a sempre acatar suas opiniões, também me habituei a confiar que são sempre fundadas na razão. Confesso inclusive que o sr. de Valmont deve ser mesmo extremamente perigoso, se consegue, ao mesmo tempo, fingir ser o que parece ser aqui e seguir sendo tal como a senhora o descreve. Seja como for, já que assim o exige, vou afastá-lo de mim; pelo

menos, farei o possível: não raro, as coisas que deveriam, no fundo, ser as mais simples tornam-se complicadas na prática.

Continua a parecer-me impraticável fazer à tia dele tal pedido, que seria indelicado tanto para ela como para ele. Tampouco tomaria sem certa repugnância a decisão de eu mesma me afastar: além dos motivos que já mencionei relativos ao sr. de Tourvel, se minha partida contrariasse o sr. de Valmont, o que é possível, não seria fácil para ele seguir-me até Paris? E seu retorno, do qual eu seria, ou pelo menos aparentaria ser o motivo, não pareceria ainda mais estranho que um encontro no campo em casa de uma pessoa que é sabidamente parente dele e minha amiga?

Não me resta, portanto, outra solução se não obter dele próprio que aceite se afastar. Sinto que essa proposta é difícil de fazer; contudo, já que ele parece disposto a provar-me que é mais decente do que se supõe, não perco a esperança de conseguir. Gostaria, inclusive, de tentar, e ter assim a oportunidade de verificar se, como ele costuma dizer, as mulheres virtuosas nunca tiveram, e nunca terão motivo para se queixar de seu comportamento. Caso ele parta, como é meu desejo, será por certo em consideração a mim, pois não há dúvida de que sua intenção é passar aqui boa parte do outono. Caso ignore meu pedido e teime em ficar, sempre poderei partir eu mesma, e prometo-lhe que o farei.

Creio que isso é tudo, senhora, que sua amizade exigia de mim. Apresso-me em atendê-la e provar-lhe que, apesar do ímpeto com que possa ter defendido o sr. de Valmont, nem por isso estou menos disposta, não só a ouvir, como também a seguir os conselhos de meus amigos.

Tenho a honra de ser etc.

De..., neste 25 de agosto de 17**.

CARTA 38

DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Seu pacote imenso chegou neste instante, meu caro visconde. Estando certa a data, deveria tê-lo recebido vinte e quatro horas atrás. Seja como for, se tomasse tempo para lê-lo, já não teria de responder-lhe. De modo que prefiro apenas acusar seu recebimento, e iremos falar de outra coisa. Não

que eu tenha, por minha vez, algo para lhe contar; o outono não deixa em Paris quase nenhum homem com aparência humana: assim que tenho estado, de um mês para cá, mortalmente comportada, e qualquer outro que não meu cavaleiro já estaria cansado das provas de minha constância. Sem ter com que me ocupar, distraio-me com a menina Volanges; e é sobre ela que quero lhe falar.

Sabe que perdeu mais do que imagina ao não se incumbir dessa menina? É realmente deliciosa! Não tem caráter nem princípios. Imagine o quanto seria fácil e doce seu convívio. Não creio que ainda venha a brilhar pelo sentimento, mas tudo nela prenuncia as mais intensas sensações. Destituída de inteligência e fineza, possui, no entanto, certa falsidade natural, se posso falar assim, que às vezes a mim mesma surpreende, e que terá tanto mais êxito quanto sua fisionomia exhibe a imagem da candura e da ingenuidade. É naturalmente muito afetuosa, o que às vezes me diverte: sua cabecinha se exalta com incrível facilidade, e ela então se torna tanto mais atraente por não saber nada, absolutamente nada, daquilo que tanto deseja saber. É acometida por impaciências muito engraçadas; ela ri, se frustra, chora, e então pede que eu lhe ensine com uma boa-fé realmente cativante. Quase sinto ciúmes, na verdade, daquele a quem está reservado esse prazer.

Não sei se lhe contei que, de quatro ou cinco dias para cá, tenho a honra de ser sua confidente. Pode imaginar que, de início, me fiz de severa. Mas tão logo percebi que ela julgava ter me persuadido com suas razões tortas, fingi acreditar que eram certas. E ela está intimamente convencida de que deve esse êxito à própria eloquência: tal precaução era necessária para não me comprometer. Permiti que ela escrevesse, e que dissesse *amo*; e, no mesmo dia, sem que ela desconfiasse, arranjei-lhe um tête-à-tête com seu Danceny. Mas, imagine, ele é tão tolo que ainda não lhe arrancou um beijo sequer. E olhe que esse menino escreve versos bastante bons! Deus meu! Como são bobas as pessoas de espírito! Esse aí chega a me confundir, já que afinal a ele não posso orientar!

Neste ponto você me seria muito útil. É suficientemente próximo de Danceny para merecer sua confiança, e, se ele se abrisse uma vez só, seria um bom caminho andado. Avie-se com sua presidenta: afinal, não quero que Gercourt se safe. Ontem, por sinal, falei sobre ele à menina, e tão bem o descrevi que, se estivesse há dez anos casada com ele, não o odiaria tanto. Embora eu muito tenha insistido na fidelidade conjugal: nada iguala minha severidade nesse ponto. Com isso, por um lado reafirmo a seus

olhos minha reputação de virtude, que uma excessiva condescendência poderia abalar; por outro, faço crescer dentro dela o ódio com que quero brindar seu marido. Por fim, espero que, levando-a a acreditar que só lhe é permitido entregar-se ao amor durante o pouco tempo que ainda lhe resta como moça, ela se decida mais depressa a não perder esse momento.

Adeus, visconde. Vou agora, enquanto cuido de minha toalete, ler seu calhamaço.

De..., neste 27 de agosto de 17**.

CARTA 39

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Estou triste e preocupada, minha cara Sophie. Chorei quase a noite inteira. Não que eu não esteja feliz neste momento; mas já prevejo que não irá durar.

Fui ontem à Ópera com a sra. de Merteuil. Conversamos muito sobre meu casamento, e não descobri nada de bom. É com o senhor conde de Gercourt que devo me casar, e isso deverá ser no mês de outubro. Ele é rico, é nobre, é coronel do regimento de... Até aí, está tudo muito bem. Mas, para começar, ele é velho: imagine que tem, no mínimo, trinta e seis anos! Além disso, diz a sra. de Merteuil que ele é triste e sério, e teme que eu não seja feliz com ele. Deu para perceber que ela tem certeza disso, só não queria me dizer para não me afligir. A noite inteira, praticamente só falou nos deveres das mulheres para com os maridos. Admite que o sr. de Gercourt não é nem um pouco amável, ainda assim diz que terei de amá-lo. E não é que disse também que, uma vez casada, não poderei mais amar o cavaleiro Danceny? Como se fosse possível! Ah, garanto-lhe que hei de amá-lo sempre. Sabe, até prefiro não me casar. Que se arranje esse sr. de Gercourt, eu não lhe pedi nada. No momento, encontra-se na Córsega, bem longe daqui; queria que ficasse dez anos por lá. Se não temesse voltar para o convento, diria para minha mãe que não quero esse marido. Mas seria ainda pior. Não sei o que fazer. Sinto que nunca amei tanto o sr. Danceny como agora, e, quando penso que só tenho mais um mês para ser como sou, meus olhos logo se enchem de lágrimas. Meu único consolo é a amizade da sra. de Merteuil. Tem tão bom coração! Partilha todas as

minhas mágoas como se fossem suas. Além disso, é tão amável que, quando estou com ela, nem penso mais nisso tudo. Ela, aliás, tem-me sido muito útil, pois o pouco que sei, foi ela quem ensinou. E é tão bondosa que lhe digo tudo o que penso sem nenhuma vergonha. Quando julga que não está certo, ela às vezes me repreende, mas com delicadeza. Então abraço-a de todo o coração, até que não esteja mais chateada. A ela, pelo menos, poderei amar quanto quiser sem que haja nada de errado nisso, o que me deixa muito feliz. No entanto, combinamos que eu não demonstraria gostar tanto dela na frente das pessoas, principalmente de minha mãe, de modo que ela não suspeite de nada em relação ao cavaleiro Danceny. Asseguro-lhe que se eu pudesse viver sempre como estou vivendo agora, acho que seria muito feliz. O problema é o feioso do sr. de Gercourt!... Mas não quero mais falar sobre ele, pois acabaria ficando triste. Em vez disso, vou escrever ao cavaleiro Danceny, falando apenas de meu amor, e não de minhas mágoas, pois não quero afligi-lo.

Adeus, minha boa amiga. Como vê, não tem motivos para queixar-se: por mais *ocupada* que eu esteja, como diz, nem por isso me falta tempo para amá-la e escrever-lhe.^m

De..., neste 27 de agosto de 17**.

CARTA 40
DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

É pouco, para minha desumana, não responder a minhas cartas, recusar-se a recebê-las; ainda quer privar-me de vê-la, exige que eu me afaste. O que, para você, deve ser mais surpreendente é eu sujeitar-me a tanto rigor. Vai criticar-me. Não achei, no entanto, que devia perder a oportunidade de receber uma ordem dela, convencido, por um lado, de que quem manda se envolve e, por outro, de que a ilusória autoridade que fingimos deixar que as mulheres assumam é uma das armadilhas que elas dificilmente evitam. Além do mais, a habilidade com que esta soube evitar encontrar-se a sós comigo colocou-me numa situação perigosa, de que julguei ter de sair a qualquer custo: pois, estando sempre com ela, sem poder falar-lhe de meu amor, havia o risco de ela se acostumar a me ver sem se perturbar; situação

esta que, você sabe, é difícil reverter.

De resto, pode imaginar que não me sujeitei sem condições. Tive inclusive o cuidado de incluir uma impossível de aceitar, não só para permanecer livre de cumprir ou descumprir minha palavra, como para encetar uma discussão, quer verbal quer por escrito, num momento em que minha bela estiver mais satisfeita comigo, ou precisar que eu o esteja com ela. Sem contar que muito inábil eu seria se não encontrasse um modo de ser compensado por desistir dessa pretensão, por insustentável que seja.

Depois de expor minhas razões nesse longo preâmbulo, dou início ao histórico dos dois últimos dias. Junto, como peças justificativas, envio a carta de minha bela e minha resposta. Você há de convir que poucos narradores são tão precisos quanto eu.

Está lembrada do efeito que causou, anteontem pela manhã, minha carta de Dijon. O restante do dia foi bastante tumultuado. A bela virtuosa só apareceu na hora do almoço, anunciando uma forte enxaqueca, pretexto com que tentou encobrir um dos [mais] violentos acessos de mau humor que uma mulher possa experimentar. Sua fisionomia estava mesmo alterada, a doce expressão que você conhece transformara-se num ar revoltado, criando-lhe uma nova beleza. Conto fazer uso dessa descoberta mais adiante, e substituir vez ou outra a amante terna pela amante revoltada.

Previ que a tarde seria triste e, para evitar o tédio, preteixi cartas a escrever e retirei-me a meus aposentos. Voltei à sala quando deram seis horas. A sra. de Rosemonde sugeriu um passeio, que foi aceito. Na hora de subir no carro, porém, a pretensa enferma, com uma malícia infernal, quem sabe para vingar-se de minha ausência, pretextou por sua vez um recrudescimento da dor, e me fez enfrentar sem dó nem piedade um tête-à-tête com minha velha tia. Não sei se por terem sido atendidas as minhas imprecações contra aquela demônia, mas ao regressar demos com ela acamada.

No dia seguinte, ao desjejum, já não era a mesma mulher. Recobrou a doçura natural, e tive motivos para me julgar perdoado. Mal terminara a refeição, levantou-se a doce criatura com ar indolente e foi para o parque. Segui-a, como pode imaginar. “De onde virá esse desejo de passear?”, perguntei, ao acercar-me. “Escrevi muito esta manhã”, respondeu ela, “e estou com a cabeça um tanto cansada.” “Então não me é dada a ventura”, retruquei, “de culpar-me por esse cansaço?” “De fato, escrevi-lhe”,

respondeu ela, “mas hesito em lhe entregar minha carta. Ela contém um pedido, e o senhor não me habituou a esperar que seja atendido.” “Ah, juro que se me for possível...” “Nada é mais fácil”, interrompeu-me, “e, embora o senhor talvez devesse atendê-lo por justiça, consinto em obtê-lo como favor.” A essas palavras, entregou-me sua carta. Ao pegá-la, peguei também sua mão, que ela retirou, mas sem irritação, antes intimidada do que impaciente. “O calor está mais forte do que pensei”, disse ela. “Preciso voltar.” E retomou o caminho para o castelo. Fiz inúteis esforços para convencê-la a continuar o passeio, e só por lembrar que podíamos ser vistos é que não recorri a mais que simples eloquência. Ela voltou sem dizer palavra, e percebi claramente que aquele falso passeio tivera como único objetivo a entrega de sua carta. Subiu a seus aposentos ao chegar, e eu retirei-me aos meus para ler a epístola, que seria melhor você ler também, assim como minha resposta, antes de prosseguir...

CARTA 41

DA PRESIDENTA DE TOURVEL AO VISCONDE VALMONT

Parece, senhor, a julgar por sua conduta, que só procura aumentar, a cada dia, os motivos de queixa que tenho contra o senhor. Sua insistência em sempre querer me falar sobre um sentimento que não quero nem devo ouvir; o abuso que não hesitou em fazer de minha boa-fé ou de minha timidez para entregar-me suas cartas; e sobretudo o meio, pouco delicado, atrevo-me a dizer, a que recorreu para fazer chegar a última a minhas mãos, sem sequer temer o efeito de uma surpresa que poderia comprometer-me; tudo isso deveria originar, de minha parte, censuras tão ásperas quanto merecidas. Em vez de repisar esses agravos, porém, atenho-me a fazer-lhe um pedido tão simples quanto justo. E, caso seja atendido, consinto em esquecer tudo.

O senhor mesmo me disse que eu não devia temer uma recusa, e, embora, por uma inconseqüência que lhe é característica, essa própria frase seja seguida pela única recusa que poderia me fazer,ⁿ quero crer que não deixará de cumprir hoje a palavra que formalmente me deu tão poucos dias atrás.

Desejo, então, que faça a gentileza de afastar-se de mim, que deixe esse castelo em que uma estada mais prolongada de sua parte só viria me expor

mais ainda ao julgamento de uma sociedade sempre disposta a pensar mal dos outros, e que o senhor tão bem habituou a reparar nas mulheres que o aceitam em seu convívio.

Já de há muito alertada desse perigo por meus amigos, desconsidere, combati inclusive, a opinião deles enquanto sua conduta para comigo permitiu-me acreditar que se dignava a não me confundir com essa multidão de mulheres que teve motivos de queixas contra o senhor. Agora, quando me trata como uma delas, quando já não posso ignorá-lo, devo à sociedade, a meus amigos, a mim mesma, essa decisão necessária. Poderia acrescentar que o senhor nada ganharia em recusar meu pedido, resolvida que estou a partir eu mesma caso insista em ficar. Não é minha intenção, porém, minorar o quanto lhe ficaria a dever por essa gentileza, e quero que saiba que, forçando minha partida, estaria contrariando meus planos. Prove-me então que, como tantas vezes declarou, as mulheres virtuosas nunca terão do que se queixar do senhor; prove-me, pelo menos, que, quando comete erros em relação a elas, sabe repará-los.

Se julgasse necessário justificar meu pedido, diria apenas que o senhor passou a vida tornando-o inevitável, de modo que nunca foi minha intenção vir a formulá-lo. Mas não vou relembrar aqui fatos que desejo esquecer, e que me obrigariam a julgá-lo com rigor num momento em que lhe ofereço a oportunidade de merecer toda a minha gratidão. Adeus, senhor. Sua atitude é que irá me dizer com que sentimentos devo ser, por toda a vida, sua mui humilde etc.

De..., neste 25 de agosto de 17**.

CARTA 42
DO VISCONDE DE VALMONT
À PRESIDENTA DE TOURVEL

Por mais duras que sejam, senhora, as condições que me impõe, não me recuso a cumpri-las. Sinto que me seria impossível contrariar qualquer desejo seu. Posto que concordamos nesse ponto, ousou esperar que irá permitir-me fazer, por minha vez, alguns pedidos, bem mais fáceis de atender do que os seus, embora eu não queira obtê-los senão por minha perfeita submissão a sua vontade.

Um deles, que espero seja solicitado por sua justiça, é que se digne a dizer-me o nome de meus acusadores; causam-me, ao que me parece, um mal suficiente para que eu tenha o direito de saber quem são. O outro, que espero de sua indulgência, é o de consentir que eu reitere, vez ou outra, a homenagem de um amor que, mais que nunca, irá merecer sua compaixão.

Considere, senhora, que me apresso em obedecer-lhe, mesmo que só possa fazê-lo à custa de minha felicidade e, digo mais, apesar de estar convencido de que deseja minha partida tão somente para poupar-se da visão, sempre penosa, do objeto de sua injustiça.

Há de convir, senhora, que se sente antes incomodada pela presença de um homem a quem é mais fácil punir que censurar do que receosa de uma sociedade já demasiado afeita a respeitá-la para ousar julgá-la desfavoravelmente. Afasta-me como quem desvia o olhar de um infeliz que não quer socorrer.

Enquanto a ausência redobrar meus tormentos, porém, a quem mais poderei dirigir meus lamentos, senão à senhora? De quem mais posso esperar um consolo que me será tão necessário? Irá recusá-lo, mesmo sendo a única causadora de minhas mágoas?

Tampouco irá surpreender-se, decerto, se, antes de partir, eu insistir em justificar a seus olhos os sentimentos que me inspirou; e se só tiver coragem de afastar-me ao receber essa ordem de seus lábios.

Esse duplo motivo me leva a pedir-lhe um breve encontro. Seria inútil tentar substituí-lo por cartas — escrevem-se volumes inteiros e explica-se mal o que se pode tornar claro em quinze minutos de conversa. Encontrará facilmente um tempo a conceder-me, pois por maior que seja minha pressa em obedecer-lhe, sabe que a sra. de Rosemonde está ciente de meus planos de passar com ela uma parte do outono, e terei de esperar no mínimo a chegada de alguma carta para poder pretextar algum negócio que me obrigue a partir.

Adeus, senhora. Nunca essa palavra custou-me tanto a escrever como neste momento em que me traz a ideia de nossa separação. Se pudesse imaginar o quanto ela me faz sofrer, atrevo-me a pensar que reconheceria um pouco de minha docilidade. Queira pelo menos aceitar, com mais indulgência, o penhor e a homenagem do mais terno e respeitoso amor.

De..., neste 26 de agosto de 17**.

CONTINUAÇÃO DA CARTA 40
DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

E agora, bela amiga, raciocinemos. Percebe, tão bem quanto eu, que a escrupulosa, a honesta sra. de Tourvel não pode atender a meu primeiro pedido e trair assim a confiança de seus amigos dando-me o nome de meus acusadores. Assim, tudo prometendo sob essa condição, não me comprometo. Mas percebe igualmente que essa recusa da parte dela irá tornar-se um trunfo para que eu obtenha todo o restante; de modo que ganho, ao me afastar, o direito de manter com ela, e com seu consentimento, uma correspondência regular. Pois espero muito pouco do encontro que solicito, e que não tem quase outro objetivo senão o de acostumá-la desde já a não recusar algum outro quando for de fato necessário.

A única coisa que me resta a fazer antes de minha partida é saber quem são as pessoas que têm tratado de prejudicar-me aos olhos dela. Suponho que seja o pedante de seu marido; gostaria que fosse, pois, além da proibição conjugal atizar o desejo, estarei seguro, assim que minha bela consentir em me escrever, de não ter mais nada a temer por parte do marido, uma vez que ela já se veria na necessidade de enganá-lo.

Se ela tiver, porém, uma amiga íntima o bastante para receber suas confidências, e que essa amiga estiver contra mim, parece-me necessário instaurar a desavença entre elas, o que pretendo conseguir. Mas, antes de mais nada, preciso estar informado.

Cheguei a pensar que o estaria ainda ontem, mas essa mulher não faz nada como as outras. Estávamos em seus aposentos no momento em que vieram avisar que o almoço estava servido. Ela mal acabara sua toalete, e, enquanto se apressava e se desculpava, reparei que deixara a chave no secretário; e eu já conhecia seu hábito de não tirar da porta a chave de seu quarto. Refletia a respeito durante o almoço, quando ouvi que descia sua camareira. Decidi no ato: fingi estar com um sangramento no nariz e saí. Corri até o secretário, mas encontrei todas as gavetas abertas, e nenhum papel escrito. Não temos, porém, a oportunidade de queimar nada nesta casa. O que ela faz com as cartas que recebe? E recebe tantas! Não descuidei de nada; estava tudo aberto, e procurei por todo canto. Mas não ganhei nada com isso, a não ser a certeza de que o precioso depósito fica

guardado em seus bolsos.

Como tirá-lo de lá? Desde ontem venho pensando em uma maneira de fazer isso, em vão. Mas não consigo renunciar a esse desejo. Lamento não possuir o talento dos gatunos. Isso não deveria, em verdade, fazer parte da educação de um homem que se envolve em intrigas? Não seria divertido surrupiar a carta ou o retrato de um rival, ou tirar dos bolsos de uma virtuosa o necessário para desmascará-la? Nossos pais, porém, não pensam direito; e eu, por mais que pense em tudo, não faço mais que perceber que sou inábil, sem poder remediar esse fato.

Seja como for, voltei a sentar-me à mesa, bastante aborrecido. Minha bela, porém, serenou um pouco meu humor pelo interesse que expressou por minha falsa indisposição. Não perdi a oportunidade de declarar que vinha, de uns tempos para cá, sendo acometido por fortes agitações que abalavam minha saúde. Convencida, como está, de ser a causa dessas perturbações, não deveria ela, em sã consciência, tratar de serená-las? Mas, embora devota, é pouco caridosa, recusa qualquer esmola amorosa, e tal recusa em si é suficiente, parece-me, para legitimar seu furto. Enfim, adeus. Pois, enquanto converso com você, só consigo pensar nessas malditas cartas.

De..., neste 27 de agosto de 17**.

CARTA 43
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Por que procura, senhor, diminuir minha gratidão? Por que só aceita obedecer pela metade, e negociar, de certa forma, uma atitude correta? Então não lhe basta que eu reconheça seu valor? Não só está a me pedir muito, como pede coisas impossíveis. Com efeito, se meus amigos me falaram do senhor, só o fizeram movidos pelo interesse que têm por mim: estivessem eles enganados, ainda assim sua intenção seria boa. E o senhor propõe que eu retribua esse sinal de amizade da parte deles quebrando seu sigilo! Já foi um erro mencionar-lhe o assunto, como o senhor bem o demonstra neste momento. O que com outra pessoa não passaria de candura com o senhor se torna leviandade, e me conduziria à perfídia caso

eu cedesse a seu pedido. Faço apelo ao senhor mesmo, a sua honestidade. Julgou-me capaz de tal atitude? Precisava me fazer tal proposta? Decerto que não. E estou certa de que, refletindo melhor, não irá insistir nesse pedido.

Esse outro que me faz, de escrever-me, não é muito mais fácil de atender e, se quiser ser justo, não é comigo que irá se aborrecer. Não é meu desejo ofendê-lo, mas com a reputação que construiu para si, e que é, como o senhor mesmo reconhece, merecida pelo menos em parte, que mulher poderia confessar manter uma correspondência consigo? E que mulher virtuosa poderá optar por fazer algo que seria obrigada a esconder?

Se pelo menos eu tivesse a certeza de que o teor de suas cartas nunca me daria motivo de queixa, que eu sempre pudesse justificar para mim mesma o fato de as ter recebido! Talvez então o desejo de provar-lhe que sou guiada pela razão, e não pelo ódio, levasse-me a relevar essas importantes considerações e fazer muito mais que deveria, permitindo que o senhor me escrevesse vez ou outra. Se de fato o deseja tanto quanto diz, irá submeter-se de bom grado à única condição que me permitiria consenti-lo; e, se tiver alguma gratidão por aquilo que faço pelo senhor neste momento, não irá mais adiar sua partida.

Permita-me observar, a esse respeito, que o senhor recebeu, esta manhã, uma carta, e ainda não aproveitou para anunciar sua partida à sra. de Rosemonde, como prometera. Espero que a partir de agora nada irá impedi-lo de cumprir com sua palavra. Confio, sobretudo, que não irá esperar, para tanto, o encontro que me pediu, ao qual não quero absolutamente me prestar; e que, em vez da ordem que afirma lhe ser necessária, contente-se com o pedido que aqui reitero.

Adeus, senhor.

De..., neste 27 de agosto de 17**.

CARTA 44

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Compartilhe de minha alegria, bela amiga: sou amado, triunfei sobre este coração rebelde. Em vão ele ainda dissimula, minha acertada astúcia surpreendeu-lhe o segredo. Graças a meu empenho, sei tudo o que me

interessa saber. Desde a noite, a ditosa noite de ontem, estou novamente em meu elemento, reassumi minha existência; desvendi um duplo mistério de amor e iniquidade: hei de desfrutar de um e vingar-me do outro; irei de prazer em prazer. Essa simples ideia me entusiasma a tal ponto que sinto certa dificuldade em manter a prudência, e talvez sinta alguma para ordenar o relato que preciso lhe fazer. Mas vou tentar.

Ontem mesmo, depois de escrever-lhe, recebi uma carta da celeste devota, que lhe envio. Verá que ela me concede, o menos desajeitadamente possível, a permissão de escrever-lhe. Mas também insiste em minha partida, e eu sabia que não poderia adiá-la por muito mais tempo sem prejudicar a mim mesmo.

Atormentado, porém, pelo desejo de saber quem poderia ter escrito contra mim, ainda estava incerto quanto à atitude a adotar. Tentei obter ajuda da camareira, pedindo-lhe que me entregasse o conteúdo dos bolsos de sua patroa, que ela podia facilmente pegar à noite e devolver tranquilamente pela manhã sem despertar suspeita alguma. Ofereci dez luíses por esse pequeno serviço, mas deparei com uma mulher pudorosa, escrupulosa ou tímida, que nem minha eloquência nem meu dinheiro lograram convencer. Ainda a estava exortando quando deu a hora do jantar. Força foi deixá-la, já satisfeito por ela prometer-me guardar segredo, coisa com a qual não contava, como pode imaginar.

Nunca me senti tão irritado. Percebia que tinha me exposto, e passei a noite recriminando-me por minha imprudente atitude.

Recolhido em meus aposentos conversei, não sem alguma preocupação, com meu criado, que, em sua qualidade de amante correspondido, merecia algum crédito. Queria que ele convencesse a moça a fazer o que eu pedira, ou pelo menos que garantisse sua discrição. Mas ele, que em geral não duvida de nada, pareceu duvidar do êxito dessa negociação e fez, a respeito, uma observação que me espantou por sua profundidade.

“O senhor decerto sabe melhor que eu”, disse ele, “que dormir com uma mulher significa apenas levá-la a fazer o que ela quer. Daí a levá-la a fazer o que a gente quer, vai muitas vezes uma grande distância.”

O bom senso do tratante às vezes me apavora.º

“E tampouco respondo muito por ela”, acrescentou, “porque tenho motivos para achar que tem um amante, e se estou com ela é graças somente ao tédio que reina no interior. Assim, não fosse meu zelo em servi-lo, eu a teria tido uma vez só.” (Esse rapaz é um verdadeiro tesouro!)

“Quanto ao sigilo”, acrescentou ainda, “de que adianta fazê-la prometer, se ela não perde nada em enganar-nos? Tocar novamente no assunto só lhe confirmaria o quanto ele é importante, instigando-a mais ainda a usá-lo para agradar a patroa.”

Quanto mais acertadas eram essas observações, mais crescia meu embaraço. Por sorte, o danado estava falante; e como precisasse dele, deixei que falasse. Ao contar-me seu caso com essa moça, informou-me que, uma vez que o quarto dela é separado do quarto de sua patroa por uma simples divisória, que deixa filtrar qualquer ruído suspeito, no quarto dele é que se encontram toda noite. Concebi imediatamente meu plano, que lhe comuniquei, e que executamos com êxito.

Esperei até as duas horas da manhã, e então, como combinado, fui até o quarto do encontro, levando uma lâmpada, a pretexto de que tocara várias vezes a campainha em vão. Meu confidente, que representa maravilhosamente bem seus papéis, fez uma pequena encenação de surpresa, desespero e desculpas, a que pus fim mandando-o aquecer água, de que fingi precisar. Enquanto isso, a escrupulosa camareira mostrava-se envergonhadíssima, mesmo porque o danado, querendo aperfeiçoar meu plano, convencera-a a usar trajes que aquela estação do ano permitia, mas não justificava.

Percebendo que, quanto mais humilhada se sentisse a moça, mais fácil seria para mim manipulá-la, não permiti que mudasse de posição ou vestimenta e, tendo ordenado a meu criado que me esperasse em meu quarto, sentei-me ao lado dela na cama, a qual estava em completa desordem, e dei início à conversa. Precisava manter a ascendência que as circunstâncias me davam sobre ela. De modo que conservei um sangue-frio digno da continência de Cipião²² e, sem tomar com ela a menor liberdade, a que seu viço e a ocasião pareciam lhe dar direito de esperar, falei de negócios tão tranquilamente como o faria com um procurador.

Minhas condições foram que eu manteria absoluto sigilo desde que, no dia seguinte, mais ou menos àquela mesma hora, ela me entregasse o conteúdo dos bolsos de sua patroa. “Além disso”, acrescentei, “eu ontem lhe ofereci dez luíses; torno a prometê-los hoje. Não quero abusar de sua situação.” Ficou tudo combinado, como pode imaginar; então me retirei, permitindo ao feliz casal que recuperasse o tempo perdido.

Meu tempo empreguei a dormir e, ao acordar, precisando de um pretexto para não responder à carta de minha bela antes de ter percorrido seus

papéis, o que só poderia fazer na noite seguinte, resolvi ir à caça, no que passei quase o dia inteiro.

Ao voltar, fui recebido um tanto friamente. Tenho motivos para crer que se sentiu um pouco ofendida por meu empenho em aproveitar o tempo que me restava, principalmente após a carta mais doce que já tinha me escrito. Assim é que interpreto minha bela ter comentado com certo azedume à censura que me fez a sra. de Rosemonde por minha longa ausência: “Ora, não censuremos o senhor de Valmont por se entregar ao único prazer que encontra por aqui”. Queixei-me dessa injustiça, e aproveitei para garantir que tanto me agradava a companhia das senhoras que por elas sacrificava uma carta interessantíssima que precisava escrever. Acrescentei que, não conseguindo conciliar o sono havia várias noites, minha intenção tinha sido ver se o cansaço poderia restituí-lo. E meus olhares explicavam suficientemente tanto o assunto de minha carta como o motivo de minha insônia. Tive o cuidado de ostentar a noite toda uma melancólica doçura, que me pareceu ser bem-sucedida, e por trás da qual dissimulava minha impaciência em esperar pelo segredo que ela teimava em me esconder. Separamo-nos finalmente e, pouco depois, a fiel camareira trouxe-me o prêmio combinado por minha discrição.

Uma vez de posse do tesouro, procedi ao inventário com a cautela que você conhece, pois era importante repor tudo no lugar. Topei primeiro com duas cartas do marido, mescla indigesta de detalhes de processos e tiradas de amor conjugal, que tive a paciência de ler por inteiro e nas quais não encontrei uma palavra sequer que me dissesse respeito. Tornei a guardá-las com mau humor, mas este serenou quando vi, sob minha mão, os fragmentos de minha famosa carta de Dijon cuidadosamente colados. Felizmente, tive o capricho de percorrê-la. Imagine minha alegria ao perceber os vestígios, bem distintos, das lágrimas de minha adorável devota. Confesso que cedi a um impulso de menino e beijei a carta com um arrebatamento de que já não me julgava capaz. Prossegui com o grato exame. Encontrei todas as minhas cartas agrupadas, em ordem cronológica. E o que me surpreendeu mais agradavelmente ainda foi deparar com a primeira de todas, a que eu julgava ter sido devolvida pela ingrata, fielmente copiada de seu punho, com uma letra alterada e trêmula que bem atestava o doce alvoroço de seu coração durante a tarefa.

Até então, estivera todo entregue ao amor; este não demorou a dar lugar à ira. Quem você julga que quer prejudicar-me aos olhos dessa mulher que

adoro? Que fúria supõe você ser suficientemente má para tramar tamanha perfídia? Você a conhece: é sua amiga, sua parenta, é a sra. de Volanges. Não pode imaginar que teia de horrores a infernal megera escreveu a meu respeito. Foi ela, apenas ela, quem perturbou a tranquilidade dessa angélica mulher. Por causa de seus conselhos, de suas opiniões perniciosas, é que me vejo obrigado a afastar-me; a ela, enfim, é que sou sacrificado. A filha dela deve, sem dúvida, ser seduzida. Mas isso só não basta, deve ser perdida. E já que a idade dessa maldita a protege de meus golpes, cabe feri-la no objeto de seu afeto.

Então ela quer que eu volte para Paris! Força-me a isso! Pois bem, vou voltar; mas ela ainda há de lamentar meu regresso. Incomoda-me ser Danceny o herói dessa aventura: tem um fundo de honestidade que irá nos atrapalhar. Está apaixonado, porém, e vejo-o com frequência, talvez possamos tirar partido disso. Deixei-me dominar pela ira, e já ia esquecendo que ainda lhe devo o relato do que aconteceu hoje. Voltando.

Pela manhã, revi minha sensível virtuosa. Nunca a achara tão linda. Era para ser assim: o mais belo momento de uma mulher, o único em que ela é capaz de suscitar essa embriaguez da alma, de que tanto se fala e que tão raramente se sente, é este em que, certos de seu amor, não o estamos de seus favores. E era exatamente essa a situação em que eu me encontrava. Talvez também a ideia de que ficaria privado do prazer de vê-la contribuísse para torná-la mais linda. Por fim, à chegada da correspondência, entregaram-me sua carta do dia 27. Enquanto a lia, ainda hesitava em manter ou não minha palavra. Mas meus olhos encontraram os de minha bela, e me seria impossível negar-lhe qualquer coisa.

De modo que anunciei minha partida. Instantes depois, a sra. de Rosemonde nos deixou a sós. Mas ainda me encontrava a quatro passos de distância da arisca criatura, quando ela se levantou com um ar apavorado: “Deixe-me, senhor, deixe-me”, disse ela. “Pelo amor de Deus, deixe-me.” Essa súplica fervorosa, que revelava sua emoção, só podia me animar mais ainda. Já estava junto dela e segurava suas mãos, que ela unira num gesto absolutamente tocante, já começava a emitir ternos lamentos, quando um demônio inimigo trouxe a sra. de Rosemonde de volta. A tímida devota, que de fato tem motivos para temer, aproveitou para se retirar.

Ofereci-lhe, no entanto, a mão que ela aceitou e, pressagiando algo bom daquela doçura, que havia tempos ela não demonstrava, enquanto reiterava meus lamentos procurei segurar a sua. Ela de início tentou retirá-

la. Mas, a uma maior insistência minha, entregou-se de bom grado, embora sem retribuir o gesto nem responder a minhas palavras. Chegando à porta de seus aposentos, tentei beijar essa mão antes de despedir-me. Num primeiro momento, defendeu-se claramente. Mas um *considere que estou de partida*, proferido com toda a ternura, deixou-a sem jeito e insegura. Mal o beijo foi dado, a mão recobrou sua firmeza e escapuliu, a bela entrou em seu quarto, onde estava sua camareira. Termina aqui minha história.

Como presumo que irá amanhã em casa da marechala de..., onde decerto não irei a seu encontro; como também desconfio que em nossa primeira conversa teremos mais de um assunto a tratar, notadamente o da menina Volanges, que não perco de vista, achei por bem enviar-lhe antes esta carta. Por mais extensa que seja, só a fecharei no momento de mandá-la ao correio, pois, no ponto em que estou, tudo pode depender de uma ocasião. E despeço-me para ir espreitá-la.

p.s. — Às oito horas da noite.

Nada de novo; nem um instante sequer de liberdade; esforço, inclusive, para evitá-lo. Tanta tristeza, porém, quanto o permita a decência. Outro fato que pode não ser indiferente é que fui incumbido de transmitir à sra. de Volanges um convite da sra. de Rosemonde para que venha passar algum tempo com ela no campo.

Adeus, bela amiga. Até amanhã, ou depois de amanhã ao mais tardar.

De..., neste 28 de agosto de 17**.

CARTA 45

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE VOLANGES

O sr. de Valmont partiu esta manhã. A senhora parecia ansiar tanto por essa partida, que julguei ser meu dever informá-la. A sra. de Rosemonde sente muito a falta do sobrinho, cujo convívio, há que convir, é de fato agradável: passou a manhã falando-me sobre ele com a sensibilidade que lhe conhece. Não se cansava de elogiá-lo. Julguei dever-lhe a gentileza de escutar sem contradizê-la, mesmo porque força é reconhecer que tinha razão em muitos aspectos. Sentia-me, além disso, responsável por essa

separação, e não creio poder compensá-la pelo prazer de que a privei. Sabe que sou, por natureza, pouco alegre, e o estilo de vida que vamos levar aqui não contribui para me animar.

Não tivesse eu agido seguindo seus conselhos, recearia ter me comportado de forma um tanto leviana, uma vez que realmente mortificou-me a tristeza de minha respeitável amiga: tocou-me a tal ponto que de bom grado mesclaria minhas lágrimas às dela.

Vivemos agora na expectativa de que irá aceitar o convite, que o sr. de Valmont deve transmitir-lhe, da parte da sra. de Rosemonde, para vir passar uma temporada aqui com ela. Espero que não duvide do prazer que seria, para mim, revê-la. E, na verdade, a senhora me deve essa compensação. Ficaria encantada ante a oportunidade de conhecer em breve a srta. de Volanges, assim como de convencê-la sempre mais de meus respeitosos sentimentos etc.

De..., neste 29 de agosto de 17**.

CARTA 46

DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE DE VOLANGES

O que terá acontecido, minha adorável Cécile? O que pode ter causado essa mudança tão brusca e cruel? O que é feito de suas juras de nunca mudar? Ainda ontem as reiterava com tanto prazer! Quem, hoje, pode ter feito com que as esquecesse? Por mais que me examine, não logro encontrar a causa em mim mesmo, e é terrível para mim procurá-la em você. Ah! Decerto não é leviana, nem falsa, e mesmo neste momento de desespero uma suspeita ultrajante não há de macular minha alma. Por que fatalidade, contudo, não é mais a mesma? Não, cruel, não é mais a mesma! A terna Cécile, a Cécile que eu adoro, cujas juras recebi, não evitaria meus olhares, não iria contrariar o feliz acaso que me colocou a seu lado; e, se algum motivo que não posso imaginar a forçasse a tratar-me com tamanho rigor, ao menos não deixaria de informar-me.

Ah! Não sabe, nunca há de saber, minha Cécile, o quanto hoje me fez sofrer, o quanto ainda sofro neste exato instante. Então acredita que eu possa viver sem ser amado por você? No entanto, quando pedi que dissesse uma palavra, uma só, para dissipar meus receios, em vez de responder-me,

fingiu ter medo de ser ouvida. E fez com que tal obstáculo, que não existia, passasse a existir pelo lugar em que escolheu se colocar naquele círculo. Quando, obrigado a deixá-la, perguntei a que horas poderia revê-la no dia seguinte, fingiu não saber, e a sra. de Volanges é quem teve de informar-me. Assim, esse momento sempre ansiado que deve me acercar de você, amanhã só me trará preocupação; e o prazer de vê-la, até hoje tão caro a meu coração, será substituído pelo medo de ser-lhe importuno.

Já agora, sinto esse temor me deter e não ousar falar-lhe de meu amor. Pois este *eu a amo* que eu tanto gostava de repetir quando podia ouvi-lo de volta, essas palavras tão doces que bastavam para minha felicidade, não oferecem mais, se você está mudada, que a imagem de um eterno desespero. Não posso acreditar, porém, que esse talismã do amor tenha perdido todo o seu poder, e ainda tento recorrer a ele. Sim, minha Cécile, *eu a amo*. Repita comigo, pois, essa expressão de minha felicidade. Pense que me acostumou a ouvi-la, e que privar-me dela significa condenar-me a um tormento que, tal como meu amor, só terá fim com minha vida.

De..., neste 29 de agosto de 17**.

CARTA 47

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Ainda não será hoje que poderei vê-la, bela amiga, e eis aqui meus motivos, que lhe peço para acolher com indulgência.

Ontem, em vez de voltar diretamente, fiz uma parada no castelo da condessa de..., que ficava praticamente no caminho, e a quem pedi que me recebesse para o almoço. Só cheguei a Paris por volta das sete horas, e fui à Ópera, onde esperava que você pudesse estar.

Terminada a ópera, fui ao saguão procurar minhas amigas; lá encontrei minha velha Émilie, cercada por numerosa corte, tanto de homens como de mulheres, aos quais oferecia naquela mesma noite um jantar em P... Mal ingressei na roda, fui, por aclamação, convidado a esse jantar, inclusive por um sujeito baixinho e gordinho que me arranhou um convite em francês da Holanda, e no qual reconheci o verdadeiro herói da festa. Aceitei.

Fui informado, durante o caminho, que a casa para onde íamos era a paga acertada dos favores de Émilie àquela figura grotesca, e que o jantar

representava um legítimo banquete nupcial. O homenzinho não cabia em si de alegria, na expectativa do prazer que estava por desfrutar; pareceu-me tão satisfeito que tive vontade de perturbar esse prazer, o que de fato fiz.

Minha única dificuldade foi convencer Émilie, tornada um tanto escrupulosa pela riqueza do burgomestre. Prestou-se, contudo, depois de alguma relutância, a meu plano de encher de vinho aquele pequeno barril de cerveja e colocá-lo assim fora de combate por toda a noite.

A alta ideia que tínhamos de um bebedor holandês nos levou a lançar mão de todos os meios conhecidos. Tal foi nosso êxito que, à sobremesa, ele já não tinha forças para segurar o copo, embora a prestativa Émilie e eu fizéssemos o possível para encharcá-lo. Caiu, por fim, debaixo da mesa, tomado por uma embriaguez que ainda irá durar uma semana pelo menos. Decidimos então despachá-lo de volta para Paris. E, como não tivesse mantido seu carro, mandei transportá-lo no meu e fiquei em seu lugar. Em seguida recebi os cumprimentos dos presentes, que se despediram pouco depois, deixando-me senhor do campo de batalha. Essa alegria, e talvez meu longo período de retiro, fizeram com que achasse Émilie tão desejável que prometi ficar com ela até a ressurreição do holandês.

Essa gentileza de minha parte é a retribuição por esta que ela acaba de ter, de me servir de escrivantina enquanto eu escrevia a minha bela devota, a quem julguei divertido enviar uma carta escrita na cama, e quase nos braços, de uma cortesã, inclusive interrompida por uma infidelidade completa, e na qual presto contas detalhadas de minha situação e de meu comportamento. Émilie, que leu a epístola, esbaldou-se de rir, e espero que também você ache graça.

Como minha carta precisa ter selo de Paris, envio-a para você; deixo-a aberta. Queira lê-la, selá-la e mandá-la postar. Mas, por favor, não vá usar seu próprio sinete, ou qualquer emblema amoroso: um simples lacre.²⁴ Adeus, bela amiga.

P.S. — Torno a abrir a carta. Convenci Émilie a ir ao Théâtre des Italiens... Vou aproveitar para visitá-la. Estarei em sua casa às seis horas, mais tardar. E, se lhe convém, podemos ir juntos, por volta das sete, à casa da sra. de Volanges. Parece-me correto não adiar o convite que tenho a transmitir-lhe por parte da sra. de Rosemonde, além disso será um prazer ver a menina Volanges.

Adeus, mui formosa senhora. Quero sentir ao abraçá-la tamanho prazer

que o cavaleiro chegue a sentir ciúmes.

De P..., neste 30 de agosto de 17**.

CARTA 48

DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

(TIMBRADA EM PARIS)

Depois de uma noite tempestuosa, durante a qual não preguei o olho; depois de ter sido presa constante, quer da agitação de um ardor devorante, quer do total aniquilamento de todas as faculdades de minha alma, é que venho buscar junto da senhora a calma de que preciso, da qual, porém, ainda não espero poder desfrutar. Com efeito, a situação em que me encontro ao escrever-lhe evidencia, mais que nunca, o irresistível poder do amor. Só a custo mantenho algum autodomínio para conseguir pôr ordem em minhas ideias, e já posso prever que não concluirei esta carta sem ser obrigado a interrompê-la. Como! Então não posso esperar que um dia venha a partilhar a perturbação que sinto neste momento? Ouso acreditar, porém, que se conhecesse essa perturbação não lhe seria totalmente insensível. Acredite, senhora, a fria tranquilidade, o sono da alma, a imagem da morte, não conduzem à felicidade; somente as paixões ativas podem levar a ela e, a despeito dos tormentos que me faz experimentar, creio poder afirmar sem receio que sou, neste momento, mais feliz que a senhora. Em vão me aflige com sua desoladora severidade, que não me impede de entregar-me por inteiro ao amor e esquecer, em meio ao delírio que ele me causa, o desespero a que a senhora me abandona. Assim é que quero me vingar do exílio a que me condena. Nunca senti tanto prazer ao lhe escrever, nunca experimentei, ao fazê-lo, uma emoção tão doce, embora tão intensa. Tudo parece vir aumentar meus arroubos: o ar que respiro é ardente de volúpia, a própria mesa em que lhe escrevo, utilizada pela primeira vez para esse uso, torna-se para mim o altar sagrado do amor,²⁵ e se torna mais bela a meus olhos! Terei traçado sobre ela a jura de amá-la para todo o sempre! Rogo-lhe que me perdoe pela desordem de meus sentidos. Eu talvez não devesse me entregar tanto a arrebatamentos que a senhora não partilha. Preciso deixá-la por um momento, de modo a dissipar uma embriaguez que cresce a cada

instante, e se torna maior que eu.

Volto para a senhora, e por certo com o mesmo desvelo de sempre. O sentimento de felicidade, no entanto, fugiu para longe de mim, dando lugar ao das cruéis privações. De que me serve falar-lhe de meus sentimentos, se é em vão que tento achar uma forma de convencê-la? Após tantos reiterados esforços, força e confiança me abandonam de vez. Se ainda relembro os prazeres do amor, é para sentir com mais intensidade a mágoa de ser deles privado. Não vejo outro recurso senão sua indulgência, e percebo bem demais, neste momento, que o tanto que preciso dela tira-me a esperança de obtê-la. Meu amor, no entanto, nunca foi mais respeitoso, nunca deu menos motivos para ofendê-la. Tal como é, ousou dizer que a mais severa virtude não teria razão para temê-lo. Mas temo, eu próprio, falar-lhe por mais tempo sobre a dor que sinto. Certo de que aquela que a causa não a partilha, pelo menos não devo abusar de sua bondade, o que estaria fazendo se continuasse a descrever-lhe essa sofrida imagem. Ainda tomo apenas o tempo de rogar-lhe que me responda, e que nunca duvide da verdade de meus sentimentos.

Escrita em P..., datada de Paris, neste 30 de agosto de 17**.

CARTA 49

DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

Não sendo leviana nem falsa, senhor, bastou-me compreender minha atitude para sentir necessidade de mudá-la. Prometi a Deus esse sacrifício, até que eu possa oferecer-lhe também o de meus sentimentos em relação ao senhor, que a condição religiosa em que se encontra torna ainda mais criminosos. Bem sinto que isso me causará tristeza, e não lhe escondo que, de anteontem para cá, chorei todas as vezes que pensei no senhor. Mas espero que Deus me abençoe com a força necessária para esquecê-lo, tal como lhe tenho pedido dia e noite. Espero inclusive, de sua amizade, de sua honestidade, que não irá tentar perturbar a boa resolução que me foi inspirada, e que tenho buscado cumprir. Peço-lhe, conseqüentemente, que tenha a bondade de não mais me escrever, mesmo porque devo avisar-lhe que não irei mais responder, e o senhor estaria me obrigando a contar para minha mãe o que anda acontecendo — o que me privaria por completo do

prazer de vê-lo.

Nem por isso deixarei de nutrir pelo senhor todo o afeto que não há mal algum em manter; e é de toda a minha alma que lhe desejo toda sorte de felicidade. Entendo que não irá mais me amar como antes, e que talvez venha a amar outra mais do que a mim. Mas será essa mais uma penitência pela falta que cometi ao lhe entregar meu coração, que só a Deus podia entregar, e a meu marido quando o tiver. Espero que a misericórdia divina se compadeça de minha fraqueza, e me dê somente a dor que sou capaz de suportar.

Adeus, senhor. Posso lhe assegurar que, se me fosse permitido amar alguém, só ao senhor eu amaria. Mas é só o que posso dizer-lhe, e talvez já seja mais do que deveria.

De..., neste 31 de agosto de 17**.

CARTA 50
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Então é assim, senhor, que cumpre as condições mediante as quais consenti em receber vez ou outra uma carta sua? E posso *não ter do que me queixar*, quando nelas só fala de um sentimento a que eu teria receio de me entregar, mesmo que o pudesse fazer sem ferir todos os meus deveres?

Além disso, caso eu ainda precisasse de motivos para manter esse temor salutar, parece-me que poderia encontrá-los nessa sua última carta. Com efeito, ao mesmo tempo que julga fazer a apologia do amor, o que faz além de mostrar-me, pelo contrário, suas temíveis tempestades? Quem poderá querer uma felicidade adquirida à custa da razão, e cujos prazeres transitórios são seguidos, no mínimo, pelo arrependimento, quando não pelo remorso?

O senhor mesmo, em quem o hábito desse perigoso delírio deve matizar seus efeitos, acaso não é forçado a reconhecer que ele muitas vezes se torna mais forte que o senhor, e não é o primeiro a se queixar da involuntária perturbação que ele causa? Que terrível devastação ele então não traria a um coração virgem e sensível, o qual ainda ampliaria seu poder com a grandeza dos sacrifícios que seria forçado a fazer-lhe?

Acredita, senhor, ou finge acreditar, que o amor conduz à felicidade. Quanto a mim, estou tão certa de que me faria infeliz que gostaria de nem sequer ouvir pronunciar essa palavra. Tenho a impressão de que sua simples menção já perturba a tranquilidade, e é tanto por gosto como por dever que lhe peço para guardar silêncio sobre esse ponto.

Afinal, esse pedido deve lhe ser fácil de atender neste momento. De regresso a Paris, encontrará aí suficientes oportunidades para esquecer um sentimento que talvez só deva seu surgimento a seu hábito de lidar com semelhantes assuntos, e sua força ao tédio do campo. Pois não se encontra agora nesse mesmo lugar onde me via com tanta indiferença? Pode aí dar um passo sem sequer topar com um exemplo de sua facilidade em mudar? E não está cercado de mulheres que, todas mais amáveis que eu, fazem mais jus a seus galanteios? Não possuo a vaidade tão criticada em meu sexo, e muito menos essa falsa modéstia que não passa de sutileza do orgulho. E é com perfeita boa-fé que lhe digo que conheço em mim poucos atrativos — mas, mesmo que os tivesse todos, não os julgaria suficientes para prendê-lo. Pedir que não me dê mais atenção é apenas rogar que faça agora o que já fazia antes, e o que certamente faria dentro em pouco mesmo que eu lhe pedisse o contrário.

Essa verdade, que não perco de vista, seria por si só motivo suficiente para eu não querer escutá-lo. Tenho mil outros. Sem entrar, porém, nessa extensa discussão, atenho-me a rogar-lhe, como já fiz, que não venha mais falar-me sobre um sentimento que não devo escutar, e muito menos retribuir.

De..., neste 1º de setembro de 17**.

Parte II

CARTA 51
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Você é realmente insuportável, visconde. Trata-me com a desenvoltura com que trataria uma amante. Sabe que vou me zangar, e que estou neste momento com um humor execrável? Como! Deve encontrar-se com Danceny amanhã de manhã. Sabe o quanto é importante que nos falemos antes desse encontro. E, sem maiores preocupações, deixa-me o dia inteiro esperando enquanto anda sabe-se lá onde? Por sua causa, cheguei *indecentemente* tarde em casa da sra. de Volanges, e todas as velhas presentes me acharam *maravilhosa*.¹ Tive de passar a noite em bajulações para acalmá-las, uma vez que às velhas não se deve aborrecer: são elas que criam a reputação das jovens.

É quase uma hora da manhã, e em vez de ir deitar-me, como morro de vontade de fazer, tenho de lhe escrever uma longa carta que só irá aumentar meu sono pelo tédio que vai me causar. Sorte a sua eu não ter tempo de destrotá-lo como gostaria. Não vá por isso pensar que o perdoei — estou apenas com pressa. Então me escute, vou ser rápida.

Se for minimamente hábil, deverá ouvir amanhã as confidências de Danceny. O momento é de aflição: propício à confiança. A menina foi confessar-se; contou tudo, feito criança; desde então, anda a tal ponto atormentada pelo medo do diabo, que quer romper a qualquer custo. Contou-me seus escrupulozinhos todos, com uma intensidade bem reveladora do quanto andaram enchendo sua cabeça. Mostrou-me sua carta de rompimento, que é uma legítima ladainha moralista. Tagarelou comigo durante uma hora sem dizer uma única palavra razoável. Ainda assim, deixou-me constrangida, pois por suposto não podia correr o risco de me abrir com aquela cabeça-dura.

Pude notar, porém, em meio a sua tagarelice, que nem por isso ela ama menos o seu Danceny. Observei, inclusive, um desses expedientes que nunca faltam ao amor e de que a menina é ridiculamente vítima.

Atormentada entre o desejo de dedicar-se ao namorado e o medo de danar-se se o fizer, pensou em pedir a Deus que a ajudasse a esquecê-lo. E, como reitera sua prece a todo instante, acaba por pensar nele o dia inteiro.

Para alguém mais *traquejado* que Danceny, esse fato miúdo talvez fosse mais favorável que adverso; mas esse rapaz é um Céladon que, sem nossa ajuda, irá levar tanto tempo para vencer os mais ligeiros obstáculos, que não sobrarão nenhum para executar nosso plano.

Você tem razão: é uma pena, e também a mim aborrece ser ele o protagonista desta aventura. Mas fazer o quê? O que está feito está feito; e a culpa é sua. Pedi para ver a resposta dele: deu-me até pena. Tece argumentos a mais não poder, tentando demonstrar que um sentimento involuntário não pode ser pecado. Como se não deixasse de ser involuntário no momento em que se deixa de lutar contra ele! É uma ideia tão óbvia que até à menina ocorreu. Queixa-se de seu infortúnio de forma tocante, mas sua dor é tão doce e parece tão forte e sincera que julgo impossível uma mulher, tendo a oportunidade de desesperar um homem a esse ponto, e com tão pouco risco, não ser tentada a permitir-se tal fantasia. Explica, por fim, que não é monge, como acredita a menina. E aí está, sem dúvida, o que ele faz de melhor, pois pelo fato de se consagrarem ao amor monástico, os senhores Cavaleiros de Malta decerto não mereceriam a preferência.

Seja como for, em vez de perder meu tempo em raciocínios que acabariam me comprometendo, e talvez sem lograr persuadi-la, aprovei a ideia da ruptura. Disse, no entanto, que seria mais honesto, nesse caso, dar pessoalmente suas razões do que escrevê-las; e que também era de bom-tom devolver as cartas e outras bagatelas que porventura tivesse recebido. Assim, aparentando concordar com a mocinha, convenci-a a marcar um encontro com Danceny. Pensamos imediatamente numa maneira de fazê-lo, e me incumbi de convencer a mãe a sair sem a filha. Esse momento decisivo será amanhã à tarde. Danceny já foi informado. Mas, pelo amor de Deus, caso tenha a oportunidade, convença esse belo pastor a ser menos langoroso, e ensine-lhe, já que a ele tudo precisa ser dito, que a verdadeira forma de vencer os escrúpulos é deixar quem os tem sem ter nada a perder.

No mais, para que essa cena ridícula não venha a repetir-se, não deixei de suscitar, na mente da menina, algumas dúvidas quanto à discricção dos confessores. Garanto que ela agora está pagando, pelo susto que me deu, com o medo de que seu confessor vá contar tudo a sua mãe. Espero que,

depois de conversar mais uma ou duas vezes comigo, não vá mais contar seus pecadilhos ao primeiro que aparecer.^r

Adeus, visconde. Tome conta de Danceny, oriente-o. Seria uma vergonha não conseguirmos manipular essas duas crianças. Se tem nos dado mais trabalho do que imaginávamos de início, pensemos, para estimular nosso zelo: você, que se trata da filha da sra. de Volanges, e eu, que ela deve tornar-se a esposa de Gercourt. Adeus.

De..., neste 2 de setembro de 17**.

CARTA 52

DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

Proíbe-me, senhora, de falar-lhe de meu amor. Como, porém, encontrar a coragem necessária para obedecer-lhe? Exclusivamente ocupado com um sentimento que deveria ser tão doce, e que a senhora torna tão cruel, definhando no exílio ao qual me condenou, vivendo tão somente de privações e saudades, presa de tormentos tão mais dolorosos por me lembrarem constantemente sua indiferença, ainda devo perder o único consolo que me resta? E que outro consolo ainda tenho senão o de, vez ou outra, abrir-lhe uma alma que a senhora mesma enche de perturbação e amargura? Irá desviar o olhar para não ver o pranto que me faz verter? Irá recusar a própria oferenda dos sacrifícios que exige? Não seria mais digno da senhora, de sua alma doce e sincera, ter compaixão de um infeliz, que só é infeliz por sua causa, do que ainda querer agravar seu sofrimento com uma proibição a um tempo injusta e rigorosa?

Finge temer o amor, e não quer ver que é a única causadora dos males que censura. Ah, esse sentimento é penoso, sem dúvida, quando não partilhado por aquela que o inspira; mas onde encontrar a felicidade, se não é propiciada por um amor correspondido? A terna amizade, a doce confiança, a única que é sem reservas, as dores abrandadas, os prazeres aumentados, a fascinante esperança, as deliciosas lembranças, onde encontrá-los senão no amor? A senhora o calunia, a senhora a quem, para desfrutar de todo o bem que ele lhe traz, basta cessar de recusá-lo. Já eu, esqueço minha dor para cuidar de defendê-lo.

Força-me assim a defender a mim mesmo, pois, enquanto dedico minha

vida a adorá-la, a senhora passa a sua buscando defeitos em mim. Já me supõe leviano e falso e, exagerando em meu desfavor alguns erros que eu mesmo lhe confessei, se compraz em confundir o que eu era com aquele que agora sou. Não satisfeita em me entregar ao tormento de viver longe de si, ainda acrescenta um escárnio cruel acerca de prazeres aos quais sabe muito bem que me tornou insensível. Não acredita em minhas promessas nem em minhas juras. Pois bem! Resta-me uma garantia a lhe dar, da qual pelo menos não poderá desconfiar: a senhora. Tudo o que peço é que interogue a si mesma de boa-fé. Se não acredita em meu amor, se duvida um instante sequer de que é a única rainha de minha alma, se não está segura de ter prendido este coração, que até aqui era de fato demasiado volúvel, consinto em carregar a dor desse erro. Irei gemer, mas não irei recorrer. Mas se, pelo contrário, sendo justa com nós dois, for obrigada a reconhecer para si mesma que não possuí, que nunca há de possuir, nenhuma rival, rogo-lhe que não mais me obrigue a combater quimeras e deixe-me ao menos este consolo, o de ver que não mais duvida de um sentimento que de fato só irá findar, só poderá findar com minha própria vida. Permita-me, senhora, rogar que responda afirmativamente a esse item de minha carta.

Se abandono, porém, esta época de minha vida, que tanto parece denegrir-me a seus olhos, não é porque me faltassem motivos para justificá-la se preciso fosse.

O que fiz afinal, além de não resistir ao turbilhão em que havia sido jogado? Ingressei na sociedade jovem e sem experiência; passei, por assim dizer, de mão em mão, por uma multidão de mulheres, todas se apressando em prevenir com sua indulgência uma reflexão que sentiam não lhes ser favorável. Acaso cabia a mim dar exemplo de uma resistência que ninguém me opunha? Ou teria de punir-me por um erro momentâneo, muitas vezes provocado por outrem, com uma fidelidade certamente inútil e que veriam como ridícula? Ora, haverá outro meio além de uma brusca ruptura, para reparar uma escolha vergonhosa?

Posso afirmar, contudo, que essa embriaguez dos sentidos, quiçá delírio de vaidade, não atingiu meu coração. Nascido para o amor, a intriga pode tê-lo distraído, mas não bastava para preenchê-lo. Rodeado de objetos atraentes, mas desprezíveis, nenhum deles chegava até minha alma. Ofereciam-me prazeres, eu buscava virtudes. Eu próprio, por fim, julguei ser inconstante, porque era delicado e sensível.

Ao vê-la foi que compreendi a mim mesmo. Logo reconheci que o encanto do amor dependia das qualidades da alma, as únicas capazes de causar seu excesso e justificá-lo. Senti finalmente que me era igualmente impossível não amá-la e amar outra que não a senhora.

É este, senhora, o coração ao qual receia entregar-se, e sobre cujo destino cabe-lhe pronunciar-se. Qualquer que seja, porém, a sorte que lhe reserva, nada irá alterar os sentimentos que o prendem à senhora: são inalteráveis como as virtudes que os fizeram nascer.

De..., neste 3 de setembro de 17**.

CARTA 53
DO VISCONDE DE VALMONT
À MARQUESA DE MERTEUIL

Estive com Danceny, mas dele só obtive uma semiconfidência. Teimou, antes de mais nada, em calar o nome da menina Volanges, da qual só me falou como de uma mulher muito recatada, e até um pouco devota. Afora isso, contou-me com muita sinceridade sua aventura, em especial o último episódio. Aticei-o o quanto pude, e brinquei bastante acerca de seus escrúpulos e delicadeza. Mas ele parece fazer questão de mantê-los, de modo que não posso responder por ele. No mais, depois de amanhã poderei contar-lhe melhor. Vou levá-lo a Versailles e no caminho tratarei de sondá-lo.

O encontro que deve ter ocorrido hoje também me deixa um tanto esperançoso: tudo pode ter se passado como desejávamos, e talvez só nos reste agora arrancar a confissão e colher as provas. Essa tarefa será mais fácil para você do que para mim, já que a mocinha é mais confiante ou, o que dá na mesma, mais falante que seu discreto namorado. Contudo, farei o possível.

Adeus, bela amiga, estou com muita pressa. Não poderei vê-la hoje, nem amanhã. Se souber de alguma novidade, escreva-me um bilhete que encontrarei ao regressar. Virei certamente passar a noite em Paris.

De..., neste 3 de setembro de 17**, à noite.

CARTA 54
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Pois sim, será mesmo por Danceny que haverá algo a se descobrir! Se ele disse isso, foi bravata. Não conheço ninguém tão tolo em matéria de amor, e me arrependo cada vez mais das gentilezas que tivemos com ele! Sabe que cheguei a sentir que tinha um compromisso para com ele? E tudo isso para nada! Mas ainda vou me vingar, prometo.

Quando cheguei ontem para buscar a sra. de Volanges, esta já não queria sair. Sentia-se indisposta. Tive de usar de toda a minha eloquência para convencê-la, e vi a hora em que Danceny acabaria chegando antes de sairmos; o que seria desastroso, mesmo porque a sra. de Volanges dissera-lhe no dia anterior que não estaria em casa. Sua filha e eu estávamos pisando em brasas. Saímos por fim, e a menina apertou-me tão afetuosamente a mão ao despedir-se que, apesar de sua intenção de ruptura, em que ela de boa-fé ainda acreditava, eu pressentia maravilhas para aquela noite.

Minhas preocupações estavam longe de acabar. Fazia apenas meia hora que estávamos em casa da sra. de..., quando a sra. de Volanges de fato sentiu-se mal, seriamente mal e, evidentemente, quis voltar para casa. O que eu não queria, mesmo porque temia que, caso flagrássemos os jovens, como era de esperar, minha insistência para convencer a mãe a sair pudesse lhe parecer suspeita. Optei por assustá-la sobre a própria saúde, o que felizmente não é difícil. E retive-a por uma hora e meia, não consentindo em levá-la para casa, fingindo temer o perigoso movimento do carro. Finalmente, só voltamos no horário previsto. Pelo arzinho envergonhado que observei ao chegar, confesso que esperei, no mínimo, que meu esforço não tivesse sido em vão.

Meu desejo de saber da situação fez com que eu ficasse junto da sra. de Volanges, que foi imediatamente deitar-se. E depois de jantar junto de sua cama, nós a deixamos, ainda cedo, a pretexto de que precisava de repouso, e fomos para os aposentos da filha. Esta, por sua vez, fez tudo o que eu esperava que fizesse. Escrúpulos desfeitos, novas juras de amor eterno etc. etc., ela afinal agiu de muito bom grado. Mas o tolo Danceny não avançou nenhum milímetro do ponto em que estava antes. Ah, com esse se pode

brigar, as reconciliações não apresentam perigo.

A menina afirma, contudo, que ele queria mais, e que ela soube defender-se. Eu seria capaz de apostar que está se gabando, ou desculpando-o. Tenho, aliás, quase certeza disso. Com efeito, ocorreu-me o capricho de ver até onde era capaz de defender-se. E eu, uma simples mulher, conversa vai conversa vem, enchi sua cabeça a tal ponto... Enfim, acredite, nunca houve ninguém tão suscetível a uma surpresa dos sentidos. A querida menina é realmente muito amável! Merecia outro namorado. Terá pelo menos uma boa amiga, pois estou sinceramente afeiçoando-me a ela. Prometi que iria instruí-la, e acho que vou cumprir minha palavra. Já muitas vezes senti necessidade de ter uma mulher por confidente, e prefiro essa a qualquer outra. Mas nada posso fazer com ela enquanto ela não for... o que precisa ser. O que me dá mais um motivo para estar aborrecida com Danceney.

Adeus, visconde. Não venha visitar-me amanhã, a menos que seja pela manhã. Cedi às instâncias do cavaleiro para passar um serão na *petite maison*.

De..., neste 4 de setembro de 17**.

CARTA 55

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Você tinha razão, cara Sophie, suas profecias dão mais certo que seus conselhos. Danceney, como você previra, foi mais forte que o confessor, que você, que eu mesma. E cá estamos de volta ao exato ponto em que estávamos. Ah! Não me arrependo. E você, caso me censure, será por não saber que prazer é amar Danceney. É muito fácil para você dizer o que deve ser feito, nada a impede. Mas se você sentisse o quanto nos dói a dor de alguém que amamos, como sua alegria se torna nossa alegria, e como é difícil dizer não quando queremos dizer sim, já não se espantaria com mais nada. Eu mesma, que senti tudo isso, senti intensamente, ainda não compreendo. Você acha, por exemplo, que sou capaz de ver Danceney chorar sem chorar também? Garanto-lhe que isso é para mim impossível. Você poderá dizer o que quiser; o que se diz não muda aquilo que é, e tenho certeza de que é assim.

Queria vê-la em meu lugar... Não, não foi o que eu quis dizer, pois certamente não quero ceder meu lugar a ninguém. Mas gostaria que você também amasse alguém. Não só para que me compreendesse melhor, e me repreendesse menos, mas também porque você seria mais feliz ou, melhor dizendo, só então começaria a ser feliz.

Nossas brincadeiras, nossas risadas, tudo isso é apenas coisa de criança, sabe? Depois que passam, não sobra nada. Já o amor, ah, o amor!... Uma palavra, um olhar, só de saber de sua presença, isso é a felicidade. Quando vejo Danceny, não desejo mais nada; quando não o vejo, desejo apenas ele. Não sei como isso se dá, mas minha impressão é que tudo que me agrada é parecido com ele. Quando não está comigo, penso nele, e quando posso pensar nele inteiramente, sem distração, por exemplo quando estou sozinha, também me sinto feliz. Fecho os olhos e logo julgo vê-lo; lembro de suas palavras e julgo ouvi-lo; isso me faz suspirar, e então sinto um fogo, uma agitação... Não consigo ficar quieta. É como um tormento, e esse tormento causa um prazer indescritível.

Acho até que, quando se ama, o amor se espalha até pela amizade. Embora não tenha mudado esta que tenho por você, sempre igual desde o convento, isso que estou dizendo eu sinto pela sra. de Merteuil. Tenho a impressão de que gosto mais dela do jeito como gosto de Danceny do que do jeito como gosto de você, às vezes até queria que ela fosse ele. Talvez porque essa não seja uma amizade de infância, como a nossa; ou porque os vejo tantas vezes juntos que me confundo. Enfim, a verdade é que ambos me fazem muito feliz. E, afinal, não vejo nada de muito errado no que estou fazendo. Por mim, só pediria para tudo continuar como está; a ideia de meu casamento é a única coisa que me entristece, pois se o sr. de Gercourt for como dizem, o que não duvido, não sei o que será de mim. Adeus, minha Sophie. Ainda a quero com carinho.

De..., neste 4 de setembro de 17**.

CARTA 56
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

De que lhe serviria, senhor, a resposta que me pede? Acreditar em seus

sentimentos não seria mais um motivo para temê-los? E, sem contestar nem acatar a sinceridade desses sentimentos, acaso não me basta, não deveria bastar ao senhor, saber que não quero nem devo corresponder?

Supondo que o senhor me amasse de verdade (e só consinto nessa suposição para não ter mais de voltar a esse assunto), seriam menos intransponíveis os obstáculos que nos separam? E eu poderia fazer mais que desejar que superasse em breve esse amor e, sobretudo, ajudá-lo no que me fosse possível, tratando de tirar-lhe qualquer esperança? O senhor mesmo admite que *esse sentimento é penoso quando não partilhado por quem o inspira*. Ora, sabe que é impossível para mim partilhá-lo, e acaso ocorresse essa desgraça, eu me tornaria mais digna de pena, sem que o senhor se tornasse mais feliz. Espero que tenha suficiente estima por mim para não duvidar disso nem um instante sequer. De modo que, conjuro-lhe, pare de tentar desaqueitar um coração que tanto necessita de tranquilidade. Não me obrigue a lamentar tê-lo conhecido.

Querida e estimada por um marido que amo e respeito, meus deveres e prazeres unem-se num mesmo objeto. Sou feliz, devo sê-lo. Se acaso existem prazeres mais intensos, não os desejo, não quero conhecê-los. Haverá algum prazer mais doce do que estar em paz consigo mesma, de só viver dias serenos, de adormecer sem inquietação e despertar sem remorsos? O que o senhor chama de felicidade não passa de um turbilhão dos sentidos, uma tempestade de paixões cujo espetáculo apavora, mesmo que contemplado da margem. Ora, como enfrentar essas tormentas? Como ousar embarcar num mar repleto de destroços de milhares e milhares de naufrágios? E com quem? Não, senhor, eu fico em terra. Gosto dos laços que a ela me prendem. Ainda que pudesse, não iria querer rompê-los; se não os tivesse, trataria de criá-los.

Por que prender-se a meus passos? Por que teimar em seguir-me? Suas cartas, que deveriam ser raras, sucedem-se com rapidez. Deveriam ser sensatas, e o senhor nelas me fala de seu louco amor. O senhor me envolve com sua ideia mais do que o fazia com sua pessoa. Afastado sob uma forma, reaparece com outra. Tudo o que lhe peço para não dizer, torna a dizer de outra maneira. Diverte-se em me confundir com raciocínios capciosos, e se esquiva dos meus. Já não quero responder-lhe, não vou mais responder... O modo como trata as mulheres que já seduziu! Com que desprezo refere-se a elas! Quero crer que para algumas seja merecido; mas serão todas assim tão desprezíveis? Sim, sem dúvida, uma vez que

traíram seus deveres para se entregar a um amor pecaminoso. A partir de então, perderam tudo, inclusive a estima daquele a quem tudo sacrificaram. É justo esse suplício, mas estremeço só de pensar. Mas o que me importa, afinal? Por que me preocuparia com elas ou com o senhor? Com que direito vem o senhor perturbar meu sossego? Deixe-me, não procure me ver, não me escreva mais, eu lhe peço, eu exijo. Esta carta será a última que irá receber de mim.

De..., neste 5 de setembro de 17**.

CARTA 57

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Encontrei sua carta ontem ao chegar. Achei muita graça em seu furor. Você não sentiria com mais intensidade os erros de Danceny se ele os cometesse em relação a você. Vai ver, é por vingança que vem habituando a namorada dele a cometer pequenas infidelidades; você é mesmo malévola! E sim, é encantadora, não me surpreende que ela resista menos a você do que resiste a Danceny.

Estou enfim conhecendo, de cor e salteado, esse belo herói de romance! Ele já não tem segredos para mim. Tanto lhe repeti que o amor honesto era o bem supremo, que um sentimento valia mais que dez aventuras, que eu mesmo me sentia agora apaixonado e tímido, que ele afinal reconheceu em mim um modo de pensar igual ao seu, e, encantado com minha franqueza, contou-me tudo, jurando uma amizade sem reservas. Nem por isso avançamos muito no tocante a nosso projeto.

Em primeiro lugar, pareceu-me que sua filosofia é a de que uma donzela merece muito mais consideração que uma mulher, por ter muito mais a perder. Ele acha, principalmente, que nada justifica um homem deixar uma moça ante a alternativa de ter de casar-se com ele ou viver desonrada, quando essa moça é infinitamente mais rica que o homem, como é o caso dele. A firmeza da mãe, a pureza da filha, tudo o intimida e o detém. O difícil não é refutar seus argumentos, por mais corretos que sejam. Com alguma habilidade e com o apoio da paixão, seriam rapidamente destruídos, mesmo porque se prestam ao ridículo, e eu teria a meu favor a autoridade da experiência. O que de fato impede qualquer ascendência

sobre ele é ele sentir-se feliz do jeito que está. Com efeito, se os primeiros amores parecem em geral mais honestos e, como se diz, mais puros; se são de ritmo mais demorado, não é, como julgam, por delicadeza ou timidez. É porque o coração, surpreso por um sentimento desconhecido, detém-se, por assim dizer, a cada passo a fim de desfrutar o encanto que experimenta, e esse encanto é tão forte num coração virgem que o ocupa a ponto de fazer-lhe esquecer qualquer outro prazer. Tanto é verdade que um libertino apaixonado, se é que isso é possível para um libertino, terá a partir de então menos pressa em gozar. E, afinal, entre a atitude de Danceny para com a menina Volanges e a minha para com a recatada sra. de Tourvel, a diferença é apenas de grau.

Seriam precisos, para estimular nosso rapaz, mais obstáculos do que esses que encontrou e, principalmente, mais mistérios, pois o mistério induz à audácia. Não estou longe de achar que você nos prejudicou ao tão bem servi-lo. Sua atitude teria sido excelente com um homem experiente, que só tivesse desejos. Mas deveria ter imaginado que para um homem jovem, honesto e apaixonado, o maior valor dos favores está em serem prova do amor e que, por conseguinte, quanto mais certo ele estivesse de ser amado, menos ousado seria. O que fazer agora? Não sei, mas não creio que ele seduza a menina antes do casamento, e teremos perdido nosso tempo: é lamentável, mas não vejo remédio.

Enquanto estou aqui a dissertar, você faz melhor com seu cavaleiro. O que me faz lembrar que prometeu uma infidelidade em meu benefício; tenho sua promessa por escrito, e não quero que se torne uma nota promissória. Concordo em que seu prazo ainda não venceu, mas seria generoso de sua parte não esperar o último dia. Eu, de minha parte, vou lhe cobrar com juros. O que me diz, bela amiga? Acaso já não se cansou de ser fiel? Esse cavaleiro é assim tão maravilhoso? Ah, deixe comigo. Quero obrigá-la a convir que só enxergou nele algum mérito porque tinha esquecido de mim.

Adeus, bela amiga. Um beijo igual a meu desejo. Duvido que todos os beijos do cavaleiro sejam mais ardorosos.

De..., neste 5 de setembro de 17**.

DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

Que fiz eu, senhora, para merecer suas censuras e a cólera de que me dá mostras? O afeto mais intenso, embora mais respeitoso, a total submissão a suas mínimas vontades: tal é, em duas palavras, a história de meus sentimentos e de minha conduta. Acabrunhado pela dor de um amor não correspondido, não tinha outro consolo senão o de vê-la. Ordenou que eu a ele renunciasse; obedeci sem murmurar. Em paga desse sacrifício, permitiu que eu lhe escrevesse, e eis que hoje quer me privar desse único prazer. Posso deixar que me prive sem tentar sequer me defender? Decerto que não! Como não ser esse um prazer caro a meu coração, se é o único que me resta, e à senhora é que o devo.

Diz que minhas cartas são demasiado frequentes! Peço-lhe que considere que, nesses dez dias que dura meu exílio, não passei um instante sequer sem pensar na senhora, que no entanto recebeu apenas duas cartas minhas. Nelas falo apenas de meu amor! Ora, o que posso dizer senão aquilo em que penso? Só o que pude fazer foi atenuar sua expressão e, pode acreditar, revelei-lhe tão somente o que me foi impossível ocultar. Ameaça, por fim, não mais responder-me. Assim, ao homem que a tudo a prefere e que a respeita ainda mais do que a ama, não contente em tratar com rigor, ainda quer desprezar? E por que essas ameaças, essa irritação? Acaso precisa disso? Já não tem certeza de ser obedecida, mesmo em suas ordens injustas? Acaso sou capaz de contrariar qualquer desejo seu, e já não dei provas disso? Irá abusar desse domínio que possui sobre mim? Depois de ter me tornado infeliz, depois de ter-se tornado injusta, será fácil para a senhora desfrutar dessa tranquilidade que afirma lhe ser necessária? Nunca irá se perguntar: “Ele me fez senhora de sua sorte e eu criei sua infelicidade? Ele implorava por meu socorro e eu o fitei sem compaixão?”. Sabe até onde pode ir meu desespero? Não, não sabe.

Para avaliar meu tormento, precisaria saber o quanto a amo, mas não conhece meu coração.

A que me sacrifica? A quiméricos temores. E quem inspira esses temores? Um homem que lhe tem adoração; um homem sobre o qual nunca deixará de ter absoluto domínio. O que teme, o que pode temer de um sentimento que sempre terá o poder de controlar a seu bel-prazer? Sua imaginação, porém, cria legítimos monstros, e o pavor que eles lhe causam a senhora atribui ao amor. Basta um pouco de confiança, e os monstros

desaparecerão.

Disse um sábio que, quase sempre, para dissipar os temores, basta aprofundar suas causas.^{s4} É sobretudo no amor que essa verdade encontra aplicação. Ame, e se esvanecerão seus temores. No lugar dos objetos que a assustam, encontrará um sentimento delicioso, um enamorado terno e submisso; e todos os seus dias, marcados pela felicidade, lhe trarão como único arrependimento ter perdido alguns deles na indiferença. Eu mesmo, desde que, arrependido de meus erros, não existo senão para o amor, lamento o tempo que gastei naquilo que julgava serem prazeres, e sinto que somente à senhora compete tornar-me feliz. Suplico-lhe, porém, que o prazer que sinto em escrever-lhe não seja mais turvado pelo receio de desagradar-lhe. Não quero desobedecer-lhe, mas estou a seus pés, reclamando a alegria que quer me tirar, a única que me deixou. Escute meu clamor, ouça minhas súplicas, veja minhas lágrimas. Ah, senhora, irá rejeitar-me?

De..., neste 7 de setembro de 17**.

CARTA 59

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Explique-me, se puder, o que significa esse disparate de Danceny. O que aconteceu, o que foi que ele perdeu? Sua bela talvez tenha se aborrecido com seu eterno respeito? Justiça seja feita, há quem se aborrecesse por muito menos. O que dizer-lhe hoje à noite, no encontro que ele me pediu e que, pelo sim, pelo não, aceitei? Decerto não vou perder meu tempo escutando suas lamúrias, se isso não nos levar a nada. Os queixumes amorosos só valem ser ouvidos em recitativos obrigatórios ou em grandes arietas. Queira informar-me, portanto, sobre a situação e sobre o que devo fazer; ou terei de me esquivar, para evitar o tédio que posso até prever. Poderia conversar com você agora de manhã? Caso esteja ocupada, mande-me ao menos um bilhete com as deixas para meu papel.

Onde esteve ontem? Não consigo mais encontrá-la. Na verdade, não valia a pena segurar-me em Paris num mês de setembro. Decida, portanto, pois acabo de receber um convite bastante insistente da condessa de B para ir visitá-la no campo e, como ela afirma graciosamente, “seu marido possui

o mais belo bosque do mundo, que ele preserva cuidadosamente para os prazeres de seus amigos”. Ora, você sabe que tenho alguns direitos sobre esse bosque, e irei revê-lo caso não lhe seja útil aqui. Adeus, e não se esqueça de que Danceny estará em minha casa por volta das quatro horas.

De..., neste 8 de setembro de 17**.

CARTA 60

DO CAVALEIRO DANCENY AO VISCONDE DE VALMONT
(INCLUSA NA CARTA ANTERIOR)

Ah!, visconde, estou desesperado, perdi tudo.⁵ Não ousou confiar ao papel o segredo de minhas mágoas, mas preciso vertê-las no coração de um amigo fiel e seguro. A que horas poderia vê-lo para buscar consolo e conselhos? Estava tão feliz no dia em que lhe abri meu coração! E agora, que diferença! Tudo mudou para mim. O que sofro por mim mesmo é apenas a menor parte de meus tormentos; minha aflição por um ente muito mais caro é que não posso suportar. Mais venturoso que eu, você poderia vê-la, e espero de sua amizade que não me negue essa atenção. Mas preciso falar-lhe, explicar-lhe. Há de ter pena de mim, há de socorrer-me, no visconde deposito minhas esperanças. É sensível, conhece o amor, e é o único com quem posso me abrir. Não me negue sua ajuda.

Adeus, visconde. Meu único consolo em meio a minha dor é pensar que ainda me resta um amigo. Mande dizer, por favor, a que horas posso encontrá-lo. Se não for agora pela manhã, gostaria que fosse no início da tarde.

De..., neste 8 de setembro de 17**.

CARTA 61

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Minha cara Sophie, tenha pena de sua pobre Cécile, que está muito infeliz! Minha mãe já sabe de tudo. Não compreendo como chegou a desconfiar de alguma coisa, mas o fato é que descobriu tudo. Ontem à noite, pareceu-

me que estava um pouco agastada, mas não dei importância. Inclusive, enquanto esperava o fim de seu jogo, conversei muito animadamente com a sra. de Merteuil, que havia jantado aqui, e falamos bastante sobre Danceny. Mas não creio que possam ter nos ouvido. Quando ela foi embora, recolhi-me a meus aposentos.

Estava a despir-me quando entrou minha mãe, mandando a criada retirar-se. Pediu-me a chave de meu secretário. Seu tom me causou tamanha tremedeira que mal conseguia parar em pé. Fingi não encontrar a chave, mas afinal tive de obedecer. A primeira gaveta que ela abriu foi justamente essa em que estavam as cartas do cavaleiro Danceny. Eu estava tão perturbada que, quando ela perguntou o que era aquilo, só soube responder que não era nada. Mas, quando a vi começar a ler a primeira carta que se lhe apresentou, mal tive tempo de alcançar uma poltrona e passei mal a ponto de perder os sentidos. Assim que voltei a mim, minha mãe, que chamara a camareira, retirou-se mandando que eu me deitasse. Levou consigo todas as cartas de Danceny. Estremeço toda vez que penso que terei que me apresentar diante dela. Não fiz mais que chorar a noite inteira.

Escrevo-lhe ao raiar do dia, na esperança de que Josephine apareça. Se conseguir falar com ela a sós, pedirei que entregue em casa da sra. de Merteuil um bilhete que vou lhe escrever. Do contrário, vou colocá-lo junto desta carta, e lhe peço a gentileza de remetê-lo como se fosse seu. Só dela posso esperar algum consolo. Poderemos ao menos falar sobre ele, pois suponho que não vá tornar a vê-lo. Sinto-me tão infeliz! Ela talvez tenha a bondade de se incumbir de uma carta para Danceny. Não ouse confiar em Joséphine nesse assunto, muito menos em minha camareira, pois talvez tenha sido ela quem disse a minha mãe que eu guardava cartas em meu secretário.

Não lhe escrevo mais longamente porque quero ter tempo de escrever à sra. de Merteuil,^t e também a Danceny, para estar com minha carta pronta se ela aceitar entregá-la. Depois disso, vou voltar para a cama, para que me encontrem deitada quando entrarem em meu quarto. Vou dizer que estou doente, para me eximir de ir aos aposentos de minha mãe. Não será uma grande mentira: meu mal-estar é maior, sem dúvida, do que se estivesse com febre. Ardem-me os olhos de tanto que chorei, e sinto um peso no estômago que me impede de respirar. Quando penso que não tornarei a ver Danceny, minha vontade é morrer. Adeus, minha cara Sophie. Não posso

dizer mais, minhas lágrimas me sufocam.

De..., neste 7 de setembro de 17**.

CARTA 62

DA SRA. DE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

Depois de ter abusado, senhor, da confiança de uma mãe e da inocência de uma menina, decerto não se surpreenderá se não for mais recebido numa casa em que só retribuiu as provas da mais sincera amizade com o esquecimento de todas as conveniências. Prefiro rogar-lhe que não venha mais a minha casa do que dar a meu porteiro ordens que comprometeriam a todos nós pelos comentários que os criados não deixariam de fazer. Ouso esperar que não vá obrigar-me a recorrer a esse expediente. Previno-lhe igualmente que caso empreenda no futuro qualquer tentativa de manter minha filha no desvario em que a mergulhou, um retiro austero e perene virá subtraí-la a seu assédio. Cabe ao senhor decidir se vai rezear causar seu infortúnio tão pouco como receou tentar desonrá-la. Quanto a mim, minha decisão está tomada, e já a comuniquei a minha filha.

Encontrará, incluso, o pacote de suas cartas. Conto que me remeterá, em troca, todas as de minha filha, e que consentirá em não deixar nenhum vestígio de um incidente que não poderíamos lembrar sem indignação de minha parte, vergonha da parte dela, e remorsos da sua. Tenho a honra de ser etc.

De..., neste 7 de setembro de 17**.

CARTA 63

DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Sim, vou mesmo lhe explicar sobre o bilhete de Danceny. O fato que o levou a escrevê-lo é obra minha, creio inclusive que é minha obra-prima. Não perdi meu tempo depois de sua última carta, e pensei, como o arquiteto ateniense: “O que ele disse, eu farei”.⁶

Com que então precisa de obstáculos, esse belo herói de romance, e se entorpece na felicidade! Pois que conte comigo, eu lhe darei com que se ocupar; ou muito me engano, ou seu sono deixará de ser tranquilo. Ele precisava aprender o valor do tempo, e quero crer que agora lamenta aquele que perdeu. Também precisava, diz você, de mais mistério; pois bem, está aí o que não irá mais lhe faltar. Tenho isso de bom: basta que me façam perceber meus erros, e não descanso enquanto não os conserto. Saiba então o que fiz.

Ao voltar para casa, anteontem de manhã, li sua carta. Achei-a brilhante. Certa de que apontava perfeitamente a causa do mal, empenhei-me em procurar uma forma de saná-lo. A primeira coisa que fiz foi deitar-me, pois o incansável cavaleiro não me deixara dormir um só instante, e julgava estar com sono. Que nada. Pensando apenas em Danceny, o desejo de arrancá-lo a sua indolência, ou de puni-lo por ela, não permitiu que eu pregasse o olho, e só depois de articular muito bem meu plano é que logrei desfrutar de duas horas de repouso.

Fui, nessa mesma noite, à casa da sra. de Volanges e, fiel a meu plano, contei-lhe ter certeza de que existia, entre Danceny e sua filha, uma relação perigosa. Essa mulher, tão perspicaz no que diz respeito a você, estava cega a ponto de responder, de início, que eu estava enganada; que sua filha não passava de uma menina etc. etc. Eu não podia contar-lhe tudo o que sabia, mas mencionei olhares, conversas que alarmavam minha virtude e minha amizade. Enfim, falei quase tão bem como o faria uma devota e, desferindo o golpe decisivo, cheguei mesmo a dizer que julgava ter visto uma carta entregue e recebida. Isso me lembra, acrescentei, que um dia ela abriu em minha frente uma gaveta de seu secretário, na qual avistei muitos papéis que ela decerto tem guardado. Sabe se ela mantém alguma correspondência assídua? Nisso, o semblante da sra. de Volanges se alterou, e vi algumas lágrimas encherem seus olhos. “Muito obrigada, minha digna amiga, disse apertando minha mão, vou averiguar.”

Depois dessa conversa, demasiado breve para parecer suspeita, aproximei-me da mocinha. Deixei-a logo em seguida, para ir pedir à mãe que não me compromettesse aos olhos da filha, o que ela prometeu de bom grado, mesmo porque lhe fiz observar quão interessante seria que a menina pudesse confiar em mim, abrir-me seu coração e me deixar em posição de lhe dar meus sensatos conselhos. O que me garante que irá manter sua promessa é que não tenho dúvida de que quer se mostrar perspicaz perante

a filha. Desse modo, vejo-me autorizada a manter minha amizade com a menina sem parecer falsa aos olhos da sra. de Volanges, que era o que eu queria evitar. Ganho, além disso, a possibilidade de estar com a menina, pelo tempo e privacidade que quiser, sem nunca causar inquietação na mãe.

Disso me aproveitei naquela mesma noite. Depois de terminar minha partida, segurei a menina num canto e induzi-a ao assunto Danceny, que para ela nunca se esgota. Diverti-me em encher-lhe a cabeça com o prazer que teria ao vê-lo no dia seguinte; não há bobagem que não a tenha levado a dizer. Afinal, cumpria devolver-lhe em expectativas o que eu lhe tirava de realidade. Além disso, dessa forma, o golpe lhe seria mais sensível, e estou convencida de que, quanto mais ela sofrer, mais pressa terá em compensar na primeira oportunidade. É bom, aliás, acostumar aos grandes acontecimentos aqueles que destinamos às grandes aventuras.

Será que ela não pode, afinal, pagar com algumas lágrimas pelo prazer de rever seu Danceny? É louca por ele! Pois prometo-lhe que terá esse prazer, e até antes do que teria sem essa tempestade. É um sonho ruim, e o despertar será delicioso, e, ao fim e ao cabo, creio que ela me deve alguma gratidão. Aliás, mesmo que eu tenha colocado nisso tudo um tanto de malícia, divertir-se é preciso:

Les sots sont ici-bas pour nos menus plaisirs.^u

Retirei-me por fim muito satisfeita comigo mesma. Ou bem Danceny, pensava, estimulado pelos obstáculos verá duplicar seu amor, e nesse caso irei ajudá-lo naquilo que puder; ou bem não passa de um tolo, como às vezes fico inclinada a pensar, entrará em desespero e se dará por vencido: nesse caso, ao menos me vingarei dele até onde for de meu alcance. Enquanto isso, aumentarei a estima da mãe por mim, a amizade da filha, e a confiança de ambas. Quanto a Gercourt, objeto primeiro de meu interesse, eu teria de ser muito azarada ou muito inábil para, senhora da mente de sua mulher, como o sou e serei mais ainda, não encontrasse mil maneiras de fazê-lo se tornar o que quero que ele seja. Fui deitar-me em meio a esses doces pensamentos, de modo que dormi bem e acordei bastante tarde.

Ao acordar, encontrei dois bilhetes, um da mãe e outro da filha. Não pude deixar de rir ao deparar, em ambos, com literalmente a mesma frase:

Somente da senhora posso esperar algum consolo. Não é mesmo engraçado consolar contra e a favor, e ser o único agente de dois interesses diametralmente opostos? Eis-me aqui, igual à divindade, acolhendo os anseios opostos dos cegos mortais, sem em nada alterar meus imutáveis decretos. Desfiz-me, porém, desse augusto papel, para assumir o do anjo consolador e fui, como mandam os santos preceitos, visitar meus amigos em sua aflição.

Comecei pela mãe. Encontrei-a em meio a uma tristeza que em parte já o vinga das contrariedades que ela lhe fez passar junto de sua bela virtuosa. Deu tudo maravilhosamente certo. Minha única preocupação era que a sra. de Volanges aproveitasse esse momento para tentar granjear a confiança da filha; o que seria bastante fácil, bastando usar com ela a linguagem da doçura e da amizade, e dar aos conselhos da razão o ar e o tom do afeto indulgente. Felizmente, ela se armou de severidade, e afinal portou-se tão mal que só me restava aplaudir. Verdade é que chegou a cogitar sustar todos os nossos planos, decidida que estava a mandar a filha para o convento. Mas evitei esse golpe, sugerindo que, caso Danceny insistisse em seu assédio, se ativesse à mera ameaça de modo a obrigar a ambos a uma prudência que julgo necessária para o êxito.

Fui em seguida ter com a filha. Não imagina o quanto a dor a deixa mais bonita! Caso venha a tornar-se minimamente coquete, garanto que irá chorar amiúde; por ora, chorava sem malícia... Impressionada com esse novo encanto, que não lhe conhecia e observava com prazer, de início ofereci apenas um desses desajeitados consolos, que mais aumentam do que aliviam o sofrimento, levando-a assim ao ponto de um autêntico sufoco. Ela já não chorava, e por um momento temi alguma convulsão. Aconselhei-a a deitar-se, e ela aceitou; fiz-lhe as vezes de camareira: ela não fizera sua toailete, e logo os cabelos soltos se espalharam em seus ombros e seu colo inteiramente despidos. Beijei-a, ela se abandonou em meus braços e suas lágrimas voltaram a correr sem esforço. Deus meu, que linda que estava! Ah, se Madalena era assim, deve ter sido mais perigosa como penitente do que como pecadora.⁷

Uma vez deitada a formosa desolada, pus-me de boa-fé a consolá-la. Tranquilei-a, primeiro, acerca do convento. Fiz brotar dentro dela a esperança de ver Danceny em segredo e, sentando-me na cama: “Se ele estivesse aqui”, disse-lhe. Então, devaneando sobre o tema, de distração em distração,⁸ fui induzindo-a a esquecer tudo o que a afligia. Teríamos

nos despedido totalmente satisfeitas uma com a outra, não fosse ela tentar me incumbir de uma carta para Danceny, o que evidentemente recusei. Minhas razões, que você decerto irá aprovar, são as seguintes.

A primeira é que isso seria comprometer-me em relação a Danceny; e, se era essa a única que eu podia alegar para a menina, muitas outras havia, cá entre nós. Não seria arriscar o fruto de meu esforço oferecer tão cedo a nossos meninos um meio fácil de suavizar seu sofrimento? Além disso, não me desagrada a ideia de obrigá-los a envolver alguns criados, pois afinal, se tudo correr como eu espero, essa aventura terá de ser conhecida logo após o casamento, e existem poucas maneiras mais seguras de divulgá-la; ou se, por milagre, os criados não comentassem, comentaríamos nós, e seria mais fácil atribuir a eles a indiscrição.

Assim, você terá que dar ainda hoje essa ideia a Danceny. E como não estou segura da camareira da menina Volanges, da qual ela própria parece desconfiar, indique-lhe a minha, minha fiel Victoire. Cuidarei para que seja bem-sucedido. Essa ideia me agrada sobretudo por esse segredo ser útil apenas para nós, e não para eles: ainda não cheguei ao fim de meu relato.

Enquanto eu recusava incumbir-me da carta da menina, temia que a qualquer momento ela me sugerisse postá-la na Petite-Poste,⁹ o que eu dificilmente poderia ter negado. Felizmente, quer por estar perturbada, quer por ignorância de sua parte, ou ainda por dar menos importância à carta do que à resposta, que não obteria por esse meio, não aventou essa alternativa. Contudo, para evitar que lhe ocorresse a ideia, ou pelo menos que ela a pusesse em prática, tomei de imediato uma decisão e, indo aos aposentos da mãe, convenci-a a afastar a filha por algum tempo, levá-la para o campo... Para onde? Para a casa de sua tia, a velha Rosemonde. Ficou de entrar hoje mesmo em contato com ela. Assim, eis que está autorizado a rever sua devota, que já não poderá objetar com o escândalo de estar a sós com você. E, graças a meus cuidados, a própria sra. de Volanges irá reparar o mal que lhe causou.

Mas, escute-me, e não cuide com tanto empenho de seus assuntos que acabe perdendo este de vista. Lembre-se de que ele me interessa. Quero que você se torne o correspondente e conselheiro desses dois jovens. Conte a Danceny sobre essa viagem, e ofereça-se para ajudá-lo. Aponte apenas certa dificuldade em fazer chegar suas credenciais às mãos da bela, e derrube imediatamente esse obstáculo indicando minha camareira como alternativa. Ele irá aceitar, sem dúvida alguma, e em troca de seu empenho

você ganhará a confiança de um coração virgem, o que é sempre interessante. Pobre pequena! Como irá enrubescer ao lhe entregar sua primeira carta! Na verdade, esse papel de confidente, sobre o qual se criaram tantos preconceitos, a mim parece uma distração bastante agradável quando se tem outras preocupações, o que será seu caso.

De seu zelo é que irá depender o desfecho dessa intriga. Imagine quando chegar o momento de promover o encontro entre os atores. O campo oferece mil possibilidades, e Danceny com certeza estará pronto para ir até lá ao primeiro sinal que lhe der. Uma noite, um disfarce, uma janela... que sei eu? Enfim, se a menininha retornar do mesmo jeito como foi, irei cobrar de você. Caso ache que ela precisa de algum estímulo de minha parte, mande dizer. Acredito ter lhe dado uma lição suficiente sobre o perigo de manter cartas guardadas para me atrever a escrever-lhe no momento; pois ainda tenho a intenção de fazer dela minha pupila.

Creio que esqueci de comentar que as desconfianças dela acerca de sua correspondência denunciada recaíram de início sobre sua camareira, e eu as desviei para seu confessor. Mato assim dois coelhos com uma só cajadada.

Adeus, visconde; faz tempo que estou a lhe escrever, atrasando com isso meu almoço. Mas minha carta era ditada pelo amor-próprio e pela amizade, que são ambos muito tagarelas. Ainda assim, chegará a sua casa por volta das três horas, o que lhe dará tempo suficiente.

E agora pode queixar-se de mim, se se atrever. E vá revisitar, se for essa sua vontade, o bosque do conde de B.¹⁰ Você diz que ele o preserva para o prazer de seus amigos! Quer dizer então que todo o mundo é amigo desse homem? Mas adeus, estou com fome.

De..., neste 9 de setembro de 17**.

CARTA 64
DO CAVALEIRO DANCENY À SRA. DE VOLANGES
(RASCUNHO JUNTADO
À CARTA 66, DO VISCONDE À MARQUESA)

Sem procurar, senhora, justificar minha conduta, e sem queixar-me da sua, posso apenas afligir-me com um acontecimento que causa a desgraça de

três pessoas, todas as três merecedoras de uma sorte mais feliz. Mais sensível à dor de tê-la causado do que à de ser sua vítima, ensaiei várias vezes, de ontem para cá, a honra de responder-lhe, sem encontrar forças para isso. Tenho tanto a dizer-lhe, contudo, que me obrigo a fazer um esforço sobre mim mesmo; e, se esta carta carecer de ordem e coerência, poderá sentir quão dolorosa é minha situação e conceder-me alguma indulgência.

Permita-me primeiramente discordar da primeira frase de sua carta. Não abusei, atrevo-me a dizer, nem de sua confiança nem da inocência da srta. de Volanges; a ambas respeitei em minhas ações. Só elas dependiam de mim, e, embora a senhora me culpe por um sentimento involuntário, não receio afirmar que o sentimento que me foi inspirado pela senhorita sua filha é de tal ordem que pode até desagradar-lhe, mas não ofendê-la. Quanto a esse ponto, que me toca mais do que saberia dizer, não aceito outro juiz que não a senhora, e por testemunhas, minhas cartas.

Proíbe que eu me apresente em sua casa daqui por diante, e sem dúvida irei acatar tudo o que lhe aprouver ordenar a esse respeito. Mas essa súbita e total ausência não daria tanta margem aos comentários que quer evitar como a ordem, que por esse exato motivo, não quis dar a seu porteiro? Insisto tanto mais nesse ponto por ser ele muito mais importante para a srta. de Volanges do que para mim. Rogo-lhe, portanto, que pese com atenção todos os elementos, e não permita que sua severidade perturbe sua cautela. Certo de que somente o interesse da senhorita sua filha irá ditar suas resoluções, ficarei no aguardo de novas ordens de sua parte.

Entretanto, caso venha a permitir que vez ou outra eu lhe preste meus cumprimentos, comprometo-me, senhora (e pode contar com minha promessa), a não abusar dessas ocasiões para procurar conversar em particular com a srta. de Volanges ou entregar-lhe alguma carta. O receio de tudo que possa comprometer sua reputação me obriga a esse sacrifício, o qual será compensado pela alegria de vê-la ocasionalmente.

Este ponto de minha carta é igualmente minha única resposta possível àquilo que me diz acerca do destino que reserva à srta. de Volanges e que quer justificar por minha conduta. Prometer mais que isso seria tentar enganá-la. Um vil sedutor pode amoldar seus planos às circunstâncias, e fazer seus cálculos ao sabor dos acontecimentos; mas o amor que me move só me permite dois sentimentos: a coragem e a constância.

Consentir em ser esquecido pela srta. de Volanges ou mesmo esquecê-la,

eu? Não, nunca! Hei de lhe ser fiel; já fiz a ela esse juramento, que hoje renovo. Perdoe-me essa digressão, senhora, voltemos ao que importa.

Tenho ainda outro assunto a tratar com a senhora, o das cartas que me pede. Lamento sinceramente somar mais uma recusa às falhas que me atribui. Rogo-lhe, porém, que escute minhas razões e se digne, para apreciá-las, lembrar que meu único consolo ante o infortúnio de ter perdido sua amizade é a esperança de conservar sua estima.

As cartas da srta. de Volanges, sempre tão preciosas para mim, o são muitíssimo mais neste momento. São o único bem que me resta; somente elas ainda recordam um sentimento que constitui todo o encanto de minha existência. Acredite, porém, que eu não hesitaria um instante sequer em sacrificá-las à senhora, e o pesar de privar-me delas cederia ao desejo de provar-lhe minha respeitosa deferência; mas poderosas considerações me detêm, e estou certo de que nem mesmo a senhora poderá censurá-las.

Está de posse, é verdade, do segredo da srta. de Volanges. Mas, se me permite, sinto-me autorizado a crer que tal segredo foi antes surpreendido que confidenciado. Não tenho intenção de censurar uma atitude talvez legitimada pela solicitude materna. Respeito seus direitos, mas esses não chegam ao ponto de me dispensar de meus deveres. O mais sagrado de todos é o de nunca trair a confiança que me é feita. Seria faltar a esse dever expor aos olhos de outrem os segredos que um coração quis revelar apenas aos meus. Se a senhorita sua filha quiser confiar-lhe esse segredo, poderá contá-lo; suas cartas são inúteis para a senhora. Mas, se ela, em vez disso, preferir guardá-lo para si, decerto não espera que seja eu a revelá-lo.

Quanto ao sigilo em que deseja que seja sepultado esse fato, fique tranquila: sobre tudo que diz respeito à srta. de Volanges, sou capaz de desafiar até mesmo um coração de mãe. Para encerrar de vez qualquer preocupação de sua parte, já tenho tudo planejado. Esse precioso pacote, que até o momento trazia a inscrição *papéis a serem queimados*, traz agora *papéis pertencentes à sra. de Volanges*. Essa minha resolução deverá provar-lhe que minha recusa não se deve ao temor de que encontre nessas cartas um único sentimento que pudesse pessoalmente lamentar.

É esta, senhora, uma carta bem longa. Ainda não o seria o bastante se lhe deixasse a menor dúvida sobre a honestidade de meus sentimentos, meu mui sincero pesar pelo desagrado que lhe causei e o profundo respeito com que tenho a honra de ser etc.

De..., neste 9 de setembro de 17**.

CARTA 65

DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES

(ENVIADA ABERTA À MARQUESA DE MERTEUIL JUNTO COM A CARTA 66 DO VISCONDE)

Ó minha Cécile, que será de nós? Que Deus poderá salvar-nos do infortúnio que nos ameaça? Que o amor nos dê ao menos coragem para suportá-lo! Como descrever-lhe minha surpresa, meu desespero, quando vi minhas cartas, quando li a mensagem da sra. de Volanges? Quem poderá ter nos traído? Sobre quem recaem suas suspeitas? Teria você cometido alguma imprudência? O que está fazendo agora? O que lhe disseram? Queria saber de tudo, e ignoro tudo. Você mesma talvez não esteja mais informada que eu.

Remeto-lhe a mensagem de sua mãe, e a cópia de minha resposta. Espero que aprove o que disse a ela. Preciso muito que você aprove igualmente as atitudes que tomei depois desse episódio fatal: têm, todas, o propósito de ter notícias suas, e dar-lhe notícias minhas; e talvez, quem sabe, de ainda tornar a vê-la, com mais liberdade que antes.

Pode imaginar, minha Cécile, o prazer que seria estarmos juntos, poder de novo jurar um amor eterno, e ver em nossos olhos, sentir em nossas almas, que essas juras não serão falaciosas? Quanta tristeza um tão doce momento não nos faria esquecer! Pois tenho esperança de que esse momento aconteça, graças a essas minhas atitudes que lhe rogo aprovar. Que digo! Graças à atenção consoladora do mais afetuoso amigo; e só o que lhe peço é que esse meu amigo seja também o seu.

Talvez não devesse revelar seu segredo sem seu consentimento? Mas tenho como desculpa a tristeza e a necessidade. Foi o amor quem me guiou; ele é quem apela para sua indulgência, quem pede seu perdão por uma confiança necessária, sem a qual talvez estivéssemos separados para todo o sempre.^v Você conhece o amigo de quem estou falando; é amigo da mulher de quem você mais gosta. Trata-se do visconde de Valmont.

Minha ideia, ao dirigir-me a ele, era inicialmente interceder junto da sra. de Merteuil para que ela se incumbisse de uma carta para você. Ele não achou que isso fosse dar certo, mas, se não responde pela patroa, responde

pela camareira, a qual lhe deve favores. Essa camareira é quem vai lhe entregar esta carta, e você poderá dar-lhe a resposta.

Esse expediente será de pouca serventia se, como acredita o sr. de Valmont, você partir em breve para o campo. Nesse caso, ele próprio se dispõe a ajudar-nos. A senhora em cuja casa você irá se hospedar é parenta dele. Ele usará esse pretexto para visitá-la nessa mesma época, e assim, por ele é que passará nossa mútua correspondência. Ele garante inclusive que, se você concordar, poderá nos fornecer meios de nos encontrarmos sem nenhum risco de comprometê-la.

Com isso, minha Cécile, se você me ama, se lamenta meu infortúnio, e se, como espero, compartilha da mesma tristeza, acaso irá negar-se a confiar num homem que será nosso anjo tutelar? Não fosse ele, eu estaria reduzido ao desespero de não poder sequer atenuar a dor que lhe tenho causado. Essa dor terá fim, é o que espero. Mas, minha doce amiga, prometa-me não ceder demais a ela, não se deixar abater. A ideia de sua tristeza é para mim um insuportável tormento. Daria minha vida para fazê-la feliz! Você bem sabe. Que a certeza de ser adorada possa trazer algum consolo a sua alma! Quanto à minha, precisa que você me assegure que perdoa o amor pelos males que lhe inflige.

Adeus, minha Cécile; adeus, minha terna amiga.

De..., neste 9 de setembro de 17**.

CARTA 66

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Veja, cara amiga, ao ler as duas cartas inclusas, se não cumpri seus objetivos. Embora sejam ambas datadas de hoje, foram escritas ontem, em minha casa, e em minha presença: a carta para a menina diz tudo aquilo que queríamos. Não há como não se sentir humilhado ante a perspicácia de sua visão, a julgar pelo êxito de suas iniciativas. Danceny está apaixonado e é certo que, numa próxima oportunidade, você já não terá motivos para criticá-lo. Se a bela ingênua for dócil, tudo estará resolvido pouco depois de ela chegar ao campo; tenho mil soluções já planejadas. Graças a você, tornei-me de fato *o amigo de Danceny*; só lhe falta agora ser *príncipe*.^w

Ainda é tão jovem, esse Danceney! Acredita que não pude obter que promettesse à mãe renunciar a seu amor, como se fosse constrangedor prometer quando se está disposto a não cumprir! Eu estaria mentindo, repetia sem cessar. Não é edificante esse escrúpulo, sobretudo se quer seduzir a filha? Assim são os homens! São todos cafajestes em suas intenções, mas à fraqueza de que dão mostras na execução dão o nome de probidade.

Cabe a você impedir que a sra. de Volanges se assuste com os pequenos disparates que nosso jovem se permitiu em sua carta; preserve-nos do convento; cuide também de fazê-la desistir de pedir de volta as cartas da menina. Primeiro, porque ele não vai devolvê-las, não quer fazê-lo, e concordo com ele: o amor e a razão convergem nesse ponto. Li as tais cartas, enfrentei seu tédio. Elas podem vir a ser úteis. Explico-me.

No que pese nossa cautela, sempre pode ocorrer um escândalo, que acabaria com o casamento, não é mesmo, frustrando nossos planos em relação a Gercourt? No entanto, como por minha vez também quero vingar-me da mãe, se for o caso reservo-me o direito de desonrar a filha. Selecionando bem essa correspondência, e mostrando apenas parte dela, a menina Volanges daria a impressão de ter tido todas as iniciativas, e ter-se claramente oferecido. Algumas cartas poderiam inclusive comprometer a mãe, deixando-lhe, no mínimo, a mácula de uma imperdoável negligência. Bem sei que o escrupuloso Danceney ficaria revoltado de início; mas como seria pessoalmente atacado, creio que poderia dar-se um jeito. Embora seja capaz de apostar mil contra um que nossa sorte será outra, é importante prever tudo.

Adeus, bela amiga. Seria muito gentil de sua parte ir jantar amanhã em casa da marechala de...; eu não tive como recusar.

Creio ser desnecessário recomendar-lhe sigilo junto da sra. de Volanges sobre minha intenção de ir para o campo. Ela desde logo decidiria permanecer na cidade, ao passo que, uma vez chegando lá, não poderá ir embora no dia seguinte; e, se nos der não mais que uma semana, respondo por tudo.

De..., neste 9 de setembro de 17**.

DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Não queria mais responder-lhe, senhor, e talvez o constrangimento que sinto neste momento seja em si uma prova de que de fato não deveria fazê-lo. Todavia, não quero dar-lhe nenhum motivo de queixa a meu respeito; quero convencê-lo de que fiz pelo senhor tudo o que me era possível.

Diz que lhe permiti escrever-me? Concedo. Ao recordar-me, porém, tal permissão, julga que esqueço em que condições lhe foi dada? Tivesse eu sido tão fiel a essas condições como o senhor o foi pouco, acaso teria recebido uma só resposta minha? Esta é, no entanto, a terceira; e, enquanto o senhor faz de tudo para me obrigar a interromper essa correspondência, eu é que me ocupo dos meios de mantê-la. Existe um meio, mas é o único; e caso o recuse estará, embora afirme o contrário, dando-me provas do pouco valor que lhe dá.

Desista, portanto, de uma linguagem que não posso nem quero entender; renuncie a um sentimento que me ofende, me assusta, e ao qual o senhor talvez devesse se apegar menos, considerando-se que ele é o obstáculo que nos separa. Será então esse sentimento o único que é capaz de conhecer, e o amor terá então mais uma falha a meus olhos, a de excluir a amizade? O senhor mesmo teria a falha de não querer por amiga aquela da qual ansiou por sentimentos mais ternos? Nisso não quero acreditar: essa ideia, humilhante, me afastaria irremediavelmente do senhor.

Ao oferecer-lhe minha amizade, dou-lhe tudo o que é de fato meu, tudo de que posso dispor. O que mais pode desejar? Para entregar-me a esse tão doce sentimento, tão em harmonia com meu coração, espero apenas sua anuência, e a promessa, que lhe exijo, de que essa amizade haverá de bastar para sua felicidade. Esquecerei então tudo o que ouvi dizer; e deixarei em suas mãos o cuidado de justificar minha escolha.

Vê minha franqueza, ela deve provar-lhe minha confiança. Só dependerá do senhor torná-la ainda maior. Previno-o, porém, de que a primeira palavra de amor a destruirá para todo o sempre, reacendendo todos os meus temores; e será para mim, antes de mais nada, o sinal de um eterno silêncio para com o senhor.

Se, como diz, *arrependeu-se de seus erros*, não prefere então ser objeto da amizade de uma mulher honesta a ser objeto dos remorsos de uma mulher culpada? Adeus, senhor; há de compreender que, além do que escrevi aqui,

não posso dizer mais nada enquanto não tiver sua resposta.

De..., neste 9 de setembro de 17**.

CARTA 68

DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

Como responder, senhora, a sua última carta? Como ousar ser verdadeiro se minha sinceridade pode perder-me a seus olhos? Não importa, é preciso; encontrarei coragem. Digo e repito a mim mesmo que mais vale merecê-la do que conquistá-la, e mesmo que sempre me negue uma felicidade pela qual hei de ansiar eternamente, devo ao menos provar-lhe que meu coração é digno dela.

Que lástima eu ter, como diz, *me arrependido de meus erros!* Com que alegria não teria lido essa mesma carta a que hoje tremo ao responder! Nela a senhora fala em *franqueza*, expressa sua *confiança*, e por fim me oferece sua *amizade*: quantos tesouros, senhora, e como lamento não poder desfrutá-los! Quem me dera ser ainda o mesmo de antes!

Se de fato ainda o fosse, se não sentisse pela senhora mais que um interesse comum, esse interesse leviano, filho da sedução e do prazer, que hoje chamam de amor, eu me apressaria em tirar vantagem de tudo o que conseguisse obter. Sem grande sofisticação nos meios, desde que me conduzissem ao êxito, estimularia sua franqueza por necessidade de compreendê-la; desejaria sua confiança no intuito de traí-la; aceitaria sua amizade na esperança de transviá-la... Como, senhora? Esse quadro a assusta?... Ora, estaria pintado a meu estilo, caso eu lhe dissesse que consinto em ser apenas seu amigo...

Quem, eu! Consentir em dividir com alguém um sentimento emanado de sua alma? Se algum dia eu disser que consinto, não acredite mais em mim. Nesse momento estarei tentando enganá-la; talvez ainda a deseje, mas já não a estarei amando.

Não que a amável franqueza, a doce confiança, a sensível amizade não tenham valor a meus olhos... Mas o amor! O amor verdadeiro, tal como a senhora o inspira, ao reunir todos esses sentimentos, ao imprimir-lhes mais energia, não poderia prestar-se, como eles, a essa calma, a essa frieza da alma que permite comparações e até aceita preferências. Não, senhora, eu

não serei seu amigo; hei de amá-la com o amor mais terno, o mais ardente até, embora o mais respeitoso. E a senhora poderá desesperá-lo, mas não aniquilá-lo.

Com que direito pretende dispor de um coração cuja oferenda recusa? Por que requinte de crueldade pode invejar minha própria felicidade de amá-la? Esta me pertence, não depende da senhora; saberei defendê-la. Se é a fonte de meus males, é também seu remédio.

Não, mais uma vez, não. Persista em suas recusas cruéis, mas deixe-me meu amor. Agrada-lhe tornar-me infeliz? Pois que seja. Tente cansar minha coragem, saberei ao menos obrigá-la a decidir minha sorte. E quem sabe, um dia, venha a ser mais justa comigo. Não que eu espere sensibilizá-la, mas, mesmo sem persuadir-se, poderá convencer-se, e dizer a si mesma: “Eu o julguei mal”.

Ou melhor, é com a senhora mesma que está sendo injusta. Conhecê-la sem amá-la, amá-la sem ser fiel, são duas coisas igualmente impossíveis; e não obstante a modéstia que a enfeita, deve-lhe ser mais fácil queixar-se dos sentimentos que inspira do que surpreender-se com eles. Quanto a mim, cujo único mérito é o de ter sabido apreciá-la, não quero perder esse mérito; e, longe de aceitar sua insidiosa proposta, reitero a seus pés as juras de amá-la eternamente.

De..., neste 10 de setembro de 17**.

CARTA 69

DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

(BILHETE ESCRITO A LÁPIS E COPIADO POR DANCENY)

Pergunta-me o que tenho feito: tenho amado e chorado. Minha mãe não fala comigo; tirou-me papel, penas e tinta; estou usando um lápis que por sorte me restou, e escrevo num pedaço de sua carta. Não tenho como não aprovar tudo o que você fez; amo-o demais para não aceitar nenhum meio de ter notícias suas e dar-lhe notícias minhas. Eu não gostava do sr. de Valmont, e não sabia que era tão seu amigo; vou tentar acostumar-me com ele, e gostar dele por sua causa. Não sei quem nos denunciou; só pode ter sido minha camareira ou meu confessor. Estou muito aflita: partimos amanhã para o campo, não sei por quanto tempo. Meu Deus! Não poder

vê-lo mais! Falta-me espaço. Adeus, procure ler. Talvez se apaguem essas palavras traçadas a lápis, mas jamais os sentimentos gravados em meu coração.

De..., neste 10 de setembro de 17**.

CARTA 70

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Tenho um aviso importante para lhe dar, cara amiga. Jantei ontem, como sabe, em casa da marechala de... Falamos em você, de quem eu disse, não todo o bem que penso, mas todo aquele que não penso. Todos pareciam partilhar de minha opinião, e a conversa esmorecia, como sói acontecer quando falamos bem do próximo, quando eis que surgiu um contraditor: Prévan.

“Longe de mim”, disse ele, levantando-se, “duvidar do recato da senhora de Merteuil! Mas me atrevo a acreditar que esse se deve antes a sua agilidade que a seus princípios. Ela talvez seja mais difícil de alcançar do que de agradar; e uma vez que, ao correr atrás de uma mulher, inevitavelmente cruzamos com outras mulheres no caminho; já que, no fim das contas, essas outras podem valer tanto ou mais que ela; alguns se deixam distrair por um novo atrativo, outros param por cansaço; e ela talvez seja, em Paris, a mulher que menos precisou defender-se. Quanto a mim”, acrescentou ele (encorajado pelo sorriso de algumas mulheres), “só vou acreditar na virtude da senhora de Merteuil depois de estafar seis cavalos fazendo-lhe a corte.”

Essa brincadeira de mau gosto foi bem acolhida, como todas as que envolvem maledicência; e, em meio aos risos que ela suscitou, Prévan tornou a sentar-se e mudaram-se os rumos da conversa. Mas as duas condessas de B., junto das quais estava sentado o incrédulo, tiveram com ele um particular a respeito, que eu felizmente estava em condições de ouvir.

Foi aceito o desafio de sensibilizá-la; a promessa foi feita de tudo relatar; e de todas as que venham a ser feitas nessa aventura, será seguramente a mais religiosamente cumprida. Ei-la bem-avisada, e conhece o provérbio.

Resta-me dizer que o tal Prévan, que você não conhece, é extremamente

amável, e mais que isso hábil. Se alguma vez ouviu-me dizer o contrário, é porque não o aprecio, gosto de negar suas conquistas, e não desconheço o peso de minha aprovação junto de umas trinta de nossas mulheres mais em voga.

Com efeito, por muito tempo pude impedir, dessa maneira, que ele se projetasse nisso que chamamos de grande teatro;¹¹ e ele realizava prodígios sem lograr aumentar sua reputação. O brilho de sua tripla aventura, porém, ao fixar as atenções sobre ele, trouxe-lhe a confiança que até então lhe faltava e tornou-o de fato temível. Enfim, talvez seja hoje o único homem que eu temeria cruzar em meu caminho; e, para além de seu próprio interesse, você estaria me prestando um verdadeiro favor se, de quebra, o ridicularizasse um pouco. Deixo-o em boas mãos, e ousou esperar que, quando eu voltar, ele será um homem afogado.

Em troca, prometo encaminhar a contento a aventura de sua pupila, e dar-lhe tanta atenção quanto darei a minha bela virtuosa.

Esta acaba de enviar-me um projeto de capitulação. Sua carta inteira anuncia o desejo de ser enganada. Seria impossível oferecer, para tanto, uma solução mais cômoda, e também mais surrada: quer que eu seja *seu amigo*. Mas eu, que aprecio os métodos novos e difíceis, não pretendo deixá-la safar-se a tão pouco custo; e por certo não me empenhei tanto para terminar com uma sedução banal.

Meu plano, pelo contrário, é que ela sinta, sinta realmente o valor e a extensão de cada sacrifício que fizer por mim; é não a conduzir tão depressa que o remorso não possa acompanhá-la; é fazer expirar sua virtude numa lenta agonia; é fixá-la sem trégua nesse desolador espetáculo, e não lhe conceder a alegria de ter-me em seus braços antes de tê-la forçado a não mais dissimular seu desejo. Eu estaria de fato valendo muito pouco se não valesse o esforço de ser solicitado. E acaso poderia ser menor minha vingança contra uma mulher ativa, que parece envergonhar-se de reconhecer que me adora?

Recusei, portanto, sua preciosa amizade e me ative a meu título de enamorado. Como não ignoro que esse título, que à primeira vista parece ser mera questão de palavras, possui de fato uma real importância, redigi minha carta com todo o cuidado, tentando imprimir-lhe essa desordem exigida pela expressão de um sentimento. Enfim, disparei tanto quanto possível, pois sem disparate não existe ternura; e é esse, acredito, o motivo por que as mulheres nos são tão superiores em cartas de amor.

Concluí a minha com um galanteio, mais um fruto de minhas profundas observações. Depois de ser exercitado por um tempo, o coração de uma mulher precisa de repouso; e reparei que um galanteio é, para todas elas, o mais doce travesseiro que se possa oferecer.

Adeus, bela amiga. Parto amanhã. Se tiver alguma encomenda para a condessa de B., vou dar uma parada em sua casa, ao menos para almoçar. Aborrece-me ir embora sem vê-la. Envie-me suas sublimes instruções, e ajude-me com seus sábios conselhos nesse momento decisivo.

Antes de mais nada, acautele-se com Prévan; e possa eu algum dia compensá-la por esse sacrifício! Adeus.

De..., neste 11 de setembro de 17**.

CARTA 71

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Não é que o estouvado do meu criado deixou minha pasta em Paris! As cartas de minha bela, as de Danceney para a menina Volanges: ficaram todas lá, e preciso de todas. Ele está de saída para ir consertar sua asneira e, enquanto sela o cavalo, aproveito para contar-lhe sobre a noite passada: pois, acredite, não perco meu tempo.

O episódio em si é pouca coisa; não passa de um “requentado” com a viscondessa de M... Mas me interessou pelos detalhes.¹² Além disso, agrada-me mostrar-lhe que, se tenho o dom de causar a perdição das mulheres, tenho igualmente, quando quero, o dom de salvá-las. Minha opção será sempre pelo mais difícil ou pelo mais alegre; e não me arrependo de uma boa ação, desde que me exercite ou me divirta.

Encontrei aqui a viscondessa, portanto, e como se unisse aos insistentes pedidos que me eram feitos de pernoitar no castelo: “Pois bem, aceito, com a condição de passar a noite consigo”. “Impossível”, respondeu ela, “Vressac está aqui.” Até ali, minha intenção era apenas ser polido, mas a palavra “impossível”, como sempre, revoltou-me. Humilhava-me ser preterido por Vressac, e resolvi não aceitá-lo: insisti, portanto.

As circunstâncias não me eram favoráveis. O tal Vressac fez a bobagem de causar ciúmes ao visconde, de modo que a viscondessa não pode mais recebê-lo em casa: combinaram essa viagem à casa da bondosa condessa na

tentativa de poderem passar algumas noites juntos. O visconde inclusive mostrou-se aborrecido quando, ao chegar, deparou com Vressac. Sendo, porém, ainda mais caçador do que é ciumento, permaneceu assim mesmo. E a condessa, sempre igual a si mesma, depois de ter acomodado a esposa num quarto do grande corredor, pôs o marido de um lado e o amante de outro, e deixou que se arranjassem. A má sorte de ambos quis que me atribuíssem o quarto da frente.

Nesse mesmo dia, ou seja, ontem, Vressac, que como pode imaginar vem bajulando o visconde, estava a caçar com ele a despeito de seu pouco interesse pela caça, contando consolar-se à noite, nos braços da mulher, do tédio que o marido lhe causava de dia. Quanto a mim, julguei que ele precisaria de repouso, e dei jeito de convencer sua amante a deixar-lhe um tempo para isso.

Deu certo, e convenci-a a se indispor com ele por motivo dessa mesma caçada à que ele, naturalmente, só aceitara ir por sua causa. O pretexto não poderia ser pior: mas mulher alguma tem, mais que a viscondessa, o talento, comum a todas elas, de colocar o humor no lugar da razão, e de nunca ser mais difícil de acalmar do que quando está errada. Aquele não era, aliás, um momento oportuno para explicações; e, como eu quisesse apenas uma noite, permiti que se reconcilhassem no dia seguinte.

Vressac, ao voltar, foi então recebido com mau humor. Quis perguntar o motivo, ela o recriminou. Ele tentou justificar-se. O marido, que estava presente, serviu de pretexto para interromper a conversa. Por fim, ele tentou aproveitar-se de um momento em que o marido se ausentou para pedir que ela aceitasse ouvi-lo à noite. Foi quando a viscondessa se mostrou sublime. Indignou-se com a audácia dos homens que, por terem desfrutado dos favores de uma mulher, se acham no direito de abusar, mesmo que ela tenha motivos de queixas. E, tendo assim, com essa manobra, desviado o assunto, tão bem discorreu sobre sensibilidade e sentimentos que Vressac se quedou mudo e confuso; eu mesmo fiquei tentado a achar que ela tinha razão. Pois terá imaginado que, enquanto amigo de ambos, assisti à discussão.

Por fim, ela positivamente declarou que não iria somar as fadigas do amor àquelas da caça, e que se sentiria mal por perturbar tão doce prazer. O marido retornou. O desolado Vressac, já sem liberdade para responder, dirigiu-se a mim; e depois de ter-me longamente exposto suas razões, que eu conhecia tão bem como ele próprio, pediu-me que falasse com a

viscondessa, o que lhe prometi. Falei com ela, com efeito; mas foi para agradecer, e acertar com ela a hora e os detalhes de nosso encontro.

Disse-me ela que, ficando seu quarto entre o do marido e o do amante, julgara mais prudente ir ao de Vressac do que recebê-lo em seus aposentos; e, já que eu estava acomodado no quarto em frente, também julgava mais seguro vir ter comigo; que assim faria tão logo sua camareira a deixasse a sós; que bastava eu deixar minha porta entreaberta e esperar.

Tudo se deu conforme combinado, e ela entrou em meu quarto lá por uma hora da manhã,

... dans le simple appareil

D'une beauté qu'on vient d'arracher au sommeil.^x

Não sendo dado à vaidade, não me estendo sobre os detalhes da noite. Mas você me conhece, e fiquei satisfeito comigo.

Ao raiar do dia, tivemos de nos separar. E aqui começa a parte interessante. A desajuizada julgara ter deixado a porta de seu quarto entreaberta, mas demos com ela fechada, a chave do lado de dentro. Você não faz ideia da expressão de desespero com que a viscondessa imediatamente me disse: “Ah! Estou perdida”. Convenhamos que teria sido engraçado deixá-la naquela situação: mas, como tolerar que uma mulher se perdesse para mim, sem que fosse por mim? E deveria, como o comum dos homens, deixar-me dominar pelas circunstâncias? De modo que era preciso achar uma solução. O que você teria feito, minha bela amiga? Minha atitude foi a seguinte, e resultou bem-sucedida.

Logo percebi que a porta em questão podia ser derrubada, desde que nos permitíssemos fazer barulho. Assim, convenci a viscondessa, não sem alguma dificuldade, a lançar gritos agudos e cheios de pavor, como *pegue o ladrão, assassino* etc. etc. E combinamos que, ao primeiro grito, eu derrubaria a porta e ela correria para sua cama. Não imagina o tempo que ela precisou para gritar, mesmo depois de ter concordado. Mas assim teve de fazer afinal, e ao primeiro pontapé a porta cedeu.

A viscondessa não perdeu tempo, e fez bem, pois, no mesmo instante, tanto o visconde como Vressac surgiram no corredor; também a camareira correu ao quarto da patroa.

Eu era o único ali com sangue-frio, e aproveitei para apagar uma lamparina que ainda queimava e derrubá-la no chão. Pois imagine o

ridículo de fingir aquele medo pânico com uma luz no quarto. Recriminei em seguida o marido e o amante por seu sono letárgico, afirmando que os gritos a que eu atendera, e meus esforços para derrubar a porta, haviam durado no mínimo cinco minutos.

A viscondessa, que em sua cama recobrava a coragem, confirmou bastante bem, e jurou por todos os santos que havia um ladrão em seus aposentos; mostrou-se tão mais sincera pelo fato de que nunca na vida havia sentido tanto medo. Procuramos por todo canto e nada encontramos, até que aponte para a lamparina caída, concluindo que fora um rato, sem dúvida, o causador do estrago e do pavor. Minha hipótese foi prontamente aceita e, depois de umas repisadas piadas sobre ratos,¹³ o visconde foi o primeiro a voltar para seu quarto e para sua cama, pedindo à mulher que no futuro, por favor, seus ratos fossem mais tranquilos.

Vressac, ficando a sós conosco, acercou-se da viscondessa para dizer-lhe ternamente que aquela fora uma vingança do amor; ao que ela retrucou, olhando para mim: “Estava então enfurecido, pois a vingança foi grande; mas estou morta de cansaço”, acrescentou, “e quero dormir”.

Eu estava num momento de bondade; de modo que, antes de nos despedirmos, pleiteei em favor de Vressac e promovi a reconciliação. Os dois amantes se abraçaram, e fui, por minha vez, abraçado por ambos. Já não me importavam os beijos da viscondessa, mas confesso que o de Vressac me agradou. Saímos juntos e, depois de aceitar seus extensos agradecimentos, fomos cada qual para sua cama.

Se achar essa história engraçada, não vou lhe pedir segredo. Agora que ela já me divertiu, é justo que o público tenha sua vez. Por enquanto, apenas contei a história. Talvez em breve falemos também da protagonista?

Adeus, meu criado está esperando já faz uma hora; só dou-me o tempo de mandar-lhe um abraço e, principalmente, recomendar-lhe que tome cuidado com Prévan.

Do castelo de..., neste 13 de setembro de 17**.

CARTA 72

DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES

(ENTREGUE SOMENTE NO DIA 14)

Ó, minha Cécile! Como invejo a sorte de Valmont! Ele vai vê-la amanhã. É quem vai lhe entregar esta carta; enquanto eu, definhando longe de você, estarei arrastando minha penosa existência entre saudades e sofrimento. Minha amiga, minha terna amiga, tenha pena de minha dor e, mais que nada, tenha pena de mim por sua dor: diante dela é que a coragem me abandona.

Que terrível é para mim ser a causa de sua desgraça! Não fosse por mim, estaria feliz e tranquila. Você me perdoa? Diga, ah, diga que me perdoa; diga também que me ama, que sempre há de me amar. Preciso que me repita isso. Não que eu tenha alguma dúvida, mas parece-me que quanto mais certeza se tem mais doce é ouvi-la dizer. Você me ama, não é? Sim, me ama com toda a sua alma. Não esqueço que essas foram as últimas palavras que a ouvi pronunciar. Como as acolhi em meu coração! Como estão nele profundamente gravadas! E com que enlevo ele correspondeu!

Mas ai, naquele instante de felicidade, estava longe de imaginar o destino terrível que nos aguardava. Cuidemos, minha Cécile, de amenizá-lo. Ao que diz meu amigo, bastará para tanto que você deposite nele a confiança que ele merece.

Penalizou-me, confesso, a imagem desfavorável que parece nutrir a seu respeito. Nela reconheci as prevenções de sua mãe: por submeter-me a elas é que negligenciei, de uns tempos para cá, esse homem realmente amável, que hoje faz tanto por mim; que se empenha, enfim, em nos reunir, ao passo que sua mãe nos separou. Rogo-lhe, minha amiga, que o veja com um olhar mais favorável. Lembre-se de que é meu amigo, quer ser seu amigo também, e pode me devolver a alegria de vê-la. Se esses motivos não puderem convencê-la, minha Cécile, é que não me ama como eu a amo, já não me ama como antes me amava. Ah! Se um dia viesse a amar-me menos... Mas não, é meu o coração de minha Cécile, e por toda a vida; e, se tenho de temer as mágoas de um amor infeliz, ao menos sua constância irá salvar-me dos tormentos de um amor traído.

Adeus, minha graciosa amiga; lembre que estou sofrendo, e que só depende de você tornar-me feliz, perfeitamente feliz. Ouça a prece de meu coração e receba os mais doces beijos do amor.

Paris, neste 11 de setembro de 17**.

CARTA 73
DO VISCONDE DE VALMONT A CÉCILE VOLANGES
(JUNTADA À ANTERIOR)

O amigo ora a seu dispor soube que a senhorita não tinha o necessário para escrever, e já o providenciou. Irá encontrar na antecâmara de seus aposentos, debaixo do armário grande, à esquerda, uma provisão de papel, penas e tinta, que ele irá renovar segundo seu desejo, e que, assim lhe parece, a senhorita poderá guardar nesse mesmo lugar se não encontrar algum mais seguro.

Pede esse amigo para que não se melindre se ele aparenta não lhe dar atenção quando em companhia dos demais, e tratá-la como a uma menina. Tal atitude se lhe afigura indispensável para inspirar a segurança necessária para atuar com mais eficiência em prol da felicidade de seu amigo e da sua. Ele tentará criar oportunidades de falar-lhe quando tiver algo a contar-lhe ou entregar-lhe; e espera consegui-lo caso a senhorita se empenhe em ajudá-lo.

Ele também a aconselha a ir lhe devolvendo as cartas que receber, de modo a correr menos riscos de se comprometer.

E conclui assegurando-lhe que, caso se disponha a brindá-lo com sua confiança, ele fará o possível para amenizar a perseguição que uma mãe demasiado cruel tem infligido a duas pessoas, das quais uma já é seu melhor amigo, e a outra parece-lhe merecer o mais afetuoso desvelo.

Do castelo de..., neste 14 de setembro de 17**.

CARTA 74
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Ora, meu amigo, desde quando se deixa tão facilmente assustar? O tal Prévan será assim tão temível? Mas veja como sou simples e modesta! Já estive várias vezes com esse soberbo campeão, e mal olhei para ele! Nada, além de sua carta, teria me levado a prestar-lhe atenção. Ontem remediei essa injustiça. Ele estava na Ópera, quase em minha frente, e tratei de

observá-lo. Ao menos é bonito, muito bonito; feições finas e delicadas! Deve ganhar em ser visto de perto. E diz você que ele quer conquistar-me? Por certo será para mim uma honra e um prazer. Sério, a ideia me atrai, e devo confessar que já fiz as primeiras investidas. Não sei se irão resultar. Eis o fato.

Ele estava a dois passos de mim, à saída da Ópera, e combinei, em alto e bom som, encontrar-me com a marquesa de... para jantarmos, na sexta-feira, em casa da marechala. Essa é, tenho impressão, a única casa em que o posso encontrar. Não tenho dúvida de que ele escutou... E se o ingrato não for? Mas, diga-me, acha que ele irá? Sabe que, se não for, ficarei de mau humor a noite inteira? Como vê, ele não irá achar tão difícil *correr atrás de mim*; e, o que para você será mais surpreendente, menos difícil ainda será para ele *agradar-me*. Diz ele que quer estafar seis cavalos para me fazer a corte! Ora, vou poupar a vida desses cavalos. Jamais terei paciência para esperar tanto tempo. Sabe que não está em meus princípios fazer-me esperar uma vez que esteja decidida, e por ele já estou.

Ora, confesse que para você é um prazer aconselhar-me! Seu *aviso importante* não está dando certo? Mas fazer o quê? Há tanto tempo que venho vegetando! Há mais de seis semanas que não me permito uma alegria. Se esta se oferece, por que recusá-la? O objeto acaso não vale a pena? Haverá algum mais agradável, seja qual for o sentido que se dê a essa palavra?

Você mesmo vê-se obrigado a reconhecê-lo: para além de elogiá-lo, está é com ciúme. Pois bem! Coloco-me entre os dois como juíza. Antes, porém, preciso estar instruída, e é o que quero fazer. Serei uma juíza imparcial e serão, os dois, pesados numa mesma balança. Quanto a você, já tenho suas memórias e seu caso está perfeitamente instruído. Não é justo que me ocupe agora de seu adversário? Ora, vamos, submeta-se de bom grado; e, para começar, faça-me o favor de contar que tríplice aventura é essa de que ele foi protagonista. Fala como se eu a conhecesse muito bem, mas dela não sei nem uma vírgula. Terá aparentemente acontecido durante minha estada em Genebra, e seu ciúme o terá impedido de contá-la. Corrija esse erro o quanto antes; considere que *nada do que lhe diz respeito me é alheio*.¹⁴ Tenho a vaga lembrança de que falamos sobre ele quando voltei; mas eu estava ocupada com outra coisa, e raramente escuto, em assuntos desse gênero, o que não data do mesmo dia, ou do anterior.

Caso isso que lhe peço o contrarie um pouco, não será essa uma

retribuição mínima pelo esforço que fiz por você? Não foi esse esforço que o reaproximou de sua presidenta depois que suas tolices o haviam afastado? E não fui eu que entreguei em suas mãos a oportunidade de vingar-se do zelo amargo da sra. de Volanges? Quantas vezes você não se queixou do tempo que perdia em busca de suas aventuras! Estão agora ao alcance de suas mãos. O amor, o ódio, só lhe resta escolher, está tudo abrigado sob o mesmo teto; e você pode, desdobrando-se, afagar com uma mão e ferir com a outra.

Também é a mim que você deve a aventura com a viscondessa. A qual me deixa muito satisfeita. Mas, como você diz, será preciso comentá-la; pois embora, o que compreendo, as circunstâncias o tenham levado, naquele momento, a preferir o segredo ao escândalo, convenhamos que essa mulher não merecia tão correta atitude.

Tenho, aliás, contra ela motivos de queixa. O cavaleiro de Belleruche julga-a mais bonita do que eu gostaria e, por diversas razões, adoraria ter um pretexto para romper com ela. Ora, não há pretexto mais cômodo do que ter de declarar: já não é possível frequentar essa mulher.

Adeus, visconde. Lembre-se de que, aí onde se encontra, o tempo é precioso. Vou empregar o meu tratando da felicidade de Prévan.

Paris, neste 15 de setembro de 17**.

CARTA 75

(Nota bene: nesta carta, Cécile Volanges relata com todos os pormenores aquilo que se refere a sua pessoa nos acontecimentos que o leitor acompanhou na carta 59 e seguintes. Julgamos oportuno suprimir essa repetição. Por fim, menciona o visconde de Valmont, expressando-se da seguinte forma:)

CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Asseguro-lhe que é um homem realmente extraordinário. Minha mãe fala muito mal dele, mas o cavaleiro Danceny fala muito bem, e acho que ele é que tem razão. Nunca vi um homem tão hábil. Quando me entregou a carta de Danceny, o fez no meio de toda gente, e ninguém percebeu nada.

Verdade é que tomei um susto, porque não estava preparada. Mas a partir de agora estarei prevenida. Já percebi perfeitamente o que ele quer que eu faça para entregar-lhe minha resposta. É muito fácil entender-se com ele, pois tem um olhar capaz de dizer tudo o que quer. Não sei como consegue: ele dizia, no bilhete de que lhe falei, que em aparência não me daria atenção na presença de minha mãe. Com efeito, sempre parece nem pensar nisso, e no entanto todas as vezes que busco seu olhar tenho certeza de encontrá-lo em seguida.

Encontra-se aqui uma boa amiga de minha mãe, que eu não conhecia, e que também parece não gostar do sr. de Valmont, embora ele seja muito atencioso com ela. Temo que ele não demore a entediar-se com a vida que levamos aqui, e acabe voltando para Paris. Seria deplorável. Deve ter muito bom coração para ter vindo especialmente fazer um favor ao amigo e a mim! Bem que gostaria de expressar-lhe minha gratidão, mas não sei como falar com ele. E, quando encontrar uma oportunidade, estarei tão envergonhada que talvez não saiba o que dizer.

Somente com a sra. de Merteuil posso falar livremente ao falar de meu amor. Talvez até com você, a quem conto tudo, pessoalmente eu me sentisse constrangida. Com o próprio Danceny, não raro senti, como a contragosto, certo receio que me impedia de dizer-lhe tudo o que pensava. Hoje censuro a mim mesma por isso, e daria tudo neste mundo para ter a chance de dizer-lhe, somente uma vez, o quanto eu o amo. O sr. de Valmont prometeu-lhe que, se eu aceitasse, arranjará uma ocasião para nos revermos. Farei, por certo, o que ele pedir, mas não posso acreditar que isso seja possível.

Adeus, minha boa amiga, já não me sobra espaço.y

Do castelo de..., neste 14 de setembro de 17**.

CARTA 76

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Ou bem sua carta é um escárnio que não entendi, ou bem você estava, ao escrevê-la, em meio a um mui perigoso delírio. Se a conhecesse menos, bela amiga, ficaria realmente assustado; e, apesar do que possa pensar, não estaria me assustando à toa.

Por mais que a leia e releia, não logro entender, uma vez que não há como tomar sua carta em seu sentido natural. O que queria dizer-me afinal?

Apenas que era inútil tomar tantas precauções contra um inimigo tão pouco temível? Nesse caso, contudo, pode estar enganada. Prévan é amável, de fato, e mais do que você pensa; possui antes de mais nada o utilíssimo talento de atrair muita atenção para seu amor, pela habilidade com que fala sobre ele a sua volta, e diante de todos, valendo-se da primeira oportunidade. Poucas mulheres escapam então à armadilha de responder-lhe, porque, tendo todas elas pretensões à sagacidade, não querem perder a ocasião de mostrá-la. Ora, você sabe muito bem que a mulher que consente em falar no amor, logo acaba por senti-lo ou, pelo menos, comportar-se como se o sentisse. A esse método, que realmente aperfeiçoou, ele ainda acrescenta a vantagem de não raro contar com essas mesmas mulheres para testemunharem suas próprias derrotas. Se lhe digo isso, é porque o vi.

Eu só sabia disso indiretamente, já que nunca tive intimidade com Prévan. Enfim, estávamos em seis, e a condessa de P., julgando-se muito astuta, e de fato aparentando, para quem não estivesse a par, conversar genericamente, contou-nos em pormenores como havia se entregado a Prévan e tudo o que tinha havido entre eles. Contava sua história com tamanha segurança que nem sequer se perturbou com um acesso de riso que tivemos os seis ao mesmo tempo; e nunca irei esquecer que, tendo um de nós, para se desculpar, fingido duvidar do que ela dizia, ou melhor, do que ela aparentava dizer, ela respondeu gravemente que por certo nenhum de nós estava tão bem informado quanto ela; e não hesitou em dirigir-se a Prévan para perguntar-lhe se estava errada num detalhe que fosse.

Pude então julgar como esse homem é perigoso para todo o mundo. Mas para você, marquesa, não bastava que fosse *bonito, muito bonito*, como você mesma diz? Ou que fizesse *uma dessas investidas que você aprecia às vezes recompensar, pelo único motivo de as achar bem realizadas?*¹⁵ Ou porque, por uma razão qualquer, soa-lhe divertido render-se? Ou... que sei eu? Acaso posso adivinhar os mil e um caprichos que governam a cabeça de uma mulher, e que são a única coisa que ainda a prendem a seu sexo? Agora, já alertada do perigo, não tenho dúvida de que se safe facilmente; mas era preciso alertá-la. Retornando, então, a meu texto, o que você quis dizer?

Se for um mero escárnio envolvendo Prévan, além de um tanto extenso, para mim não tem nenhuma serventia; é na sociedade que cabe ridicularizá-lo, e nesse sentido reitero aqui meu pedido.

Ah! Creio ter descoberto a chave do enigma! Sua carta é uma profecia, não do que irá fazer, mas do que ele a julgará disposta a fazer no momento da queda que está a lhe preparar. Aprovo esse projeto; ele exige, contudo, muita cautela. Sabe tão bem quanto eu que, para efeitos de opinião pública, ter um homem ou receber suas atenções dá exatamente na mesma, a menos que esse homem seja um tolo; o que Prévan não é, longe disso. Se ele puder vencer somente em aparência, irá gabar-se, e será o suficiente. Os tolos irão acreditar, os maldosos fingirão acreditar: que alternativas você terá? Bem, isso me assusta. Não que eu duvide de sua habilidade, mas são os bons nadadores que se afogam.

Não me julgo mais tolo que outra pessoa qualquer; já descobri cem, mil maneiras de desonrar uma mulher; mas, quando tratei de pensar em como ela poderia evitá-lo, nunca vislumbrei nenhuma possibilidade. Mesmo em você, minha bela amiga, cuja conduta é uma obra-prima, mil vezes julguei ver mais sorte que competência.

Mas enfim, eu talvez esteja buscando uma explicação onde não há nenhuma. Admira-me estar há uma hora tratando seriamente de um assunto que decerto não passa de uma brincadeira de sua parte. Vai zombar de mim! Pois bem, que seja. Mas seja rápida, e passemos a outro assunto. Outro assunto! Engano meu, pois o assunto é sempre o mesmo: mulheres a conquistar ou desencaminhar, e não raro ambas as coisas.

Tenho aqui, como muito bem observou, com o que me exercitar nessas duas formas, embora não com a mesma facilidade. Minha previsão é que a vingança será mais rápida que o amor. A menina Volanges está rendida, isso eu garanto; só lhe falta agora a oportunidade, que me encarrego de criar. O mesmo não se dá, porém, com a sra. de Tourvel: essa mulher me consterna, não a compreendo; deu-me cem provas de seu amor, mas deu outras mil de sua resistência e, na verdade, temo que afinal me escape.

O efeito causado por meu regresso deu-me inicialmente mais esperanças. Pode imaginar que eu quis verificar por mim mesmo esse efeito e, para ter certeza de perceber suas primeiras reações, não me fiz preceder por ninguém, e calculei meu trajeto de modo a chegar quando estivessem todos à mesa. De fato, caí das nuvens qual uma divindade da Ópera surgindo para dar o desfecho.

Tendo feito suficiente barulho ao entrar para que todos os olhares se voltassem para mim, pude observar num mesmo relance a alegria de minha velha tia, o despeito da sra. de Volanges e o desconcertado prazer de sua filha. Minha bela, devido ao lugar que ocupava, estava de costas para a porta. Tratando, naquele momento, de cortar qualquer coisa, nem sequer virou a cabeça. Dirigi-me, contudo, à sra. de Rosemonde e, à primeira palavra que proferi, tendo reconhecido minha voz, a sensível virtuosa deixou escapar um grito no qual julguei identificar mais amor que surpresa ou susto. Eu então já me adiantara o suficiente para ver seu semblante: o tumulto de sua alma, o conflito entre suas ideias e sentimentos nele transpareceram de vinte diferentes formas. Sentei-me à mesa a seu lado. Ela não sabia em absoluto o que fazer ou dizer. Tentou continuar comendo, mas não houve jeito. Enfim, em menos de quinze minutos, seu constrangimento e prazer tornando-se mais fortes que ela, não teve ideia melhor do que pedir licença para se retirar e escapou para o parque a pretexto de tomar ar. A sra. de Volanges quis acompanhá-la, a terna virtuosa não aceitou: feliz, decerto, de ter um pretexto para ficar sozinha e entregar-se sem peias à doce emoção de seu coração!

Abreviei o almoço o quanto me foi possível. Mal tinham servido a sobremesa, a insuportável Volanges, aparentemente movida pela pressa em me prejudicar, levantou-se a fim de ir ter com a graciosa enferma. Eu antecipara esse plano, porém, e o contrariei. Fingi ver nesse gesto individual um movimento geral, levantei-me por minha vez, e a menina Volanges e o padre do lugar deixaram-se arrastar por esse duplo exemplo. De modo que a sra. de Rosemonde viu-se sozinha à mesa com o velho comendador de T..., e ambos tomaram igualmente o partido de levantar-se. Fomos todos, então, ao encontro de minha bela, que estava no bosque próximo ao castelo; e, como ela precisasse de solidão e não de um passeio, preferiu retornar conosco a reter-nos junto de si.

Tão logo me assegurei de que a sra. de Volanges não teria a chance de falar com ela a sós, pensei em executar suas ordens e pus-me a tratar dos interesses de sua pupila. Logo após o café, subi a meus aposentos, entrando também nos demais a fim de reconhecer o terreno; tomei minhas disposições para assegurar a correspondência da menina e, após esse primeiro favor, escrevi um bilhete para informá-la e solicitar sua confiança; juntei esse bilhete à carta de Danceny. Voltei para a sala. Lá encontrei minha bela acomodada numa espreguiçadeira em delicioso abandono.

Essa cena, despertando meus desejos, animou meus olhares; senti que deviam estar ternos e prementes, e posicionei-me de modo a fazer uso deles. Seu primeiro efeito foi fazer com que a divina virtuosa baixasse seus grandes olhos recatados. Contemplei por algum tempo aquela angélica figura e então, percorrendo-a por inteiro, detive-me a adivinhar-lhe os contornos e as formas por trás de um vestido leve, mas ainda assim inoportuno. Depois de ter descido da cabeça aos pés, tornei a subir dos pés à cabeça... E, bela amiga, o doce olhar estava pousado em mim; imediatamente tornou a baixar, mas, querendo encorajar seu retorno, desviei os olhos. Então se estabeleceu entre nós esse acordo tácito, primeiro tratado do amor tímido que, para satisfazer a mútua necessidade de ver, permite aos olhares que se sucedam até que venham a mesclar-se.

Convencido de que esse novo prazer ocupava minha bela por inteiro, tratei de velar pela segurança de nós dois. Tendo-me, porém, assegurado de que uma conversa um tanto animada nos poria a salvo dos comentários dos demais, tentei obter de seus olhos que falassem sua linguagem com franqueza. Para tanto, inicialmente flagrei alguns olhares, mas com a devida discricção para não alarmar seu recato; e, para deixar a tímida criatura mais à vontade, dei por minha vez mostras de igual constrangimento. Acostumando-se a se encontrarem, nossos olhares foram aos poucos se detendo com mais demora; por fim não mais se apartaram, e vislumbrei nos seus o doce langor, bem-vindo sinal do amor e do desejo. Durou, porém, apenas um instante, e logo, voltando a si, ela mudou, não sem certa vergonha, de atitude e de olhar.

Não querendo que desconfiasse que eu percebera suas várias reações, levantei-me com vivacidade perguntando-lhe, com ar de susto, se estava passando mal. Acorreram todos imediatamente. Deixei que passassem em minha frente e, como a menina Volanges, entretida numa tapeçaria junto de uma janela, demorasse algum tempo para largar do tear, aproveitei para entregar-lhe a carta de Danceny.

Estava um pouco afastado, de modo que joguei a missiva em seu colo. Ela, na verdade, não sabia o que fazer. Você teria achado muita graça em seu jeito surpreso e embaraçado. Eu, porém, não achei, pois temia que tamanha atrapalhão nos traísse. Mas um olhar e um gesto peremptório fizeram-lhe enfim compreender que era para guardar o pacote no bolso.

O restante do dia não trouxe nada de interessante. O que ocorreu desde então talvez resulte em acontecimentos que sejam de seu agrado, pelo

menos no que diz respeito a sua pupila. Mais vale, porém, gastar o tempo em executar planos do que em relatá-los. É, por sinal, a oitava página que escrevo, estou cansado. Adeus, portanto.

Você decerto já imaginou, sem que eu precisasse dizer, que a menina respondeu a Danceney.^z Recebi também uma resposta de minha bela, a quem havia escrito no dia seguinte ao de minha chegada. Envio-lhe as duas cartas. Você poderá lê-las, ou não: pois essa eterna lenga-lenga, que já não me diverte tanto, deve ser um bocado insípida para qualquer pessoa não envolvida.

Mais uma vez, adeus. Continuo amando-a muito, mas peço-lhe, se tornar a me falar em Prévan, que o faça de modo que eu possa entender.

Do castelo de..., neste 17 de setembro de 17**.

CARTA 77
DO VISCONDE DE VALMONT
À PRESIDENTA DE TOURVEL

Como se explica, senhora, o cruel cuidado com que foge de mim? Como é possível que a mais terna solicitude de minha parte só obtenha, da sua, atitudes que mal se aceitariam em relação a um homem de quem tivesse muito a queixar-se? Como! O amor me traz de volta a seus pés; e, quando um feliz acaso me põe a seu lado, prefere simular uma indisposição, assustar seus amigos, a consentir em permanecer perto de mim! Quantas vezes, ontem, não desviou os olhos para privar-me da graça de um olhar? E se, por instante, pude vislumbrar neles menos severidade, foi tão breve esse instante que me inclina a crer que a senhora queria menos que eu desfrutasse desse olhar do que fazer-me sentir o quanto estava perdendo ao dele ser privado.

Não é esse, atrevo-me a dizer, o tratamento merecido pelo amor, nem tampouco o permitido pela amizade; sabe, no entanto, que me move um desses dois sentimentos, e fui, ao que me parece, autorizado a acreditar que a senhora não se negaria ao outro. O que fiz para perder essa amizade preciosa, da qual sem dúvida julgou-me digno uma vez que se dispôs a oferecê-la? Terei sido prejudicado por minha confiança, e estará a senhora punindo minha franqueza? Não tem sequer o receio de estar abusando de

uma ou de outra? Não foi, com efeito, no peito de minha amiga que depusitei o segredo de meu coração? Não foi diante dela que me senti obrigado a recusar condições que teria bastado eu aceitar para assim ter a chance de não respeitá-las, e quem sabe dela tirar proveito? Enfim, acaso deseja, com tão desmerecido rigor, levar-me a crer que bastaria tê-la enganado para obter mais indulgência?

Não me arrependo de uma atitude que eu devia à senhora, e devia a mim mesmo; mas por que fatalidade cada gesto louvável se torna para mim sinal de um novo infortúnio?

Depois de ter motivado o único elogio que tenha se dignado a tecer sobre minha conduta é que tive, pela primeira vez, de lamentar a infelicidade de a ter desagradado. Depois de eu ter provado minha total submissão, privando-me da alegria de vê-la tão somente para apaziguar seus escrúpulos, é que decidiu romper toda correspondência comigo, tirar-me essa tênue compensação por um sacrifício que exigira de mim, e arrancar-me até o amor, o único que poderia dar-lhe esse direito. Enfim, depois de eu ter lhe falado com uma sinceridade que nem o próprio interesse desse amor soube enfraquecer, é que hoje foge de mim como de um perigoso sedutor de quem tivesse notado a perfídia.

Será que nunca irá se cansar de ser injusta? Diga-me ao menos que novos erros meus a terão levado a tanta severidade, e não se negue a ditar-me as ordens que deseja ver-me obedecer: uma vez que me comprometo a cumpri-las, será exigir demais pedir para saber quais são?

De..., neste 15 de setembro de 17**.

CARTA 78
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Parece-me estar surpreso, senhor, por minha atitude, e por pouco não me exige explicações, como se tivesse algum direito a censurá-la. Confesso que julgava estar mais autorizada que o senhor a surpreender-me e queixar-me; mas, depois da recusa contida em sua última resposta, resolvi encerrar-me numa indiferença que não dá mais lugar a observações e censuras. No entanto, já que me pede esclarecimentos, e que, graças a Deus, não sinto em mim nada que possa me impedir de oferecê-los, consinto em mais uma

vez entrar em explicações com o senhor.

Quem lesse suas cartas julgaria que sou injusta, ou estranha. Julgo merecer que ninguém faça tal imagem de mim; antes de mais nada, tenho a impressão de que o senhor, menos que ninguém, está em condições de fazê-lo. Terá decerto percebido que, ao requerer minha justificativa, obrigava-me a recordar tudo o que se passou entre nós. Julgou, aparentemente, que só teria a ganhar com essa análise. Como, por minha vez, não creio que possa ter algo a perder, pelo menos não a seus olhos, não receio empreendê-la. Talvez seja essa, com efeito, a única maneira de saber quem de nós dois tem direito a queixar-se do outro.

A contar do dia de sua chegada a este castelo, creio que há de reconhecer, senhor, que sua reputação me autorizava, no mínimo, a manter certa reserva; e que eu poderia, sem temer ser acusada de excesso de beatice, ter me atido a manifestar a mais fria polidez. O senhor mesmo me trataria com indulgência, julgando que uma mulher tão pouco experiente não tinha sequer o mérito necessário para apreciar o seu próprio. Sem dúvida, teria sido essa a decisão mais prudente, e mais fácil de ser seguida, tanto mais que, não vou lhe esconder, quando a sra. de Rosemonde comunicou-me sua chegada, precisei lembrar de minha amizade por ela, e dessa que ela nutre pelo senhor, para não deixar transparecer o quanto me contrariava essa notícia.

Convenho, de bom grado, que de início o senhor se mostrou sob um aspecto mais favorável do que eu imaginara; mas há de convir, por sua vez, que isso pouco durou, e que o senhor logo se cansou de um tolhimento, que aparentemente não sentiu ser suficientemente compensado pela ideia favorável que, graças a ele, eu formara a seu respeito.

Foi então que, abusando de minha boa-fé, de meu sossego, não hesitou em comunicar-me um sentimento pelo qual não podia ter dúvida de que eu me julgaria ofendida; e eu, enquanto o senhor tratava de agravar seus erros ao multiplicá-los, buscava um motivo para esquecê-los, oferecendo-lhe a oportunidade de repará-los, ao menos em parte. Tão justo era meu pedido que o senhor mesmo não se julgou capaz de recusá-lo. Contudo, enquanto se outorgava o direito a minha indulgência, aproveitou para pedir-me uma permissão que eu, sem dúvida, não deveria ter concedido, mas que o senhor, no entanto, obteve. Das condições colocadas, o senhor não cumpriu nenhuma; e sua correspondência foi de tal sorte que cada uma de suas cartas me impunha o dever de não mais responder-lhe. No exato

momento em que sua obstinação me forçava a afastá-lo de mim foi que, por uma condescendência talvez repreensível, recorri ao único meio capaz de permitir que se reaproximasse. Mas que valor tem, a seus olhos, um honesto sentimento? O senhor menospreza a amizade e, em sua louca embriaguez, fazendo pouco da desgraça e da vergonha, busca apenas prazeres e vítimas.

Tão leviano em suas atitudes como é inconsequente em suas queixas, esquece das próprias promessas, ou melhor, faz questão de violá-las; e, depois de ter consentido em se afastar de mim, volta para cá sem ter sido chamado, sem respeito por meus rogos e razões, sem ter sequer a gentileza de avisar-me. Não hesitou em me expor a uma surpresa cujo efeito, embora decerto bem natural, poderia ter sido desfavoravelmente interpretada pelas pessoas que nos cercavam. Longe de procurar atenuar, ou dissipar, o constrangimento momentâneo que causou, pareceu fazer o possível para aumentá-lo. À mesa, escolheu sentar-se justamente no lugar ao lado do meu; uma ligeira indisposição me obriga a levantar-me antes dos demais e, em vez de respeitar minha solidão, incita todo o mundo a ir perturbá-la. De volta à sala, se dou um passo, deparo com o senhor a meu lado; se digo uma palavra, é sempre o senhor quem responde. O comentário mais banal lhe serve de pretexto para retomar uma conversa que eu não queria ouvir, que pode inclusive comprometer-me. Pois afinal, por maior que seja sua habilidade, creio que, aquilo que eu compreendo, os demais podem compreender igualmente.

Forçando-me assim à imobilidade e ao silêncio, nem por isso deixa de me assediar; não posso erguer os olhos sem encontrar os seus. Sou obrigada a desviar constantemente o olhar e, por uma inconsequência bastante incompreensível, o senhor atrai para mim o olhar de todos os presentes, num momento em que até a meu próprio eu queria me furtar.

E vem queixar-se de minha atitude! E se espanta com meu empenho em evitá-lo! Ah, antes censure minha indulgência, espante-se por eu não ter ido embora no exato momento em que chegou. Talvez o devesse ter feito, e irá obrigar-me a essa decisão violenta, porém necessária, se não cessar afinal um assédio que me ofende. Não, não esqueço, jamais esquecerei, o que devo a mim mesma, o que devo aos laços que criei, que respeito e estimo; e rogo-lhe acreditar que, caso me visse reduzida a essa infeliz escolha, entre sacrificá-los ou sacrificar a mim mesma, não hesitaria um instante sequer. Adeus, senhor.

De..., neste 16 de setembro de 17**.

CARTA 79

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Contava ir à caça esta manhã, mas faz um tempo detestável. Tenho, por única leitura, um novo romance capaz de entediar até uma mocinha ingênua. Não vamos almoçar antes de, no mínimo, duas horas, de modo que, apesar de minha longa carta de ontem, vou conversar com você novamente. Tenho certeza de que não irei entediá-la, pois vou lhe falar sobre o *muito bonito Prévau*. Como pode não ter sabido de sua célebre aventura, que separou os *inseparáveis*?¹⁶ Posso apostar como irá se lembrar tão logo eu comece a contar. Mas aqui vai, contudo, uma vez que assim deseja.

Você decerto recorda que Paris inteira se espantava que três mulheres, todas três bonitas, todas três com iguais talentos e podendo alimentar iguais pretensões, permanecessem intimamente ligadas desde que haviam debutado na sociedade. Julgou-se a princípio que o motivo estivesse em sua extrema timidez. Porém, logo cercadas por numerosa corte, cujos galanteios partilhavam, e esclarecidas quanto a seu próprio valor pelas atenções e cuidados de que eram objeto, sua união tornou-se apenas mais forte, e parecia que o prestígio de uma sempre era também o prestígio das outras duas. Esperava-se que pelo menos o momento do amor introduzisse alguma rivalidade. Nossos galãs disputavam a honra de ser o pomo da discórdia; eu mesmo teria engrossado suas fileiras, se o imenso prestígio da condessa de... por essa mesma época não me proibisse de ser-lhe infiel antes de alcançar uma graça que eu lhe pedia.

As três beldades, entretanto, durante um mesmo carnaval, fizeram sua escolha como que de comum acordo; e esta, longe de suscitar as tempestades que se esperava, só fez tornar mais interessante sua amizade graças ao encanto das confidências.

A multidão dos pretendentes preteridos veio então somar-se à das mulheres invejosas, e a escandalosa constância foi submetida à censura pública. Alguns afirmavam que, nessa associação *das inseparáveis* (como foi então denominada), a lei fundamental era a comunhão de bens, à qual

o próprio amor se submetia; outros asseguravam que os três amantes, isentos de rivais masculinos, não o eram de rivais femininas;¹⁷ houve inclusive quem dissesse que tinham sido aceitos apenas por decoro, e só ocupavam um título sem função.

Tais rumores, fossem verdadeiros ou falsos, não lograram o efeito esperado. Os três casais, pelo contrário, sentiram que estariam perdidos caso se separassem naquele momento, e resolveram fazer face à tormenta. O público, que de tudo se cansa, não demorou a cansar-se da infrutífera zombaria. Com sua leviandade natural, foi tratar de outros assuntos; depois, retornando a esse com sua inconsequência habitual, transformou a crítica em elogio. Como aqui tudo depende de moda, o entusiasmo cresceu; chegava ao autêntico delírio quando Prévan resolveu conferir esses prodígios e atrair para eles a opinião pública e a sua própria.

Entrou então em contato com esses modelos de perfeição. Facilmente acolhido em seu convívio, viu nisso um favorável augúrio. Bem sabia que as pessoas felizes não são de tão fácil acesso. Com efeito, logo percebeu que essa tão alardeada felicidade era, tal como a dos reis, mais invejada que desejável. Reparou que os supostos inseparáveis começavam a buscar prazeres lá fora, mesmo por mera distração; e concluiu que os laços de amor ou amizade já se tinham esgarçado ou rompido, e só os do amor-próprio e do hábito ainda conservavam alguma força.

Embora as mulheres, unidas pela necessidade, mantivessem entre si a mesma aparente intimidade, os homens, mais livres em seus movimentos, redescobriam deveres a cumprir ou negócios a acompanhar, dos quais ainda se queixavam, mas já não dispensavam, e raramente compareciam todos às recepções.

Tal comportamento veio a calhar para o assíduo Prévan, que, naturalmente situado à mesa junto da negligenciada do dia, podia oferecer alternadamente, e de acordo com as circunstâncias, os mesmos galanteios às três amigas. Percebeu rapidamente que escolher uma delas equivaleria a se perder; que a falsa vergonha de ser a primeira infiel iria assustar a favorita; que a vaidade ferida das outras duas as transformaria em inimigas do novo amante, e não deixariam de usar contra ele a severidade dos grandes princípios; que, enfim, o ciúme decerto reavivaria as atenções de um rival que ainda podia ser temível. Tudo seria um obstáculo; tudo ficava fácil com seu tríplice plano: as mulheres eram tolerantes porque estavam interessadas; e os homens, porque julgavam não estar.

Prévant, que tinha então apenas uma mulher a sacrificar, teve a sorte de ela adquirir notoriedade. Sua condição de estrangeira e os obséquios de um ilustre príncipe, habilmente rejeitados, haviam-lhe angariado as atenções da corte e da cidade; seu amante partilhava dessa consideração e dela se valeu junto de suas novas conquistas. A única dificuldade estava em conduzir simultaneamente os três casos, cujo ritmo devia necessariamente pautar-se pela mais vagarosa; com efeito, soube por um de seus confidentes que sua maior preocupação foi conter uma delas, que estava pronta para desabrochar quase quinze dias antes das outras duas.

Chegava, finalmente, o grande dia. Prévan, que obtivera os três consentimentos, já se julgava dono da situação e acertou tudo como você vai ver. Dos três maridos, um estava ausente, o outro viajaria ao raiar do dia seguinte, o terceiro se encontrava na cidade. As inseparáveis amigas iam jantar em casa da futura viúva, mas o novo senhor não permitira que os antigos servos fossem convidados. Na manhã desse dia, dividiu em três pacotes as cartas de sua dama; juntou ao primeiro o retrato que ela lhe dera, ao segundo um monograma amoroso pintado por ela mesma, e ao terceiro um cacho de seus cabelos; cada uma delas recebeu, julgando que fosse inteiro, um terço desse sacrifício e aceitou, em troca, enviar ao amante caído em desgraça uma estridente carta de ruptura.

Era muito; não era o suficiente. Aquela cujo marido se encontrava na cidade só poderia estar disponível durante o dia; ficou acertado que uma indisposição simulada a dispensaria de ir jantar na casa da amiga, o serão ficando assim reservado a Prévan. A noite foi concedida por aquela cujo marido se encontrava ausente; e o amanhecer, hora em que partiria o terceiro marido, foi escolhido pela terceira como a hora do amante.

Prévan, que não descuidava de nada, correu em seguida à casa da formosa estrangeira, levando e provocando o mau humor de que precisava, e só saiu depois de causar uma discussão que lhe garantiu vinte e quatro horas de liberdade. Tomadas essas disposições, voltou para casa com a intenção de descansar um pouco: outros assuntos o aguardavam, porém.

As cartas de ruptura tinham sido como um clarão de luz para os amantes caídos em desgraça: nenhum deles podia duvidar de que havia sido trocado por Prévan; e, o despeito por ter sido ludibriado somando-se à irritação quase sempre causada pela pequena humilhação de ser abandonado, os três, sem nada combinar, mas como que de comum acordo, resolveram pedir satisfação e retratação ao afortunado rival.

Este encontrou então em casa os três cartéis. Aceitou-os lealmente, mas, não querendo perder os prazeres nem o brilho dessa aventura, marcou duelos para a manhã seguinte, todos os três na mesma hora e local: uma das entradas do Bois de Boulogne.

Ao cair da tarde, cumpriu sua tríplice carreira com igual sucesso. Ou, pelo menos, gabou-se mais tarde de que cada uma de suas novas amantes recebera por três vezes o penhor e as juras de seu amor. Nesse ponto, como pode imaginar, a história carece de provas; ao narrador imparcial só resta fazer observar, ao leitor incrédulo, que a vaidade e a imaginação exaltadas podem gerar prodígios; além disso, a manhã seguinte a uma noite tão brilhante parecia dispensar qualquer cuidado com o futuro. Seja como for, os fatos seguintes são menos discutíveis.

Prévan compareceu pontualmente ao local que ele mesmo indicara; lá deparou com seus três rivais, um tanto surpresos por se encontrarem, e cada qual talvez já parcialmente consolado ao descobrir seus companheiros de infortúnio. Abordou-os com um ar afável e cavalheiresco e fez essa declaração, que me foi fielmente reportada:

“Senhores”, disse ele, “ao se encontrarem aqui, decerto adivinharam que tinham, os três, o mesmo motivo de queixa contra mim. Estou pronto a lhes dar satisfação. Que a sorte decida quem será o primeiro a tentar uma vingança a que os três têm igual direito. Não trouxe comigo nem padrinho nem testemunha. Não precisei deles para a ofensa, tampouco preciso para a reparação.” Então, cedendo a seu temperamento de jogador: “Bem sei”, acrescentou, “que raramente se ganha no *le sept et le va*;¹⁸ mas, qualquer que seja a sorte que me espera, já viveu o suficiente quem teve tempo para conquistar o amor das mulheres e a estima dos homens”.

Enquanto seus adversários, surpresos, entreolhavam-se em silêncio, talvez avaliando que aquele tríplice combate seria um tanto desigual, Prévan retomou a palavra: “Não escondo”, prosseguiu, “que a noite que acabo de passar me cansou cruelmente. Seria muita generosidade sua se me permitissem recobrar minhas forças. Dei ordens para que nos fosse servido um almoço; deem-me a honra de aceitá-lo. Vamos almoçar juntos, e, sobretudo, com alegria. Podemos até duelar por bagatelas, mas acredito que elas não devam alterar nosso humor”.

O almoço foi aceito. Prévan, dizem, nunca esteve tão amável. Teve a fineza de não humilhar nenhum de seus rivais, de convencê-los de que teriam facilmente obtido o mesmo êxito e, mais que nada, de fazê-los

convir que tampouco teriam deixado escapar essa oportunidade. Uma vez reconhecido esse fato, a situação se ajeitou por si própria. Assim, antes de o almoço terminar já havia sido repetido mais de dez vezes que mulheres desse tipo não mereciam que homens de bem lutassem por elas. Essa ideia trouxe consigo a cordialidade; o vinho fortaleceu-a; e assim, pouco depois, não só já não sentiam nenhum rancor como juravam uma amizade sem reservas.

Prévan, embora preferindo, sem dúvida, esse desfecho ao outro, nem por isso queria perder algo de sua fama. De modo que, adequando com destreza seu plano às circunstâncias: “Com efeito”, disse aos três ofendidos, “não é de mim que devem se vingar, senão de suas amantes infiéis. Estou lhes dando essa oportunidade. Já sinto, tal como vocês, uma ofensa que em breve irei partilhar: se nenhum de vocês logrou prender nenhuma delas, como posso esperar prender as três? Seu conflito se torna meu conflito. Queiram aceitar jantar esta noite em minha *petite maison*, e espero não adiar por mais tempo sua vingança”. Pediram que se explicasse, mas ele, com o tom de superioridade que a circunstância lhe permitia: “Senhores”, respondeu, “creio ter-lhes provado que tenho certo espírito de iniciativa; confiem em mim”. Todos assentiram e, depois de abraçarem o novo amigo, despediram-se até a noite, esperando o resultado de suas promessas.

Prévan retornou então a Paris sem perder tempo e, como manda a etiqueta, fez uma visita a suas recentes conquistas. Obteve de todas as três a promessa de irem naquela noite jantar num tête-à-tête em sua *petite maison*. Duas delas chegaram a criar algum obstáculo, mas o que ainda se consegue recusar no dia seguinte? Marcou os encontros a uma hora de distância um do outro, tempo necessário para efetivar seu plano. Após esses preparativos, retirou-se, mandou avisar os três outros conjurados, e foram os quatro, alegremente, esperar por suas vítimas.

Ouvem chegar a primeira. Prévan aparece sozinho, recebe-a com solicitude, leva-a até o santuário de que ela julgava ser a divindade; então, retirando-se sob um pretexto qualquer, é substituído pelo amante ultrajado.

Pode imaginar como o desconcerto de uma mulher ainda não habituada a aventuras tornava o triunfo fácil naquele momento: toda censura deixada de fazer foi tida como um favor; e a escrava fugitiva, devolvida a seu antigo senhor, deu-se por muito feliz em poder contar com seu perdão ao

reassumir suas primeiras correntes. O tratado de paz ratificou-se num local mais solitário; e o palco, ao ficar vazio, foi sucessivamente ocupado pelos demais atores, mais ou menos da mesma forma e, sobretudo, com o mesmo desfecho.

Entretanto, cada uma das mulheres ainda julgava ser a única em jogo. Sua surpresa e constrangimento aumentaram quando, na hora do jantar, os três casais se reuniram; mas o auge do desconcerto foi quando Prévan, reaparecendo entre eles, teve a crueldade de apresentar às três suas desculpas, as quais, enquanto revelavam seu segredo, mostravam-lhes o quanto haviam sido ludibriadas.

Puseram-se então à mesa, e aos poucos recobram a compostura; os homens desabafaram, as mulheres se submeteram. Estavam todos com ódio no coração; mas as palavras nem por isso deixavam de ser doces. A alegria despertou o desejo, que por sua vez emprestou-lhe um novo encanto. Essa surpreendente orgia estendeu-se até o amanhecer. Quando se despediram, as mulheres decerto julgavam-se perdoadas, mas os homens, que guardavam ressentimento, declararam no dia seguinte um rompimento sem volta. E não satisfeitos de abandonar suas levianas amantes, arremataram sua vingança tornando pública sua aventura. Desde então, uma delas se encontra no convento, e as outras duas se entediam, exiladas em suas propriedades.

É essa a história de Prévan. Cabe a você saber se quer aumentar sua fama e atrelar-se à carruagem de seus triunfos. Sua carta deixou-me realmente preocupado, e aguardo com impaciência uma resposta mais sensata e mais clara à última que lhe escrevi.

Adeus, bela amiga. Desconfie das ideias divertidas ou bizarras que sempre a seduzem com demasiada facilidade. Lembre que, no caminho que está a trilhar, a inteligência não é tudo, e uma única imprudência torna-se um mal sem remédio. Enfim, aceite que a prudente amizade pode ser às vezes o guia de seus prazeres.

Adeus. Ainda assim, gosto de você como se você fosse razoável.

De..., neste 18 de setembro de 17**.

Cécile, minha cara Cécile, quando virá o dia de nos revermos? Quem há de me ensinar a viver longe de você? Quem há de me dar forças e coragem para tanto? Não, nunca, jamais poderei suportar essa fatal ausência. Cada dia só faz aumentar minha tristeza, e não poder ver seu fim! Valmont, que havia prometido ajuda, consolo, Valmont se descuida, quem sabe me esquece. Está junto daquela que ama, já não sabe o que se sofre ao estar afastado. Ao transmitir-me sua última carta, ele não me escreveu. No entanto, ele é quem deve informar-me quando poderei vê-la, e como. Acaso não terá nada a dizer-me? Você mesma não toca no assunto; será porque já não sente o mesmo desejo? Ah! Cécile, Cécile, ando muito infeliz. Amo-a mais do que nunca; mas esse amor, que é o encanto de minha existência, tem se tornado seu tormento.

Não, não quero mais viver assim, preciso vê-la, preciso, mesmo que apenas por um instante. De manhã, ao levantar-me, penso: Não a verei. Vou deitar-me pensando: Não a vi. Os dias, tão longos, não guardam um momento para a felicidade. Tudo é privação, lamento, desespero; e todos esses males me vêm de onde esperava todos os prazeres! A essas dores mortais, some-se minha preocupação com as suas, e terá uma ideia de minha situação. Penso em você sem cessar, e não o faço sem que me atormente. Se a imagino aflita, infeliz, sofro com sua mágoa; se a imagino serena e conformada, minha mágoa redobra. Por todo lado, encontro apenas tristeza.

Ah! Não era assim quando vivíamos na mesma cidade! Tudo então era prazer. A certeza de vê-la enfeitava os próprios momentos de ausência; o tempo em que estávamos longe me aproximava de você ao passar. O uso que dele fazia nunca era alheio a você. Quando cumpria minhas obrigações, elas me tornavam mais digno de você; quando cultivava algum talento, esperava melhor agradá-la. Mesmo quando os apelos do mundo me levavam para longe, não me sentia afastado de você. No teatro, tentava adivinhar o que teria lhe agradado; um concerto me lembrava seus talentos e nossas tão doces ocupações. Em sociedade, ou nos passeios, reparava na mais ligeira parecença. A tudo a comparava; em tudo você levava a vantagem. Cada hora do dia era marcada por uma nova homenagem, de que a cada noite eu punha o tributo a seus pés.

O que me resta atualmente? Sofridas saudades, eternas privações e uma leve esperança de que se atenuem o silêncio de Valmont, que o seu se

transforme em inquietação. Dez léguas¹⁹ apenas nos separam, e esse espaço tão fácil de transpor se torna, só para mim, um obstáculo intransponível! E quando, para me ajudar a vencê-lo, imploro meu amigo, minha namorada, ambos se quedam frios e tranquilos! Longe de me socorrer, nem sequer me respondem.

O que é feito da ativa amizade de Valmont? O que é feito, sobretudo, de seus sentimentos tão ternos, que a tornavam tão engenhosa para descobrir formas de nos vermos diariamente? Lembro-me de que às vezes, sem deixar de desejá-lo, via-me obrigado a sacrificar o desejo de vê-la a considerações e deveres; o que você me dizia então? Com quantos argumentos combatia minhas razões! E lembre-se, Cécile, minhas razões sempre cediam a seus desejos. Não que eu veja nisso um mérito; não tinha sequer o mérito do sacrifício. O que você desejava, eu estava louco para conceder. Mas, enfim, é minha vez de pedir; e qual é meu pedido? O de vê-la por um instante, de renovar e receber as juras de um amor eterno. Então essa não é mais sua felicidade, como é a minha? Rechaço essa ideia desesperante, que viria coroar minha desgraça. Você me ama, há de amar-me para sempre; nisso eu acredito, disso tenho certeza, disso não quero jamais duvidar. Mas minha situação é terrível, já não posso suportá-la. Adeus, Cécile.

Paris, neste 18 de setembro de 17**.

CARTA 81
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Quanta pena me causam seus temores! O quanto provam minha superioridade em relação a você! E quer me ensinar, me guiar? Ah, meu pobre Valmont, que distância ainda existe de você para mim! Não, nem todo o orgulho de seu sexo bastaria para preencher o espaço que nos separa. Porque não seria capaz de executar meus planos, julga-os impossíveis! Pois sim, orgulhosa e fraca criatura, tem a pretensão de querer avaliar minha capacidade e julgar meus recursos! Para ser sincera, visconde, seus conselhos me aborreceram, não posso escondê-lo.

Que, para dissimular sua incrível inabilidade com a presidenta, exiba

como um triunfo o ter momentaneamente desconcertado essa mulher tímida, e que o ama, admito; que dela tenha obtido um olhar, um olhar apenas, sorriso e relevo. Que, não podendo deixar de sentir o pouco valor de sua conduta, espere disfarçá-la a meus olhos louvando o sublime esforço de aproximar duas crianças ansiosas por se verem e que, diga-se de passagem, devem apenas a mim o ardor desse desejo, isso eu ainda tolero. Que, por fim, você se valha dessas proezas para me dizer, em tom doutoral, que *mais vale gastar o tempo em executar planos do que em relatá-los*, é uma vaidade que não me perturba e posso perdoá-la. Mas que se atreva a pensar que preciso de sua sabedoria, que me perderia ao não acatar seus conselhos, que por eles devo abrir mão de um prazer, de um capricho! Realmente, visconde, já é prevalecer-se demais da confiança que digno conceder-lhe.

O que você já fez, afinal, que eu não tenha feito mil vezes melhor? Seduziu, e até extraviou, muitas mulheres. Mas que dificuldades teve de enfrentar? Que obstáculos teve de superar?²⁰ No que isso foi de fato um mérito seu? Uma bela aparência, pura obra do acaso; encantos, que as boas maneiras quase sempre garantem; inteligência, sem dúvida, mas que um belo palavreado poderia substituir; uma ousadia bastante elogiável, mas que talvez só se deva à facilidade de suas primeiras vitórias; ou muito me engano, ou são esses todos os seus trunfos; pois suponho que não vá exigir que eu dê algum valor, no eventual prestígio que adquiriu, à arte de provocar ou tirar proveito de um escândalo.

Quanto à sabedoria, à perspicácia: sem nem falar por mim, que mulher não as teria mais que você? Ora, sua presidenta está a manobrá-lo como a uma criança.

Acredite, visconde, raramente adquirimos qualidades que não nos sejam indispensáveis. Uma vez que combate sem riscos, você deve agir sem cautela. Para vocês, homens, as derrotas não passam de vitórias a menos. Nesse jogo tão desigual, nossa sorte está em não perder, enquanto para vocês o azar está em não ganhar. Ainda que reconhecesse em vocês iguais talentos que em nós, o quanto ainda não teríamos que superá-los, pela necessidade em que estamos de usá-los continuamente!

Muito bem, vamos supor que vocês usem, para vencer-nos, a mesma habilidade que usamos para nos defender, ou ceder. Há de convir, pelo menos, que essa habilidade se torna inútil para vocês depois da vitória. Interessados tão somente em seu novo capricho, a ele se entregam sem

reservas: para vocês, pouco importa a duração.

Com efeito, vocês são os únicos que podem, a bel-prazer, estreitar ou romper esses laços mutuamente dados e recebidos, para usar o jargão do amor. E felizes de nós se, em sua leviandade, preferindo o sigilo ao alarde, contentarem-se com um abandono humilhante, sem transformar a idolatrada de ontem na vítima de amanhã!

Mas, se uma pobre de uma mulher for a primeira a sentir o peso das correntes, em que riscos não irá incorrer caso tente soltar-se, caso se atreva a afrouxá-las? Só a custo de muito medo poderá tentar afastar o homem que seu coração rechaça com força. Caso ele teime em ficar, terá de ceder ao temor aquilo que concedia ao amor:

Seus braços ainda se abrem quando seu coração já está fechado.

Sua prudência terá de desfazer com destreza esses mesmos laços que vocês, homens, teriam simplesmente rompido. À mercê de seu inimigo, ela se vê sem recursos se esse inimigo não for generoso. E como esperar generosidade de sua parte se, embora seja às vezes elogiado por tê-la, jamais é censurado por não a ter?

Você decerto não irá negar essas verdades, que por sua obviedade já se tornaram triviais. Acaso me tivesse visto, porém, dispondo dos fatos e das opiniões, fazer desses homens tão temíveis o juguete de meus caprichos ou fantasias; tirar de uns a vontade de prejudicar-me, de outros a capacidade para tanto; se eu soube, um por um, e ao sabor de meu gosto mutante, atrair para meu séquito ou manter longe de mim

Esses tiranos destronados que se tornaram meus escravos;^{aa}

se, em meio a essas frequentes revoluções, minha reputação conservou-se pura, não deve você concluir que, nascida para vingar meu sexo e dominar o seu, eu soube criar recursos de mim mesma ignorados?

Ah, guarde seus conselhos e receios para essas mulheres delirantes, que se dizem mulheres de *sentimentos*, cuja imaginação exaltada inclina a pensar que a natureza lhes pôs os sentidos na cabeça; que, nunca tendo refletido, confundem constantemente o amor com o amante; que, em sua louca ilusão, acreditam que este com quem buscaram o prazer será seu único depositário; e, autênticas supersticiosas, nutrem pelo sacerdote o respeito e

a fé devidos à divindade.

Desconfie igualmente daquelas que, mais presumidas que prudentes, não sabem, se necessário, consentir em serem deixadas.

Tome tento sobretudo com essas mulheres ativas em sua ociosidade, que vocês denominam *sensíveis*, de quem o amor se apodera com tanta força e facilidade; que sentem necessidade de continuar envolvidas com ele, mesmo que não o desfrutem; e que, entregando-se sem reservas à fermentação de suas ideias, geram com elas cartas tão doces, e tão perigosas de escrever; e não temem em confiar essas provas de sua fraqueza àquele que as suscita: imprudentes que, em seu atual amante, não sabem enxergar seu futuro inimigo.

Mas o que tenho eu em comum com essas mulheres irrefletidas? Quando foi que me viu apartar-me das regras que me impus e faltar a meus princípios? Digo meus princípios, e o faço de propósito, pois não são, como os das outras mulheres, nascidos do acaso, aceitos sem reparo e seguidos por hábito: são fruto de minhas profundas reflexões; eu os criei, e posso dizer que sigo minha obra.²¹

Tendo ingressado na sociedade numa época em que, moça ainda, estava fadada por meu estado ao silêncio e à inação, disso soube aproveitar-me para observar e refletir. Enquanto me julgavam estouvada ou distraída, pouco atenta, é verdade, aos discursos que insistiam em me fazer, prestava muita atenção nos que tentavam me ocultar.

Essa conveniente curiosidade, enquanto servia para me instruir, ensinou-me também a dissimular: não raro obrigada a ocultar os objetos de minha atenção aos olhos dos que me rodeavam, procurava dirigir os meus próprios como bem queria; aprendi então a adotar quando convém esse olhar distraído que você tantas vezes elogiou. Encorajada por esse primeiro êxito, tratei de controlar da mesma forma os vários movimentos de minha fisionomia. Se sentia alguma tristeza, esforçava-me para assumir um ar de serenidade, ou até de alegria; levei o zelo a ponto de provocar-me dores voluntárias para então buscar a expressão do prazer. Exercitei-me com igual cuidado, e mais esforço, em reprimir os sintomas de uma alegria inesperada. Foi assim que aprendi a ter, sobre minha fisionomia, esse domínio com que às vezes o vi tão surpreso.

Era ainda muito jovem, e quase sem nenhum interesse. Mas era meu pensamento, e indignava-me que me pudessem roubá-lo ou flagrar contra minha vontade. Munida dessas primeiras armas, experimentei usá-las: não

satisfeita de não mais deixar-me perceber, divertia-me mostrando-me sob diferentes formas; já segura de meus gestos, pus-me a observar minhas palavras; pautava uns e outras pelas circunstâncias, ou mesmo apenas por meus caprichos; a partir de então, meu modo de pensar só a mim pertencia, e só eu deixava transparecer aquilo que me convinha.

Tal trabalho sobre mim mesma levou-me a focar a atenção na expressão e no caráter das fisionomias; com isso adquiri essa visão penetrante, na qual a experiência me ensinou a não confiar inteiramente, mas que no geral raramente me enganou.

Não tinha ainda quinze anos e já possuía os talentos a que a maioria de nossos políticos deve sua reputação; e estava apenas nos primeiros passos dessa ciência que eu queria adquirir.

Pode imaginar que, como toda moça, procurava desvendar o amor e seus prazeres. Porém, nunca tendo estado num convento, não tendo uma amiga íntima e sendo vigiada de perto por uma mãe atenta, tinha apenas ideias vagas que não lograva definir; a própria natureza, à qual posteriormente só teria a agradecer, ainda não me oferecia nenhuma pista. Agia aparentemente em silêncio no aperfeiçoamento de sua obra. Apenas meu cérebro fermentava; eu não queria gozar, queria saber; o desejo de me instruir sugeriu-me os meios para tanto.

Senti que o único homem com o qual poderia falar sobre o assunto sem comprometer-me era meu confessor. Tomei de imediato uma decisão; dominei minha vergonha e, gabando-me de uma falta que não cometera, acusei-me de ter feito *tudo o que as mulheres fazem*. Foi a expressão que usei, mas, ao falar assim, na verdade não sabia o que ela significava. Minha expectativa não foi nem totalmente frustrada nem inteiramente preenchida, pois o receio de me trair impediu-me de tentar me explicar. O bom padre, porém, me pintou um mal tão grande que concluí que o prazer devia ser extremo. E ao desejo de conhecê-lo sucedeu o de prová-lo.

Não sei até onde me levaria esse desejo; e, desprovida como era de experiência, uma única oportunidade talvez me tivesse perdido. Felizmente para mim, minha mãe comunicou-me poucos dias depois que eu iria me casar. A certeza de estar prestes a saber aboliu no ato minha curiosidade, e cheguei virgem aos braços do sr. de Merteuil.

Eu aguardava com tranquilidade a hora em que ele iria me instruir, e precisei me obrigar a demonstrar medo e vergonha. A primeira noite, de que em geral se tem uma ideia tão cruel, ou tão doce, para mim significava

apenas uma oportunidade de experimentar: dor e prazer, observei tudo atentamente, e só enxergava nessas diversas sensações fatos para registrar e meditar.

Esse tipo de estudo logo acabou por me agradar; contudo, fiel a meus princípios, e sentindo, talvez por instinto, que em ninguém devia confiar menos que em meu marido, decidi, exatamente por ser sensível, mostrar-me impassível a seus olhos. Essa aparente frieza viria a constituir o inabalável alicerce de sua cega confiança. A ela somei, depois de pensar melhor, um ar de inconsequência que minha idade autorizava; e nunca ele me julgava mais infantil do que nos momentos em que eu o enganava com mais audácia.

Confesso, no entanto, que de início deixei-me arrastar na roda-viva social, e entreguei-me por inteiro a suas fúteis distrações. Mas, passados alguns meses, tendo o sr. de Merteuil me levado para sua triste propriedade campestre, o medo do tédio devolveu-me o interesse pelo estudo; e, estando cercada de gente que, por tão distante de mim, deixava-me a salvo de qualquer suspeita, aproveitei para ampliar o campo de minhas experiências. Foi aí, principalmente, que me certifiquei de que o amor, tão decantado como sendo a fonte de nossos prazeres, não passa, quando muito, de seu pretexto.

A enfermidade do sr. de Merteuil veio interromper tão doces ocupações; tive de acompanhá-lo à cidade onde foi procurar tratamento. Ele morreu, como sabe, pouco tempo depois. E, embora, no fim das contas, não tivesse nenhuma queixa em relação a ele, não deixei de sentir intensamente o valor da liberdade ocasionada por minha viuvez, e prometi a mim mesma que iria aproveitá-la.

Minha mãe esperava que eu fosse para um convento ou então voltasse a morar com ela. Recusei ambas as alternativas; e minha única concessão ao decoro foi retornar para a mesma casa de campo, onde ainda tinha algumas observações a realizar.

Incrementei-as com leituras, mas não do tipo que você deve imaginar. Estudei nossos costumes morais nos romances; nossas opiniões nos filósofos; busquei inclusive saber, em nossos mais severos moralistas, o que exigiam de nós, e certifiquei-me daquilo que se pode fazer, se deve pensar e se precisa aparentar. Uma vez definidos esses três objetos, somente o último deles apresentava algumas dificuldades de execução; contava superá-las, e refleti sobre as maneiras de fazê-lo.

Começavam a aborrecer-me meus rústicos prazeres, muito pouco variados para minha mente ativa; sentia necessidade de um coquetismo que me reconciliasse com o amor; não para senti-lo, na verdade, mas para inspirá-lo e fingi-lo. Em vão haviam me dito, e eu havia lido, que não se pode fingir tal sentimento; eu percebia que, para isso, bastava aliar a inteligência de um autor ao talento de um comediante. Exercitei-me nesses dois gêneros, quiçá com certo êxito. Em vez de buscar os aplausos vãos do teatro, porém, resolvi usar para minha felicidade o que tanta gente sacrifica à vaidade.

Um ano transcorreu em meio a essas diversas ocupações. E, meu luto então me autorizando a me mostrar, retornei à cidade com meus grandes planos; não contava com o primeiro obstáculo com que deparei.

A longa solidão, o austero recolhimento haviam me dado um ar de recato que assustava os mais galantes; estes se mantinham à distância, deixando-me entregue a uma multidão de enfadonhos, todos pretendentes a minha mão. Não que fosse difícil recusá-los, mas muitas dessas recusas desagradavam minha família, e eu perdia em quizilas internas um tempo que planejava empregar de forma mais fascinante. De modo que fui obrigada, para atrair a uns e afastar aos outros, a dar mostras de certa inconseqüência e usar, para afetar minha reputação, o cuidado que contava ter para conservá-la. Isso não foi difícil, como bem pode imaginar. Mas, não estando envolvida em nenhuma paixão, fiz apenas o que julguei necessário e medi cautelosamente as doses de minha leviandade.

Tão logo alcancei o objetivo a que me propunha, retrocedi, e confessei meu arrependimento a algumas dessas mulheres que, pela impossibilidade em que se encontram de pretender à formosura, limitam suas pretensões ao mérito e à virtude. Essa manobra me rendeu mais do que eu teria esperado. Essas gratas matronas se instituíram em minhas apologistas, e seu zelo cego por tudo aquilo que chamavam de “sua obra” chegou ao ponto em que, ao menor comentário a meu respeito, toda a congregação das virtuosas se insurgia contra o escândalo e a injúria. A mesma estratégia rendeu-me, além disso, o sufrágio das mulheres com pretensões que, certas de que eu renunciara a trilhar o mesmo caminho que elas, escolhiam-me como objeto de elogios sempre que queriam provar que não falavam mal de todo o mundo.

Entretanto, minha conduta anterior me granjeara alguns pretendentes; e para proteger-me, deles e de minhas fiéis protetoras, mostrava-me uma

mulher sensível, mas difícil, cujo excesso de delicadeza munia contra o amor.

Passei então a exhibir no grande teatro os talentos que criara para mim mesma. Meu primeiro cuidado foi o de construir uma reputação de inconquistável. Para tanto, os homens que não me atraíam sempre foram os únicos de quem fingi aceitar os galanteios. Usava-os para conquistar o mérito da resistência, enquanto entregava-me sem receio ao pretendente predileto. Mas esta minha falsa timidez nunca permitiu que me acompanhasse em sociedade, de modo que os olhos de todos sempre se fixaram apenas no pretendente rejeitado.

Você sabe o quanto sou rápida em minhas decisões: isso por ter reparado que são sempre as primeiras atenções que denunciam o segredo das mulheres. O que quer que façamos, o tom nunca é o mesmo antes e depois da conquista. Tal diferença não escapa ao observador atento, e pensei ser menos perigoso errar em minha escolha do que deixar que ela fosse percebida. O que me permite, além disso, manter as aparências, única coisa pela qual nos podem julgar.

Essas precauções, além do cuidado de nunca escrever, nunca oferecer nenhuma prova de minha derrota, podiam parecer excessivas, mas nunca me pareceram suficientes. Mergulhando em meu próprio coração, nele estudei o dos outros. Percebi que não há quem não guarde um segredo que não deseja ver revelado; uma verdade que a Antiguidade parece ter entendido melhor que nós, e de que a história de Sansão pode ser um engenhoso símbolo. Nova Dalila, tal como ela sempre empreguei minha energia em desvendar esse importante segredo. E de quantos modernos Sansões não mantenho a cabeleira à mercê de minha tesoura! A esses, deixei de temer; são os únicos que alguma vez me permiti humilhar. Mais flexível com os demais, a arte de torná-los infiéis para evitar parecer-lhes volúvel, uma amizade fingida, uma confiança aparente, alguns gestos generosos, a ideia lisonjeira que todos eles têm de haver sido meu único amante, garantem-me sua discrição. Por fim, quando falharam esses recursos, eu soube, em previsão aos rompimentos, sufocar de antemão, com o escárnio ou a calúnia, a eventual credibilidade desses homens perigosos.

Isso que estou lhe dizendo, você tem me visto praticar constantemente; e duvida de minha inteligência! Ora! Lembre-se do tempo em que me deu suas primeiras atenções; nunca um galanteio lisonjeou-me tanto; desejava-

o antes de conhecê-lo. Seduzida por sua fama, achava que você faltava a meu triunfo; ansiava por combatê-lo corpo a corpo. Foi esse o único de meus caprichos por que em algum momento deixei-me dominar. No entanto, se fosse seu intuito me perder, que recursos teria tido para tanto? Palavras soltas que não deixam rastro, que sua própria reputação teria contribuído para tornar suspeitas, e uma sequência de fatos inverossímeis de que o relato sincero mais lembraria um romance mal tramado. Verdade é que de lá para cá lhe revelei todos os meus segredos; mas você sabe que interesses nos unem e sabe se, de nós dois, é a mim que se pode chamar de imprudente.^{ab}

Uma vez que estou lhe dando explicações, quero fazê-lo com exatidão. Posso ouvi-lo daqui dizer que estou, no mínimo, nas mãos de minha camareira; com efeito, embora ela não esteja a par de meus sentimentos, está a par de meus atos. Quando, no passado, você mencionou o assunto, respondi apenas que confiava nela; e prova de que essa resposta bastou, à época, para tranquilizá-lo, é que posteriormente você lhe confiou segredos um tanto perigosos. Mas agora que sente ciúme de Prévan, e que isso o deixa meio tonto, imagino que minha palavra já não basta. Preciso então lhe explicar.

Em primeiro lugar, essa moça é minha irmã de leite, e esse vínculo, que para nós não chega a ser um, não deixa de ter força para pessoas de sua condição. Além disso, conheço o segredo dela, e mais: vítima de uma loucura amorosa, estaria perdida se não fosse eu a salvá-la.²³ Seus pais, espinhosos em se tratando de honra, queriam nada menos do que mandar prendê-la. Vieram falar comigo. Percebi, num relance, o quanto sua ira poderia me ser útil. Dispus-me a ajudá-los, e solicitei o mandato, que obtive. Então, adotando repentinamente uma postura de clemência, convenci os pais a fazerem o mesmo e, valendo-me de meu prestígio junto do velho ministro, obtive o consentimento de todos para ser a depositária do tal mandato, e livre para sustá-la ou exigir sua execução, segundo minha avaliação do comportamento futuro da moça. Ela está ciente, portanto, de que sua sorte está em minhas mãos, e, se porventura esses fortes motivos não a detivessem, não é óbvio que seu passado revelado e sua legítima punição desacreditariam por completo sua palavra?

A essas precauções, que chamo de essenciais, vêm somar-se mil outras, pontuais ou ocasionais, que a reflexão ou o hábito vão me levando a descobrir; cuja enumeração seria fastidiosa, mas que são importantes na

prática, e que você deverá se dar ao trabalho de observar no conjunto de meus atos se quiser chegar a conhecê-los.

Mas imaginar que depois de tanto empenho não vá colher os frutos, que depois de um árduo esforço para me alçar acima das outras mulheres eu consinta em rastejar, como elas, entre a imprudência e a covardia, e que, sobretudo, eu possa temer um homem a ponto de ver na fuga minha única salvação? Não, visconde; jamais. É vencer ou morrer. Quanto a Prévau, quero tê-lo, e terei; ele quer contar, e não contará: aí tem, em duas palavras, nosso romance. Adeus.

De..., neste 20 de setembro de 17**.

CARTA 82

DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

Deus meu, quanta tristeza sua carta me causou! E eu que esperava por ela com tanta impaciência! Contava encontrar nela algum consolo, e não é que estou mais aflita agora do que antes de recebê-la. Chorei quando a li. Não é por isso que o censuro; tantas vezes já chorei por sua causa sem que isso me magoasse. Mas desta vez é diferente.

O que quer dizer ao afirmar que seu amor se tornou um tormento, que já não pode viver assim nem suportar por mais tempo essa situação? Será que vai deixar de me amar porque já não é tão prazeroso como antes? Ao que me consta, não estou mais feliz que você, muito pelo contrário; no entanto, isso só faz com que eu o ame mais ainda. Se o sr. de Valmont não lhe escreveu, a culpa não é minha; não pude pedir-lhe que o fizesse porque não estive a sós com ele, e combinamos nunca nos falarmos na frente dos outros. E isso também é por você, para que ele possa fazer o quanto antes aquilo que você deseja. Não digo que não o deseje também, disso você precisa ter certeza. Mas o que quer que eu faça? Se acha que é tão fácil, descubra uma solução, é tudo o que eu mais quero.

Acha que é agradável para mim ser ralhada diariamente por minha mãe, que antes nunca me chamava a atenção, muito pelo contrário? Agora, é pior do que se eu estivesse no convento. Eu me consolava, porém, pensando que era por sua causa; havia inclusive momentos em que isso me dava certa satisfação; mas ver que você também está aborrecido, e que

nada disso é culpa minha, deixa-me mais magoada que tudo o que aconteceu até agora.

Só receber suas cartas já é uma dificuldade, e não fosse o sr. de Valmont ser tão prestativo e hábil eu não saberia como fazer; e para lhe escrever é ainda mais difícil. De manhã não me atrevo, porque minha mãe fica por perto e aparece o tempo todo em meu quarto. Às vezes posso fazê-lo à tarde, a pretexto de cantar ou tocar harpa; ainda assim, tenho de interromper a cada linha para que me ouçam treinar. Felizmente, à noite minha camareira às vezes sente sono, e eu lhe digo que posso deitar-me sozinha para que ela saia deixando a candeia comigo. Além disso, tenho que me esconder atrás do cortinado para que ninguém perceba a luz, e ficar atenta ao mínimo ruído para ter tempo de esconder tudo em minha cama se alguém aparecer. Queria ver se fosse com você! Então você veria que para fazer isso é preciso amar. Enfim, a verdade é que faço o que posso, e gostaria de poder fazer mais.

Eu decerto não me nego a dizer-lhe que o amo, e que hei de amá-lo para sempre; nunca disse isso com tanto sentimento; e você está magoado! No entanto, e antes que eu o dissesse, você havia afirmado que isso bastava para torná-lo feliz. Não tem como negar: está em suas cartas. Embora já não estejam comigo, lembro-me tão bem delas como quando as lia diariamente. E, agora que estamos separados, já não pensa assim! Mas essa separação talvez não dure para sempre! Deus, como sou infeliz! E por sua causa!

A propósito de suas cartas, espero que tenha guardado as que minha mãe me tirou e remeteu-lhe de volta. Um dia há de vir em que não estarei tolhida como estou hoje, e você poderá me restituir todas elas. Como serei feliz quando puder guardá-las comigo para sempre, sem que ninguém tenha nada com isso! Por enquanto, entrego-as ao sr. de Valmont, porque seria muito arriscado de outro modo. Mesmo assim, nunca lhe dou uma carta sem sentir imensa tristeza.

Adeus, meu caro amigo. Amo-o de todo o meu coração. E vou amá-lo por toda a minha vida. Espero que já não esteja magoado; e eu, se tivesse certeza disso, tampouco já não estaria. Escreva-me o mais breve possível, pois sinto que até lá estarei sempre triste.

Do castelo de..., neste 21 de setembro de 17**.

CARTA 83

DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

Suplico-lhe, senhora, reatemos essa conversa tão desgraçadamente interrompida! Que eu possa terminar de provar-lhe o quanto difiro do odioso retrato que lhe traçaram de mim; que eu possa, mais que nada, gozar ainda dessa amável confiança de que começava a me dar mostras! Quanto encanto sabe a senhora emprestar à virtude! O quanto embeleza e faz apreciar todos os honestos sentimentos! Ah! É essa sua sedução; a mais poderosa; a única que é, a um só tempo, forte e respeitável.

Basta vê-la, sem dúvida, para desejar agradar-lhe; basta ouvi-la em nosso círculo para que aumente esse desejo. Mas quem tem a ventura de conhecê-la melhor, quem às vezes consegue ler em sua alma, logo cede a um entusiasmo mais nobre e, repleto de veneração como de amor, adora na senhora a imagem de todas as virtudes. Mais afeito que outros homens, quiçá, para amá-las e segui-las, levado por alguns erros que delas tinham me afastado, foi a senhora quem tornou a aproximá-las, quem me fez tornar a sentir seu encanto. Irá condenar-me por esse novo amor? Ira criticar sua própria obra? Censurar a si mesma pelo interesse que ela porventura lhe desperte? Que mal se pode temer de um sentimento tão puro, e quanta doçura não haveria em prová-lo?

Meu amor a assusta, julga-o violento, desenfreado? Tempere-o com um amor mais suave; não rejeite o poder que lhe ofereço, ao qual juro nunca subtrair-me e que, ousado acreditar, não estará inteiramente perdido para a virtude. Que sacrifício me pareceria penoso, tivesse eu certeza de que fosse reconhecido por seu coração? Que homem seria infeliz o bastante para não saber desfrutar das privações que impõe a si mesmo? Para não preferir uma palavra, um olhar concedidos a todos os prazeres que poderia furtar ou flagrar? E a senhora acreditou que eu fosse esse homem! E teve medo de mim! Ah! Por que não depende de mim sua felicidade? Como eu me vingaria, fazendo-a feliz! Mas esse doce poder não é dado pela amizade: somente pelo amor.

Essa palavra a intimida! Por quê? Uma afeição mais terna, uma união mais forte, um único pensamento, uma mesma felicidade e as mesmas tristezas, o que haverá nisso de tão estranho a sua alma? No entanto, assim é o amor! Assim é, pelo menos, este que a senhora me inspira e que eu

sinto! É ele, sobretudo, que, num cálculo desinteressado, sabe apreciar os atos por seu mérito, e não por seu valor; tesouro inesgotável das almas sensíveis, torna precioso tudo o que é feito por ele ou para ele.

O que haverá de assustador em tais verdades, tão fáceis de entender, tão doces de praticar? Que temores poderá, além disso, causar-lhe um homem sensível, a quem o amor não permite outra felicidade além da sua? É este, hoje, meu único anseio: sacrificarei tudo o mais para realizá-lo, com exceção do sentimento que o inspira; e a esse próprio sentimento, se consentir em partilhá-lo, poderá regular segundo seu desejo. Mas não aceitemos mais que ele nos separe, quando deveria unir-nos. Se a amizade que me ofereceu não é uma palavra vã; se é este, como dizia ontem, o sentimento mais doce que sua alma conhece; que seja ela a estipular entre nós, não irei contestá-la. Mas, juiz do amor, que ela consinta em ouvi-lo; a recusa em escutá-lo seria uma injustiça, e a amizade não é injusta.

Uma segunda conversa não será mais inconveniente que a primeira; o acaso pode uma vez mais criar a oportunidade; ou a senhora mesma pode indicar um momento. Quero crer que estou errado; não prefere a senhora converter-me a combater-me, duvida de minha docilidade? Se aquele importuno não nos tivesse interrompido, talvez eu já estivesse inteiramente convertido a sua opinião; quem sabe até onde pode chegar seu poder?

Devo dizê-lo? Chego a temer, às vezes, esse poder invencível a que me entrego sem me atrever a medi-lo, esse encanto irresistível que a torna senhora de meus pensamentos e atos. Essa conversa que lhe peço, ai, talvez seja eu quem deva temê-la! Quem sabe depois, acorrentado por minhas promessas, veja-me reduzido a arder de um amor que, bem sinto, não poderá se extinguir, sem sequer ousar implorar seu auxílio. Ah, senhora, suplico-lhe, não abuse de seu poder! Que digo! Se com isso se sentisse mais feliz, se com isso eu pudesse parecer mais digno da senhora, que sofrimento não seria atenuado por tal consolação! Sim, pressinto que tornar a falar-lhe só lhe dará armas mais fortes contra mim; será submeter-me ainda mais a sua vontade. É mais fácil defender-me de suas cartas; trazem suas mesmas palavras, mas a senhora não está presente para emprestar-lhes força. O prazer de ouvi-la, porém, me leva a enfrentar o perigo: terei ao menos a satisfação de tudo ter feito pela senhora, mesmo que contra mim; e meus sacrifícios se tornarão uma homenagem. Feliz em provar-lhe de mil formas, como sinto de mil maneiras, que a senhora há de ser sempre, sem exceção nem de mim mesmo, o objeto mais caro a meu

coração.

Do castelo de..., neste 23 de setembro de 17**.

CARTA 84

DO VISCONDE DE VALMONT A CÉCILE VOLANGES

A senhorita viu o quanto fomos contrariados ontem. Não pude, durante o dia inteiro, entregar a carta que tinha para lhe dar; ignoro se hoje terei mais oportunidade. Temo comprometê-la se empregar mais zelo que habilidade, e não me perdoaria uma imprudência que pudesse lhe ser fatal, e causasse o desespero de meu amigo, tornando-a para sempre infeliz. Conheço, no entanto, as impaciências do amor; percebo o quanto deve ser penoso, em sua situação, sofrer algum atraso no único consolo de que dispõe neste momento. De tanto matutar sobre as maneiras de afastar os obstáculos, encontrei uma de fácil execução, desde que com algum cuidado de sua parte.

Creio ter observado que a chave da porta de seu quarto, que dá para o corredor, fica sempre sobre a lareira do quarto de sua mãe. Tudo seria mais fácil com essa chave, como deve perceber; na falta dela, porém, vou obter-lhe uma igual, que poderá substituí-la. Para tanto, basta que eu possa dispor da outra por uma ou duas horas. Encontrará facilmente uma oportunidade para apanhá-la e, para que ninguém dê falta, junto-lhe aqui uma chave minha, suficientemente parecida para que não se note a diferença, a não ser usando-a, o que ninguém irá fazer. A senhorita só precisaria atar-lhe uma fita, azul e desbotada, igual à de sua própria chave.

Seria preciso tentar obter essa chave até amanhã ou depois, à hora do desjejum; porque então seria mais fácil de me entregar, e ela poderia ser recolocada no lugar até a tardinha, momento em que sua mãe talvez repare mais nela. Eu poderia devolvê-la na hora do almoço, se estivermos bem combinados.

Sabe que, quando passamos da sala para a sala de jantar, a sra. de Rosemonde é sempre a que vem por último. Eu lhe darei a mão. A senhorita terá apenas de sair lentamente de seu tear, ou então deixar cair qualquer coisa, de modo a ficar para trás: poderá então pegar a chave, que cuidarei de segurar atrás de mim. Não poderá esquecer-se, assim que a

apanhar, de ir ter com minha velha tia e fazer-lhe algum afago. Se porventura deixar cair essa chave, não se desconcerte: fingirei que fui eu e respondo por tudo.

A pouca confiança de sua mãe e sua atitude tão dura em relação à senhorita autorizam essa pequena trapaça. Além de que esse é o único meio de continuar recebendo as cartas de Danceney e repassar-lhe as suas; qualquer outro meio é de fato perigoso demais, e poderia perder a ambos sem apelação: minha prudente amizade se recriminaria por continuar a empregá-lo.

Uma vez de posse da chave, ainda teremos algumas precauções a tomar em relação ao ruído da porta e da fechadura: mas essas são fáceis de manejar. Sob o mesmo armário, onde já pus o papel, encontrará óleo e uma pena. A senhorita às vezes se encontra sozinha em seus aposentos: use o óleo para azeitar a fechadura e as dobradiças. O único cuidado será atentar para eventuais manchas que poderiam denunciá-la. Terá, além disso, de esperar a noite, pois assim, com a inteligência de que é capaz, não se perceberá mais nada pela manhã.

Caso, porém, alguém venha a notar, não hesite em dizer que foi o esfregador²⁴ do castelo. Nesse caso, precisará especificar a hora, e até o que ele terá comentado, como, por exemplo, que ele trata dessa forma todas as fechaduras não muito utilizadas. Pois, percebe, seria improvável a senhorita ter presenciado esse incômodo sem perguntar o motivo. São esses detalhes que criam a verossimilhança, e a verossimilhança torna as mentiras inconsequentes, o que anula o desejo de verificá-las.

Depois de ler esta carta, peço-lhe que a releia e, inclusive, reflita sobre ela: primeiro, porque é importante saber bem aquilo que se quer fazer bem; depois, para assegurar-se de que não omiti nada. Pouco afeito a recorrer à esperteza em proveito próprio, não estou habituado a ela, e tão somente minha grande amizade por Danceney e o interesse que a senhorita me inspira determinaram-me a lançar mão desses recursos, por inocentes que sejam. Detesto tudo o que lembre enganação, tal é meu temperamento. Mas seu infortúnio me comoveu a tal ponto que farei de tudo para amenizá-lo.

Como pode imaginar, uma vez estabelecida essa comunicação entre nós, será muito mais fácil para mim obter, com Danceney, o encontro que ele deseja. Peço, no entanto, que ainda não comente com ele sobre isso: só iria aumentar sua impaciência, e ainda não é momento de satisfazê-la. Cabe-

lhe antes acalmá-la do que aticá-la, me parece. Confio, quanto a isso, em sua sensibilidade. Adeus, minha linda pupila: sim, pois a senhorita é minha pupila. Goste um pouquinho de seu tutor e, mais que nada, seja dócil com ele, e só terá a ganhar com isso. Estou cuidando de sua felicidade, e esteja certa de que isso me faz feliz.

De..., neste 24 de setembro de 17**.

CARTA 85
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Pode enfim ficar sossegado, e, principalmente, fazer-me justiça. Escute, e não mais me confunda com as outras mulheres. Pus um termo a minha aventura com Prévan: *um termo!* Entende o que isso significa? E agora poderá julgar quem de nós dois, ele ou eu, terá do que se gabar. A narrativa não será tão agradável como foi a ação: mas não seria justo que você, que não fez mais que, bem ou mal, argumentar sobre o caso, tivesse o mesmo prazer que eu, que a ele dediquei meu tempo e esforço.

No entanto, se tiver algum grande golpe em vista, se tiver algo a empreender em que esse perigoso rival lhe pareça temível, vá em frente. Ele vai deixar-lhe o terreno livre, ao menos por algum tempo; talvez mesmo nunca se refaça do golpe que lhe dei.

Que sorte a sua ter-me como amiga! Sou para você uma fada benfazeja.¹⁵ Está a definhar longe da dama com quem está envolvido; a uma palavra minha, poderá estar com ela. Quer vingar-se de uma mulher que o prejudica; indico o ponto em que deve atingi-la e a entrego a sua discricão. Enfim, para afastar da liça um concorrente temível, é novamente a mim que recorre, e eu o atendo. Em verdade, se não passar a vida a agradecer-me, é porque é um ingrato. Voltando a minha aventura, retomo-a desde a começo.

O encontro, marcado tão alto e bom som à saída da Ópera,^{ac} foi ouvido, como eu esperava. Prévan compareceu; e, quando a marechala disse-lhe obsequiosamente que se alegrava por vê-lo duas vezes seguidas em seus dias de recepção, ele teve o cuidado de responder que desde terça-feira tinha desmarcado mil compromissos a fim de poder dispor daquela noite.

A bom entendedor... Como eu quisesse assim mesmo saber com mais certeza se eu era, ou não, o real objeto de tão lisonjeiro interesse, tentei obrigar o novo pretendente a escolher entre mim e sua atividade predileta. Declarei que não iria jogar: como efeito, ele por sua vez encontrou mil pretextos para não fazê-lo; e minha primeira vitória foi assim sobre o lansquenê.

Pus-me a conversar com o bispo de...; eu o escolhi por sua ligação com o herói do dia, a quem queria oferecer todas as facilidades para me abordar. Agradava-me, por outro lado, dispor de uma testemunha respeitável que pudesse, se necessário, depor sobre meu comportamento e minhas palavras. A combinação deu certo.

Após as frases vagas e de praxe, Prévan, que não demorou a se tornar o senhor da conversa, adotou alternadamente diferentes tons, buscando descobrir qual deles me agradava. Recusei o tom do sentimento, como quem não acredita nele; com minha seriedade, contive sua alegria, que me pareceu demasiado leviana para um começo; ele então recorreu à delicada amizade; e foi sob essa bandeira banal que demos início a nosso mútuo ataque.

Na hora do jantar, o bispo não desceu;²⁷ Prévan ofereceu-me então a mão, e viu-se naturalmente sentado de meu lado à mesa. Há que ser justa: sustentou com muita habilidade nossa conversa particular enquanto aparentemente só se ocupava da conversa geral, de que parecia tomar conta. À sobremesa, falou-se sobre uma nova peça que iria estreiar na segunda-feira seguinte no Français. Expressei algum pesar por não possuir um camarote; ele me ofereceu o seu, que num primeiro momento recusei, como de praxe. Ao que ele respondeu gentilmente que não aceitava a recusa; que certamente não cederia seu camarote a alguém que não conhecia, e só precisava me alertar que a sra. marechala disporia dele. Ela se prestou à brincadeira, e eu aceitei.

Depois que voltamos à sala, ele pediu, como pode imaginar, um lugar no tal camarote; e como a marechala, que o trata com muita bondade, prometeu ceder-lhe um caso *se comportasse*, ele aproveitou uma dessas conversas de duplo sentido para as quais você tanto elogiou seu talento. Com efeito, ajoelhando-se diante dela, como um menino submisso, dizia ele, a pretexto de lhe pedir sua opinião e implorar seu conselho, disse várias coisas lisonjeiras e bastante ternas, que eu podia facilmente atribuir a mim mesma. Como várias pessoas não tivessem retomado os jogos após

o jantar, a conversa se fez mais genérica e menos interessante. Nossos olhos, porém, conversaram muito. Digo nossos olhos, mas deveria dizer os seus, pois os meus tinham apenas uma linguagem, a da surpresa. Ele deve ter pensado que eu estava espantada e excessivamente ocupada com o prodigioso efeito que ele me causava. Acho que o deixei bastante satisfeito; eu mesma não me sentia menos contente.

Na segunda-feira seguinte, fui ao Françaís como havíamos combinado. No que pese sua curiosidade literária, nada tenho a dizer sobre o espetáculo, a não ser que Prévant possui um maravilhoso talento para a adulação, e que a peça foi um fracasso; foi só o que percebi. Era com pesar que via terminar essa noite que realmente me agradava muito; a fim de prolongá-la, propus à marechala que viesse cear em minha casa, o que me deu pretexto de propor o mesmo ao amável adulator, que só me pediu um tempo para correr à casa das condessas de P...^{ad} e desmarcar com elas. Ele mencionar esse nome reacendeu toda a minha ira; vi claramente que ele ia dar início a suas confidências. Lembrei-me de seus sábios conselhos e prometi a mim mesma... prosseguir na aventura, certa de curá-lo dessa perigosa indiscrição.

Estranho em meu círculo, que naquela noite era pouco numeroso, devia-me ele as atenções de praxe; assim, quando fomos cear, ofereceu-me sua mão. Tive a malícia, ao aceitá-la, de pôr na minha um ligeiro frêmito e de manter, ao andar, os olhos baixos e a respiração alta. Aparentava pressentir minha derrota e temer meu vencedor. Ele o notou perfeitamente; o traidor então alterou de imediato seu tom e sua postura. Antes galante, fez-se terno. Não que suas palavras não fossem mais ou menos as mesmas: as circunstâncias a isso o obrigavam. Mas seu olhar, já menos vivaz, era agora mais fagueiro; a inflexão de sua voz, mais doce; seu sorriso já não era o da finesse, e sim o da satisfação. Em suas palavras, enfim, apagando pouco e pouco o fogo das tiradas espirituosas, a sagacidade deu lugar à delicadeza. Pergunto-lhe então: no que você teria feito melhor?

De minha parte, fui ficando sonhadora, a tal ponto que os demais foram obrigados a reparar; e, quando me censuraram por isso, tive a destreza de defender-me sem muito jeito, e de lançar para Prévant um olhar ligeiro, porém tímido e desconcertado, e próprio a fazê-lo acreditar que meu único receio era ele intuir a causa de minha perturbação.

Depois da ceia, aproveitei um momento em que a boa marechala contava uma das histórias que está sempre a contar para acomodar-me em minha

otomana, numa atitude de abandono suscitada por um terno devaneio. Não me desagradava Prévan me ver assim; ele honrou-me, com efeito, com uma atenção toda especial. Você pode imaginar que meus olhares tímidos não se atreviam a buscar os olhos de meu vencedor; voltados para ele de maneira mais humilde, porém, logo me confirmaram que eu estava obtendo o efeito desejado.²⁸ Ainda precisava convencê-lo de que o partilhava: assim, quando a marechala anunciou que ia se retirar, exclamei em voz fraca e doce: “Meu Deus, eu estava tão bem aqui!”. Levantei-me, no entanto. Mas, antes de despedir-me dela, perguntei-lhe quais eram seus planos, para assim ter um pretexto para falar nos meus, e informar que estaria em casa dois dias depois. Nisso, todos se despediram.

Pus-me então a refletir. Não tinha dúvida de que Prévan iria aproveitar a espécie de encontro que acabava de marcar com ele, de que viria cedo o suficiente para encontrar-me a sós, e de que a investida seria ardente; mas estava igualmente certa de que, graças a minha reputação, não me trataria com essa leviandade que os homens minimamente traquejados empregam com mulheres galantes, ou sem nenhuma experiência; e considerava certo meu êxito caso ele pronunciasse a palavra amor e, sobretudo, tivesse a pretensão de ouvi-la de mim.

Quão cômodo é lidar com vocês, *pessoas de princípios!* Um rascunho de enamorado os desconcerta com sua timidez, ou os deixa sem jeito com seus arroubos fogosos; é como uma febre, com seus tremores e ardores, e às vezes variados sintomas. Mas é tão fácil adivinhar seus passos marcados! A chegada, a postura, o tom, o discurso, eu já podia prever tudo isso desde o dia anterior. Não vou relatar, portanto, nossa conversa, que você pode imaginar facilmente. Observe apenas que, em minha fingida defesa, eu o ajudava tanto quanto podia: embaraço, para lhe dar tempo de falar; maus argumentos, para que fossem combatidos; receio e desconfiança, para suscitar protestos; e o eterno refrão da parte dele: *peço-lhe uma palavra apenas*; e o silêncio da minha, que parece deixá-lo à espera só para despertar um desejo maior; em meio a isso tudo, uma mão cem vezes segurada, que sempre se retira e nunca se recusa. Poderíamos ter passado assim o dia inteiro; passamos uma hora mortal: talvez ainda estivéssemos nisso, não fosse escutarmos uma carruagem entrando em meu pátio. Esse feliz contratempo tornou, como se deve, sua insistência mais ardente; quanto a mim, vendo chegado o momento em que estaria a salvo de qualquer surpresa, e após ter me preparado com um longo suspiro, concedi

a preciosa palavra. Vieram anunciar os recém-chegados, e pouco depois já me encontrava rodeada por um numeroso círculo.

Prévan perguntou-me se poderia vir na manhã seguinte, e eu consenti. Ciosa, porém, de defender-me, ordenei a minha camareira que permanecesse todo o tempo que durasse a visita em meu quarto, de onde, você sabe, avista-se tudo o que se passa em meu toucador, que foi onde o recebi. Livres para conversar, e sentindo ambos o mesmo desejo, logo entramos em sintonia: mas era preciso livrar-se da importuna espectadora; era aí que eu ia pegá-lo.

Pintando-lhe então, a meu modo, o quadro de minha vida caseira, convenci-o facilmente de que nunca teríamos um momento sequer de liberdade; e que tínhamos de considerar uma espécie de milagre este que desfrutáramos no dia anterior, o que ainda assim me expunha a demasiados perigos, uma vez que alguém podia entrar a todo momento em minha sala. Não deixei de acrescentar que esses hábitos todos estavam bem estabelecidos, já que até esse dia nunca me tinham perturbado; ao mesmo tempo, insistia na impossibilidade de alterá-los sem com isso me comprometer aos olhos de meus criados. Ele tentou mostrar-se triste, aborrecido, dizer-me que meu amor era pouco; pode imaginar o quanto isso me comovia! Mas, querendo desfechar o golpe decisivo, apelei para as lágrimas. Foi exatamente *Zaira, está a chorar*.²⁹ Esse domínio que ele julgou ter sobre mim, e a esperança que nutriu de poder me perder a bel-prazer, nele cumpriram a função de todo o amor de Orosmane.

Concluído esse jogo de cena, voltamos a nossas combinações. Na falta do dia, pensamos na noite: mas meu porteiro constituía então um obstáculo intransponível. Ele sugeriu o pequeno portão do jardim. Mas isso eu já previra, e inventei um cão que, tranquilo e silencioso durante o dia, à noite era um verdadeiro demônio. A facilidade com que eu entrava em todos esses detalhes tinha tudo para encorajá-lo; de modo que acabou me propondo o mais ridículo dos expedientes, que foi o que aceitei.

Em primeiro lugar, o criado dele era tão confiável quanto ele próprio; nisso ele não mentia, era possível contar com um e com outro. Eu ofereceria um grande jantar em minha casa; ele estaria presente e se demoraria o tempo suficiente para ir embora sozinho. O hábil confidente mandaria buscar o carro, abriria a porta; e ele, Prévan, em vez de subir, se esquivaria engenhosamente. O cocheiro não poderia perceber; assim, indo embora aos olhos de todos, permaneceria contudo em minha casa. Restava

saber se teria como chegar a meus aposentos. Confesso que, de início, minha dificuldade foi achar, contra esse plano, objeções suficientes para que ele pudesse contestá-las; ele respondeu com exemplos. Segundo ele, não havia plano mais corriqueiro que esse, a que ele próprio já recorrera várias vezes; era, inclusive, o plano que mais utilizava, por ser o menos perigoso.

Subjugada por esses argumentos irrefutáveis, confirmei candidamente que existia de fato uma escada secreta que levava às proximidades de meu toucador; que eu poderia ali deixar a chave, possibilitando-lhe fechar-se lá dentro e esperar, sem grande risco, que minhas criadas se recolhessem; e então, para dar maior verossimilhança a meu consentimento, instantes depois eu não queria mais, e só voltei a consentir sob a condição de uma perfeita submissão, de uma docilidade... Ah! que docilidade! Enfim, eu aceitava provar-lhe meu amor, mas não em satisfazer o seu.

Sua partida, que ia me esquecendo de mencionar, se daria pelo pequeno portão do jardim: bastaria esperar amanhecer, quando o cêrbero já não se manifestaria. Não passa viva alma por ali a essa hora, e as pessoas estão no mais profundo sono. Se o surpreende esse amontoado de raciocínios tortos, é porque está a esquecer-se de nossas intenções. Acaso precisávamos de raciocínios melhores? Tudo o que ele queria era que todos soubessem do caso, e eu, por minha vez, tinha certeza de que ninguém saberia. Marcamos o jantar para dois dias depois.

Repare que a essa altura o caso todo já está arranjado e ninguém ainda viu Prévan em minha companhia. Eu o encontro durante um jantar em casa de uma de minhas amigas, ele lhe oferece seu camarote para assistir a estreia de uma peça, no qual eu aceito um lugar. Convido essa mulher para jantar, durante o espetáculo e na presença de Prévan, quando me é quase impossível não sugerir que ele se junte a nós. Ele aceita e, dois dias depois, faz-me uma visita como exige a conveniência. Na verdade, veio visitar-me na manhã seguinte, mas, além de as visitas matinais já não contarem, cabe apenas a mim julgá-la demasiado lesta; e o relego à categoria das pessoas que me são menos próximas com um convite por escrito, para um jantar de cerimônia. Posso perfeitamente dizer, como Annette: *Ora, foi só isso!*³⁰

Chegado o dia fatídico, o dia em que eu iria perder minha virtude e reputação, dei instruções a minha fiel Victoire, que as executou como verá a seguir.

Entretanto, anoiteceu. Eu já estava com muitos convidados em casa

quando anunciaram Prévan. Recebi-o com uma polidez ostensiva, que evidenciava minha pouca intimidade com ele; e o acomodei para jogar à mesa da marechala, pois fora através dela que havíamos sido apresentados. A noite não rendeu mais que um minúsculo bilhete, que o discreto amante deu um jeito de me entregar, e que queimei como é meu costume. Nele, anunciava-me que eu podia contar com ele; e essa palavra essencial vinha cercada de todas as palavras parasitas de amor, felicidade etc., que nunca deixam de estar presentes nessas ocasiões.

À meia-noite, terminadas as partidas, propus uma macedônia.^{ae} Tinha o duplo objetivo de facilitar a evasão de Prévan e, ao mesmo tempo, fazer com que fosse notada; o que não podia deixar de acontecer, dada a reputação do jogador. Era igualmente uma vantagem para mim que lembrassem mais tarde, se necessário, que eu não demonstrara a menor pressa em ficar sozinha.

O jogo durou mais do que eu tinha imaginado. O diabo me tentava, e sucumbi ao desejo de ir consolar o impaciente prisioneiro. Estava assim rumando para minha perdição, quando refleti que, uma vez totalmente entregue, não teria mais sobre ele o poder de mantê-lo nos trajes decentes necessários a meu plano. Tive força para resistir. Dei meia-volta e reassumi, não sem certa irritação, meu lugar naquele jogo sem fim. O qual terminou, no entanto, e todos se foram embora. Quanto a mim, chamei minhas criadas, despi-me depressa e dispensei-as do mesmo modo.

Pode me imaginar, visconde, em trajes ligeiros, andando a passos tímidos e circunspectos e, com mão pouco firme, abrindo a porta para meu vencedor? Ao ver-me, um raio não teria sido mais rápido. O que posso dizer-lhe? Fui vencida, inteiramente vencida, antes de poder sequer dizer algo para detê-lo ou defender-me. Ele em seguida quis ficar mais à vontade e mais de acordo com as circunstâncias. Amaldiçoava seus trajes que, dizia, o afastavam de mim; queria combater-me com armas iguais. Mas minha extrema timidez se opôs a essa ideia, e minhas ternas carícias não lhe deixaram tempo para tanto. Passou a tratar de outra coisa.

Seus direitos se viram redobrados, e suas pretensões ressurgiram. Então, porém: “Escute”, disse-lhe eu, “tem, até agora, uma história bastante interessante para contar às duas condessas de P... e a outras mil pessoas. Mas estou curiosa de saber como vai contar o final desta aventura”. Enquanto falava, toquei com toda a força a campainha. Foi então minha vez, e minha ação foi mais rápida que sua fala. Ele ainda mal balbuciava

quando escutei Victoire acorrendo, e chamando a criadagem que ela mantivera em seus aposentos, como eu recomendara. Então, adotando meu tom de rainha e elevando a voz: “Saia, senhor”, prossegui, “e nunca mais apareça em minha frente”. Nisso, entraram todos os criados.

O pobre Prévan perdeu a cabeça, e julgando ver uma armadilha naquilo que, no fundo, não passava de uma brincadeira correu para sua espada. Péssima ideia, pois meu criado de quarto, bravo e vigoroso, agarrou-o e imobilizou-o. Senti, confesso, um pânico mortal. Gritei para que parasse, e ordenei que lhe deixassem a porta livre, certificando-se apenas que ele de fato saísse de minha casa. Os criados obedeceram, mas o burburinho era grande entre eles; indignavam-se por alguém se atrever a faltar com o respeito para com *sua virtuosa patroa*. Todos acompanharam o malfadado cavalheiro, com ruído e estardalhaço, tal como eu queria. Somente Victoire permaneceu, e tratamos, enquanto isso, de arrumar a desordem de minha cama.

A criadagem retornou, ainda em rebuliço; e eu, *ainda muito chocada*, perguntei-lhes por que feliz acaso ainda estavam todos acordados; e Victoire me contou que convidara para jantar duas amigas suas que haviam feito serão em seu quarto, enfim, tudo o que havíamos combinado. Agradei a todos, e pedi que se retirassem, embora ordenando a um deles que fosse imediatamente buscar meu médico. Pareceu-me legítimo recear o resultado de *minha mortal comoção*; e era um meio seguro de dar vazão e notoriedade ao episódio.

E o médico veio, de fato, e muito se condeou, e prescreveu-me somente repouso. Quanto a mim, ordenei a Victoire que, além disso, fosse cedo pela manhã prosear pela vizinhança.

Tudo deu tão certo que, antes do meio-dia, e assim que o dia começou para mim, minha devota vizinha já estava ao pé de minha cama para saber da verdade e dos detalhes da terrível aventura. Fui obrigada a lamentar-me com ela, durante uma hora, sobre a corrupção de nosso século. Momentos depois, recebi da marechala o bilhete que junto a esta carta. Por fim, antes das cinco horas, vi chegar, para meu grande espanto, o sr...^{af} Estava ali, disse-me, para apresentar suas desculpas por um oficial de seu regimento ter a tal ponto me faltado ao respeito. Só viera a sabê-lo ao jantar em casa da marechala e, no ato, enviara ordem para que Prévan se apresentasse na prisão. Pedi que o perdoasse, e ele recusou. Pensei então que, como cúmplice, precisava fazer minha parte e guardar, pelo menos, uma severa

reclusão. Mandei fechar as portas de minha casa e dizer que estava indisposta.

A minha solidão é que você deve esta extensa carta. Vou escrever outra à sra. de Volanges, que certamente dela fará uma leitura pública, e onde você verá essa história tal como ela deve ser contada.

Ia me esquecendo de dizer que Belleruche está indignado, e quer a todo custo ir às vias de fato com Prévan. Pobre rapaz! Felizmente, terei tempo para esfriar-lhe a cabeça. Por enquanto, vou descansar a minha, já exausta de escrever. Adeus, visconde.

Paris, neste 25 de setembro de 17**, à noite.

CARTA 86

DA MARECHALA DE... À MARQUESA DE MERTEUIL

(BILHETE INCLUSO NA CARTA ANTERIOR)

Deus meu! O que acabo de saber, cara senhora? Será possível que esse rapaz, Prévan, cometa tamanhas abominações? E ainda por cima com a senhora! A que não estamos expostas! Então já não estamos em segurança nem mesmo em nossa própria casa! Tais fatos, na verdade, consolam-me do fato de ser velha. Mas se há algo de que nunca irei consolar-me é de ter sido, em parte, responsável por a senhora ter recebido esse monstro em sua casa. Prometo-lhe que, se é verdade o que dizem, ele não tornará a pôr os pés na minha; será essa a atitude de todas as pessoas de bem em relação a ele, se fizerem o que lhes cabe.

Disseram-me que passou muito mal, estou preocupada com sua saúde. Dê-me notícias suas, por favor, ou mande um recado por uma de suas criadas se não puder dá-las pessoalmente. Peço-lhe apenas um bilhete, para tranquilizar-me. Teria ocorrido a sua casa esta manhã, não fossem os banhos que meu bom doutor não permite que eu interrompa; e hoje à tarde devo ir a Versalhes tratar do assunto de meu sobrinho.

Adeus, cara senhora; conte sempre com minha amizade sincera.

Paris, neste 25 de setembro de 17**.

CARTA 87
DA MARQUESA DE MERTEUIL À SRA. DE VOLANGES

Escrevo-lhe de minha cama, minha querida e boa amiga. Um incidente dos mais desagradáveis, e o mais impossível de prever, deixou-me doente de comoção e tristeza. Não que eu tenha, por certo, algo a censurar-me: mas é sempre tão penoso para uma mulher de bem, que guarda o recato que convém a seu sexo, atrair para si a atenção coletiva, que eu daria tudo nesse mundo para ter podido evitar essa desgraçada aventura; e ainda não sei se não será melhor ir para o campo esperar que ela seja esquecida. Eis do que se trata.

Fui apresentada, em casa da marechala de..., a certo sr. de Prévan, que a senhora decerto conhece de nome e que eu igualmente só assim conhecia. Ao encontrá-lo nessa casa, porém, quero crer que estava autorizada a julgá-lo uma boa companhia. É um homem bem-apeσοado, e pareceu-me não carecer de inteligência. O acaso e o tédio com o jogo deixaram-me como única mulher entre ele e o bispo de..., enquanto os demais se entretinham com o lansquenê. Conversamos, os três, até a hora do jantar. À mesa, a estreia de uma peça que mencionaram forneceu-lhe a ocasião de oferecer seu camarote à marechala, a qual aceitou; e ficou combinado que haveria nele um lugar para mim. Isso foi na segunda-feira passada, no Français. Como a marechala viesse jantar em minha casa após o espetáculo, convidei esse senhor para acompanhá-la, e assim ele fez. Dois dias depois, fez-me uma visita que transcorreu de acordo com a praxe, sem nada de especial. No dia seguinte, veio visitar-me pela manhã, o que me pareceu um tanto lesto. Porém, em vez de dá-lo a entender por minha atitude ao recebê-lo, julguei melhor alertá-lo polidamente de que ainda não tínhamos tanta intimidade como ele parecia acreditar. Por isso enviei-lhe, naquele mesmo dia, um convite seco e cerimonioso para um jantar que ofereci anteontem em minha casa. Nessa noite, não lhe dirigi a palavra sequer quatro vezes; ele, por seu lado, retirou-se tão logo concluiu sua partida. A senhora há de convir que, até então, nada parecia conduzir a uma aventura. Jogamos, após as partidas, uma macedônia que se estendeu até quase as duas horas; então, finalmente, fui deitar-me.

Fazia no mínimo meia hora que minhas criadas tinham se retirado quando escutei um ruído em meus aposentos. Abri meu cortinado, cheia de pavor, e vi um homem entrando pela porta que dá para meu toucador.

Lancei um grito lancinante; e reconheci, à luz da lamparina, o tal sr. de Prévan, que, com inconcebível descaramento, disse-me para não me assustar, que já ia esclarecer o mistério de sua conduta e rogava-me não fazer barulho algum. Ao falar assim, acendeu uma vela; fiquei tão chocada que não conseguia falar. Seu ar tranquilo e à vontade me deixava, acho, ainda mais petrificada. Mal proferiu duas palavras, porém, e percebi qual era o suposto mistério; e minha única resposta foi, como pode imaginar, pendurar-me na campainha.

Por uma sorte incrível, todos os empregados tinham feito serão no quarto de uma de minhas criadas, e ainda não estavam deitados. Minha criada, vindo a meus aposentos, ouviu-me falar com veemência, assustou-se e chamou todos eles. Pode imaginar o escândalo! Meus empregados estavam furiosos; vi a hora em que meu camareiro ia matar Prévan. Confesso que, naquele momento, foi um alívio sentir-me fortemente protegida. Hoje, pensando melhor, preferiria que tivesse ocorrido apenas minha criada; teria bastado, e eu assim talvez evitasse esse escândalo que me aflige.

Em vez disso, o tumulto acordou os vizinhos, a criadagem comentou, e desde ontem virou notícia em toda a Paris. O sr. de Prévan está detido por ordem do comandante de seu regimento, que teve a decência de vir a minha casa para, segundo ele, apresentar-me suas desculpas. Essa prisão só virá aumentar o fuxico, mas nada pude fazer para evitá-la. A cidade e a corte compareceram a minha casa, mas fechei a porta a todos. As poucas pessoas que recebi disseram-me que eu estava sendo apoiada, e que era imensa a indignação pública em relação ao sr. de Prévan. Ele bem que o merece, sem dúvida, mas isso não diminui o dissabor dessa aventura.

Ademais, esse homem decerto tem amigos, e seus amigos devem ser maus. Quem sabe, quem poderá saber o que não irão inventar para prejudicar-me? Deus meu, como sofre uma jovem mulher! Não lhe basta proteger-se da maledicência; ainda precisa se impor ante a calúnia.

Diga-me, por favor, o que teria feito, o que faria em meu lugar; em suma, o que pensa disso tudo. Foi sempre da senhora que recebi os mais doces consolos e os conselhos mais sábios; também é da senhora que mais gosto de recebê-los.

Adeus, minha querida e boa amiga. Bem sabe os sentimentos que me unem à senhora para sempre. Um beijo a sua amável filha.

Paris, neste 26 de setembro de 17**.

q Esta carta não foi encontrada.

r O leitor de há muito deve ter percebido, pelas atitudes da sra. de Merteuil, o quão pouco ela respeitava a religião. Esse parágrafo poderia ser suprimido, mas julgamos que, já que mostramos os efeitos, não poderíamos nos furtar a apontar as causas.

s Acredita-se que se trate de Rousseau, no *Emílio*, mas a citação não é precisa, e a interpretação de Valmont é bastante incorreta. Além disso, será que a sra. de Tourvel tinha lido o *Emílio*?

t Foi suprimida a ca
anterior, com menos
na carta 63, da sra. d

mesmos fatos da carta
) motivo é apresentado

u Gresset, *Le Méchant*
— Os tolos estão nes

em 1747. (N. ED. ING.)

v O sr. Danceny não
episódio. Ver a carta

de Valmont antes desse

w Expressão referent
d'Arc, intitulado *La*

indecente sobre Joana

x Racine, tragédia *B*
(N. ED. ING.) — ... cc

ne *Britannicus* (1669).
de seu sono. (N. T.)]

y Uma vez que a srtz
nessas cartas, já não
amiga do convento: 1

io se verá mais adiante
ou a escrever para sua

z Esta carta não foi e

aa Não se sabe se es
fazem parte da pros
profusão de falhas d
das do cavaleiro Danceny. Talvez, já que ele vez ou outra se ensaiava na poesia, seu ouvido mais treinado o ajudasse a evitar mais facilmente esse defeito.

ouco conhecidas, ou se
segunda alternativa é a
ondência, com exceção

ab Vamos mais adiante, na carta 152 se não descobrir o segredo do sr. de Valmont, saber mais ou menos a que se refere; e o leitor entenderá que não pudemos esclarecê-lo melhor a respeito.

ac Ver carta 74.

ad Ver carta 70.

ae Algumas pessoas talvez desconheçam que a macedônia é um amálgama de diversos jogos de azar, entre os quais cada cortador tem o direito de escolher na sua vez de ser o primeiro a jogar. Trata-se de uma das invenções do século.

af O comandante do regimento em que servia o sr. de Prévan.

Parte III

CARTA 88

DE CÉCILE VOLANGES AO VISCONDE DE VALMONT

Apesar de todo o prazer que sinto, senhor, ao receber as cartas do sr. cavaleiro de Danceny, e embora deseje tanto quanto ele que possamos tornar a nos ver sem que nos impeçam, não me atrevi, no entanto, a fazer o que me sugeriu. Primeiramente, por ser muito perigoso; essa chave que o senhor quer que eu ponha no lugar da outra se parece bastante com ela, é verdade; porém, não deixa de haver diferenças entre as duas, e minha mãe tudo observa, tudo percebe. Além disso, embora ainda não tenha sido usada desde que estamos aqui, basta uma má sorte qualquer; e, se ela percebesse, eu estaria para sempre perdida. Além disso, parece-me que seria muito errado; fazer a cópia de uma chave é ir longe demais! É verdade que o senhor teria a gentileza de providenciá-la. Ainda assim, se viessem a saber, eu não deixaria de levar toda a culpa e censura, já que é para mim que o faria. Enfim, duas vezes quis tentar pegá-la, e decerto teria sido fácil se se tratasse de qualquer outra coisa. Mas, não sei por quê, nas duas vezes me pus a tremer e não tive coragem. De modo que me parece melhor deixar as coisas como estão.

Se o senhor ainda tiver a bondade de ser tão prestativo como tem sido até aqui, acabará encontrando uma maneira de me entregar uma carta. No caso dessa última, inclusive, não fosse o mau acaso que o fez se virar depressa demais em certo momento, teria sido bem fácil. Percebo que o senhor não pode, como eu, pensar nisso o tempo todo; mas prefiro ter mais paciência e não me arriscar tanto. Tenho certeza de que o sr. Danceny diria o mesmo: pois todas as vezes que quis algo que me custava muito, sempre consentiu em que eu não o fizesse.

Encaminho-lhe, junto com esta carta para o senhor, uma carta para o sr. Danceny e sua chave. Não lhe sou menos grata por todas as suas gentilezas, e rogo-lhe que as mantenha. É bem verdade que me sinto muito infeliz e que, sem o senhor, muito mais infeliz me sentiria. Mas, afinal, é minha mãe; há que ter paciência. E desde que o sr. Danceny continue me

amando, e que o senhor não me abandone, talvez ainda venham tempos mais felizes.

Tenho a honra de ser, senhor, com muita gratidão, sua mui obediente e humilde serva.

De..., neste 26 de setembro de 17**.

CARTA 89

DO VISCONDE DE VALMONT AO CAVALEIRO DANCENY

Se seus assuntos nem sempre andam tão rapidamente como desejaria, meu amigo, não é bem comigo que deve se queixar. Tenho aqui mais de um obstáculo a vencer. E não se trata apenas da vigilância e da severidade da sra. de Volanges; sua jovem amiga também tem me colocado alguns. Quer por frieza, quer por covardia, nem sempre faz o que lhe aconselho; no entanto, julgo saber melhor que ela o que deve ser feito.

Eu havia encontrado um jeito simples, cômodo e seguro de entregar-lhe suas cartas, e inclusive de facilitar, mais adiante, os encontros que tanto deseja. Mas não pude convencê-la a empregá-lo. Isso muito me aflige, tanto mais que não vejo outro modo de tentar aproximá-los; e que, mesmo em relação a sua correspondência, receio constantemente que nos comprometa aos três. Ora, pode imaginar que não quero nem correr esse risco, nem expô-los a ele.

Seria realmente uma pena que a pouca confiança de sua amiga me impedisse de lhe ser útil; talvez fosse interessante você escrever-lhe. Veja o que quer fazer, cabe apenas a você decidir; pois não basta ajudar os amigos, é preciso também ajudá-los como lhes convém. Essa poderia, além disso, ser mais uma forma de confirmar os sentimentos que ela nutre por você; pois uma mulher que mantém sua própria vontade não ama tanto como diz.

Não que eu suspeite sua namorada de inconstância. Mas é muito jovem, tem muito medo da mãe, a qual, como sabe, só pensa em prejudicá-lo; e talvez fosse perigoso deixá-la muito tempo sem ocupar-se com o cavaleiro. Não vá, contudo, preocupar-se além da conta com isso que lhe digo. Não tenho, no fundo, nenhum motivo para desconfiança; isso é mera solicitude de amigo.

Não lhe escrevo mais extensamente porque tenho também assuntos meus a tratar. Não estou tão adiantado como o cavaleiro, mas amo da mesma forma, e isso me consola; e mesmo que não seja pessoalmente bem-sucedido, se puder lhe ser útil, terei bem empregado meu tempo. Adeus, meu amigo.

Do castelo de..., neste 26 de setembro de 17**.

CARTA 90
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Desejo muitíssimo, senhor, que esta carta não lhe cause nenhuma mágoa; ou, se tiver de causar-lhe alguma, que ela ao menos seja amenizada por esta que sinto ao escrever-lhe. O senhor a esta altura já deve conhecer-me o suficiente para estar seguro de que minha vontade não é afligi-lo; mas decerto não iria querer, por sua vez, mergulhar-me num eterno desespero. Suplico-lhe, pois, em nome da terna amizade que lhe prometi, em nome, inclusive, desses sentimentos, talvez mais intensos, mas, acredite, não menos sinceros, que nutre por mim: não nos vejamos mais; vá embora; e, até lá, fujamos mais que nada dessas conversas particulares e demasiado perigosas em que, por alguma força inconcebível, sem nunca lograr dizer-lhe o que quero, vivo a escutar o que não deveria.

Ainda ontem, quando veio encontrar-se comigo no parque, minha única intenção era dizer-lhe isto que hoje lhe escrevo; entretanto, o que fiz senão cuidar de seu amor... de seu amor, a que jamais deverei corresponder! Ah! Por favor, afaste-se de mim.

Não receie que minha ausência venha a alterar algum dia meus sentimentos pelo senhor: como poderia vencê-los se já nem tenho a coragem de combatê-los? Como vê, estou a dizer-lhe tudo, receio menos confessar minha fraqueza do que a ela sucumbir. Mas esse controle que perdi sobre meus sentimentos, hei de mantê-lo sobre minhas ações; hei de mantê-lo, sim, estou determinada a isso, mesmo que à custa de minha própria vida.

Não vai longe o tempo, ai, em que tinha certeza de que nunca teria semelhantes combates para travar. Congratulava-me por isso; talvez me

gabasse demais. A providência puniu, puniu cruelmente esse meu orgulho. Contudo, cheia de misericórdia mesmo quando nos castiga, ela ainda adverte-me antes da queda; e eu seria duplamente culpada se persistisse em carecer de prudência, mesmo já estando alertada de que me falta força.

O senhor disse tantas vezes que não queria a felicidade ao preço de minhas lágrimas. Ah! Já não falemos em felicidade, mas permita ao menos que eu recobre alguma tranquilidade.

Atendendo a meu pedido, que novos direitos não irá adquirir sobre meu coração? E desses, fundados na virtude, não terei por que me defender. Que agradável será minha gratidão! Graças ao senhor, poderei experimentar sem remorso um delicioso sentimento. No momento, pelo contrário, assustada com meus sentimentos, com meus pensamentos, tanto receio me ocupar do senhor como de mim; sua própria lembrança me apavora: quando não posso evitá-la, luto contra ela; não a afasto, mas rechaço-a.

Não seria melhor, para ambos, acabar com essa situação de perturbação e ansiedade? O senhor, cuja alma sempre sensível, mesmo em meio às próprias falhas, manteve-se amiga da virtude, o senhor saberá respeitar minha dolorosa condição, não irá rejeitar meu pedido! Um interesse mais doce, embora não menos terno, sucederá a essas violentas agitações. Então, respirando aliviada graças a sua mercê, hei de prezar minha existência e direi, com alegria no coração: “A meu amigo é que devo essa paz que estou sentindo”.

Submetendo-se a poucas ligeiras privações, que não lhe imponho, apenas lhe peço, julga o senhor que estaria pagando demasiado caro pelo fim de meus tormentos? Ah! Se para torná-lo feliz bastasse aceitar ser infeliz, acredite, eu não hesitaria um instante sequer... Mas tornar-me culpada!... Não, meu amigo, não, mil vezes morrer.

Já acometida de vergonha, à beira do remorso, temo tanto os outros como a mim mesma; enrubesço na roda de amigos, e estremeço quando estou sozinha; minha vida não é mais que sofrimento, e só obterei algum sossego mediante seu consentimento. Minhas mais louváveis resoluções não bastam para tranquilizar-me; esta eu tomei ainda ontem e, no entanto, passei a noite em prantos.

Veja sua amiga, esta que o senhor ama, confusa e suplicante, a pedir-lhe repouso e inocência. Deus meu! Não fosse o senhor, será que ela algum dia teria sido reduzida a esse humilhante pedido? Nada lhe censuro; sinto

demais na própria carne o quanto é difícil resistir a um sentimento imperioso. Um lamento não se confunde com uma queixa. Faça, por generosidade, aquilo que eu faço por dever; e a todos os sentimentos que o senhor me inspirou irei somar o de uma eterna gratidão. Adeus, senhor, adeus.

De..., neste 27 de setembro de 17**.

CARTA 91
DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

Consternado com sua carta, ainda ignoro, senhora, como poderei responder. Sem dúvida, se há que escolher entre sua infelicidade e a minha, cabe a mim sacrificar-me, sem hesitação. Mas quer parecer-me que interesses tão importantes bem merecem ser, antes de mais nada, discutidos e esclarecidos; e como fazê-lo, se não podemos mais nos falar nem nos ver?

Como! Embora nos unam os mais doces sentimentos, um vão terror bastaria para nos separar, quem sabe para sempre? Em vão a terna amizade, o amor ardente irão reclamar seus direitos: suas vozes não serão ouvidas; e por quê? Que perigo premente é esse que nos ameaça? Ah, acredite, tais temores, tão levemente concebidos, são por si só, me parece, fortes motivos de segurança.

Permita-me dizer-lhe que percebo aí vestígios das impressões desfavoráveis que lhe deram de mim. Ninguém teme estar junto de um homem que estima; e, sobretudo, ninguém afasta quem julgou digno de alguma amizade: só o homem perigoso é temido e evitado.

Entretanto, já houve alguém mais respeitoso e submisso que eu? Já venho, como pode perceber, controlando minha linguagem; já não me permito essas palavras tão doces, tão caras a meu coração, e que ele não deixa de lhe dirigir em segredo. Já não sou o enamorado infeliz e fiel a receber o consolo e os conselhos de uma terna e sensível amiga, e sim o acusado perante seu juiz, o escravo diante de seu dono. Esses novos títulos decerto impõem novos deveres: comprometo-me a cumpri-los todos. Ouçame, e se me condenar consinto e vou-me embora. Prometo mais: prefere o despotismo que julga sem ouvir? Sente em si a coragem de ser injusta? Ordene e, novamente, obedeço.

Mas esse julgamento ou essa ordem, quero ouvi-los de sua boca. Por quê?, irá perguntar-me por sua vez. Se faz essa pergunta, é que conhece muito pouco o amor e meu coração! Com que então seria pouca coisa vê-la mais uma vez? Ora, enquanto estiver levando o desespero a minha alma, quem sabe um olhar consolador impedirá que ela nele sucumba. Enfim, se é preciso que eu renuncie ao amor, à amizade, únicas razões de meu viver, a senhora ao menos poderá ver sua obra, e levarei comigo sua piedade: creio que estarei pagando, por esse favor ligeiro, mesmo que talvez não o mereça, um preço suficientemente alto para ter a esperança de obtê-lo.

Como! Vai afastar-me de si! Consente então em que nos tornemos estrangeiros um ao outro? Que digo? É o que deseja; e, enquanto me assegura que minha ausência não irá alterar seus sentimentos, apressa minha partida só para mais facilmente tratar de destruí-los.

Desde já fala em substituí-los por gratidão. Assim, o sentimento que obteria um desconhecido em troca de um mínimo favor ou seu próprio inimigo ao deixar de prejudicá-la, é tudo que tem a me oferecer! E quer que se contente com isso meu coração! Consulte então o seu: se seu amante, seu amigo viessem um dia lhe falar em gratidão, acaso não retrucaria, indignada: “Retirem-se, ingratos!”?

Detenho-me e clamo por sua indulgência. Perdoe-me a expressão de uma dor que a senhora mesma faz nascer: ela não irá prejudicar minha perfeita submissão. Mas conjuro-lhe, por minha vez, em nome dos tão doces sentimentos, que por sua vez admite, não se negue a me ouvir; e, ao menos por compaixão pelo mortal tormento em que me jogou, não retarde esse momento. Adeus, senhora.

De..., neste 27 de setembro de 17**, à noite.

CARTA 92

DO CAVALEIRO DANCENY AO VISCONDE DE VALMONT

Ah, meu amigo, sua carta me gelou de pavor! Cécile... Ó céus! Será possível? Cécile já não me ama. Sim, vejo essa terrível verdade através do véu com que a envolve sua amizade. Quis preparar-me para receber esse golpe mortal; agradeço-lhe seu cuidado, mas será possível forçar o amor? Ele corre ao encontro daquilo que o interessa; ele não descobre sua sorte,

adivinha-a. Já não tenho dúvida quanto à minha: fale-me sem rodeios, pode fazê-lo, eu lhe peço. Diga-me tudo; o que originou suas suspeitas, o que as confirmou. Os menores detalhes são preciosos. Tente, sobretudo, lembrar das exatas palavras dela. Um termo em lugar de outro pode alterar toda uma frase; um mesmo termo tem às vezes dois sentidos... O visconde pode ter se enganado: ai, ainda tento me iludir. O que lhe disse ela? Censurou-me por alguma coisa? Pelo menos não se defende de seus erros? Eu deveria ter previsto essa mudança, visto os empecilhos que, de uns tempos para cá, ela tem enxergado em tudo. O amor não admite obstáculos.

Que partido devo tomar? O que me aconselha? E se eu tentasse vê-la? Isso é mesmo impossível? A ausência é tão cruel, tão funesta... e ela ainda recusa um meio de me ver! O visconde não me diz que meio era esse. Se era de fato muito perigoso, ela sabe que não quero que se arrisque demais. Mas também conheço sua prudência, visconde, e, para infelicidade minha, não posso não acreditar.

O que faço agora? Como escrever-lhe? Se deixar transparecer minhas suspeitas, ela talvez se entristeça; e, se forem injustas essas suspeitas, poderei perdoar-me por tê-la afligido? Ocultá-las seria enganá-la, e com ela não sei fingir.

Ah, se ela soubesse o quanto estou sofrendo, minha dor a comoveria. Sei que é sensível; tem um excelente coração e tenho mil provas de seu amor. Demasiada timidez, alguma indecisão, é tão jovem! E sua mãe a trata com tanta severidade! Vou lhe escrever; e conter-me; vou apenas pedir-lhe que confie inteiramente no visconde. Ainda que recuse, ao menos não poderá zangar-se com meu pedido; e quem sabe consinta.

Visconde, meu amigo, peço-lhe mil desculpas, por ela e por mim. Asseguro-lhe que ela valoriza sua atenção, que lhe é muito grata. Não se trata de desconfiança, e sim de timidez. Seja indulgente: é esse o mais belo traço da amizade. A sua me é muito preciosa, e não sei como agradecer por tudo que tem feito por mim. Adeus, vou escrever imediatamente.

Sinto ressurgirem todos os meus temores; quem diria que um dia me custaria tanto escrever-lhe. Ainda ontem era esse meu mais doce prazer!

Adeus, meu amigo; mantenha suas atenções, e compadeça-se muito de mim.

Paris, neste 27 de setembro de 17**.

CARTA 93
DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES
(JUNTADA À ANTERIOR)

Não posso esconder o quanto me afligi ao saber, por Valmont, a pouca confiança que ainda nutre por ele. Você não ignora que ele é meu amigo, que é a única pessoa capaz de nos aproximar um do outro: julgava que esses títulos fossem suficientes; vejo, com tristeza, que me enganei. Posso ao menos esperar que me explique seus motivos? Não irá achar algum empecilho que a impeça de fazê-lo? No entanto, não posso desvendar, sozinho, o mistério de sua atitude. Não ousou desconfiar de seu amor, e você decerto tampouco ousaria trair o meu. Ah, Cécile!...

É mesmo verdade que recusou um jeito de me ver? Um jeito *simples, cômodo e seguro*? É assim que me ama? Uma tão breve ausência já mudou muito seus sentimentos. Mas por que me enganar? Por que dizer que ainda me ama, que me ama ainda mais? Sua mãe, ao destruir nosso amor, também destruiu sua candura? Se ela pelo menos deixou-lhe alguma compaixão, você não saberá sem tristeza dos terríveis tormentos que tem me causado. Ah, sofreria menos morrendo.

Diga-me, então, se seu coração fechou-se para mim sem retorno? Já me esqueceu completamente? Devido a sua recusa, já não sei quando ouvirá minhas queixas nem se responderá. A amizade de Valmont vinha assegurando nossa correspondência: mas você não quis; achava-a difícil, preferiu que se fizesse mais rara. Não, não acreditarei mais no amor, na boa-fé. Pois em quem acreditar, se Cécile me enganou?

Responda-me, então: é mesmo verdade que não me ama mais? Não, não é possível; está se iludindo, caluniando seu próprio coração. Um temor passageiro, um momento de desânimo, mas que o amor não tarda a fazer sumir: não é verdade, minha Cécile? Ah, sem dúvida, e é um erro meu acusá-la. Que alegria a minha, se estiver errado! O quanto gostaria de pedir-lhe ternas desculpas, de compensar esse instante de injustiça com uma eternidade de amor!

Cécile, Cécile, tenha pena de mim! Consinta em me ver, aceite todos os meios para tanto! Veja o que a ausência nos causa! Temores, suspeitas, frieza quem sabe! Um único olhar, uma só palavra, e seremos felizes. Mas

será que ainda posso falar em ser feliz? Talvez tudo esteja perdido para mim, perdido para sempre. Atormentado pelo medo, cruelmente pressionado entre as injustas suspeitas e a verdade mais cruel, não consigo deter-me em qualquer pensamento; o que me resta de existência é para sofrer e amá-la. Ah, Cécile! Só você tem o direito de torná-la preciosa para mim; e espero, da primeira palavra que pronunciar, o retorno da felicidade ou a certeza de um eterno desespero.

Paris, neste 27 de setembro de 17**.

CARTA 94
DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY

Nada compreendo de sua carta, a não ser a tristeza que ela me causa. O que o sr. de Valmont lhe disse e que pode tê-lo levado a acreditar que eu não o amava mais? Talvez fosse melhor para mim, já que assim talvez me sentisse menos atormentada; e é muito duro, amando-o como amo, ver que você sempre acha que estou errada, e em vez de me consolar causa as mágoas que mais me entristecem. Você acha que o engano, que lhe digo algo que não é! Que bela ideia faz de mim! Mas, mesmo que eu fosse a mentirosa que me acusa ser, que interesse teria nisso? Seguramente, se já não o amasse, bastaria dizê-lo, e todos me aprovariam; infelizmente, porém, é mais forte que eu; e tinha de ser por alguém que não sabe reconhecê-lo!

O que fiz, afinal, para aborrecê-lo a esse ponto? Não me atrevi a pegar uma chave, porque temia que minha mãe percebesse e que isso me trouxesse mais sofrimento, e também a você, por minha causa; e também porque não me parece correto. Mas foi o sr. de Valmont quem me falou a respeito, e eu não tinha como saber se você concordava ou não, já que não estava a par. E agora que sei que é esse seu desejo, acaso vou recusar? Amanhã mesmo pegarei a tal chave; e veremos então o que você terá a dizer.

O sr. de Valmont pode até ser seu amigo; acho que gosto de você no mínimo tanto quanto ele; no entanto, é sempre ele que está certo, e eu estou sempre errada. Garanto-lhe que estou muito zangada. Isso pouco lhe importa, pois sabe que me acalmo em seguida. Mas agora que vou ter a

chave poderei vê-lo quando quiser; e garanto que não vou querer, se continuar agindo assim. Prefiro uma tristeza que venha de mim mesma do que de você: pense no que quer fazer.

Se você quisesse, nos amaríamos tanto! E ao menos nosso único sofrimento seria esse que os outros nos causam! Garanto-lhe que, se eu fosse senhora de mim mesma, você nunca teria motivos de queixa; mas, se não acredita em mim, seremos sempre infelizes, e não por culpa minha. Espero que em breve possamos nos ver, e que então já não tenhamos oportunidade de magoar um ao outro como agora.

Tivesse eu imaginado, teria pego imediatamente essa chave; mas, na verdade, pensei estar fazendo o que era certo. Não me queira mal por isso, por favor. Não fique mais triste, e ame-me sempre como eu amo você: então serei feliz. Adeus, caro amigo.

Do castelo de..., neste 28 de setembro de 17**.

CARTA 95

DE CÉCILE VOLANGES AO VISCONDE DE VALMONT

Peço-lhe, senhor, que tenha a gentileza de me entregar a chave que tinha me dado para colocar no lugar da outra; já que todos querem assim, sou obrigada a consentir também.

Não sei por que foi dizer ao sr. Danceney que eu não o amava mais: não creio que lhe tenha alguma vez dado motivo para pensar assim; e isso lhe causou muita mágoa, assim como a mim. Sei que é amigo dele; mas esse não é um motivo para entristecê-lo, e nem a mim. Agradeceria muitíssimo se o senhor lhe dissesse o contrário, da próxima vez que lhe escrever, e que tem certeza disso: pois é no senhor que ele mais confia; quanto a mim, quando digo algo, e não acreditam, já não sei o que fazer.

Quanto à chave, pode estar sossegado: gravei perfeitamente o que me recomendou em sua carta. No entanto, se ainda a tiver, e puder me entregá-la ao mesmo tempo, prometo prestar-lhe toda a atenção. Se isso puder ser amanhã, na hora do jantar, entregarei a outra chave depois de amanhã, ao desjejum, e o senhor poderá devolvê-la do mesmo modo que a primeira. Gostaria que não demorasse mais que isso, pois assim haveria menos tempo de minha mãe perceber.

E uma vez que estiver de posse dessa chave poderá fazer a gentileza de também usá-la para pegar minhas cartas; assim, o sr. Danceny terá notícias minhas com mais frequência. Verdade é que será bem mais cômodo do que é atualmente; só que, de início, isso me assustou muito. Peço-lhe que me desculpe, e espero que nem por isso deixe de ser tão gentil como era antes. E eu lhe serei sempre muito grata.

Tenho a honra de ser, senhor, sua mui humilde e obediente serva.

De..., neste 28 de setembro de 17**.

CARTA 96

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Sou capaz de apostar que, desde sua aventura, tem esperado diariamente meus cumprimentos e elogios. E não duvido que esteja um pouco aborrecida ante meu longo silêncio. Mas fazer o quê: sempre achei que, quando só nos restavam louvores a tecer a uma mulher, podíamos deixá-los por sua conta e tratar de outros assuntos. Entretanto, agradece-lhe de minha parte e felicito-a da sua. Consinto inclusive, para deixá-la perfeitamente feliz, em reconhecer que dessa vez superou minhas expectativas. Depois disso, vejamos se, quanto a mim, terei preenchido as suas, ao menos em parte.

Não é da sra. de Tourvel que quero lhe falar; seu ritmo demasiado lento não é de seu agrado. Você só gosta das coisas realizadas. As cenas paulatinas a aborrecem; quanto a mim, nunca antes experimentara um prazer como este que venho descobrindo nessas supostas vagarezas.¹

Sim, gosto de ver, de observar essa mulher cautelosa que se embrenhou, sem perceber, num caminho sem volta, cujo declive rápido e perigoso a arrasta à revelia, obrigando-a a seguir-me. Nesse ponto, assustada ante o perigo que corre, gostaria de parar e não consegue. Seu cuidado e sua habilidade podem até diminuir seus passos, mas é inevitável que eles prossigam. Por vezes, não ousando fitar o perigo, fecha os olhos e se deixa levar, entregando-se a meus cuidados. No mais das vezes, um novo temor reanima seu esforço: em meio a seu mortal pavor, ainda tenta voltar atrás; exaure suas forças galgando penosamente um pequeno trecho; e em seguida um mágico poder a traz de volta para mais perto deste perigo do

qual tentava em vão fugir. Então, já tendo apenas a mim como guia e apoio, sem mais pensar em me acusar por uma queda inevitável, implora-me que a retarde. As preces fervorosas, as súplicas humildes, tudo o que os mortais, em seu temor, oferecem à divindade, dela sou eu que recebo; e você quer que, surdo a seus pedidos, destruindo eu mesmo o culto que ela me rende, eu use para derrubá-la o poder que ela evoca para sustentá-la! Ah, dê-me ao menos o tempo de observar esses comoventes embates entre o amor e a virtude.

Como! Julga esse mesmo espetáculo, que a faz acorrer ao teatro, que aplaude com furor, menos interessante na realidade? Você assiste com entusiasmo a esses sentimentos de uma alma terna e pura, que teme a própria felicidade a que aspira, e não cessa de se defender mesmo ao deixar de resistir: então só seriam valiosos para aquele que os desperta? É esse, no entanto, o delicioso gozo que essa celeste mulher me oferece a cada dia; e você me censura por saborear-lhe as delícias! Ora, cedo demais virá o dia em que, degradada por sua queda, não passará mais, para mim, de uma mulher como outra qualquer.

Mas esqueço-me, ao falar-lhe sobre ela, que era do que não queria falar. Não sei que força me prende a ela, me traz de volta para ela, mesmo quando a ultrajo. Afastemos sua perigosa imagem; que eu volte a ser eu mesmo para tratar de um assunto mais alegre. Refiro-me a sua pupila, que agora também é minha, e espero que aqui você me reconheça.

De uns dias para cá, sendo mais bem tratado por minha terna devota e, por conseguinte, menos ocupado com ela, vinha reparando que a menina Volanges é, de fato, muito bonita; e que, mesmo havendo certa tolice em amá-la como a ama Danceny, talvez houvesse não menos tolice, de minha parte, em não tentar buscar junto dela uma distração que minha solidão tornava necessária. Pareceu-me justo, igualmente, ressarcir-me do esforço que tenho feito por ela. Lembrei-me, além disso, que você a oferecera a mim antes de qualquer aspiração por parte de Danceny. E julguei-me autorizado a cobrar alguns direitos sobre um bem que ele só possuía graças a minha recusa e desistência. O rosto bonito da criaturinha, sua boca tão fresca, seu ar infantil, sua própria falta de jeito reforçavam essas sábias reflexões; resolvi agir em consequência, e o empreendimento foi coroado de êxito.

Você já deve se perguntar de que modo suplantei tão depressa o bem-amado; que tipo de sedução conviria para essa idade, essa inexperiência.

Poupe-se todo o esforço, não recorri a nenhum. Enquanto você, manejando com destreza as armas de seu sexo, triunfava pela finesse, eu, devolvendo ao homem seus imprescritíveis direitos, subjuguiei pela autoridade. Certo de agarrar minha presa se conseguisse alcançá-la, para me aproximar só precisava de astúcia, e a que empreguei quase nem merece esse nome.

Aproveitei a primeira carta que recebi de Danceny para sua amada, e depois de tê-la avisado mediante o sinal combinado, em vez de usar minha habilidade para entregá-la, usei-a para não encontrar um jeito para tanto: fingi partilhar a impaciência que eu causava, e depois de ter provocado o mal indiquei o remédio.

Essa moça ocupa um quarto cuja porta dá para o corredor; mas, evidentemente, sua mãe guardou a chave. Bastava apoderar-se dela. Nada mais fácil de executar; pedi apenas para dispor dessa chave por duas horas, garantindo obter dela uma cópia. E assim correspondência, conversas, encontros noturnos, tudo se tornava cômodo e seguro. A menina tímida, porém, assustou-se e recusou, pode acreditar? Outro, em meu lugar, ficaria desolado; eu vi nisso a oportunidade de um prazer mais picante. Escrevi a Danceny queixando-me dessa recusa, e me saí tão bem que nosso desmiolado não sossegou enquanto não obteve, não exigiu inclusive, de sua temerosa namorada que atendesse a meu pedido e se pusesse a minha inteira disposição.

Fiquei satisfeitíssimo, confesso, com essa mudança de papéis, e com o fato de o rapaz fazer por mim o que contava que eu fizesse por ele. Essa ideia duplicava, a meu ver, o valor dessa aventura. Assim, tão logo tive em mãos a preciosa chave, tratei de fazer uso dela. Isso foi na noite passada.

Depois de me certificar de que estava tudo tranquilo no castelo, munido de minha lanterna furta-fogo, vestindo os trajes adequados ao horário e exigidos pelas circunstâncias, fiz minha primeira visita a sua pupila. Mandara deixar tudo preparado (e isso por ela mesma) para poder entrar sem ruído. Estava ela no primeiro sono, e no sono de sua idade; de modo que cheguei a sua cama sem que ela despertasse. De início, estive tentado a ir adiante, fazendo-me passar por um sonho;² todavia, temendo o efeito da surpresa e o barulho que ela promove, optei por despertar com cuidado a bela adormecida, e assim pude de fato prevenir o grito que temia.

Depois de ter acalmado seus receios iniciais, como não tivesse ido lá para conversar, arrisquei certas liberdades. Decerto não lhe ensinaram muito

bem, lá no convento, a quantos perigos diversos está exposta a tímida inocência, e tudo que precisa observar para não ser surpreendida: pondo toda a sua atenção, todas as suas forças, em se defender de um beijo, que não passava de um falso ataque, deixava todo o resto indefeso; como não aproveitar! Mudei então de tática e imediatamente tomei posição. Nesse ponto, ambos julgamos estar perdidos: a menina, apavorada, tentou gritar para valer; por sorte, sua voz diluiu-se em seu choro. Jogou-se sobre o cordão da campainha, mas minha destreza reteve-lhe o braço em tempo.

“O que quer”, perguntei-lhe então, “perder-se para sempre? Que me importa se alguém aparecer? A quem irá convencer que não estou aqui com seu consentimento? Quem mais poderia ter me dado os meios para entrar? E essa chave, que você mesma me deu, que só você poderia ter me dado, como irá explicar seu uso?” Essa breve arenga não lhe acalmou a dor ou a raiva, mas trouxe a submissão. Não sei se meu tom era o da eloquência, o certo é que meu gesto não era. Com uma mão ocupada pela força, a outra pelo amor, que orador poderia pretender à elegância em tal posição? Se puder imaginá-la, há de convir que era, ao menos, favorável ao ataque. Eu, porém, não entendo nada de nada e, como diz você, a mulher mais simplória, uma pensionista, me manobra como se eu fosse um menino.

Esta, embora se lamentando, sentiu que precisava tomar uma decisão e tentar um acordo. Como as súplicas me deixassem implacável, precisou passar às ofertas. Julgará você que vendi bem caro essa importante posição: não, prometi tudo em troca de um beijo. Verdade é que, roubado o beijo, descumpri minha promessa: mas tinha bons motivos. Havíamos combinado um beijo dado ou roubado? À força de negociar, concordamos com mais um, e que esse seria recebido. Tendo então conduzido seus braços tímidos em volta de meu corpo, e estreitando-a mais amorosamente com um de meus braços, o doce beijo foi de fato recebido; mas tão bem, tão perfeitamente recebido, que o próprio amor não faria melhor.

Tanta boa-fé merecia uma recompensa, de modo que imediatamente atendi ao pedido. A mão se retirou; mas não sei por que acaso vi a mim mesmo em seu lugar. Você deve me imaginar muito apressado, ativo, não é verdade? Nada disso. Tomei gosto pela vagareza, já disse. Uma vez tendo certeza de chegar, para que apressar a viagem?

É sério, eu estava satisfeito em poder observar, por uma vez, a força da circunstância, e essa que encontrei aqui era desprovida de qualquer auxílio

externo. No entanto, precisava combater o amor, um amor sustentado pelo pudor ou pela vergonha, e fortalecido, mais que nada, pela irritação que eu provocara. A circunstância estava sozinha; mas ali estava, oferecida, presente, e o amor estava ausente.

Para assegurar minhas observações, tive a malícia de só empregar uma força capaz de ser combatida. Somente quando minha encantadora inimiga, abusando de minha complacência, se punha prestes a me escapar, eu a continha com o mesmo temor cujos efeitos positivos eu já comprovara. Pois bem! Sem nenhum outro cuidado, a terna enamorada, esquecendo-se de suas juras, primeiro cedeu, e acabou por consentir: não que após esse impulso inicial recriminações e lágrimas não ressurgissem em unísono; não sei se eram reais ou fingidas: mas, como sempre acontece, cessaram tão logo tratei de lhes dar um novo motivo. Enfim, de fraqueza em censura, e de censura em fraqueza, só nos separamos quando satisfeitos um do outro, e igualmente de acordo para o encontro desta noite.

Só retornei a meus aposentos ao raiar do dia, moído de sono e cansaço. Contudo, sacrifiquei um e outro ao desejo de estar presente ao desjejum: amo, de paixão, as aparências do dia seguinte. Você não faz ideia disso. Um embaraço na postura! Uma dificuldade no andar! Olhos sempre baixos, e tão inchados, tão abatidos! O rosto tão redondo tinha se alongado! Nada mais divertido. E sua mãe, pela primeira vez, alarmada ante tão extrema mudança, demonstrava por ela certa ternura! E também a presidenta, cercanda-a de atenções! Ah! essas atenções são apenas emprestadas; dia virá em que lhe serão devolvidas, e não está longe esse dia. Adeus, bela amiga.

Do castelo de..., neste 1º de outubro de 17**.

CARTA 97

DE CÉCILE VOLANGES À MARQUESA DE MERTEUIL

Meu Deus, senhora, como estou aflita! Como estou infeliz! Quem irá consolar-me de minhas mágoas? Quem irá me aconselhar, na enrascada em que me encontro? Esse sr. de Valmont... e Danceny! Não, só pensar em Danceny me põe em desespero... Como contar à senhora? Como lhe dizer?... Não sei como fazer. Meu coração, no entanto, está pesado...

Preciso falar com alguém, e a senhora é a única em quem posso, em quem ousou confiar. É tão boa para comigo! Mas não o seja neste momento; não sou digna disso. Como dizer? Nem sequer o desejo. Hoje, todos aqui foram atenciosos comigo...; só aumentaram minha dor, a tal ponto eu sentia que não o merecia! Ao contrário, ralhe comigo, ralhe muito, pois sou culpada. Mas depois salve-me; se não tiver a bondade de me aconselhar, morrerei de tristeza.

Saiba então... minha mão, como vê, está tremendo, quase não consigo escrever, sinto meu rosto em brasas... Ah! É mesmo o rubor da vergonha. Pois bem! Vou suportá-la; será esse o primeiro castigo por meu erro. Sim, vou contar-lhe tudo.

Saberá então que o sr. de Valmont, que até o momento me entregava as cartas do sr. Danceny, julgou, de repente, que estava muito difícil fazê-lo; pediu para ter uma chave de meu quarto. Posso garantir-lhe que eu não queria isso. Mas ele escreveu a Danceny, e Danceny também quis assim; e me dói tanto recusar-lhe qualquer coisa, principalmente desde que minha ausência o tem tornado tão infeliz, que acabei consentindo. Não previa a desgraça em que isso iria resultar.

Ontem, o sr. de Valmont usou essa chave para entrar em meu quarto enquanto eu dormia; eu esperava tão pouco por isso, que tomei um susto enorme quando ele me acordou; mas, como ele em seguida falou comigo, reconheci-o e não gritei; além disso, o que de início me ocorreu foi que ele trazia uma carta de Danceny. Muito longe disso. Instantes depois, ele tentou me beijar; e enquanto eu me defendia, como é natural, ele colocou-se de tal modo que por nada no mundo queria que ele continuasse... mas ele, antes, queria um beijo. Tive de ceder, que mais podia fazer? Mesmo porque já havia tentado tocar a campainha; mas, além de não ter conseguido, ele me explicou muito bem que, se aparecesse alguém, jogaria a culpa em mim; o que de fato seria muito fácil, por causa da tal chave. Depois, nem por isso ele se afastou. Quis mais um beijo; e esse, eu não sabia por quê, me deixou perturbada; e então foi ainda pior. Ah, realmente, isso é muito mal. Enfim, depois... a senhora irá dispensar-me de contar o resto; mas estou tão infeliz quanto se possa estar.

O que mais me censuro, e logo o que mais preciso dizer-lhe, é que receio não ter me defendido tanto quanto poderia. Não sei como foi isso: é certo que não amo o sr. de Valmont, muito pelo contrário; mas havia momentos em que sentia como se o amasse... Pode imaginar que isso não me impedia

de continuar dizendo não; mas eu bem percebia que, mesmo sem querer, não estava agindo conforme dizia; além disso, estava tão perturbada! Se é mesmo sempre tão difícil defender-se, é preciso estar habituada! Verdade é que o sr. de Valmont tem uma maneira de falar que nos deixa sem saber responder. Enfim, acredita que, quando ele saiu, embora aborrecida, tive a fraqueza de consentir em que ele voltasse esta noite: isso ainda me aflige mais que todo o resto.

Mesmo assim, prometo que vou impedi-lo. Mal ele saiu, percebi que havia sido um erro prometer-lhe. De modo que chorei pelo resto da noite. Sentia pena sobretudo por Danceny! Toda vez que pensava nele, minhas lágrimas redobravam a ponto de eu sufocar, e pensava nele o tempo todo... ainda agora, pode ver no que resulta: o papel todo encharcado. Não, nunca irei consolar-me, quando mais não fosse por causa dele... Enfim, eu já não aguentava mais, e no entanto não dormi um minuto sequer. E essa manhã, ao levantar-me e olhar-me no espelho, estava de assustar, de tão mudada que estava.

Minha mãe percebeu assim que me viu, e perguntou-me o que havia. Eu imediatamente me pus a chorar. Pensei que ela fosse ralhar comigo, o que talvez me causasse menos tristeza. Mas, pelo contrário, falou-me com doçura! Eu não merecia. Disse-me para não me afligir daquela maneira. Não sabia o motivo de minha aflição. Que eu ia acabar adoecendo! Há momentos em que gostaria de estar morta. Não agüentei: joguei-me nos braços dela a soluçar, dizendo: “Ah! Minha mãe, sua filha está muito infeliz!”. Minha mãe não pôde evitar chorar um pouco; e tudo isso só fez aumentar minha tristeza. Por sorte, ela não perguntou o motivo de eu estar tão infeliz, pois eu não poderia dizer-lhe.

Suplico-lhe, senhora, que me escreva assim que lhe for possível, dizendo-me o que devo fazer: pois não tenho coragem para pensar em nada, e fico só me afligindo. Peço-lhe que me encaminhe sua carta pelo sr. de Valmont; mas, rogo-lhe, se lhe escrever nesta mesma ocasião, não comente sobre o que lhe falei.

Tenho a honra de ser, senhora, sempre com muita amizade, sua mui humilde e obediente serva...

Não ousou assinar esta carta.

Do castelo de..., neste 1º de outubro de 17**.

CARTA 98

DA SRA. DE VOLANGES À MARQUESA DE MERTEUIL

Há bem poucos dias, minha adorável amiga, a senhora é que me pedia consolo e conselhos: hoje, é minha vez; e faço-lhe o mesmo pedido que me fazia então. Estou realmente muito aflita, e receio não ter tomado as melhores disposições para evitar a mágoa que sinto.

O motivo de minha preocupação é minha filha. Desde que viemos para cá, sempre a via triste e desgostosa; mas esperava por isso, e armara meu coração com uma severidade que julgava necessária. Esperava que a ausência, as distrações não tardariam em destruir um amor que eu via antes como um erro de criança do que como uma verdadeira paixão. No entanto, longe de ter melhorado neste período em que estamos aqui, observo que essa menina tem se entregado mais e mais a uma perigosa melancolia; e temo, realmente, que sua saúde seja afetada. Ela tem mudado a olhos vistos, sobretudo de uns dias para cá. Ontem, especialmente, deixou-me impressionada, e todos aqui ficaram de fato assustados.

O que, além disso, mostra-me o quanto ela está profundamente abalada é que a vejo prestes a vencer a timidez que sempre teve em relação a mim. Ontem de manhã, a minha simples pergunta sobre se estaria doente, jogou-se em meus braços dizendo que era muito infeliz; e pôs-se a soluçar. Não saberia expressar a dor que isso me causou; meus olhos imediatamente se encheram de lágrimas, e mal tive tempo de me virar para evitar que ela percebesse. Felizmente, tive o cuidado de não fazer nenhuma pergunta, e ela não se atreveu a dizer mais nada. Mas está muito claro que essa infeliz paixão é que a atormenta.

Que atitude tomar, porém, caso isso continue? Acaso farei a infelicidade de minha filha? Voltarei contra ela as mais preciosas qualidades da alma, a sensibilidade e a constância? Será para isso que sou sua mãe? E mesmo que sufocasse esse sentimento tão natural que nos leva a querer a felicidade de nossos filhos, mesmo que considerasse como fraqueza este que acredito ser, pelo contrário, o primeiro, o mais sagrado de nossos deveres, se eu forçar sua escolha, não terei de responder pelas funestas consequências que poderão ocorrer? Que forma de usar a autoridade materna: colocar a filha entre o pecado e a desgraça!

Minha amiga, não hei de imitar o que tantas vezes censurei. Posso ter

tentado, é certo, fazer uma escolha por minha filha; com isso não fazia mais que ajudá-la com minha experiência: não era um direito que eu exercia, estava cumprindo um dever. Mas, pelo contrário, estaria traindo outro dever se dispusesse dela desconsiderando uma inclinação que eu não soube impedir de nascer, e da qual nem eu nem ela temos como avaliar a extensão ou a duração. Não, não permitirei que ela se case com um amando outro, e prefiro comprometer minha autoridade que a virtude dela.

Acho, portanto, que vou tomar a atitude mais sensata, que é retirar a palavra que dei ao sr. de Gercourt. Você acaba de saber os motivos; parecem-me ser mais fortes que minhas promessas. Digo mais; na situação em que estão as coisas, cumprir com minha palavra seria em verdade violá-la. Pois enfim, se devo a minha filha o não revelar seu segredo ao sr. de Gercourt, a este devo pelo menos o não abusar da ignorância em que o deixo, e fazer por ele tudo o que julgo que ele próprio faria se estivesse informado. Poderei, ao contrário, traí-lo indignamente, quando ele confia em mim e, enquanto dá-me a honra de escolher-me para segunda mãe, enganá-lo em sua escolha da mãe de seus filhos? Tais reflexões, tão verdadeiras, e às quais não posso me furtar, assustam-me mais do que saberia dizer-lhe.

Às desgraças que elas me levam a temer, comparo minha filha, feliz com o esposo que seu coração escolheu, aceitando seus deveres pela doçura que é para ela cumpri-los; meu genro igualmente satisfeito e congratulando-se diariamente por sua escolha; cada um deles só encontrando a felicidade na felicidade do outro, e a felicidade de ambos se unindo para aumentar a minha. A esperança de um tão doce futuro deverá ser sacrificada a vãs considerações? E o que me prende? Um mero interesse. Que vantagem teria então minha filha em ter nascido rica, se nem por isso deixasse de ser escrava da fortuna?

Convenho que o sr. de Gercourt talvez seja um partido melhor do que eu poderia esperar para minha filha; confesso até que me senti extremamente honrada por ele a ter escolhido. Mas enfim Danceny é de tão boa família quanto ele; não lhe fica a dever nada em qualidades pessoais, e tem, sobre o sr. de Gercourt, a vantagem de amar e ser amado. Verdade que não é rico; mas acaso minha filha não o é suficientemente pelos dois? Ah, por que furtar-lhe a doce satisfação de enriquecer àquele que ama?

Esses casamentos calculados, em vez de combinados, que chamamos de

conveniência, e nos quais tudo convém de fato, afora os gostos e as personalidades, não são eles a mais fecunda fonte desses escândalos que têm se tornado cada dia mais frequentes? Prefiro protelar; ao menos terei tempo para observar minha filha, que não conheço. Sinto em mim coragem para causar-lhe um dissabor passageiro, se com isso ela puder colher uma felicidade mais sólida; mas arriscar entregá-la a um eterno desespero é algo que vai de encontro a meu coração.

São esses, minha cara amiga, os pensamentos que me atormentam, e acerca dos quais peço seus conselhos. Esses assuntos sérios contrastam bastante com sua amável alegria, e não parecem ser de sua idade. Mas sua razão está tão além dela! Sua amizade, aliás, virá em auxílio de sua sensatez; e não creio que nem uma nem outra se neguem à maternal solicitude que as implora.

Adeus, minha adorável amiga; jamais duvide da sinceridade de meus sentimentos.

Do castelo de..., neste 2 de outubro de 17**.

CARTA 99

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Alguns incidentes miúdos, bela amiga; mas apenas cenas, nenhuma ação. De modo que deverá se armar de paciência; muita paciência, inclusive, pois, enquanto minha presidenta avança a passos pequenos, sua pupila recua, o que é muito pior. Pois bem! Tenho o bom senso de me divertir com essas agruras. Na verdade, tenho me adaptado muito bem a minha estada aqui; e posso dizer que, neste triste castelo de minha velha tia, não tenho tido nenhum instante de tédio. Acaso não tenho tido, com efeito, gozos, privações, expectativas, incertezas? O que mais existe, além disso, num palco maior? Espectadores? Ora, esses não irão faltar. Se não me veem ao trabalho, hei de mostrar-lhes a obra pronta, e só lhes restará admirar e aplaudir. Sim, irão aplaudir; pois posso finalmente prever, com segurança, o momento da queda de minha austera devota. Assisti esta noite à agonia da virtude. A doce fraqueza irá reinar em seu lugar. E creio que isso se dará já na primeira conversa que tivermos. Mas posso vê-la daqui acusando-me de orgulho. Cantar vitória, gabar-se de antemão!

Acalme-se. Para provar-lhe minha modéstia, começo contando a história de minha derrota.

Sua pupila é, na verdade, uma mocinha bastante ridícula! É mesmo uma criança, que deveria ser tratada como tal, e a quem faríamos um favor colocando-a de castigo! Acredita você que, depois do que houve anteontem entre ela e eu, depois da forma amigável como nos despedimos ontem pela manhã, quando tentei voltar a seu quarto à noite, como combinado, dei com a porta trancada por dentro? O que me diz? Essas criancices às vezes acontecem no dia anterior, mas, no dia seguinte? Não é engraçado?

De início, porém, não achei graça nenhuma. Nunca sentira com tanta força o fogo de meu temperamento. Seguramente, fui a esse encontro sem prazer, apenas por urbanidade. Minha cama, de que estava bem precisado, parecia-me, naquele momento, preferível a qualquer outra, e dela só me afastei a contragosto. No entanto, bastou deparar-me com um obstáculo, e tudo o que eu queria era vencê-lo; mais que nada, humilhava-me por ter sido enganado por uma criança. De modo que me retirei muito irritado, e, com a firme intenção de não me envolver mais com aquela menina tola e seus assuntos, escrevi imediatamente um bilhete que tencionava entregar-lhe hoje, no qual a julgava como ela merece. Mas, como se diz, a noite é boa conselheira. Pela manhã, considerei que, não tendo aqui muitas opções de entretenimento, o melhor era conservar essa que tinha: suprimi então o severo bilhete. Repensando nisso agora, não entendo como pode ter me ocorrido a ideia de encerrar uma aventura antes de ter em mãos o necessário para causar a perdição de sua protagonista. Até onde é capaz de nos levar um primeiro impulso! Feliz aquele que, como você, minha bela amiga, aprendeu a nunca ceder-lhe! Enfim, adiei minha vingança; fiz esse sacrifício pensando em seus planos em relação a Gercourt.

Agora que não estou mais furioso vejo apenas, no comportamento de sua pupila, o que ele tem de ridículo. Com efeito, queria muito saber o que ela espera ganhar com isso! Quanto a mim, não entendo mais nada: se age assim para se defender, convenhamos que já é um pouco tarde. Algum dia ela ainda terá de me explicar esse enigma! Tenho imensa vontade de saber. Talvez ela apenas se sentisse muito cansada? Honestamente, é bem possível; pois decerto ainda ignora que as flechas do amor, tal como a lança de Aquiles, trazem em si o remédio para as feridas que causam.³ Mas não, pela cara feia que exibiu o dia inteiro, aposto como há nisso arrependimento... sim... algo relacionado... à virtude... Virtude!... Logo

ela! Ah! Que deixe a virtude para a mulher de fato nascida para ela, a única que sabe embelezá-la, capaz de nos fazer apreciá-la!... Perdão, bela amiga: é que nessa mesma noite se deu, entre a sra. de Tourvel e eu, a cena que lhe quero contar, e da qual ainda guardo certa emoção. Devo fazer um esforço para distrair-me da impressão que me causou; é mesmo esse o motivo por que me pus a escrever-lhe. Terá de me perdoar qualquer coisa neste primeiro momento.

Já faz alguns dias que estamos, a sra. de Tourvel e eu, de acordo quanto a nossos sentimentos; divergimos tão somente quanto às palavras. Na verdade, era sempre *sua amizade* que respondia a *meu amor*: essa linguagem de convenção não alterava a essência das coisas; e tivéssemos continuado assim, eu talvez tivesse ido mais devagar, mas não menos seguramente. Já nem mesmo falava em afastar-me, como queria de início; e, quanto às conversas que mantemos diariamente, se tudo faço para criar as ocasiões, ela tudo faz para agarrá-las.

Como é geralmente durante o passeio que acontecem nossos pequenos encontros, o tempo horrível que fez hoje o dia inteiro não me permitia expectativa alguma. Eu estava mesmo contrariado, sem prever o quanto viria a lucrar com esse contratempo.

Impedidos de passear, todos puseram-se a jogar ao sair da mesa; como jogo pouco, e não precisavam de mim, aproveitei para subir a meus aposentos, com o único plano de esperar mais ou menos o final da partida.

Voltava para me juntar aos demais quando dei com a graciosa mulher, que entrava em seus aposentos e, quer por imprudência, quer por fraqueza, disse-me com sua voz suave: “Aonde vai? Não há mais ninguém na sala”. Como pode imaginar, não precisava ouvir mais nada para tentar entrar em seu quarto; encontrei menos resistência do que teria esperado. Verdade é que tinha tido o cuidado de iniciar a conversa na porta, e iniciá-la de forma banal; mas, assim que nos acomodamos, mencionei o que de fato importava, e falei de *meu amor a minha amiga*. Sua primeira resposta, embora simples, pareceu-me bastante expressiva: “Ora, vamos”, disse ela, “não falemos aqui sobre isso”; e tremia. Pobre mulher! Sente-se morrer.

Não tinha, porém, o que temer. De uns tempos para cá, seguro de bem suceder mais dia, menos dia, e ao vê-la despender tanta energia em inúteis combates, eu resolvera poupar a minha própria e aguardar, sem esforço, que ela se rendesse por cansaço. Você compreende que, nesse caso, preciso de um triunfo completo, e nada quero dever às circunstâncias. Foi

seguindo o plano traçado, e para poder ser insistente sem avançar demais, que voltei à palavra amor, tão obstinadamente recusada: certo de que ela acreditava em meu ardor, ensaiei um tom mais terno. A recusa já não me aborrecia, e sim me afligia. Minha sensível amiga acaso não me devia algum consolo?

Enquanto me consolava, uma mão sua permanecia na minha, o lindo torso apoiado em meu braço, estávamos extremamente próximos. Você certamente já observou o quanto, nessa situação, à medida que a defesa esmorece, os pedidos e as recusas se dão mais de perto; como a cabeça se vira e os olhares se abaixam, ao passo que as palavras, sempre ditas em voz fraca, se tornam raras e entrecortadas. Tais preciosos sintomas anunciam, de modo inequívoco, o consentimento da alma. Mas este raramente já terá alcançado os sentidos. Creio mesmo ser sempre perigoso tentar nesse momento uma investida muito firme; porque, esse estado de abandono nunca ocorrendo sem um prazer muito doce, não há como forçá-lo sem suscitar um ânimo que infalivelmente beneficia a defesa.

No presente caso, porém, a prudência me era tão mais necessária por ter de recluir, mais que nada, o pavor que esse olvido de si mesma não deixaria de causar em minha doce sonhadora. Assim, eu nem sequer exigia que fosse pronunciada a confissão que eu pedia: bastaria um olhar. Um só olhar, e me sentiria feliz.

Minha bela amiga, os lindos olhos com efeito se ergueram para mim; a boca celeste chegou mesmo a pronunciar: “Pois, sim! Eu...”. Mas, de repente, extinguiu-se o olhar, faltou-lhe a voz, e essa adorável mulher caiu em meus braços. Mal tive tempo de acolhê-la, e, desvencilhando-se com uma força compulsiva, olhos desvairados e mãos erguidas para o céu... “Deus... ó meu Deus, salvai-me”, exclamou; e em seguida, mais rápida que um raio, caiu de joelhos a dez passos de mim. Senti-a prestes a sufocar. Adiantei-me para acudi-la, mas ela, segurando minhas mãos e banhando-as com suas lágrimas, por vezes até me abraçando os joelhos: “Sim, será o senhor”, dizia, “será o senhor quem há de me salvar! Se não deseja minha morte, deixe-me; salve-me; deixe-me; pelo amor de Deus, deixe-me!”. E essas palavras sem muito nexos eram mal pronunciadas em meio a soluços redobrados. Entretanto, segurava-me com uma força que não me permitia afastar-me; então, reunindo as minhas, tomei-a em meus braços. O pranto cessou nesse mesmo instante; ela já não falava; seus membros se enrijeceram, e violentas convulsões sucederam à tempestade.

Eu estava, confesso, profundamente tocado, e creio que teria atendido a seu pedido mesmo que as próprias circunstâncias não me obrigassem a tanto. A verdade é que, depois de lhe prestar algum socorro, deixei-a, como ela pedia, e congratulo-me por isso. Já quase recebi minha recompensa.

Esperava que, tal como no dia de minha primeira declaração, ela não aparecesse durante o serão. Por volta das oito horas, porém, desceu à sala e apenas comunicou aos presentes que se sentira muito indisposta. Seu semblante estava abatido, sua voz, fraca, e sua postura, estudada; mas seu olhar estava doce, e deteve-se em mim diversas vezes. Sua recusa em jogar obrigou-me inclusive a assumir seu lugar, e ela veio sentar-se a meu lado. Durante o jantar, permaneceu sozinha na sala. Quando para lá retornamos, julguei perceber que havia chorado. Para certificar-me, comentei que parecia ter sentido nova indisposição, ao que ela educadamente respondeu: “Esse mal não se vai tão depressa quanto vem!”. Por fim, quando nos recolhemos, ofereci-lhe a mão; e, à porta de seus aposentos, ela a apertou com força. Verdade é que esse gesto me pareceu involuntário, mas tanto melhor: é mais uma prova de minha ascendência.

Poderia apostar que ela está, no momento, encantada por ter chegado a este ponto: já passou pelo mais difícil, agora só resta gozar. Quiçá, enquanto lhe escrevo, já esteja a acalantar essa doce ideia! E mesmo que esteja, pelo contrário, acalutando um novo plano de defesa, acaso não sabemos no que vão dar esses planos todos? Pergunto-lhe: será possível que isso dure além de nosso próximo encontro? Imagino que ela, por exemplo, crie alguma dificuldade para concedê-lo; mas enfim! Uma vez dado o primeiro passo, essas virtuosas austeras acaso sabem se deter? Seu amor é uma autêntica explosão: a resistência a torna mais intensa. Minha arisca beata correria atrás de mim caso eu deixasse de correr atrás dela.

Enfim, bela amiga, em breve estarei em sua casa, para cobrar-lhe a palavra dada. Não se esqueceu, decerto, do que me prometeu após a vitória: a infidelidade a seu cavaleiro? Está preparada? Quanto a mim, é algo que desejo como se nunca nos tivéssemos conhecido. Ademais, conhecê-la talvez seja um motivo para desejá-lo mais ainda:

Je suis juste et ne suis point galant.^{ah}

Assim, será essa minha primeira infidelidade a minha séria conquista; e prometo-lhe aproveitar o primeiro pretexto para me ausentar longe dela

por vinte e quatro horas. Será seu castigo por ter me afastado de você por tanto tempo. Sabe que há mais de dois meses que tem me ocupado essa aventura? Sim, dois meses e três dias. É verdade que já conto o dia de amanhã, pois só então estará de fato consumada. O que me faz lembrar que a sra. de B... resistiu por três meses completos. Folgo em constatar que o franco coquetismo possui mais defesas do que a austera virtude.

Adeus, bela amiga; devo deixá-la, já é muito tarde. Esta carta levou-me mais longe do que eu esperava. Mas, como devo enviar correspondência para Paris amanhã, queria aproveitar para fazer com que partilhasse, um dia antes, a alegria de seu amigo.

Do castelo de..., neste 2 de outubro de 17**,
à noite.

CARTA 100
DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Minha amiga, estou perdido, enganado, traído; estou desesperado:4 a sra. de Tourvel foi-se embora. Foi-se, sem que eu soubesse! E eu não estava presente para me opor a sua partida, para censurar sua indigna traição! Ah, não pense que eu a deixaria ir embora; ela teria ficado; sim, teria ficado, mesmo que para isso eu tivesse de recorrer à violência. Mas cáspite! Em minha crédula certeza, eu dormia tranquilamente; dormia, e um raio desabou sobre mim. Não, não compreendo essa sua partida; devo desistir de entender as mulheres.

Quando lembro o dia de ontem! Que digo, a noite de ontem! Aquele olhar tão doce, a voz tão terna! E a mão apertada! E, enquanto isso, planejava escapar-me! Ó mulheres, mulheres! E ainda se queixam quando as traímos! Pois sim, toda perfídia que empregamos é algo que lhes roubamos.

Que prazer terei em me vingar! Tornarei a encontrar essa pérfida mulher, e recobrarei meu poder sobre ela. Se o amor sozinho bastou para eu obter esse poder, o que não poderá alcançar auxiliado pela vingança? Ainda hei de vê-la de joelhos, trêmula e banhada em prantos, gritando por mercê com sua voz enganosa; e não terei dó nem piedade.

O que estará fazendo agora? No que estará pensando? Talvez congratule-

se por ter me ludibriado e, fiel ao gosto de seu sexo, esse prazer é para ela o mais doce. O que não obteve a tão decantada virtude, a astúcia o conseguiu sem esforço. Insensato que sou! Temia seu pudor, quando deveria rezear sua má-fé.

E ser obrigado a engolir meu ressentimento! Não ousar demonstrar mais que uma doce tristeza, quando meu coração está repleto de raiva! Ver-me reduzido a novamente suplicar ante uma mulher rebelde que se esquivou a meu poder! Acaso precisava ser humilhado a esse ponto? E por quem? Por uma mulher tímida que nunca se exercitou ao combate. De que me serve ter-lhe ocupado o coração, tê-la abrasado com todos os fogos do amor, ter levado ao delírio a perturbação de seus sentidos se, sossegada em seu refúgio, ela hoje se orgulha mais de sua fuga do que eu de minhas vitórias? Poderei aceitá-lo? Nem pense nisso, minha amiga: você não tem de mim uma imagem tão humilhante!

Que fatalidade me prende a essa mulher? Não existem mil outras desejosas de minhas atenções? Que lhes corresponderiam prontamente? Mesmo que nenhuma delas tivesse o valor que tem essa, o atrativo da variedade, a graça das novas conquistas, o prestígio da quantidade já não constituem prazeres bastante doces? Por que correr atrás de quem nos foge e negligenciar quem nos aparece? Ah, por quê?... Não sei, mas é algo que sinto intensamente.

Já não existe para mim felicidade, sossego, se não pela posse dessa mulher que odeio e amo com igual furor. Só poderei suportar minha sorte quando puder dispor da sua. Então, tranquilo e satisfeito, eu a verei, por sua vez, à mercê das tormentas que enfrento neste momento, e ainda suscitarei outras mil. A esperança e o medo, a desconfiança e a segurança, todos os males criados pelo ódio, todos os benefícios concedidos pelo amor: quero que tomem conta de seu coração, que nele se alternem a meu bel-prazer. Esse tempo há de vir... Mas quanto trabalho, ainda, pela frente! Eu ontem estava tão próximo, e hoje tão distante! Como me aproximar? Não me atrevo a tomar nenhuma iniciativa. Sinto que, para tomar uma decisão, precisaria estar mais calmo, e meu sangue me ferve nas veias.

O que redobra meu tormento é o sangue-frio com que todos aqui respondem a minhas perguntas sobre esse incidente, sua causa, seu aspecto extraordinário... Ninguém sabe nada, ninguém deseja saber nada. Mal fariam no assunto caso eu consentisse em falar de outra coisa. A sra. de

Rosemonde, a cujos aposentos acorri pela manhã ao saber da notícia, respondeu-me, com a frieza própria de sua idade, que era consequência natural da indisposição sofrida ontem pela sra. de Tourvel; que esta, temerosa de alguma enfermidade, preferira estar em sua própria casa. Achava muito natural, teria inclusive feito o mesmo, disse ela, como se pudesse haver qualquer coisa em comum entre as duas! Entre ela, a quem só resta morrer, e a outra, que é o encanto e o tormento de minha vida!

A sra. de Volanges, que eu de início suspeitei ter sido cúmplice, parece não se importar por não ter sido consultada sobre essa decisão. Folgo em saber, confesso, que não teve o prazer de me prejudicar. Isso me prova igualmente que ela não conta, tanto como eu temia, com a confiança dessa mulher; é sempre uma inimiga a menos. Quanto se alegraria se soubesse que foi de mim que a outra fugiu! Quanto se inflaria de orgulho se fosse graças a seus conselhos! Quanto cresceria sua vaidade! Deus meu! Como a detesto! Ah, vou reatar com sua filha, quero trabalhá-la segundo minha fantasia. De modo que creio ainda permanecer por aqui mais algum tempo; pelo menos, o pouco que pude refletir me inclina a essa decisão.

Você não acha, com efeito, ante essa atitude tão drástica, que minha ingrata deve recear minha presença? Se lhe ocorreu a ideia de que eu poderia segui-la, não deixará de me fechar as portas de sua casa; e não quero acostamá-la a esse expediente nem ter de sofrer essa humilhação. Prefiro, em vez disso, comunicar-lhe que vou permanecer aqui, insistindo inclusive para que retorne. E, quando ela estiver bem segura de minha ausência, irei a sua casa: veremos então como reagirá a esse encontro. Mas preciso postergá-lo para aumentar-lhe o efeito, e ainda não sei se terei essa paciência toda. Várias vezes, durante o dia, estive a ponto de pedir meus cavalos. Mas vou controlar-me; comprometo-me a aguardar aqui por sua resposta, só lhe peço, bela amiga, que não me faça esperar.

O que mais me aborreceria seria não saber o que está acontecendo; mas meu criado, que está em Paris, tem algum acesso à camareira, o que poderá me ser útil. Estou enviando a ele instruções e dinheiro. Peço-lhe permissão para juntar ambas as coisas nesta carta, e também o favor de mandar entregar-lhe por um de seus criados, com ordem de que o faça em mãos. Tomo essa precaução porque o danado costuma não receber as cartas que lhe escrevo quando contêm alguma ordem que o incomoda; e, no momento, não me parece tão apaixonado por sua conquista como eu queria que estivesse.

Adeus, bela amiga. Caso lhe ocorra alguma ideia, alguma maneira de apressar o andar de meu caso, diga-me. Já pude perceber mais de uma vez o quanto sua amizade sabe me ser útil. E o percebo neste momento, uma vez que me sinto mais tranquilo depois que me pus a escrever-lhe: ao menos posso falar com alguém que me entende, e não com os autômatos junto dos quais vegeto desde hoje de manhã. Na verdade, quanto mais o tempo passa, mais me inclino a acreditar que apenas você e eu temos, neste mundo, algum valor.

Do castelo de..., neste 3 de outubro de 17**.

CARTA IOI
DO VISCONDE DE VALMONT A AZOLAN, SEU CRIADO
(JUNTADA À ANTERIOR)

Você tem mesmo que ser muito imbecil para ter saído daqui esta manhã e não ter percebido que a sra. de Tourvel também estava indo embora; ou para, caso o tenha percebido, não ter vindo me alertar. De que serve você gastar meu dinheiro para se embriagar com os criados; gastar o tempo em que deveria estar me servindo se engraçando com as camareiras, se com isso não sou informado do que acontece? São essas, porém, algumas de suas negligências! Mas previno-o de que se cometer apenas mais uma nesse caso, será a última que irá cometer a meu serviço.

Preciso que você me informe de tudo o que acontece em casa da sra. de Tourvel: da sua saúde; se dorme bem; se anda alegre ou triste; se sai com frequência, e aonde vai; como passa o tempo; se anda mal-humorada com as criadas, em especial com a que trouxera consigo aqui; o que faz quando está sozinha; se, quando lê, o faz seguidamente ou interrompe a leitura para devanear; e assim também quando escreve. Pense também em fazer amizade com o encarregado de levar as cartas dela ao correio. Ofereça-se amiúde a cumprir essa tarefa por ele; e caso ele aceite só despache aquelas que lhe parecerem desimportantes, e envie-me as demais, sobretudo as endereçadas à sra. de Volanges, quando houver.

Dê um jeito de continuar por algum tempo sendo o feliz amante de sua Julie. Se ela tiver outro, como você chegou a acreditar, faça com que ela consinta em dividir, e não vá se melindrar com escrúpulos ridículos: essa é

a situação de muitos homens que valem muito mais que você. No entanto, se seu colega se tornar muito importuno, se perceber, por exemplo, que ele mantém Julie demasiado ocupada durante o dia, e que ela passa assim menos tempo com sua patroa, trate de afastá-lo de algum modo, ou crie algum caso com ele: não receie as consequências, irei apoiá-lo. O essencial é que não saia dessa casa. A assiduidade é que permite ver tudo, e ver bem. E, se por acaso algum criado chegar a ser despedido, apresente-se para ocupar seu lugar, como se já não trabalhasse para mim. Nesse caso, diga que me deixou para buscar uma casa mais calma e regrada. Trate, enfim, de ser contratado. Não deixarei, entretanto, de mantê-lo a meu serviço: será como no caso da duquesa de...; mais tarde, a sra. de Tourvel irá igualmente recompensá-lo.

Se possuir a habilidade e a dedicação necessárias, essa instrução deverá ser suficiente; mas, para compensar a eventual falta de uma ou de outra, envio-lhe dinheiro. O bilhete anexo, como verá, o autoriza a receber vinte e cinco luíses junto de meu administrador; pois não duvido de que esteja sem um tostão. Dessa soma, use o que for necessário para convencer Julie a estabelecer uma correspondência comigo. O restante servirá para oferecer de beber aos criados. Faça o possível para que isso ocorra nos aposentos do porteiro, de modo que ele aprecie suas visitas. Mas não se esqueça de que não estou pagando por seu prazer, e sim por seus serviços.

Acostume Julie a tudo observar e tudo relatar, mesmo o que pareça ser insignificante. Será preferível ela escrever dez frases inúteis a omitir uma interessante; e, muitas vezes, o que parece desimportante não o é. Posto que preciso ser informado imediatamente, caso aconteça algo que lhe pareça digno de atenção, tão logo receba esta carta mande Philippe, no cavalo de serviço, estabelecer-se em...,^{ai} e que fique lá até segunda ordem: será um local de contato, caso necessário. Para a correspondência normal, o correio será suficiente.

Tome cuidado para não perder esta carta. Releia-a todo dia, tanto para se certificar de não estar esquecendo nada como para garantir que ainda a tem consigo. Faça, enfim, tudo o que cabe fazer quando se é honrado com minha confiança. Bem sabe que, se eu estiver satisfeito com você, você também estará satisfeito comigo.

Do castelo de..., neste 3 de outubro de 17**.

CARTA 102
DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Ficará bastante surpresa, senhora, ao descobrir que deixo sua casa de maneira tão precipitada. Essa atitude irá parecer-lhe deveras extraordinária. Maior será sua surpresa, porém, quando souber os motivos! Talvez julgue que, ao contá-los, não estarei respeitando o sossego necessário a sua idade, ou mesmo que estarei me apartando dos sentimentos de veneração a que faz jus por tantas razões. Oh, senhora, perdoe-me. É que meu coração está apertado, precisa desabafar sua mágoa no colo de uma amiga igualmente doce e sensata: a quem mais eu poderia escolher? Veja-me como se eu fora sua filha. Tenha por mim, eu imploro, cuidados maternos. Eu talvez tenha algum direito a eles em virtude dos sentimentos que me inspira.

Aonde vai o tempo em que, inteiramente entregue a sentimentos louváveis, eu não conhecia esses que, trazendo à alma o mortal tormento que ora sinto, nos tiram a força de combatê-los, ao mesmo tempo que nos impõem o dever de fazê-lo? Ah, essa viagem fatal foi minha perdição.

Que posso dizer-lhe, enfim? Amo, sim, amo perdidamente. Essa palavra, que escrevo pela primeira vez, essa palavra tantas vezes pedida sem ser concedida, eu daria a vida pela doçura de poder, uma única vez, fazer com que fosse ouvida por aquele que a inspira; devo, porém, sempre negá-la! Ele irá duvidar de meus sentimentos; julgará ter razões para queixar-se. Como sou infeliz! Quem dera lhe fosse tão fácil ler em meu coração como nele reinar! Sim, eu sofreria menos, se ele soubesse o tanto que sofro. Mas a senhora mesma, a quem o estou dizendo, ainda não faz disso mais que uma pálida ideia.

Dentro de alguns instantes, vou fugir para longe dele e afligi-lo. Ainda julgará estar próximo de mim, e eu já estarei longe. À hora em que costumava vê-lo diariamente, estarei em lugares onde ele nunca esteve, onde não devo permitir que ele vá. Já tratei de todos os preparativos, está tudo aí, diante de meus olhos, que não posso deter em nada que não me anuncie a cruel partida. Está tudo pronto, menos eu!... E meu coração, quanto mais resiste, mais me prova a necessidade de fazê-lo.

E o farei, sem dúvida: mais vale morrer do que viver culpada. E isso sinto que já sou até demais; salvei tão somente o recato, a virtude esvaneceu-se.

Devo confessá-lo: a que ainda me resta devo à generosidade dele. Embriagada do prazer de vê-lo, de ouvi-lo, da doçura de senti-lo junto de mim, da felicidade maior de poder fazê-lo feliz, quedei-me sem forças e energia: as que me restavam mal davam para combater, não sobrava nenhuma para resistir. Estremecia diante do perigo, sem conseguir escapar-lhe. Pois bem, ele viu minha dor e teve pena de mim. Como não lhe querer bem? Devo-lhe muito mais que a vida.

Ah, se ficando perto dele só tivesse a temer por minha vida, acredite que jamais consentiria em me afastar. De que vale minha vida sem ele, acaso não estaria muito feliz em perdê-la? Condenada a causar eternamente minha desgraça e a dele; a não ousar queixar-me ou consolá-lo; a defender-me diariamente dele e de mim mesma; a esforçar-me por causar sua dor, quando desejaria pôr todo o meu esforço em causar sua felicidade: viver assim não é como morrer mil vezes? Tal será, contudo, meu destino. E eu o suportarei, terei a coragem para tanto. Ó senhora, que escolhi por mãe, receba este meu juramento.

Receba também este que lhe faço de não lhe omitir nenhum de meus atos; receba-o, eu lhe peço e conjuro como a um socorro de que preciso: comprometendo-me assim a tudo lhe contar, vou habituar-me a sentir-me sempre em sua presença. Sua virtude fará as vezes da minha. Jamais consentirei, é certo, em corar ante seus olhos, e, contida por esse freio poderoso, ao mesmo tempo que bem querendo na senhora a amiga indulgente, confidente de minha fraqueza, poderei honrar o anjo tutelar que há de salvar-me da vergonha.

Vergonha, já sinto muita ao fazer este pedido. Fatal efeito de uma presunçosa confiança! Por que não temi mais cedo a inclinação que sentia nascer em mim? Por que tive a ilusão de ser capaz de dominá-la e vencê-la? Insensata que fui! Quão pouco sabia do amor! Ah, se a tivesse combatido com mais cuidado, talvez não adquirisse tamanha força! Talvez então essa partida não fosse necessária; ou até, sujeitando-me a tão doída decisão, pudesse não ter de romper por completo uma relação que bastaria tornar menos frequente! Mas perder tudo de uma vez! E para sempre! Ah, minha amiga!... Mas como? Se mesmo ao escrever-lhe me perco em desejos pecaminosos? Ah, devo partir, partir, e que pelo menos esses erros involuntários sejam redimidos por meu sacrifício.

Adeus, minha respeitável amiga; ame-me como a uma filha, adote-me como tal; e fique certa de que, apesar de minha fraqueza, preferiria morrer

a tornar-me indigna de sua amizade.

De..., neste 3 de outubro de 17**, à uma hora da manhã.

CARTA 103

DA SRA. DE ROSEMONDE À PRESIDENTA DE TOURVEL

Fiquei, cara bela, mais aflita com sua partida do que surpresa com sua causa; uma longa experiência e o interesse que você me inspira já haviam bastado para esclarecer-me sobre a situação de seu coração. E, para ser sincera, sua carta me revelou pouco, ou quase nada. Se só por ela tivesse sido informada, ainda não saberia quem é aquele que você ama. Pois, falando *nele* o tempo todo, não escreveu seu nome uma vez sequer. Nem precisava; sei bem de quem se trata. Mas faço essa observação porque lembrei de que é sempre esse o estilo do amor. Vejo que ainda é como era no passado.

Não imaginava que algum dia ainda fosse reviver lembranças tão distantes de mim, e tão alheias a minha idade. Desde ontem, no entanto, tenho realmente me debruçado sobre elas, movida pelo desejo de nelas encontrar algo que lhe pudesse ser útil. O que posso fazer, porém, além de admirá-la e compadecer-me? Admiro a sensata decisão que tomou. Ela me assusta, no entanto, pois me leva a concluir que você a julgou necessária; e, quando se chega a esse ponto, é muito difícil manter-se afastada de quem nosso coração nos aproxima sem cessar.

Entretanto, não desanime. Nada pode ser impossível para sua linda alma; e ainda que você um dia tenha a infelicidade de sucumbir (que Deus não o permita!), vá por mim, cara bela, reserve-se ao menos o consolo de ter lutado com todas as suas forças. E depois o que a sabedoria humana não consegue a graça divina o realiza quando lhe apraz. Você talvez se encontre à beira de receber seu socorro, e sua virtude, temperada nesses terríveis combates, deles sairá mais pura e mais brilhante. A força que hoje lhe falta, confie em recebê-la amanhã. Não conte com ela para trazer-lhe sossego, e sim para animá-la a usar todas as que você mesma possui.

Enquanto deixo à Providência o cuidado de socorrê-la de um perigo contra o qual nada posso, reservo-me o de apoiá-la e consolá-la no que estiver a meu alcance. Não vou aliviar suas mágoas, mas vou compartilhá-

las. A esse título é que acolherei de bom grado suas confidências. Sinto que seu coração deve estar precisando desabafar. Abro-lhe o meu; a idade ainda não o esfriou a ponto de deixá-lo insensível à amizade. Estará sempre pronto a recebê-la. Será esse um parco alívio para seu sofrimento, mas pelo menos não irá chorar sozinha. E, quando esse amor infeliz dominá-la em demasia, obrigando-a a falar a respeito, melhor que seja comigo do que com *ele*. Repare que estou me expressando igual a você; e acredito que nenhuma de nós chegará a nomeá-lo, mesmo porque nos compreendemos.

Não sei se faço bem em lhe dizer que ele me pareceu profundamente abalado com sua partida; talvez fosse mais sensato não falar nisso, mas não gosto dessa sensatez que aflige os amigos. Sou, contudo, obrigada a não me estender. Minha vista fraca e minha mão trêmula não me permitem longas cartas quando devo eu mesma escrevê-las.

Adeus, então, cara bela; adeus, minha filha amável; sim, adoto-a de coração como filha, e você tem tudo para dar orgulho e prazer a uma mãe.

Do castelo de..., neste 3 de outubro de 17**.

CARTA 104

DA MARQUESA DE MERTEUIL À SRA. DE VOLANGES

Em verdade, minha cara e boa amiga, mal pude conter um ímpeto de orgulho ao ler sua carta. Como! Dá-me a honra de sua inteira confiança! E chega ao ponto de me pedir conselhos! Ah! feliz de mim se mereço essa opinião favorável de sua parte; se não a devo tão somente à amizade. Enfim, qualquer que seja a razão, não é menos preciosa para meu coração; e tê-la conquistado só constitui a meus olhos mais um motivo para que eu me esforce por merecê-la. Vou então (mas sem pretender dar-lhe uma opinião) expor-lhe livremente minha maneira de pensar. Causa-me desconfiança, pois é diferente da sua. Mas, depois que eu lhe expuser minhas razões, poderá julgar por si própria; e, se as condenar, acato desde já seu juízo. Terei pelo menos a sabedoria de não me achar mais sábia que a senhora.

Se, no entanto, e apenas desta vez, acontecer de minha opinião ser preferível, a explicação terá de ser buscada nas ilusões do amor materno.

Sendo esse um sentimento louvável, a senhora deve trazê-lo dentro de si. Que perceptível ele é, com efeito, na decisão que está tentada a tomar! Assim é que, se alguma vez lhe acontece de errar, é sempre tão somente na escolha entre as virtudes.

A prudência é, ao que me parece, aquela que se deve privilegiar quando se dispõe da sorte dos outros, sobretudo quando se trata de fixá-la por um laço sagrado e indissolúvel como o do matrimônio. É então que uma mãe tão sensata como carinhosa deve, como a senhora mesma diz tão bem, *ajudar a filha com sua experiência*. Ora, pergunto-lhe, o que lhe cabe fazer para tanto, senão distinguir, por ela, entre aquilo que agrada e aquilo que convém?

Não seria aviltar, aniquilar a autoridade materna, subordiná-la a um capricho frívolo, cujo poder de ilusão só se deixa sentir por aqueles que o temem, e se esvanece assim que é desprezado? Quanto a mim, confesso, nunca acreditei nessas paixões arrebatadoras e irresistíveis, que aparentemente se tornaram a desculpa comumente aceita para todos os nossos extravios. Não compreendo que uma atração que nasce num momento e morre no seguinte possa ter mais força que os princípios inalteráveis do pudor, da decência e do recato; e não concebo que uma mulher que traia esses princípios possa ser mais justificada em sua pretensa paixão do que um ladrão pela paixão do dinheiro, ou um assassino pela da vingança.

Ora, quem poderá dizer que nunca teve uma luta a travar? Sempre procurei persuadir-me, porém, de que para resistir basta querer; e até o momento, pelo menos, minha experiência tem confirmado essa opinião. O que seria a virtude sem os deveres que ela impõe? Seu culto está em nossos sacrifícios, sua recompensa em nosso coração. Tais verdades só poderão ser negadas por aqueles a quem interessa desconhecê-las; e que, já corrompidos, buscam a ilusão de um instante tentando justificar sua má conduta com más razões.

Mas haverá que recear algo assim de uma menina simples e tímida; de uma menina nascida da senhora, e de quem uma educação recatada e pura só poderá ter fortalecido a boa índole natural? No entanto, é a esse receio, que me atrevo a chamar de humilhante para sua filha, que quer sacrificar o vantajoso casamento que sua sensatez arranjou para ela! Gosto muito de Danceney; e há tempos, como sabe, que só raramente vejo o sr. de Gercourt. Mas minha amizade por um e minha indiferença pelo outro não

me impedem de perceber a enorme diferença existente entre esses dois partidos.

São igualmente bem-nascidos, convenho; mas um é desprovido de fortuna, e a do outro é tal que, mesmo sem berço, bastaria para abrir-lhe todos os caminhos. Reconheço que o dinheiro não faz a felicidade; mas também há que reconhecer que muito a facilita. A srta. de Volanges é, como a senhora diz, rica o suficiente pelos dois. No entanto, a renda de sessenta mil libras de que ela iria desfrutar já não são tanto assim quando se usa o sobrenome Danceny, quando é preciso montar e sustentar uma casa que lhe faça jus. Já não vivemos nos tempos da sra. de Sévigné.⁵ O luxo absorve tudo: embora o critiquemos, temos de imitá-lo, e o supérfluo acaba por nos privar do necessário.

Quanto às qualidades pessoais que a senhora tanto preza, e com toda a razão, o sr. de Gercourt seguramente é irrepreensível nesse aspecto; e disso já deu provas suficientes. Quero crer, e creio de fato, que o sr. Danceny em nada lhe fica a dever; mas temos mesmo essa certeza? Verdade é que ele até o momento mostrou ser destituído dos defeitos de sua idade, e que, no que pesem as tendências atuais, demonstra ter pelas pessoas de bem uma preferência que nos permite um augúrio favorável. Mas quem sabe se esse bom comportamento aparente não se deve à mediocridade de sua fortuna? Por menos que se tema ser corrupto ou devasso, há que ter dinheiro para ser jogador ou libertino, e sempre é possível gostar dos defeitos cujos excessos se teme. Enfim, ele não seria o primeiro a frequentar pessoas de bem por simples falta de melhor opção.

Não estou dizendo (Deus me livre!) que penso isso tudo a seu respeito. Seria, no entanto, um risco a correr; e o quanto teria a senhora a censurar-se no caso de um desfecho infeliz! O que iria responder para sua filha, que lhe diria: “Minha mãe, eu era jovem e sem experiência; estava seduzida por um erro perdoável em minha idade. Mas a providência, prevendo minha fraqueza, dera-me uma mãe sábia para remediá-la e proteger-me. Por que então, esquecendo-se de sua prudência, consentiu em minha desgraça? Acaso cabia a mim escolher meu esposo, se eu nada sabia acerca do casamento? Mesmo que eu assim quisesse, não cabia à senhora se opor? Nunca tive, porém, esse louco desejo. Decidida a obedecer-lhe, esperei por sua escolha com respeitosa resignação; nunca me afastei da submissão que lhe devia e, no entanto, hoje carrego a dor que só aos filhos rebeldes caberia. Ah! Sua fraqueza foi minha perdição...”. O respeito que ela lhe

tem talvez sufocasse essas queixas; mas o amor materno as perceberia. E as lágrimas de sua filha, mesmo disfarçadas, não deixariam de escorrer em seu coração. Onde então você iria buscar consolo? Nesse amor louco, contra o qual deveria tê-la armado, e pelo qual, ao contrário, deixou-se seduzir?

Não sei, cara amiga, se tenho por essa paixão uma prevenção excessiva; mas julgo-a temível, mesmo dentro do casamento. Não que eu desaprove que um sentimento honesto e doce venha embelezar o laço conjugal e suavizar, de certa maneira, os deveres que ele impõe. Mas não cabe a ele constituir esse laço; não cabe à ilusão de um momento pautar a escolha de nossa vida. Com efeito, para escolher é preciso comparar; e como comparar se um único objeto nos ocupa, quando esse próprio objeto não podemos conhecer, mergulhados que estamos na cegueira e na embriaguez?

Já vi, como pode imaginar, muitas mulheres acometidas desse perigoso mal; acolhi as confidências de algumas delas. A ouvi-las, não há nenhuma cujo amado não seja uma criatura perfeita: mas essas perfeições quiméricas só existem na imaginação delas. Sua mente exaltada sonha apenas com encantos e virtudes, com que revestem livremente aquele que preferem: é a roupagem de Deus, não raro vestida por um modelo abjeto. Quem quer que seja ele, assim que o vestem prosternam-se para adorá-lo, iludidas por sua própria obra.

Ou bem sua filha não ama Danceny, ou bem vive essa mesma ilusão, uma ilusão comum a ambos caso seu amor seja recíproco. Assim, sua razão para uni-los para sempre se reduz à certeza de que eles não se conhecem, mas podem vir a conhecer-se. Mas, dirá a senhora, o sr. de Gercourt e minha filha acaso conhecem mais um ao outro? Não, decerto; mas pelo menos não se iludem, apenas se desconhecem. O que acontece, nesse caso, entre dois esposos, que suponho serem honestos? Cada um estuda o outro, observa a si mesmo em relação a ele, procura e logo reconhece o que deve ceder dos próprios gostos e vontades em prol da tranquilidade comum. Esses ligeiros sacrifícios se dão sem esforço, porque são recíprocos e foram previstos. Em breve farão nascer uma mútua tolerância; e o hábito, que fortalece as inclinações que não destrói, vai aos poucos trazendo a doce amizade, a terna confiança que, unidas à estima, constituem, parece-me, a verdadeira, a sólida felicidade dos casamentos.

As ilusões do amor podem ser mais doces, mas quem não sabe que são

também menos duradouras? E que perigos não traz consigo o momento que as destrói! É quando os mínimos defeitos parecem chocantes e insuportáveis, pelo contraste que criam com a ideia de perfeição que nos seduzira. Cada um dos esposos acredita, no entanto, que apenas o outro mudou, e que ele próprio ainda vale o que um momento de erro fizera apreciar nele. Espanta-se por não mais despertar o encanto que ele próprio já não sente; isso o deixa humilhado: a vaidade ferida azeda os espíritos, aumenta os agravos, produz mau humor, engendra o ódio; e frívolos prazeres são afinal pagos com longos infortúnios.

Eis, cara amiga, minha maneira de pensar quanto ao tema que nos ocupa; não a defendo, apenas a exponho; cabe à senhora decidir. Se persistir, porém, em sua opinião, peço-lhe que me descreva as razões que sejam contrárias às minhas: será para mim um prazer se me esclarecer e, mais que nada, tranquilizar-me quanto ao destino de sua amável filha, cuja felicidade desejo ardentemente, pela amizade que tenho por ela e por esta que me une à senhora por toda a vida.

Paris, neste 4 de outubro de 17**.

CARTA 105

DA MARQUESA DE MERTEUIL A CÉCILE VOLANGES

Então, menina, cá está você muito aborrecida e envergonhada! E esse sr. de Valmont é mesmo um homem mau, não é? Como! Ousa tratá-la como à mulher que ele mais ama! Ensina-lhe o que você morria de vontade de saber! Tais atitudes são, na verdade, imperdoáveis. Enquanto você, por sua vez, quer guardar sua castidade para seu namorado (que dela não abusa); do amor, só aprecia as dores, e não os prazeres! Não há nada melhor, e você ficaria maravilhosamente bem num romance. Paixão, dissabores, virtude acima de tudo, quantas coisas lindas! Em meio a esse brilhante cortejo, por vezes nos entediamos deveras, mas sabemos retribuir.

Vejam só a pobre menina, tão digna de pena! Estava, no dia seguinte, com os olhos inchados! E o que você irá dizer então, quando forem os de seu amado? Vamos, meu anjo lindo, seus olhos não estarão sempre assim; e nem todos os homens são iguais a Valmont. Já não ousava erguer esses olhos? Pois sem dúvida tinha razão: todos veriam neles sua aventura. No

entanto, acredite, se fosse assim, nossas mulheres, e mesmo as donzelas, teriam um olhar mais recatado.

Apesar dos elogios que, como vê, sou obrigada a lhe fazer, temos no entanto de convir que você deixou de realizar sua obra-prima, que era contar tudo para sua mãe. Começou tão bem! Jogou-se em seus braços, soluçando, e ela também chorava: que cena patética! É uma pena não lhe ter dado um desfecho! Sua terna mãe, encantada, e para incentivar sua virtude, a teria encerrado no claustro para o resto da vida; e aí você teria amado Danceny a bel-prazer, sem rivais nem pecado; teria se lamentado à vontade; e Valmont certamente não iria perturbar seu sofrimento com prazeres importunos.

Será possível que você, aos quinze anos já completos, seja tão infantil? Tem razão quando diz que não merece minha bondade. Gostaria, no entanto, de ser sua amiga: você talvez precise de uma, com a mãe que tem e com o marido que ela quer lhe dar! Mas, se não amadurecer, como irei ajudá-la? O que se pode esperar se aquilo que às moças traz a perspicácia, em você parece, ao contrário, furtá-la?

Se conseguisse fazer o esforço de raciocinar um instante, logo descobriria que deve antes se congratular do que se queixar. Mas está envergonhada, e isso a atrapalha! Pois tranquilize-se; a vergonha do amor é como a dor que ele causa: só se sente uma vez. Depois, podemos até fingi-la, mas já não a sentimos. O prazer, contudo, permanece, o que em si já é alguma coisa. Creio, inclusive, ter depreendido de sua tagarelice, que ele pode ter muito valor para você. Ora, um pouco de boa-fé. *Essa perturbação* que a impedia *de agir conforme dizia*, que fazia com que achasse *tão difícil defender-se*, que a deixou *aborrecida* quando Valmont se retirou, era mesmo causada pela vergonha ou seria pelo prazer? E *essa maneira de ele falar* que nos deixa *sem saber responder* não estaria relacionada à maneira de ele agir? Ah, menina, você está mentindo, e mentindo a sua amiga! Isso não se faz. Mas paremos por aqui.

O que para todo o mundo poderia ser um prazer, e apenas isso, em seu caso se torna uma verdadeira bênção. Com efeito, entre uma mãe pela qual quer ser amada e um namorado por quem quer sê-lo para sempre, como pode não perceber que a única maneira de alcançar esses objetivos opostos é interessar-se por um terceiro? Distraída por essa nova aventura, enquanto aos olhos de sua mãe parecerá estar sacrificando por submissão a ela uma inclinação que a ela desagrada, em relação a seu namorado você

adquire um honrado argumento de defesa. Assegurando-lhe constantemente seu amor, não lhe dará a prova derradeira. E essa recusa, nada difícil na situação em que você se encontra, ele atribuirá a sua virtude; talvez venha a queixar-se, mas vai amá-la ainda mais; e esse duplo mérito, o de sacrificar o amor aos olhos de uma e a ele resistir aos olhos de outro, não lhe custará nada além de experimentar seus prazeres. Ah, quantas mulheres, que perderam sua reputação, teriam-na cuidadosamente preservado se lhes tivesse sido dado mantê-la por semelhantes meios!

Não lhe parece essa solução que lhe proponho ser a mais razoável, além da mais agradável? Você percebe o quanto ganhou com a atitude que escolheu? Sua mãe atribuiu sua redobrada tristeza a um amor redobrado, com isso está indignada, e para puni-la só espera ter mais certeza. Acaba de me escrever a respeito; vai tentar de tudo para arrancar-lhe essa confissão. Talvez chegue inclusive, diz ela, a propor-lhe Danceny por marido; e isso para incentivá-la a falar. E se, deixando-se seduzir por esse enganoso carinho, você responder segundo seu coração, em breve estará trancafiada por muito tempo, talvez para sempre, e poderá chorar à vontade sobre sua cega credulidade.

Esse ardil que ela quer usar contra você tem de ser combatido com outro. De modo que, para começar, demonstre menos tristeza, dê-lhe a entender que tem pensado menos em Danceny. Ela se deixará tão mais facilmente persuadir por ser esse o efeito costumeiro da ausência; e lhe será grata por ver aí uma oportunidade de congratular-se por sua própria sagacidade, que lhe inspirou esse expediente. Caso, porém, ela persista em testá-la e venha a falar-lhe em casamento, recolha-se, como uma moça bem-nascida, a uma perfeita submissão. Afinal, o que estará arriscando? Pelo que nos serve um marido, tanto vale um como outro; e por mais molesto que possa ser sempre é menos incômodo que uma mãe.

Uma vez mais satisfeita com você, sua mãe irá enfim casá-la; e então, mais livre em seus movimentos, você poderá, a bel-prazer, deixar Valmont por Danceny, ou mesmo ficar com os dois. Pois, tome tento, seu Danceny é atencioso, mas é um desses homens que se tem quando se quer e enquanto se quer; de modo que se pode ficar sossegada em relação a ele. O mesmo não se dá com Valmont: é difícil segurá-lo, e é perigoso deixá-lo. É necessário ter com ele muita habilidade, e na falta desta muita docilidade. Por outro lado, se lograsse tê-lo como amigo, seria realmente uma sorte! Ele imediatamente a traria para os primeiros lugares entre as mulheres da

moda. Assim é que se adquire presença na sociedade, e não corando e chorando como no tempo em que suas freiras a obrigavam a almoçar de joelhos.

Trate, portanto, se for ajuizada, de se reconciliar com Valmont, que deve estar zangadíssimo com você; e, como há de saber consertar as próprias tolices, não hesite em fazer gestos de aproximação; de qualquer modo, você logo vai aprender que, embora os homens façam os primeiros, somos quase sempre obrigadas a fazer os segundos. Nesse caso, você terá um pretexto, uma vez que não pode conservar esta carta; de modo que exijo que a entregue a Valmont assim que a tiver lido. Não se esqueça, porém, de tornar a lacrá-la. Primeiro porque cabe deixar a você o mérito de seu gesto, que este não pareça ter sido aconselhado; e também porque você é neste mundo a única pessoa de quem sou tão amiga a ponto de falar como falo.

Adeus, meu anjo, siga meus conselhos, e depois me conte se lhe foram proveitosos.

p.s. — A propósito, já ia me esquecendo... só mais uma palavrinha. Pense em caprichar mais seu estilo. Você ainda escreve como uma criança. Vejo bem o porquê; diz tudo aquilo que pensa, e não diz nada daquilo que não pensa. Assim pode ser entre mim e você, que não devemos esconder nada uma da outra. Mas, com as outras pessoas e, principalmente, com seu namorado!, iria sempre parecer uma tolinha. Perceba que, quando escreve a uma pessoa, o faz para ela, e não para você: deve, portanto, procurar dizer menos o que você pensa do que aquilo que agrada a ela.

Adeus, coração; dou-lhe um beijo, em vez de repreendê-la, na esperança de que se torne mais sensata.

Paris, neste 4 de outubro de 17**.

CARTA 106
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Que maravilha, visconde, e amo-o loucamente por isso! Depois de sua primeira carta, aliás, era de esperar a segunda, de modo que não me

surpreendeu; e, enquanto, já todo prosa de seus êxitos vindouros, você clamava por sua recompensa e perguntava se eu estava pronta, eu bem percebia que não era o caso de apressar-me. Sim, palavra de honra, ao ler o lindo relato da cena tão meiga que o *tocou profundamente*; ao ver seu comedimento, digno dos mais belos momentos de nossa Cavalaria, pensei várias vezes: essa história não vai dar certo!

Pois não poderia ser de outra forma. O que você queria que fizesse uma pobre de uma mulher que se rende e que ninguém toma? Quer saber? Num caso assim, há que preservar pelo menos a honra: e foi o que fez sua presidenta. Sei que, quanto a mim, percebendo que a tática que ela adotou não deixa de ter seus efeitos, proponho-me a utilizá-la na primeira oportunidade mais séria que se apresentar. Prometo, porém, que se aquele por quem eu fizer isso não aproveitar a lição melhor que você, poderá seguramente desistir de mim para sempre.

Ei-lo, então, absolutamente reduzido a nada! E isso em meio a duas mulheres, uma das quais já estava em seu dia seguinte, o que era tudo que a outra queria. Pois bem! Vai pensar que estou me gabando, e retrucar que é fácil profetizar depois dos fatos, mas posso jurar que já esperava por isso. É que você realmente não possui o talento exigido por seu papel; sabe sobre ele tão somente o que aprendeu, e não é capaz de criar. Assim, quando as circunstâncias deixam de se adequar a suas fórmulas convencionais e você precisa sair da trilha habitual, vê-se desamparado como um colegial. Enfim, uma infantilidade de um lado, uma recaída no pudor de outro, porque não se vivenciam todo dia, são suficientes para desconcertá-lo; e não sabe preveni-las nem remediá-las. Ah, visconde, visconde! Está me ensinando a não julgar os homens por suas conquistas; e em breve teremos de dizer a seu respeito: ele algum dia foi bravo. E depois de cometer uma bobagem após outra vem recorrer a mim! Parece até que não tenho mais o que fazer senão consertá-las. Verdade é que isso em si já daria um bocado de trabalho.

Seja como for, dessas duas aventuras, uma se deu contra minha vontade, e nessa não me meto; quanto à outra, como envolveu certa gentileza sua para comigo, cabe-me assumi-la. A carta que lhe envio anexa, que primeiro vai ler e depois entregar à pequena Volanges, é mais que suficiente para trazê-la de volta a você. Peço-lhe, porém, que dê algum trato nessa menina e, juntos, façamos dela o desespero da mãe e de Gercourt. Não há que temer forçar a dose. Vejo claramente que a pessoinha não irá se assustar; e,

uma vez cumprido nosso objetivo com ela, irá tornar-se aquilo que for capaz de ser.

Perdi todo e qualquer interesse por ela. Tinha certo desejo de transformá-la ao menos numa intrigante subalterna, e adotá-la como minha ajudante: mas vejo que não tem estofo, e sim uma tola ingenuidade que não cedeu sequer ao medicamento específico que você empregou, o qual, no entanto, não costuma falhar; e é esta, a meu ver, a doença mais perigosa que pode acometer uma mulher. Denota, antes de mais nada, uma fraqueza de caráter quase sempre incurável e que a tudo se opõe; de modo que, tratando de preparar essa menina para a intriga, só a estaríamos transformando numa mulher fácil. Ora, não conheço nada mais insosso que essa facilidade tola que se rende sem saber como nem por quê, simplesmente porque é atacada e não sabe resistir. Mulheres desse tipo não passam, em absoluto, de meras máquinas de prazer.

Você vai retrucar que basta torná-la assim, que é o que basta para nosso objetivo. Muito bem! Mas não podemos esquecer que, dessas máquinas, todo o mundo logo aprende a conhecer os mecanismos; de modo que, para nos servirmos dessa sem perigo, precisamos ser rápidos, parar sem demora e quebrá-la em seguida. Na verdade, meios não irão faltar para descartá-la, e Gercourt, de qualquer modo, há de mandar trancafiá-la quando quisermos. E, aliás, quando ele já não puder duvidar de sua desventura, quando esta for pública e notória, o que importa para nós ele se vingar ou não, desde que não encontre consolo? O que estou dizendo em relação ao marido, você decerto pensa em relação à mãe; de modo que pode dar a coisa como certa.

Essa opção, que julgo ser a melhor, e na qual me detive, decidi-me a conduzir a mocinha um tanto rapidamente, como verá por minha carta; faz também com que seja muito importante não deixar com ela nenhum material passível de comprometê-lo, e peço que atente para esse ponto. Uma vez tomada essa precaução, encarrego-me do moral, e o resto é com você. Se mais adiante observarmos, contudo, que a ingenuidade está se corrigindo, sempre estará em tempo de alterarmos nosso projeto. De qualquer modo teremos de tratar, mais dia menos dia, do que iremos fazer: seja como for, nosso esforço não será desperdiçado.

Sabe que o meu por pouco não o foi, que a boa estrela de Gercourt ameaçou levar a melhor sobre minha sapiência? Não é que a sra. de Volanges teve um momento de fraqueza materna, não é que pensou em

entregar a filha a Danceny? Era isso que a certa ternura que você observou *no dia seguinte* prenunciava. Você teria ensejado mais essa bela obra-prima! A carinhosa mãe, por sorte, escreveu-me a respeito, e espero que minha resposta a tenha dissuadido. Tanto falei em virtude e, mais que nada, tanto a adulei, que ela deverá achar que estou certa.

Lamento não ter tido tempo de fazer uma cópia de minha carta, para dar-lhe oportunidade de apreciar a austeridade de minha moral. De ver o quanto desprezo as mulheres depravadas a ponto de terem um amante! É tão cômodo mostrar-se rigorista nos discursos! É algo que só prejudica aos outros, e a nós mesmos não incomoda em nada... Além disso, não ignoro que a boa senhora teve, como todo o mundo, suas pequenas fraquezas na juventude, e não me desagradou humilhá-la pelo menos em sua consciência; isso consolou-me um pouco dos elogios que lhe tecia contra a minha. Assim é também que, nessa mesma carta, a ideia de prejudicar Gercourt me animou a falar bem dele.

Adeus, visconde; aprovo realmente sua decisão de permanecer aí mais algum tempo. Não tenho como apressar o ritmo de seu caso, mas convido-o a se desentediá-lo com nossa pupila comum. No que me diz respeito, e no que pese sua educada citação, ainda será preciso esperar, como vê; e há de convir, decerto, que não é por culpa minha.

Paris, neste 4 de outubro de 17**.

CARTA 107
DE AZOLAN AO VISCONDE DE VALMONT

Senhor,

Conforme suas ordens, assim que recebi sua carta fui procurar o sr. Bertrand, que me entregou os vinte e cinco luíses, como o senhor lhe ordenara. Pedi-lhe mais dois luíses para Philippe, a quem eu mandara partir imediatamente, como o senhor ordenou, e que não tinha dinheiro; mas o senhor seu administrador não aceitou, dizendo que não tinha ordens suas quanto a isso. De forma que fui obrigado a dar do meu, espero que tenha a bondade de levá-lo em conta.

Philippe partiu ontem à noite. Recomendei bastante que não saísse da taberna, de modo que pudéssemos encontrá-lo se preciso.

Fui logo depois à casa da senhora presidenta para ver a srta. Julie, mas ela tinha saído, e só pude conversar com La Fleur, que nada pôde me informar, porque desde que chegou só estive no palacete no horário das refeições. O ajudante foi quem cuidou de todo o serviço, e, como sabe, o ajudante eu não o conhecia. Mas comecei hoje.

Voltei esta manhã para ver a srta. Julie, e ela pareceu feliz de me ver. Perguntei-lhe o motivo da volta de sua patroa, mas disse ela que não sabia de nada, e acho que é verdade. Reclamei por não ter me avisado antes de ir embora, e ela me garantiu que só soube da viagem naquela mesma noite, ao ir ajudar a madame a deitar-se. Tanto que a coitada passou a noite inteira em arrumações, e não chegou a dormir nem duas horas. Só saiu do quarto da patroa à uma hora da manhã passada, e, quando a deixou, esta se pusera a escrever.

Pela manhã, a sra. de Tourvel entregou, ao partir, uma carta ao zelador do castelo. A srta. Julie não sabe para quem era. Diz que talvez fosse para o senhor, mas o senhor não diz nada a respeito.

Durante toda a viagem, madame usou um capuz grande na cabeça, de forma que não dava para vê-la. Mas a srta. Julie tem quase certeza de que ela chorou várias vezes. Não disse nada durante o trajeto, e não quis fazer uma parada em ...aj como tinha feito na ida; o que não foi muito do agrado da srta. Julie, que não tinha tomado desjejum. Mas, como eu disse a ela, os patrões é quem mandam.

Assim que chegou, madame foi deitar-se; mas permaneceu na cama apenas duas horas. Ao levantar, mandou chamar seu porteiro e deu ordens para que não deixasse ninguém entrar. Não fez nenhuma toailete. Sentou-se para almoçar, mas só tomou um bocadinho de sopa e saiu da mesa em seguida. Levaram o café ao quarto dela, e a srta. Julie aproveitou para entrar. Encontrou a patroa arrumando uns papéis no secretário, e viu que eram cartas. Sou capaz de apostar que eram suas cartas; e das três que lhe chegaram durante a tarde, uma ainda estava diante dela à noite! Tenho certeza de que era também uma carta sua. Mas por que ela foi embora desse jeito? Muito me espanta! Mas o senhor decerto deve saber? E isso não é de minha conta.

À tarde, a senhora presidenta foi à biblioteca, e pegou dois livros que levou para sua saleta. Mas a srta. Julie garante que não leu esses livros nem por quinze minutos durante o dia inteiro, que ficou só lendo a tal carta, sonhando e apoiando a cabeça na mão. Como imaginei que o senhor

gostaria de saber que livros eram esses, e que a srta. Julie não sabia, hoje pedi que me mostrassem a biblioteca, com a desculpa de estar curioso para vê-la. Só havia espaço vazio em dois livros: um é o segundo volume do *Pensamentos cristãos*; e o outro, o primeiro de um que tem o título de *Clarissa*.⁶ Escrevo bem como é: o senhor talvez saiba do que se trata.

Ontem à noite, a madame não jantou; tomou apenas um chá.

Tocou a campainha cedo de manhã, pediu que aprontassem imediatamente os cavalos e saiu antes das nove para Feuillants,⁷ onde assistiu à missa. Quis se confessar, mas seu confessor estava ausente, e não deve voltar antes de oito ou dez dias. Achei que seria bom contar isso ao senhor.

Ela voltou para casa em seguida, tomou desjejum e então se pôs a escrever, e ficou nisso até perto de uma hora. Logo encontrei uma oportunidade para fazer o que o senhor mais queria: pois fui eu quem levei as cartas ao correio. Não havia nenhuma para a sra. de Volanges; mas estou enviando ao senhor uma que era para o senhor presidente: achei que seria a mais interessante. Havia também uma para a sra. de Rosemonde; mas imaginei que o senhor poderia vê-la se quisesse, e deixei-a partir. Aliás, o senhor vai saber de tudo, já que a senhora presidenta também lhe escreveu. Vou poder pegar daqui para a frente todas as cartas que quiser; pois quase sempre é a srta. Julie quem as entrega aos empregados, e ela me garantiu que, em atenção a mim, e também ao senhor, vai fazer com prazer tudo o que eu pedir.

Ela nem quis o dinheiro que ofereci. Mas imagino que o senhor vá querer lhe oferecer algum mimo e, se for de sua vontade, e se quiser me incumbir disso, será fácil para mim saber do que ela gosta.

Espero que não vá achar que fui negligente ao servi-lo, e faço questão de me justificar pelas censuras que me faz. Se não soube da partida da senhora presidenta foi, pelo contrário, por causa de meu zelo em seu serviço, já que foi o que me fez partir às três horas da manhã; de modo que no dia anterior não estive com a srta. Julie como de costume, pois fui dormir no Tournebride⁸ para não acordar ninguém no castelo.

Quanto a isso que o senhor me censura, de estar amiúde sem dinheiro, primeiro é porque gosto de me manter aseado, como terá reparado; além disso, é preciso honrar a libré que se usa; sei que eu talvez devesse poupar para o futuro; mas confio inteiramente na generosidade do senhor, que é tão bom patrão.

Quanto a entrar para o serviço da sra. de Tourvel, continuando a serviço do senhor, espero que não exija isso de mim. Era bem diferente em casa da senhora duquesa; mas seguramente não irei usar uma libré, muito menos uma libré de toga, depois de ter tido a honra de ser criado⁹ do senhor. Em tudo mais, o senhor pode dispor deste que tem a honra de ser, com tanto respeito quanto afeição, seu mui humilde criado.

AZOLAN ROUX, CRIADO.

Paris, neste 5 de outubro de 17**, às onze horas da noite.

CARTA 108

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Ó, mãe indulgente! Quantas graças tenho a lhe dar, e como precisava de sua carta, que li e reli sem parar; não conseguia largá-la. A ela devo os únicos momentos menos penosos que vivi desde minha partida. Que boa é a senhora! Com que então a sabedoria, a virtude sabem se condoer com a fraqueza! A senhora se apieda de meus males! Ah, se os conhecesse!... São terríveis. Eu acreditava ter experimentado as dores do amor; mas o tormento indizível, que é preciso ter sentido para dele fazer ideia, está em separar-se de quem se ama, separar-se para sempre!... Sim, a dor que hoje me oprime há de voltar amanhã, depois de amanhã, minha vida inteira! Deus meu, como ainda sou jovem, e quanto tempo me resta para sofrer!

Ser o artesão da própria desgraça; rasgar o coração com as próprias mãos; e ao sofrer essa dor insuportável sentir a cada instante que se pode interrompê-la com uma única palavra, mas esta palavra é um pecado! Ah, minha amiga...

Quando tomei a decisão tão difícil de afastar-me dele, esperava que a ausência fosse aumentar minha coragem e minhas forças: como estava enganada! Parece, ao contrário, que terminou de destruí-las. Eu aí tinha mais com que lutar, é verdade; mas, mesmo resistindo, nem tudo era privação; ao menos podia vê-lo vez ou outra; e quantas vezes, não ousando voltar meus olhos para ele, sentia os seus pousados em mim: sim, minha amiga, sentia; parecia que me aqueciam a alma e, sem passar por meus olhos, ainda assim me chegavam ao coração. Agora, em minha dolorosa solidão, apartada de tudo que me é caro, face a face com meu infortúnio,

cada momento de minha triste existência é marcado por minhas lágrimas, e nada atenua a amargura; nenhum consolo vem mesclar-se a meus sacrifícios; e todos os que fiz até o momento só serviram para tornar mais sofridos aqueles que ainda me resta fazer.

Isso eu senti intensamente ainda ontem. Entre as cartas que me entregaram, havia uma dele; reconheci-a em meio às demais, quando o portador ainda estava a apenas dois passos de distância. Levantei-me num gesto involuntário; tremia, custava-me disfarçar minha emoção; e nisso tudo ainda sentia certo prazer. No instante seguinte, quando fiquei sozinha, essa ilusória alegria logo se esvaneceu, deixando-me apenas mais um sacrifício a fazer. Afinal, mesmo ansiando por lê-la, será que eu podia abrir aquela carta? Devido a essa fatalidade que me persegue, os consolos que aparentemente se me apresentam só vêm trazer, ao contrário, novas privações; e estas se tornam ainda mais cruéis quando lembro que são partilhadas pelo sr. de Valmont.

Aí está, enfim, esse nome que sem cessar me ocupa, e que tanto me custou escrever; a quase censura que a senhora me fez deixou-me verdadeiramente alarmada. Acredite, eu lhe peço, que uma falsa vergonha não alterou a confiança que lhe tenho; e por que recearia dizer seu nome? Ah! Envergonho-me de meus sentimentos, mas não do objeto que os causa. Quem, mais que ele, seria digno de inspirá-los? Contudo, não sei por quê, esse nome não me vem naturalmente à pena; e, mesmo desta vez, precisei pensar antes de escrevê-lo. Mas voltando a ele.

Diz a senhora que ele pareceu *profundamente abalado com minha partida*. Mas o que ele fez então? O que disse? Falou em regressar a Paris? Peço-lhe que faça o possível para demovê-lo dessa ideia. Se ele soube me entender, não terá levado a mal minha atitude: mas deve sentir, também, que é essa uma decisão sem volta. Um de meus maiores tormentos é não saber o que estará pensando. Ainda tenho comigo sua carta... mas a senhora decerto concorda comigo, não devo abri-la.

Somente através da senhora, minha indulgente amiga, é que posso não estar totalmente apartada dele. Não quero abusar de sua bondade; percebo perfeitamente que suas cartas não podem ser extensas; mas não irá recusar duas palavrinhas a sua filha: uma para sustentar-lhe a coragem e a outra para consolá-la. Adeus, minha respeitável amiga.

Paris, neste 5 de outubro de 17**.

CARTA 109
DE CÉCILE VOLANGES À MARQUESA DE MERTEUIL

Somente hoje, senhora, entreguei ao sr. de Valmont a carta que me deu a honra de escrever. Guardei-a por quatro dias, apesar de meu medo constante de que a descobrissem, mas escondi-a com cuidado; e, quando voltava a me sentir triste, trancava-me para relê-la.

Percebo que o que eu julgava ser uma grande desgraça quase não o é; e devo confessar que há nisso muito prazer, de modo que já quase não me aflijo. Somente a lembrança de Danceny ainda me atormenta às vezes. Mas já são muitos os momentos em que nem penso nele! E também, o sr. de Valmont é tão gentil!

Há dois dias, fiz as pazes com ele: foi muito fácil, pois nem bem pronunciei duas palavras e ele foi logo falando que, se eu tinha algo a dizer-lhe, iria à noite até meu quarto, e só precisei responder que aceitava. E, quando ele foi, não pareceu mais aborrecido do que se eu não tivesse feito nada. Foi só depois que ele ralhou, e ainda assim com muita brandura, e de um jeito... Igualzinho à senhora; o que me provou que também ele tem amizade por mim.

Nem sei lhe dizer quantas coisas engraçadas ele me contou, coisas que nunca teria imaginado, sobretudo sobre minha mãe. Eu adoraria que a senhora aceitasse me dizer se são mesmo verdade. O certo é que eu não podia deixar de rir; tanto que em certo momento ri às gargalhadas, o que nos deu um susto, pois minha mãe podia ter escutado; e, se tivesse vindo conferir, o que teria sido de mim? Na certa me mandaria de volta para o convento!

Como é preciso ter cautela e como, o sr. de Valmont mesmo diz, ele por nada neste mundo iria querer comprometer-me, combinamos que de agora em diante ele viria apenas abrir a porta de meu quarto, e em seguida iríamos para o dele, onde não há o que temer. Já estive lá ontem, e agora, enquanto lhe escrevo, estou esperando por ele. Espero que a senhora agora não ralhe mais comigo.

Há uma coisa, no entanto, que muito me surpreendeu em sua carta: é o que me diz sobre quando eu estiver casada, a respeito de Danceny e do sr. de Valmont. Parece-me que certa vez, na Ópera, a senhora me disse, pelo

contrário, que depois de casada eu poderia amar somente meu marido, e que teria inclusive de esquecer Danceny. Mas pode ser que eu tenha entendido mal, e prefiro mesmo que seja de outro modo, pois agora já não terei tanto medo na hora de casar-me. É inclusive o que desejo, já que então terei maior liberdade; e espero que então poderei dar um jeito de pensar apenas em Danceny. Sinto que só com ele serei verdadeiramente feliz, pois atualmente sua lembrança me atormenta o tempo todo, e só tenho sossego quando consigo não pensar nele, o que é muito difícil; e assim que penso imediatamente torno a ficar triste.

O que me consola um pouco é a senhora me garantir que assim Danceny só irá me amar mais ainda. Mas tem mesmo certeza?... Sim, claro, não iria querer enganar-me. No entanto, é engraçado que eu ame Danceny, e que seja o sr. de Valmont... Mas, como diz a senhora, talvez seja uma sorte!... Enfim, veremos.

Não entendi muito bem suas observações sobre a maneira como escrevo. Parece-me que Danceny gosta de minhas cartas tal como são. Entendo, porém, que não devo dizer-lhe nada do que tem acontecido com o sr. de Valmont; de modo que não precisa preocupar-se.

Minha mãe ainda não falou sobre meu casamento. Mas, deixe estar, assim que tocar no assunto, e já que é para me pegar, prometo que saberei mentir.

Adeus, minha boa amiga; agradeço-lhe muito, e prometo nunca esquecer sua bondade para comigo. Preciso terminar, pois já é quase uma hora, de modo que o sr. de Valmont não deve tardar.

Do castelo de..., neste 10 de outubro de 17**.

CARTA 110

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Forças do céu, eu tinha uma alma para a dor; dai-me uma para a felicidade!^{ak10} Creio que o meigo Saint-Preux é quem assim se exprime. Mais bem aquinhoado que ele, possuo em simultâneo as duas existências. Sim, minha amiga, sou, ao mesmo tempo, muito feliz e muito infeliz; e, uma vez que confio inteiramente em você, devo-lhe o duplo relato de meus prazeres e de meus dissabores.

Saiba, portanto, que minha ingrata devota ainda não me perdoou. Já foram quatro as cartas devolvidas. Talvez não devesse dizer que foram quatro: tendo intuído, desde a primeira devolução, que seria seguida por muitas outras, e não querendo perder meu tempo, decidi expressar minhas mágoas com lugares-comuns e não colocar nenhuma data. Assim, a partir da segunda remessa, é sempre a mesma carta que tem ido e vindo: troco apenas o envelope. Se minha bela fizer o que costumam fazer as belas, e acabar se sensibilizando dia desses, quando mais não seja por cansaço, guardará por fim a missiva, e então será o momento de me atualizar. Como vê, dada essa nova modalidade de correspondência, não tenho como estar perfeitamente informado.

Descobri, no entanto, que a irrefletida criatura mudou de confidente: pude ao menos verificar que, desde sua partida, não chegou ao castelo nenhuma carta dela para a sra. de Volanges, ao passo que chegaram duas para a velha Rosemonde; e visto que esta nada comentou, visto que não enche mais a boca com *sua bela querida*, de que antes falava o tempo todo, concluí que era ela a nova confidente. Suponho que a necessidade de falar em mim, de um lado, e, de outro, a vergonha de desdizer-se junto da sra. de Volanges sobre um sentimento que por tanto tempo negou é que causaram essa brusca mudança. Receio ter perdido na troca, pois quanto mais envelhecem as mulheres, mais ásperas e severas vão se tornando. A primeira até teria lhe falado mais mal de mim, mas esta lhe falará mais sobre o amor; e a sensível virtuosa teme muitíssimo mais o sentimento do que a pessoa.

A única maneira de me inteirar é, como vê, interceptar essa correspondência clandestina. Já dei ordens para tanto a meu *criado*, e aguardo sua execução para mais dia, menos dia. Até lá, só poderei agir ao acaso: assim, de uma semana para cá, tenho repassado em vão todos os meios conhecidos, que estão nos romances e em minhas memórias secretas: não encontro nenhum adequado, quer às circunstâncias desse caso, quer ao caráter da protagonista. A dificuldade não está em introduzir-me em sua casa, mesmo à noite, ou mesmo em adormecê-la e fazer dela uma nova Clarissa.¹¹ Mas, depois de dois meses de atenções e esforço, recorrer a expedientes que me são estranhos? Arrastar-me servilmente pelas pegadas dos outros, e vencer sem nenhuma glória?... Não, ela não terá *os prazeres do vício e as honras da virtude*. Não basta, para mim, possuí-la: quero que ela se entregue. Ora, para isso preciso não só chegar até ela, mas

chegar com seu consentimento; encontrá-la sozinha e disposta a me ouvir; e, principalmente, fechar seus olhos para o perigo, pois, se o perceber, saberá enfrentá-lo ou morrer. Porém, quanto mais sei o que deve ser feito, mais a execução me parece difícil; e, arriscando-me a incorrer em seu escárnio, confesso que meu problema só aumenta à medida que penso nele.

Creio que já andaria tonto, não fossem as bem-vindas distrações propiciadas por nossa pupila; graças a ela, ainda tenho algo a fazer além de elegias.

Acredita que a menina estava tão assustada que se passaram três largos dias antes que sua carta produzisse algum efeito? Como uma única ideia equivocada é capaz de estragar uma índole das mais naturais!

Enfim, só no sábado ela se aproximou, e balbuciou umas palavras, mas em voz tão baixa e abafada pela vergonha que era impossível ouvi-las. Mas o rubor que elas causavam levou-me a intuir seu sentido. Até então, eu me mantivera altivo. Tocado, porém, por tão gracioso arrependimento, dignei-me prometer que iria naquela mesma noite ter com a linda penitente; e esse meu gesto foi recebido com toda a gratidão que tamanho favor merecia.

Como nunca perco de vista nem seu projeto nem o meu, resolvi aproveitar a oportunidade para conhecer o justo valor dessa menina, além de acelerar sua educação. Para empreender minha tarefa com mais liberdade, precisava alterar o local de nossos encontros, já que o simples toucador que separa o quarto de sua pupila dos aposentos da mãe não poderia inspirar-lhe segurança suficiente para se manifestar à vontade. De modo que planejava causar *sem querer* algum ruído que lhe suscitasse receio suficiente para aceitar, no futuro, um refúgio mais seguro; mas ela poupou-me esse cuidado.

A criaturinha é risonha e, para estimular sua alegria, ocorreu-me contar-lhe, em nossos intervalos, todos os casos escandalosos que me passavam pela cabeça; e, para torná-los mais picantes e prender ainda mais sua atenção, atribuí todos eles a sua mãe, que me diverti em enfeitar assim com vícios e ridículos.

Não foi à toa que optei por esse recurso: encorajava minha tímida colegial mais que qualquer outro, ao mesmo tempo que lhe inspirava o mais profundo desprezo pela mãe. Reparei, já faz muito tempo, que, embora esse recurso não seja sempre necessário para seduzir uma moça, é indispensável, e não raro, o mais eficaz, quando se quer depravá-la. Pois aquela que não respeita a mãe não irá respeitar a si mesma: verdade moral,

que acredito ser tão útil que fico satisfeito em poder fornecer um exemplo ilustrando o preceito.

Entretanto, sua pupila, que não pensava em moral, matava-se de rir a todo instante, até que, em certo momento, pensou que fosse explodir. Não me foi difícil convencê-la de que fizera *um barulho terrível*. Simulei o maior susto, que ela logo compartilhou. Para que melhor se lembrasse da lição, não permiti que ressurgisse o prazer, e a deixei três horas mais cedo que de costume. De modo que combinamos, ao nos despedirmos, que já a partir do dia seguinte nos encontraríamos em meu quarto.

Já a recebi duas vezes e, nesse breve ínterim, a colegial se tornou quase tão sabida quanto o mestre. Sim, é verdade, ensinei-lhe tudo, até as complacências! Só não incluí as precauções.

Assim ocupado a noite inteira, tenho a vantagem de dormir boa parte do dia; e, como a atual companhia no castelo não me oferece nenhum atrativo, mal apareço na sala durante uma hora. Hoje, inclusive, optei por fazer as refeições em meu quarto, de onde só pretendo sair para passeios rápidos. Essas esquisitices são atribuídas a minha saúde. Declarei que estava cheio de vapores,¹³ e inclusive com um pouco de febre. Só o que preciso fazer é falar com voz lenta e sumida. Quanto à mudança de minha fisionomia, confie em sua pupila. *O amor proverá.*

Ocupo meu tempo ocioso matutando sobre meios de retomar, sobre minha ingrata, as vantagens que perdi, e também em compor uma espécie de catecismo da devassidão¹⁵ para uso de minha colegial. Nele faço questão de usar apenas termos técnicos, e rio desde já pela interessante conversa que isso irá suscitar entre ela e Gercourt na primeira noite de seu casamento. Nada é mais encantador que a ingenuidade com que ela já emprega o pouco que sabe dessa língua, sem sequer imaginar que se possa falar de outro modo! Essa menina é mesmo atraente! O contraste entre a ingênua candura e a linguagem da impudência não deixa de causar efeito e, não sei por quê, atualmente só me atraem as coisas bizarras.

A esse caso bizarro talvez tenha me dedicado em excesso, uma vez que tem comprometido meu tempo e minha saúde. Contudo, espero que minha enfermidade fingida, além de me poupar o tédio da sala, possa me ser de alguma utilidade junto da austera devota, cuja tigrina virtude alia-se, porém, à doce sensibilidade! Não tenho dúvida de que já esteja informada desse grande acontecimento, e tenho imensa vontade de saber o que pensa a respeito. Mesmo porque seria capaz de apostar que não irá deixar de se

atribuir os louros. Vou regular meu estado de saúde de acordo com a impressão que ele irá lhe causar.

Com isso, minha bela amiga, está agora tão a par de meus assuntos quanto eu mesmo. Desejo ter em breve notícias mais interessantes para contar-lhe. E acredite, peço-lhe, que no prazer que ainda espero obter tenho em conta, e muito, a recompensa que espero de você.

Do castelo de..., neste 11 de outubro de 17**.

CARTA III
DO CONDE DE GERCOURT À SRA. DE VOLANGES

Tudo parece estar sossegado neste país, senhora, e aguardamos, de um dia para outro, a autorização para retornarmos à França. Espero que não duvide de que ainda sinto a mesma pressa em voltar e firmar os laços que deverão me unir à senhora e à srta. de Volanges. Entretanto, o sr. duque de..., meu primo, a quem devo tantas obrigações, acaba de me comunicar que foi convocado a Nápoles. Manda dizer-me que pretende passar por Roma e visitar, no caminho, a parte da Itália que ainda lhe resta conhecer. Pede-me para acompanhá-lo nessa viagem, que deverá durar de seis semanas a dois meses. Não vou negar que me encantaria aproveitar essa oportunidade, sabendo que, depois de casado, dificilmente me permitirei outras ausências além das exigidas por meu serviço. Por outro lado, talvez fosse mais conveniente esperar o inverno para realizar o casamento, uma vez que só então estarão em Paris todos os meus parentes, notadamente o senhor marquês de..., a quem devo a expectativa de entrar para sua família. No que pesem essas considerações, meus planos a esse respeito estarão totalmente subordinados aos seus, e, caso prefira ater-se ao combinado inicialmente, estou pronto a renunciar a eles. Rogo-lhe tão somente que me comunique o quanto antes suas intenções a respeito. Aguardarei sua resposta, e só por ela irei pautar minha conduta.

Sou, senhora, com respeito e com todos os sentimentos que cabem a um filho, seu mui humilde etc.

CONDE DE GERCOURT.
Bastia, neste 10 de outubro de 17**.

CARTA 112
DA SRA. DE ROSEMONDE À PRESIDENTA DE TOURVEL
(APENAS DITADA)

Só agora recebo, minha querida, sua carta do dia 11^{an} e as doces censuras que ela encerra. Admita que sua vontade era fazer muitas mais, e que, não fosse ter lembrado que era *minha filha*, teria de fato ralhado comigo. Teria sido, porém, muito injusta! O desejo e a esperança de conseguir eu mesma lhe responder é que me levaram a adiar dia após dia; e, como vê, sou ainda hoje obrigada a emprestar a mão de minha camareira. Meu malfadado reumatismo voltou;¹⁶ aninhou-se, dessa feita, no braço direito, e estou completamente maneta. É no que dá você, tão jovem e saudável, ter uma amiga tão velha! Acaba suportando seus incômodos.

Tão logo minhas dores me derem alguma trégua, pretendo conversar longamente com você. Enquanto isso, saiba apenas que recebi suas duas cartas; que elas duplicariam, se possível fosse, minha terna amizade por você; e que nunca deixarei de partilhar intensamente tudo o que a você interessa.

Meu sobrinho também se encontra um pouco indisposto, mas sem nenhum perigo nem nenhum motivo para preocupação: trata-se de uma ligeira indisposição que, me parece, afeta mais seu humor que sua saúde. Quase não o temos visto.

O retraimento dele e sua partida não contribuem para tornar mais alegre nosso pequeno círculo. A menina Volanges, sobretudo, lamenta muitíssimo sua ausência, e por pouco não engole as mãos de tanto que boceja o dia inteiro. De uns dias para cá, especialmente, tem nos dado a honra de adormecer profundamente depois do almoço.

Adeus, minha querida; sou para sempre sua grande amiga, sua mãe, e até sua irmã se minha idade avançada me autorizar a esse título. Enfim, sou ligada a você pelos mais ternos sentimentos.

Assinado: ADELAIDE, PELA SRA. DE ROSEMONDE.
Do castelo de..., neste 14 de outubro de 17**.

CARTA 113
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Creio ser meu dever avisá-lo, visconde, de que começam a falar de você em Paris; comentam sua ausência e já lhe adivinham a causa. Estive ontem a um jantar muito concorrido, no qual foi positivamente afirmado que você estava retido na aldeia por um amor romanesco e infeliz. A alegria manifestou-se de imediato no rosto de todos os que invejam seu sucesso e de todas as mulheres que você desprezou. Se quer um conselho, não deixe que esses perigosos rumores adquiram consistência, volte imediatamente para destruí-los com sua presença.

Considere que se, uma vez que seja, permitir que se desfaça a ideia de que é irresistível, perceberá rapidamente que de fato já lhe resistem com mais facilidade; que seus rivais também perdem o respeito e se atrevem a combatê-lo: qual deles não se julga afinal mais forte que a virtude? Considere, sobretudo, que entre a multidão de mulheres que você já exibiu, aquelas que você não possuiu vão todas tentar desmentir a opinião pública, ao passo que as demais vão se empenhar em iludi-la. Enfim, deve estar preparado para ser apreciado tão abaixo, talvez, de seu valor, quanto o era, até o momento, acima.

Então volte, visconde, e não sacrifique sua reputação por um capricho pueril. Já fez tudo o que queríamos com a menina Volanges; quanto a sua presidenta, aparentemente não será ficando a dez léguas de distância que irá superar essa fantasia. Acaso julga que ela irá buscá-lo? Talvez já nem pense mais em você, ou só o faz para congratular-se por tê-lo humilhado. Aqui, pelo menos, encontrará uma oportunidade de ressurgir com brilho, e disso está precisado; e, mesmo que queira persistir nesse caso ridículo, não vejo no que sua volta possa prejudicá-lo... ao contrário.

Pois se sua presidenta *o adora*, como você tanto disse e pouco provou, seu único consolo, seu único prazer devem ser atualmente falar em você, saber o que anda fazendo, o que anda dizendo, o que anda pensando, saber até as mínimas coisas a seu respeito. Qualquer ninharia se torna preciosa ante a carência que tem experimentado. São as migalhas de pão caindo da mesa do rico: ele as desdenha, mas o pobre as recolhe com avidez e delas se alimenta. Ora, a pobre presidenta recebe agora essas migalhas todas; e quanto mais as tiver menos pressa terá em se entregar ao

apetite pelo resto.

Além do mais, desde que sabe quem é sua confidente, não tenha dúvida de que toda carta dela contém pelo menos um pequeno sermão e tudo mais que ela julgue apropriado para *corroborar sua sabedoria e fortalecer sua virtude*.^{ao17} Por que, então, dar a uma recursos para se defender, e à outra, para prejudicá-lo?

Não que eu em absoluto concorde com você quando julga ter perdido com a mudança de confidente. Primeiramente, porque a sra. de Volanges o odeia, e o ódio é sempre mais perspicaz e engenhoso que a amizade. A virtude toda de sua velha tia não a induzirá um instante sequer a falar mal de seu sobrinho querido; pois a virtude também tem suas fraquezas. Além disso, seus receios se fundam numa observação absolutamente falsa.

Não é verdade que *quanto mais envelhecem as mulheres mais ásperas e severas vão se tornando*. Entre os quarenta e os cinquenta anos o desespero de verem fenecer sua aparência, a raiva de se sentirem obrigadas a renunciar a pretensões e prazeres que ainda lhes são caros é que tornam as mulheres pudicas e rabugentas. Precisam desse longo intervalo para efetuar por inteiro esse grande sacrifício. Tão logo ele se consome, porém, elas se dividem em duas categorias.

A mais numerosa, a das mulheres que tinham a seu favor somente a aparência e a juventude, cai numa apatia estúpida, da qual só emerge para o jogo ou para algumas práticas devocionais; essas são sempre aborrecidas, não raro ranzinhas, por vezes um tanto intriguistas, mas raramente maldosas. Tampouco se pode dizer que essas mulheres sejam, ou não, severas: sem ideias e sem existência, repetem sem entender e indiscriminadamente tudo o que ouvem dizer, e permanecem elas próprias completamente nulas.

A outra classe, bem mais rara, mas verdadeiramente preciosa, é a das mulheres que, possuindo personalidade e não tendo descuidado de nutrir sua razão, sabem criar para si mesmas uma existência, quando a da natureza lhes vem a faltar; e optam por aplicar ao espírito os adornos que antes usavam para sua aparência. Essas possuem em geral um juízo sadio, e um espírito a um tempo firme, alegre e gracioso. Substituem as graças da sedução pelo atrativo da bondade, e por um bom humor cujo encanto cresce proporcionalmente à idade: assim é que conseguem, de certa maneira, se reaproximar dos jovens fazendo-se amar por eles. Mas então, longe de serem, como você diz, *ásperas e severas*, o hábito da indulgência,

as longas reflexões sobre a fragilidade humana e, mais que nada, as lembranças de sua mocidade, único elo que ainda as prende à vida, antes as trariam, talvez, para muito perto da complacência.

O que posso dizer-lhe, enfim, é que tendo sempre buscado o contato com mulheres idosas, de cujos sufrágios percebi desde cedo a utilidade, conheci várias de quem me aproximava tanto por inclinação como por interesse. Paro por aqui; pois você tem se inflamado tão rápido e tão moralmente que chego a recear que se apaixone de repente por sua velha tia e se enterre junto com ela no túmulo em que já vem vivendo há tanto tempo. Retomando, então.

No que pese seu aparente encanto por sua jovem colegial, não posso crer que ela tenha de algum modo a ver com seus planos. Ela estava ao alcance de sua mão, você a apanhou. Muito bem! Não será, porém, uma inclinação. Nem sequer, a bem dizer, um gozo completo; você possui totalmente apenas sua pessoa! Nem falo em seu coração, o qual bem sei que pouco lhe interessa. Mas você não ocupa sequer sua cabeça. Não sei se percebeu, mas disso eu tive a prova na última carta que ela me escreveu; ap envio-a anexa para que possa avaliar. Veja como, ao falar de você, refere-se sempre ao *sr. de Valmont*; que todos os seus pensamentos, mesmo aqueles suscitados por você, sempre acabam tão somente em Danceny; e a ele ela não chama de senhor, mas, sempre, de *Danceny* apenas. Desse modo o distingue de todos os outros; e, mesmo entregando-se a você, é só com ele que ela se familiariza. Se uma conquista assim parece-lhe *atraente*, se os prazeres que ela traz o *cativam*, você é, decerto, modesto e pouco exigente! Que você queira mantê-la, nisso consinto, mesmo porque se enquadra em meus planos. Mas parece-me que não vale a pena se incomodar com isso nem quinze minutos; e também que seria preciso ter sobre ela algum controle, não permitindo, por exemplo, que se aproxime de Danceny antes de fazer com que ela o esqueça um pouco.

Antes de deixar de tratar de seus assuntos, para falar dos meus, queria dizer-lhe ainda que essa desculpa da doença, a que você me diz estar recorrendo, já é bem antiga e batida. Na verdade, visconde, não é criativo! Eu também às vezes me repito, como vai ver; mas procuro salvar-me pelos detalhes, e meu êxito, afinal, me justifica. Estou para tentar obter mais um, vivendo uma nova aventura. Convenho que não terá o mérito da dificuldade; mas será, ao menos, uma distração, já que tenho me entediado mortalmente.

Não sei por quê, desde o caso com Prévan, Belleruche se me tornou insuportável. De tal modo redobrou suas atenções, seu carinho, sua *veneração*, que não estou mais aguentando. Sua ira, num primeiro momento, pareceu-me divertida; mas afinal foi preciso aplacá-la, pois do contrário me comprometeria: e não havia jeito de acalmá-lo. Decidi então demonstrar-lhe mais amor, para convencê-lo mais facilmente. Ele, porém, tomou isso a sério e, desde então, vem me exasperando com seu eterno encantamento. Observo sobretudo a insultuosa confiança que vem adquirindo para comigo, e a segurança com que me vê como sendo sua para sempre. Isso me deixa verdadeiramente humilhada. Deve mesmo avaliar-me muito mal se julga ter valor suficiente para me prender! Não chegou a dizer-me recentemente que eu nunca teria amado outro além dele? Ah, tive de apelar para toda a minha prudência para não desiludi-lo no ato, revelando a verdade. Tem graça deveras, esse cavalheiro pretender a um direito exclusivo! Admito que é bem-apegoado e bastante bonito. Ao fim e ao cabo, porém, não passa de um operário braçal do amor. Enfim, é chegado o momento, precisamos nos separar.

É o que venho tentando fazer há quinze dias, e já experimentei sucessivamente a frieza, o capricho, o mau humor, as brigas; mas nem assim a persistente criatura larga a presa. Preciso então tomar uma atitude mais enérgica, de modo que o estou levando para o campo. Partimos depois de amanhã. Só teremos por companhia umas poucas pessoas desinteressadas e pouco perspicazes, e teremos quase a mesma liberdade de que se estivéssemos sozinhos. Lá, vou cobri-lo a tal ponto de amor e carícias, viveremos de tal modo exclusivamente um para o outro, que aposto que ele irá desejar mais que eu o fim dessa viagem que aguarda com tanta alegria; e, caso não regresse mais entediado comigo do que estou com ele, consinto a que você diga então que não sei mais do que você.

O pretexto para essa espécie de retiro é o de tratar seriamente de meu processo, que com efeito será enfim julgado no começo do inverno. O que é um alívio, pois é mesmo desagradável estar assim com toda a minha fortuna de pernas para o ar. Não que eu esteja preocupada com esse evento. Primeiro, porque tenho razão, é o que me asseguram todos os meus advogados. E mesmo que não tivesse! Teria de ser muito inepta para não ganhar uma causa tendo por adversários menores de tenra idade e seu velho tutor! Contudo, como não se pode descurar de nada num assunto dessa importância, terei de fato comigo dois advogados. Não lhe parece

nada alegre essa viagem? Mas, se eu ganhar esse processo e derrotar Belleruche, não irei lamentar o tempo perdido.

E agora, visconde, adivinhe quem é o sucessor. Dou-lhe cem chances. Mas, ora, acaso não sei que você nunca adivinha nada? Pois bem, é Danceny! Está surpreso, não é? Pois ainda não estou, afinal, reduzida à educação de meninos! Mas esse merece uma exceção: da juventude só possuí os encantos, e nenhuma frivolidade. Sua imensa discricção em sociedade é própria para afastar qualquer suspeita, e revela-se ainda mais agradável quando se abre num tête-à-tête. Não que pessoalmente já tenhamos tido algum, para ele ainda sou apenas uma confidente; mas, sob esse véu da amizade, creio perceber nele uma forte atração por mim, e sinto que venho nutrindo muita por ele. Seria mesmo uma pena que tanta inteligência e sensibilidade fossem desperdiçadas e embrutecidas com essa tolinha que é a menina Volanges! Espero que esteja enganado ao julgar amá-la: ela está tão longe de merecê-lo! Não que eu a inveje, mas isso seria um assassinato, e quero salvar Danceny. De modo que lhe peço, visconde, que cuide para que ele não se aproxime de *sua Cécile* (como ele ainda tem o mau hábito de chamá-la). Uma primeira atração tem sempre mais força do que se imagina, e nada poderia garantir se ele tornasse a vê-la por agora, sobretudo durante minha ausência. Ao regressar, assumo o caso e respondo por tudo.

Cheguei a cogitar levar o rapaz comigo, mas sacrifiquei esse plano a minha prudência habitual; além disso, receio que ele perceba alguma coisa entre mim e Belleruche, e me causaria um desespero se ele tivesse a mínima ideia da verdade. Quero pelo menos me oferecer a sua imaginação pura e sem mácula; enfim, tal como deveria ser para ser realmente digna dele.

Paris, neste 15 de outubro de 17**.

CARTA 114

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Cara amiga, rendo-me a minha imensa inquietação; e, sem saber se estará em condições de responder-me, não posso me impedir de inquiri-la. O estado de saúde do sr. de Valmont, que a senhora diz ser *sem perigo*, não me deixa tão tranquila como a senhora parece estar. Não é raro a

melancolia e o isolar-se dos outros serem sintomas precursores de alguma enfermidade grave; os sofrimentos do corpo, assim como os do espírito, levam ao desejo de solidão; e muitas vezes censuramos o mau humor de quem deveríamos nos compadecer dos males.

Parece-me que ele deveria ao menos consultar alguém. Como pode ser que, estando a senhora mesma doente, não tenha um médico a seu lado? O meu, que vi esta manhã, e que, não vou lhe esconder, consultei indiretamente, é da opinião que, em pessoas naturalmente ativas, essa espécie de apatia súbita não deve ser menosprezada; e, como me disse igualmente, as doenças já não cedem quando não são tratadas a tempo. Por que deixar correr esse risco alguém a quem tanto quer bem?

O que redobra minha preocupação é que há quatro dias não tenho notícias dele. Deus meu! Não estará me enganando sobre seu estado? Por que teria ele deixado de me escrever de repente? Se fosse apenas por minha persistência em lhe devolver suas cartas, acho que teria tomado essa decisão mais cedo. Enfim, embora não acredite em pressentimentos, tenho sentido há alguns dias uma tristeza que me assusta. Ah, talvez esteja às vésperas da maior das desgraças!

Não iria acreditar, e tenho vergonha de dizer, o quanto me magoa não mais receber essas cartas, as quais, no entanto, eu ainda me negaria a ler. Pelo menos me davam a certeza de que ele pensava em mim! E podia ver algo que vinha dele. Não abria essas cartas, mas chorava ao contemplá-las: minhas lágrimas eram mais suaves e fáceis, e só elas dissipavam em parte a constante opressão que venho sentindo desde que regressei. Eu lhe suplico, minha indulgente amiga, escreva-me pessoalmente tão logo possa fazê-lo e, enquanto isso, mande diariamente notícias suas e dele.

Percebo que mal lhe dirigi uma palavra pessoal: mas conhece meus sentimentos, minha afeição sem reservas, minha terna gratidão por sua sensível amizade; irá perdoar a perturbação em que me encontro, minha mortal aflição, o terrível tormento de ter de recear males de que eu talvez seja a causa. Deus do céu! Essa ideia desesperadora me persegue e dilacera o coração. Faltava essa desgraça, a mim que sinto ter nascido para vivê-las todas.

Adeus, cara amiga; queira-me bem, tenha dó de mim. Será que terei hoje uma carta sua?

Paris, neste 16 de outubro de 17**.

CARTA 115
DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

É inconcebível, bela amiga, o quão rapidamente deixamos de nos entender quando nos afastamos. Enquanto estava próximo de você, tínhamos sempre um mesmo sentimento, uma única maneira de ver; e porque há três meses não a vejo já não concordamos em nada. Quem de nós dois está errado? Você, decerto, não hesitaria em sua resposta. Já eu, mais sábio, ou mais educado, não digo nada. Vou me ater a responder sua carta e continuar lhe contando o que tenho feito.

Quero primeiramente agradecer-lhe pelo conselho que me dá acerca dos rumores que correm a meu respeito; mas isso ainda não me preocupa: sinto-me seguro de poder fazê-los cessar em breve. Fique sossegada; hei de reaparecer na sociedade mais prestigioso que nunca, e ainda mais digno de você.

Espero que me deem inclusive algum crédito pela aventura com a menina Volanges, de que você parece fazer tão pouco-caso: como se nada fora roubar, em uma noite, uma moça a seu amado; em seguida usá-la à vontade, sem mais cerimônias, como a uma coisa sua; dela obter o que não se ousa exigir sequer às profissionais;¹⁸ e isso sem perturbar em nada seu terno amor, sem torná-la inconstante ou sequer infiel: pois, com efeito, não ocupo sequer sua cabeça! De modo que, uma vez passado meu capricho, poderei, por assim dizer, devolvê-la aos braços de seu amado sem que ela se dê conta de nada. Acaso é esse um feito assim tão comum? Além disso, acredite, uma vez saída de minhas mãos, os princípios que lhe ensinei não deixarão de se desenvolver; e prevejo que a tímida colegial logo alçará um voo próprio digno de seu mestre.

A quem prefere, porém, o gênero heroico, irei mostrar a presidenta, modelo citado de todas as virtudes! Respeitada até pelos mais libertinos, a tal ponto que já se perdera a mera ideia de atacá-la! Digo que hei de mostrá-la esquecida de seus deveres e virtudes, sacrificando sua reputação e dois anos de recato, para ir atrás do prazer de me agradar, para se embriagar no prazer de me amar; julgando-se recompensada de tantos sacrifícios por uma palavra, um olhar, que aliás nem sempre irá obter. Mais que isso, vou abandoná-la; e não terei sucessor, ou não conheço essa

mulher. Ela irá resistir à necessidade de consolo, ao hábito do prazer, ao próprio desejo de vingança. Por fim, só para mim terá vivido; e seja sua trajetória mais ou menos longa, terei sido o único a abrir e fechar-lhe os portões. Uma vez alcançado esse triunfo, direi a meus rivais: “Vejam minha obra, e busquem, neste século, outro exemplo igual!”.

Vai perguntar-me de onde vem, hoje, esse excesso de confiança? É que de uma semana para cá partilho as confidências de minha dama; ela não me conta seus segredos, mas eu os surpreendo. Duas cartas suas à sra. de Rosemonde forneceram-me as informações necessárias, e só lerei as demais por curiosidade. Para alcançar o êxito, só preciso aproximar-me dela, e já tenho os meios para tanto. A qualquer momento devo colocá-los em prática.

Está curiosa, imagino?... Não, como punição por não acreditar em minha criatividade, não vou contar-lhe. De fato mereceria que eu retirasse minha confiança, ao menos nesse caso; com efeito, não fosse o doce prêmio que a vincula a meu êxito, nem tocaria mais no assunto. Como vê, estou aborrecido. Entretanto, na esperança de que você se corrija, atenho-me a essa punição ligeira; e, recobrando a indulgência, esqueço por um momento meus grandes planos para raciocinar com você acerca dos seus.

Com que então se encontra no campo, entediada como o sentimento e triste como a fidelidade! E pobre Belleruche! Não contente de fazer-lhe beber a água do olvido, ainda o tortura! Como está ele? Tem suportado as náuseas do amor? Queria muito que ele se apegasse ainda mais a você; tenho curiosidade de saber que remédio eficaz você lograria empregar. Compadeço-me, na verdade, por ter sido obrigada a recorrer a esse. Uma vez apenas, em minha vida, fiz amor por estratégia. Tinha decerto um forte motivo, uma vez que se tratava da condessa de...; e várias vezes, em seus braços, senti-me tentado a dizer-lhe: “Senhora, renuncio ao lugar que solicito, e permita-me abandonar aquele que ocupo”. Assim, de todas as mulheres que tive, é a única de quem sinto um real prazer em falar mal.

Quanto a seu motivo, julgo-o, para ser sincero, de um raro ridículo; e estava certa ao pensar que eu não adivinharia o sucessor. Como! É por Danceny que faz tamanho esforço! Ora, minha amiga, deixe-o adorar *sua virtuosa Cécile*, e não se envolva nessas brincadeiras de criança. Deixe que os colegiais se eduquem com as *criadas* ou se entreguem com as pensionistas a *joguinhas inocentes*. Como vai se encarregar de um novato que não saberá pegá-la nem largá-la, e com quem terá de fazer tudo? Digo-

lhe francamente que desaprovo essa escolha que, mesmo mantida em segredo, iria humilhá-la a meus olhos e a sua consciência.

Você diz que tem nutrido uma grande atração por ele; ora, está certamente enganada, e creio até ter encontrado o motivo de seu equívoco. Esse forte enjoo por Belleruche lhe veio num momento de carestia e, Paris não lhe oferecendo escolha, seus pensamentos, sempre tão vívidos, voltaram-se para o primeiro objeto que se apresentou. Considere, porém, que quando voltar poderá escolher entre mil possibilidades; e enfim, se teme a inação em que está arriscada a cair ao protelar, ofereço-me para animar suas horas ociosas.

Daqui até seu regresso, meus assuntos estarão concluídos, de uma maneira ou de outra. E decerto nem a menina Volanges, nem a própria presidenta estarão então me ocupando a ponto de eu não poder lhe dar toda a atenção que deseje. Quem sabe até já tenha devolvido a menina aos cuidados de seu discreto namorado. Sem concordar, por mais que você diga, que não seja este um prazer *cativante*, uma vez que pretendo que ela guarde de mim por toda a vida uma imagem superior àquela que tiver de todos os outros homens, adotei, com ela, um ritmo que não poderei sustentar por muito tempo sem prejudicar minha saúde; e desde já só me prendo a ela em nome da atenção que se deve aos assuntos de família...

Não me compreende? É que tenho aguardado um segundo período para confirmar minha expectativa,¹⁹ e certificar-me do pleno sucesso de meus planos. Sim, minha bela amiga, já tenho um primeiro indício de que o marido de minha colegial não estará arriscado a morrer sem deixar posteridade; e que o chefe da casa de Gercourt não passará, futuramente, de um caçula da casa de Valmont. Mas deixe-me concluir segundo minha fantasia essa aventura que só empreendi a um pedido seu. Reflita que, se tornar Danceny inconstante, estará tirando toda a graça dessa história. Considere, por fim, que, ao me oferecer para representá-lo junto de você, tenho, assim me parece, algum direito à preferência.

Tanto conto com isso que não temi contrariar suas intenções, contribuindo eu mesmo para aumentar a terna paixão do discreto enamorado pelo primeiro e digno objeto de sua escolha. Tendo então deparado ontem com sua pupila ocupada a escrever-lhe, e tendo-a primeiramente distraído dessa doce ocupação com outra ainda mais doce, pedi-lhe, depois, para ver sua carta; e, tendo-a achado fria e afetada, fiz-lhe ver que não era assim que iria consolar seu namorado, e convenci-a a

escrever outra ditada por mim; na qual, imitando o melhor que pude sua miúda tagarelice, tratei de alimentar o amor do rapaz com uma expectativa mais precisa. A criaturinha estava encantada, dizia, de se ver escrevendo tão bem; e que de ora em diante eu estaria incumbido da correspondência. O que não fiz por Danceny? Fui, a um só tempo, seu amigo, seu confidente, seu rival e sua amante! Neste exato momento, ainda lhe faço o favor de salvá-lo de seus laços perigosos. Sim, perigosos, sem dúvida: pois possuí-la e perdê-la equivale a pagar um instante de felicidade por uma eternidade de arrependimentos.

Adeus, bela amiga; tenha a coragem de despachar Belleruche o quanto antes. Deixe para lá Danceny, e prepare-se para redescobrir, e me retribuir, os deliciosos prazeres de nossa primeira relação.

P.S. — Cumprimento-a pelo julgamento próximo de seu processo. Ficarei muito contente se esse feliz acontecimento ocorrer durante meu reinado.

Do castelo de..., neste 19 de outubro de 17**.

CARTA 116
DO CAVALEIRO DANCENY A CÉCILE VOLANGES

A sra. de Merteuil partiu esta manhã para o campo; de modo que eis-me privado, minha graciosa Cécile, do único prazer que me restava em sua ausência, o de falar sobre você com essa que é sua e minha amiga. Faz algum tempo que ela permitiu que eu lhe atribuísse esse título; e concordei com tanto mais prontidão que me parecia, dessa forma, aproximar-me mais de você. Deus meu! Que amável é essa mulher! E que lisonjeiro encanto sabe conferir à amizade! Esse doce sentimento nela parece se embelezar e fortalecer com tudo aquilo que ela recusa ao amor. Se soubesse o quanto ela gosta de você, como lhe agrada ouvir-me falar a seu respeito!... É isso, sem dúvida, que nela tanto me atrai. Que alegria poder viver unicamente para vocês duas, passar constantemente das delícias do amor para as doçuras da amizade, a isso consagrar minha existência, ser, de certa maneira, o ponto de união de seu afeto recíproco; e sentir sempre que, cuidando da felicidade de uma, estarei zelando também pela da outra! Ame, ame muito, minha graciosa amiga, essa adorável mulher. À afeição

que tenho por ela, dê ainda mais valor partilhando-a. Depois que provei o encanto da amizade, desejo que você a experimente por sua vez. Tenho a impressão de só desfrutar pela metade os prazeres que não divido com você. Sim, minha Cécile, queria cercar seu coração com todos os mais doces sentimentos; que cada uma de suas emoções a levasse a experimentar uma sensação de felicidade; e ainda assim julgaria não estar retribuindo mais que uma parte da felicidade que devo a você.

Por que têm esses belos projetos de não passarem de quimera de minha imaginação, e que a realidade, pelo contrário, não me ofereça mais que dolorosas e imprecisas privações? Bem percebo que devo renunciar à esperança que você me dera de poder vê-la aí no campo. Resta-me, como único consolo, convencer-me de que de fato isso não lhe é possível. E isso você não diz, e não se aflige comigo! Já duas vezes minhas queixas sobre o assunto se quedaram sem resposta. Ah, Cécile, Cécile, acredito que você me ama com todas as faculdades de sua alma, mas sua alma não é ardente como a minha! Quem dera dependesse de mim derrubar os obstáculos! Quem dera tivesse de preservar meus interesses, e não os seus! Rapidamente saberia provar-lhe que nada é impossível para o amor.

Você também não me diz quando deverá terminar essa cruel ausência: aqui, pelo menos, eu talvez possa vê-la. Seus encantadores olhares reanimariam minha alma desalentada; sua tocante expressão me tranquilizaria o coração, que às vezes carece disso. Perdão, minha Cécile; esse temor não é uma suspeita. Acredito em seu amor, em sua constância. Ah! Seria demasiado infeliz se desconfiasse. Mas são tantos obstáculos! E sempre renovados! Estou triste, minha amiga, muito triste. A partida da sra. de Merteuil parece ter renovado em mim o sentimento de todas as minhas mágoas.

Adeus, minha Cécile; adeus, minha bem-amada. Lembre-se de que seu namorado se aflige, e somente você pode devolver-lhe a alegria.

Paris, neste 17 de outubro de 17**.

CARTA 117
DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY
(DITADA POR VALMONT)

Acredita mesmo, meu amado, que eu tenha de ser ralhada para ficar triste, quando sei que você se aflige? E duvida de que eu sofra tanto quanto você com todas as suas mágoas? Partilho até mesmo aquelas que voluntariamente lhe causo; além dessa de ver que você é injusto comigo. Ah, isso não está certo. Bem percebo o que o aborrece: nas duas últimas vezes em que pediu para vir até aqui, eu não lhe respondi. Mas acaso esse pedido era fácil de responder? Julga então que eu não sei que o que você quer é errado? No entanto, se já me é tão difícil recusar-lhe algo de longe, como seria se estivesse aqui? Depois, por ter querido consolá-lo por um momento, eu ficaria aflita por toda a minha vida.

Pois bem, não tenho nada a esconder-lhe; são essas minhas razões, julgue você mesmo. Eu talvez tivesse feito isso que você quer, não fosse o que lhe contei, que o tal sr. de Gercourt, causador de toda a nossa tristeza, não está para chegar tão cedo; e como, de algum tempo para cá, minha mãe tem me tratado com muito mais afeição; como, por minha vez, tenho-a acarinhado o quanto posso; quem sabe o que não poderei obter dela? E se pudéssemos ser felizes sem que eu tivesse nada a me censurar, não seria muito melhor? Pelo que muitas vezes ouvi dizer os próprios homens já não amam tanto suas mulheres quando elas os amaram demais antes de serem amadas. Esse receio é que me detém, mais do que todo o resto. Meu amado, acaso não está seguro quanto a meu coração, e não haverá sempre tempo para tudo?

Escute, prometo-lhe que, se não puder evitar a desgraça de me casar com o sr. de Gercourt, que já odeio tanto mesmo antes de conhecê-lo, nada mais irá me impedir de ser sua o quanto puder, e mesmo antes de tudo. Como só por você me interessa ser amada, e você estará vendo que, se faço algo errado, não é por culpa minha, o resto pouco irá me importar; desde que prometa amar-me sempre como me ama agora. Mas até lá, meu amado, deixe-me continuar assim; e não me peça mais algo que tenho bons motivos para não fazer e que, portanto, me incomoda ter de lhe negar.

Também gostaria que o sr. de Valmont não se empenhasse tanto em seu favor: isso só serve para me deixar ainda mais triste. Ah! Você tem nele um excelente amigo, posso assegurar-lhe! Ele faz tudo como você mesmo faria.²⁰ Mas, adeus, meu caro amigo: comecei a escrever-lhe já bem tarde, e nisso passei boa parte da noite. Vou deitar-me e recuperar o tempo perdido. Um beijo, mas não ralhe mais comigo.

Do castelo de..., neste 18 de outubro de 17**.

CARTA 118

DO CAVALEIRO DANCENY À MARQUESA DE MERTEUIL

A crer em meu almanaque, minha adorável amiga, não faz mais que dois dias que se ausentou; a crer em meu coração, porém, faz dois séculos. Ora, a senhora mesma me ensinou que é sempre no coração que se deve acreditar; já é hora, portanto, de regressar, e todos os seus assuntos devem estar mais do que concluídos. Como quer que me interesse por seu processo se, ganhando ou perdendo, pago igualmente o preço do tédio por sua ausência? Ah, que vontade eu tenho de vituperar! E como é triste, com um tão bom motivo para estar de mau humor, não ter o direito de demonstrá-lo!

Acaso não é, contudo, uma legítima infidelidade, uma negra traição, deixar seu amigo longe depois de o ter habituado a não passar sem sua presença? Por mais que consulte, inclusive, seus advogados, eles não acharão justificativa para esse mau procedimento; além disso, essa gente só sabe apresentar razões, e razões não bastam para responder aos sentimentos.

Quanto a mim, de tanto a senhora dizer que era a razão a ditar-lhe essa viagem, acabou me indispondo com ela. Não quero mais ouvi-la; nem mesmo quando me diz que devo esquecê-la. Essa razão, no entanto, é bem razoável; e isso não seria, aliás, tão difícil como pode supor. Bastaria eu perder o hábito de pensar sempre na senhora; e nada, aqui, posso assegurar-lhe, viria trazer-me sua lembrança.

Mesmo as mais formosas mulheres, aquelas que se diz serem as mais amáveis, tão longe ainda estão da marquesa que dela não dão mais que uma pálida ideia. Creio até que, com um olhar experiente, quanto mais se julga de início que lhe sejam parecidas, mais diferentes se percebe depois que são: por mais que façam, por mais que invistam tudo o que sabem, sempre lhes falta ser a senhora, e é positivamente nisso que está o encanto. Infelizmente, quando os dias andam tão longos, e estamos desocupados, sonhamos, construímos castelos no ar, criamos nossa quimera; a imaginação vai aos poucos se exaltando: queremos enfeitar nossa obra, reunimos tudo o que é capaz de agradar, alcançamos enfim a perfeição; e

então o retrato nos remete ao modelo, e muito me espanto ao ver que não fiz mais que pensar na senhora.

Agora mesmo, estou mais uma vez sendo vítima de um erro similar. Julga, talvez, que foi para me ocupar consigo que me pus a lhe escrever? Em absoluto: era para distrair-me de sua lembrança. Tinha mil coisas a dizer-lhe, de que a senhora não era o objeto e que, como sabe, interessam-me vivamente; e dessas coisas, no entanto, é que me deixei distrair. E desde quando o encanto da amizade nos distrai daquele do amor? Ah! Se me detivesse a pensar nisso, talvez encontrasse uma censura a me fazer! Mas psiu! Esqueçamos essa falha ligeira, por medo de nela recair; e que minha amiga, ela própria, a ignore.

Ora, por que não está aqui para responder-me, para reorientar-me quando me extravio, para me falar sobre minha Cécile, para aumentar, se possível for, a alegria que sinto em amá-la pela doce lembrança de que é sua amiga aquela que amo? Sim, confesso, o amor que ela me inspira se me tornou ainda mais precioso desde que a senhora se dispôs a acolher meu segredo. Gosto tanto de abrir-lhe meu coração, de ocupar o seu com meus sentimentos, de nele depositá-los sem reservas! Tenho a impressão de prezá-los mais ainda, na medida em que se digna acolhê-los. Além disso, olho para a senhora e penso comigo mesmo: nela está guardada minha inteira felicidade.

Nada de novo tenho a contar-lhe sobre minha situação. A última carta que dela recebi aumenta e reafirma minha expectativa, mas mais uma vez a adia. Seus motivos, contudo, são tão ternos e sinceros que não posso culpá-la nem queixar-me. Talvez não entenda muito bem o que estou a dizer; mas por que não está aqui? Embora se diga tudo a uma amiga, não se ousa escrever tudo. Os segredos do amor, em especial, são tão delicados, que não se pode deixá-los sair assim à toa. Por mais que às vezes os deixemos escapar, não podemos perdê-los de vista; de certa forma, temos de vê-los entrar em seu novo refúgio. Ah! Volte, minha adorável amiga: bem vê que é necessário seu regresso. Esqueça, enfim, os mil motivos que a detêm aí onde está, ou então me ensine a viver onde a senhora não está.

Tenho a honra de ser etc.

Paris, neste 19 de outubro de 17**.

CARTA 119
DA SRA. DE ROSEMONDE À PRESIDENTA DE TOURVEL

Embora ainda sinta muita dor, minha bela, tento eu mesma escrever-lhe a fim de poder falar sobre aquilo que lhe interessa. Meu sobrinho permanece em sua misantropia. Manda regularmente pedir notícias minhas todo dia; mas não veio uma vez sequer informar-se pessoalmente, embora eu o tenha mandado chamar; de modo que não o vejo mais do que se estivesse em Paris. Encontrei-o, porém, esta manhã, onde não o teria esperado. Em minha capela, onde desci pela primeira vez desde minha dolorosa indisposição. Soube hoje que, há quatro dias, tem ido ali regularmente para assistir à missa. Deus queira que continue assim!

Quando entrei, veio ter comigo e cumprimentou-me mui afetuosamente por meu melhor estado de saúde. Como a missa estivesse começando, abreviei a conversa, que eu tencionava retomar em seguida; mas ele desapareceu antes que pudesse alcançá-lo. Não vou lhe esconder que o achei um pouco mudado. Mas, minha bela, não deixe que preocupações demasiadas me levem a arrepender-me da confiança que tenho em sua razão; e, sobretudo, esteja certa de que eu ainda preferiria afligi-la do que enganá-la.

Caso meu sobrinho persista em sua frieza para comigo, assim que estiver melhor vou procurá-lo em seu quarto, para tentar desvendar a causa dessa singular mania que, acredito, se deve em parte a você. Conto-lhe assim que descobrir. Despeço-me, por já não conseguir mover os dedos. Além disso, se Adelaide soubesse que andei escrevendo, iria ralhar comigo durante todo o serão. Adeus, minha bela.

Do castelo de..., neste 20 de outubro de 17**.

CARTA 120
DO VISCONDE DE VALMONT AO PADRE ANSELME
(BERNARDO DO CONVENTO DA RUE SAINT-HONORÉ)

Não tenho a honra de ser conhecido pelo senhor, mas sei da inteira confiança que lhe tem a senhora presidenta de Tourvel, e sei além disso o quanto essa confiança é dignamente colocada. Creio, portanto, poder sem

indiscrção dirigir-me ao senhor com vistas a obter um serviço de fato essencial, verdadeiramente digno de seu santo ministério, e no qual o interesse da sra. de Tourvel se encontra unido ao meu.

Tenho em mãos documentos importantes que lhe dizem respeito, que não podem ser confiados a ninguém, e que não devo nem quero entregar senão em mãos próprias. Não disponho de meios de informá-la, uma vez que motivos, que o senhor talvez conheça por ela, mas que não me julgo no direito de dizer-lhe, levaram-na a tomar a decisão de recusar qualquer correspondência comigo: decisão essa que hoje reconheço de bom grado não poder censurar, visto que ela não podia prever acontecimentos que eu mesmo estava longe de esperar, e que só se fizeram possíveis graças ao poder mais do que humano que somos obrigados a reconhecer neles.

Rogo-lhe então, senhor, que se digne informá-la sobre minhas novas resoluções, e pedir-lhe, em meu nome, uma entrevista em particular na qual eu possa, ao menos em parte, reparar minhas faltas com minhas desculpas; e, como último sacrifício, abolir diante de seus olhos os únicos vestígios existentes de um erro ou falha de que me fiz culpado em relação a ela.

Somente após essa expiação preliminar é que ousarei depositar a seus pés, senhor, a humilhante confissão de meus longos desvarios; e implorar sua mediação para uma reconciliação muito mais importante, e infelizmente mais difícil. Posso esperar que não me negará cuidados tão necessários e preciosos? E que se dignará amparar minha fraqueza e guiar meus passos por um caminho novo, que desejo ardentemente trilhar mas que, enrubesço ao confessá-lo, ainda desconheço?

Aguardo sua resposta com a impaciência do arrependimento que deseja a reparação, e peço-lhe que veja em mim, repleto de gratidão e veneração,
Seu mui humilde etc.

P.S. — Autorizo-o, caso julgue conveniente, a comunicar a íntegra desta carta à sra. de Tourvel, a quem me considero no dever de respeitar por toda a minha vida, e em quem jamais deixarei de honrar aquela de que se serviu a Providência para reconduzir minha alma à virtude por meio da tocante visão da sua.

Do castelo de..., neste 22 de outubro de 17**.

CARTA 121
DA MARQUESA DE MERTEUIL AO CAVALEIRO DANCENY

Recebi sua carta, meu tão jovem amigo; antes de agradecer-lhe, porém, devo repreendê-lo, e previno-o de que, se não se corrigir, não obterá mais nenhuma resposta minha. Desista, se quiser meu conselho, desse tom de adulação, que não passa de jargão quando não é expressão do amor. Acaso é esse o estilo da amizade? Não, meu amigo: cada sentimento tem a linguagem que lhe convém, e recorrer a outra diferente não é mais que mascarar o pensamento que expressamos. Bem sei que nossas mulherzinhas não entendem nada do que se lhes diz, se não for, de certa forma, traduzido nesse jargão convencional; mas julgava, confesso, merecer que o senhor me distinguisse delas. Estou mesmo aborrecida, talvez até mais do que deveria, por ter me julgado tão mal.

Encontrará em minha carta, portanto, somente aquilo que falta na sua: franqueza e simplicidade. Vou dizer-lhe, por exemplo, que seria um prazer revê-lo, e que muito me contraria estar cercada por pessoas que me entediam, em vez de pessoas que me agradam; ora, o senhor traduz assim essa mesma frase: *ensine-me a viver onde a senhora não está*; de modo que, imagino, quando estiver com sua amada, não saberá viver sem que eu esteja presente. Lamentável! E essas mulheres, *às quais sempre falta serem eu*: parece achar que o mesmo falta a sua Cécile! Eis, no entanto, para onde conduz um tipo de linguagem que, pelo abuso que dela se faz hoje em dia, ainda situa-se abaixo do jargão dos elogios, e já não passa de mero protocolo no qual não se acredita mais do que no “mui humilde criado”!

Meu amigo, quando me escrever, que seja para dizer-me sua maneira de pensar e de sentir, e não para enviar-me frases que posso encontrar, sozinha, em qualquer romance da moda. Espero que não se aborreça com isso que lhe digo, mesmo que veja aí certo mau humor; pois não nego estar sentindo algum. Mas, para evitar até a sombra do defeito que lhe censuro, não direi que esse mau humor talvez seja algo acrescido pela distância entre nós. Parece-me que, afinal de contas, você vale mais que um processo e dois advogados, e talvez mais, inclusive, que o *atencioso* Belleruche.

Percebe então que, em vez de lamentar-se por minha ausência, deveria congratular-se, pois eu nunca havia lhe feito um tão belo elogio. Acho que estou sendo tomada pelo exemplo, e também quero adulá-lo. Mas não,

prefiro ater-me a minha franqueza; apenas ela, portanto, assegura-lhe minha terna amizade e o interesse que esta me inspira. É muito doce ter um jovem amigo, cujo coração está ocupado alhures. Não é esse o sistema de todas as mulheres, mas é o meu. Parece-me que nos entregamos com mais prazer a um sentimento do qual não há o que temer: assim foi que assumi, talvez um tanto cedo, o papel de sua confidente. Mas o senhor escolhe namoradas tão jovens que, pela primeira vez, fez-me perceber que começo a envelhecer! Faz muito bem em se preparar dessa forma para uma longa trajetória de fidelidade, e desejo-lhe de todo coração que ela seja recíproca.

Tem razão em render-se aos *motivos ternos e sinceros* que, segundo me diz, *adiam sua felicidade*. A longa defesa é o único mérito que resta àquelas que não resistem para sempre; e o que eu acharia imperdoável, em qualquer pessoa que não uma criança como a menina Volanges, seria não saber fugir de um perigo sobre o qual ela foi suficientemente alertada pela confissão que faz de seu amor. Vocês, homens, não têm ideia do que seja a virtude, e do quanto custa sacrificá-la! Mas, por pouco que uma mulher raciocine, saberá que, independentemente da falta que cometa, uma fraqueza é para ela a maior das desgraças; e não imagino que alguma possa cair nessa armadilha se puder refletir um momento.

Não vá combater essa ideia, pois é ela, principalmente, que me atrai no senhor. O senhor irá salvar-me dos perigos do amor; e embora tenha sabido, sozinha, deles defender-me até o momento, consinto em ser-lhe grata, e amá-lo mais e melhor por isso.

Com isso, meu caro cavaleiro, rogo a Deus que o tenha em sua santa e digna guarda.

Do castelo de..., neste 22 de outubro de 17**.

CARTA 122

DA SRA. DE ROSEMONDE À PRESIDENTA DE TOURVEL

Tinha a esperança, minha amável filha, de poder enfim acalmar suas preocupações; e vejo que, ao contrário, vou aumentá-las ainda. Acalme-se, porém; meu sobrinho não está em perigo: não se pode sequer dizer que esteja realmente enfermo. Mas é certo que se passa com ele algo extraordinário. Não entendo absolutamente nada; mas saí de seu quarto

com um sentimento de tristeza, talvez mesmo de susto, que me culpo por fazê-la partilhar, mas que não posso deixar de comentar com você. Eis o relato do que aconteceu: você pode estar segura de que ele é fiel, pois nem que eu vivesse mais oitenta anos poderia esquecer a impressão que me causou a triste cena.

Estive, então, esta manhã, nos aposentos de meu sobrinho; encontrei-o a escrever, rodeado de diversas pilhas de papéis que pareciam ser o objeto de sua ocupação. Esta o absorvia a tal ponto que eu já alcançara o meio do quarto sem que ele tivesse se virado para ver quem entrava. Bem reparei que, tão logo me avistou, ao levantar-se tratou de compor seu semblante, e talvez isso justamente tenha me feito prestar mais atenção. Ele, na verdade, não estava arrumado nem empoado;²¹ mas achei-o pálido e abatido, e, sobretudo, com o semblante transtornado. Seu olhar, antes tão vivo e alegre, estava triste e desanimado; enfim, cá entre nós, prefiro que não o tenha visto assim: pois tinha um ar comovente, e próprio, quer parecer-me, a inspirar essa terna piedade que é uma das mais perigosas armadilhas do amor.

Embora impressionada com o que observava, encetei a conversa como se nada tivesse percebido. Falei-lhe, primeiro, sobre sua saúde e ele, sem afirmar que estivesse boa, tampouco deu a entender que estivesse má. Queixei-me então de seu retraimento, que tinha certo ar de mania, procurando mesclar um tom de brincadeira a minha pequena reprimenda; mas ele apenas respondeu, compenetrado: “É mais uma falha minha, reconheço, mas que será reparada com todas as outras”. Seu jeito, mais ainda que suas palavras, perturbou um pouco minha jovialidade, e apressei-me em dizer que estava dando demasiada importância à simples crítica de uma amiga.

Pusemo-nos então a conversar tranquilamente. Disse-me ele, pouco depois, que possivelmente um assunto, *o mais importante assunto de sua vida*, em breve o chamasse de volta a Paris. Como, porém, minha bela, eu temesse adivinhar qual fosse, e que esse preâmbulo conduzisse a uma confiança que eu não desejava, não fiz nenhuma pergunta, contentando-me em responder que mais distrações seriam benéficas para sua saúde. Acrescentei que, dessa vez, não iria insistir, por gostar de meus amigos tal como são; foi a essa frase tão simples que ele apertou minhas mãos e falando com uma veemência que não sei expressar: “Sim, minha tia”, disse ele, “ame, ame muito um sobrinho que a respeita e lhe quer bem; e, como

disse, ame-o tal como ele é. Não se aflija com sua felicidade, e não perturbe, com qualquer tipo de pesar, a eterna tranquilidade que ele espera desfrutar em breve. Repita que me ama, que me perdoa; sim, há de perdoar-me, pois conheço sua bondade: mas como esperar a mesma indulgência por parte daqueles a quem tanto ofendi?”. Ele então inclinou-se para mim, a fim de ocultar, creio, sinais de sofrimento que, ainda assim, o som de sua voz denunciava.

Mais comovida do que saberia dizer-lhe, levantei-me precipitadamente; e ele decerto notou meu pavor, pois logo continuou, recompondo-se: “Perdão, senhora, perdão; sinto que estou, sem querer, a divagar. Peço-lhe que esqueça minhas palavras, lembrando-se apenas de meu profundo respeito. Não deixarei”, acrescentou, “de ir prestar-lhe meus cumprimentos antes de partir”. Pareceu-me que essa última frase convidava-me a encerrar minha visita e, com efeito, retirei-me.

Quanto mais reflito a respeito, porém, menos percebo o que ele quis dizer. Que assunto será esse, *o mais importante de sua vida*? Por que motivo pede meu perdão? De onde vinha sua involuntária emoção ao falar-me? Já me fiz tais perguntas mil vezes, sem lograr respondê-las. Tampouco vejo nisso algo que lhe diga respeito. No entanto, sendo os olhos do amor mais clarividentes que os da amizade, não quis deixá-la na ignorância de nada do que se passou entre mim e meu sobrinho.

Tive de me interromper quatro vezes ao escrever esta extensa carta, que seria ainda mais extensa não fosse o cansaço que sinto. Adeus, minha bela.

Do castelo de..., neste 25 de outubro de 17**.

CARTA 123

DO PADRE ANSELME AO VISCONDE DE VALMONT

Recebi, senhor visconde, a carta com que me honrou; e ontem ainda dirigi-me, segundo seu desejo, à casa da pessoa em questão. Expus-lhe o objeto e os motivos da diligência de que me incumbiu junto dela. Embora a encontrasse, de início, determinada a manter a sábia decisão que havia tomado, no que lhe demonstrei que talvez pudesse, com sua recusa, erguer um obstáculo a seu bem-vindo arrependimento, e opor-se assim, de certa maneira, aos misericordiosos desígnios da Providência, consentiu em

receber sua visita, sob a condição, contudo, de que seja a última, e me encarregou de anunciar-lhe que estará em casa na próxima quinta-feira, dia 28. Caso essa data não lhe convenha, queira informá-la e sugerir alguma outra. Sua carta será recebida.

Entretanto, senhor visconde, permita-me convidá-lo a não postergar se não tiver fortes motivos para tanto, de modo a poder entregar-se o quanto antes, e com mais inteireza, aos louváveis propósitos que me declarou. Lembre-se de que quem tarda a aproveitar o momento da graça se expõe a que esta lhe seja tirada; que embora seja infinita a bondade divina, ela é, no entanto, pautada pela justiça; e que pode vir um momento em que o Deus de misericórdia se transforme em Deus de vingança.

Caso continue a honrar-me com sua confiança, acredite poder contar, desde já, com toda a minha dedicação: por muitas que sejam minhas tarefas, minha mais importante ocupação sempre há de ser cumprir com os deveres do Santo Ministério a que particularmente me dediquei; e o mais belo momento de minha vida, aquele em que verei meus esforços prosperarem pela bênção do Todo-Poderoso. Fracos pecadores que somos, nada podemos por nós mesmos! Mas o Deus que o chama de volta a si tudo pode; e a sua bondade iremos dever, o senhor, o constante desejo de unir-se a ele, e eu, os meios para conduzi-lo. Com o auxílio Dele é que espero convencê-lo muito em breve de que somente a santa religião pode oferecer, neste mundo, a felicidade sólida e duradoura que em vão buscamos em meio à cegueira das paixões humanas.

Tenho a honra de ser, com respeitosa consideração etc.

Paris, neste 25 de outubro de 17**.

CARTA 124

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Em meio ao espanto em que me deixou, senhora, a notícia que recebi ontem, não esqueço a satisfação que esta deverá lhe causar, e me apresso em comunicá-la. O sr. de Valmont não tem mais se ocupado de mim ou de seu amor; e já não quer senão reparar, mediante uma vida mais edificante, as falhas, ou melhor, os erros de sua mocidade. Fui informada desse grande acontecimento pelo padre Anselme, a quem ele solicitou que o

guiasse daqui para diante, e também que arranjasse uma entrevista comigo, cujo objetivo principal creio ser o de me devolver minhas cartas, que ele até então vinha guardando, a despeito do pedido em contrário que eu lhe fizera.

Não posso senão aplaudir, sem dúvida, essa bem-vinda mudança, e congratular-me se, como ele diz, para isso contribuí de alguma forma. Mas por que tinha de ser eu o instrumento, e que isso me custasse a paz de minha vida? A felicidade do sr. de Valmont não podia advir senão por meu infortúnio? Ah, minha indulgente amiga, perdoe esse lamento. Sei que não cabe a mim sondar os desígnios de Deus. Mas enquanto eu sem cessar lhe peço, sempre em vão, forças para superar meu amor infeliz, Ele as dispensa àquele que nada lhe pedia, e deixa-me, sem apoio, inteiramente entregue a minha fraqueza.

Abafemos, porém, esse culposo queixume. Acaso não sei que o filho pródigo, ao regressar, obteve mais graças do pai que o filho que nunca se ausentara? O que podemos cobrar daquele que nada nos deve? E, supondo que fosse possível termos qualquer direito em relação a Ele, que direitos seriam os meus? Posso gabar-me de uma sensatez que desde já devo tão somente a Valmont? Ele salvou-me, e eu ousaria queixar-me ao sofrer por ele? Não: meus sofrimentos me são caros, se são o preço da felicidade dele. Era preciso, sem dúvida, que ele por sua vez retornasse ao Pai comum. O Deus que o criou devia amar sua obra. Não haveria de ter modelado essa encantadora criatura para fazer dele um condenado. Cabe a mim carregar a dor de minha audaciosa imprudência; não deveria saber que, sendo proibido amá-lo, não podia permitir-me vê-lo?

Meu erro, ou minha desgraça, foi ter negado por tempo demais essa verdade. É testemunha, minha cara e digna amiga, de que me submeti a tal sacrifício tão logo percebi que era necessário. Mas, para que este fosse completo, faltava que o sr. de Valmont não o partilhasse. Ousarei confessar-lhe que essa ideia, no momento, mais me atormenta? Insuportável orgulho, que suaviza os males que sofremos com aqueles que causamos! Ah! Hei de vencer esse coração rebelde, acostumá-lo às humilhações.

Foi principalmente nesse sentido que afinal consenti em receber, na próxima quinta-feira, a penosa visita do sr. de Valmont. Ouvirei, então, dele próprio, que não sou mais nada para ele, que a frágil e passageira impressão que lhe causei está inteiramente apagada! Verei seus olhos

deterem-se em mim sem nenhuma emoção, ao passo que o receio de denunciar a minha fará com que eu abaixe os meus. Receberei de sua indiferença as mesmas cartas que por tanto tempo ele recusou a minhas reiteradas instâncias; irá devolvê-las como a objetos inúteis, que não mais o interessam; e minhas mãos trêmulas, ao receber o vergonhoso depósito, sentirão que este lhes é entregue por uma mão firme e serena! Eu o verei, enfim, afastar-se... afastar-se para sempre, e meus olhos, ao segui-lo, não verão os seus voltarem-se para mim!

A tanta humilhação estava eu destinada! Ah! Que eu ao menos saiba torná-la útil, deixando-me inculcar, através dela, o sentimento de minha fraqueza... Sim, hei de conservar preciosamente essas cartas que ele já não se interessa em guardar. Hei de obrigar-me à vergonha de relê-las diariamente, até que minhas lágrimas apaguem seus últimos vestígios; quanto às dele, vou queimá-las como se estivessem infectadas pelo perigoso veneno que corrompeu minha alma. Oh! O que é o amor então, se nos faz sentir falta dos próprios perigos a que nos expõe? Se, principalmente, devemos rezear ainda senti-lo, mesmo depois de já não o inspirar? Fugamos dessa paixão funesta que só nos permite escolher entre a desgraça e a vergonha, e até, não raro, reúne ambas; e que, pelo menos, a prudência tome o lugar da virtude.

Que distante ainda está esta quinta-feira! Quem dera pudesse consumir agora mesmo esse doloroso sacrifício, e então esquecer, a um só tempo, sua causa e seu objeto! Essa visita me incomoda; arrependo-me de havê-la prometido. Ora, por que precisa ele tornar a me ver? O que somos, a esta altura, um para o outro? Se ele me ofendeu, eu o perdoo. E até felicito-o por querer reparar seus erros; louvo-o por isso. Farei mais que isso, vou imitá-lo e, seduzida pelos mesmos erros, seu exemplo irá me orientar. Se sua intenção, porém, é fugir de mim, por que começa por procurar-me? O mais premente, para nós dois, não será esquecer um ao outro? Ah! Sem dúvida, e será este doravante meu único cuidado.

Se permitir, minha amável amiga, junto de si é que irei tratar dessa difícil tarefa. Se precisar de ajuda, quem sabe até de consolo, só da senhora poderei recebê-los. É a única que sabe me compreender e falar a meu coração. Sua preciosa amizade preencherá toda a minha existência. Nada me parecerá ser difícil para completar os cuidados que me dispensar. À senhora deverei minha felicidade, minha paz, minha virtude; e o fruto de suas atenções por mim será o de finalmente tornar-me digna delas.

Dispersei-me um bocado, parece-me, nesta carta; pelo menos é o que presumo pela perturbação que não deixei de sentir ao escrevê-la. Se contiver quaisquer sentimentos de que eu devesse enrubescer, cubra-os com sua indulgente amizade. A ela me entrego por inteiro. Da senhora não quero ocultar nenhuma de minhas emoções.

Adeus, minha respeitável amiga. Espero, dentro de poucos dias, anunciar-lhe minha chegada.

Paris, neste 25 de outubro de 17**.

Parte IV

CARTA 125

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Ei-la então vencida, a soberba mulher que ousou acreditar que poderia resistir-me! Sim, minha amiga, ela é minha, inteiramente minha; e, desde ontem, já não tem nada a conceder-me.

Estou ainda demasiado imbuído de minha alegria para poder apreciá-la, mas surpreende-me o desconhecido encanto que senti. Será então verdade que a virtude aumenta o valor de uma mulher, mesmo no momento de sua fraqueza? Deixemos, porém, essa ideia pueril para os contos da carochinha. Acaso não se encontra, quase sempre, uma resistência mais ou menos bem fingida quando da primeira vitória? E acaso não encontrei outras vezes esse encanto de que falo? Tampouco se trata, porém, do encanto do amor; pois enfim, se vivi às vezes, junto dessa mulher surpreendente, momentos de fraqueza que lembravam essa pusilânime paixão, sempre soube superá-los e voltar a meus princípios. Ainda que a cena de ontem me tivesse, como acredito, conduzido um pouco além do que eu esperava; ainda que eu tenha, por um instante, partilhado a perturbação e a embriaguez que eu despertava, tal ilusão passageira estaria agora dissipada; subsiste, contudo, o mesmo encanto. Sentiria inclusive, confesso, um doce prazer entregando-me a ele, não fosse ele me causar certa inquietação. Estaria eu, em minha idade, dominado, qual um colegial, por um sentimento desconhecido e involuntário? Não: preciso, antes de tudo, combatê-lo e analisá-lo.

Talvez já tenha, aliás, vislumbrado o motivo! A ideia, pelo menos, me agrada, e queria que fosse verdade.

Entre a multidão de mulheres junto das quais cumpri até o momento o papel e as funções de amante, nunca havia encontrado uma que não tivesse tanta vontade de render-se quanto eu tinha de induzi-la a tanto; até me habituara a chamar de virtuosas as que só percorriam meio caminho, em oposição a tantas outras cuja provocativa defesa só imperfeitamente disfarçava suas primeiras investidas.

Nesse caso, em vez disso, deparei com uma prevenção inicial desfavorável, fundamentada em seguida pelos conselhos e relatos de uma mulher ressentida mas perspicaz; com uma timidez natural e extrema, fortalecida por um pudor esclarecido; com um apego à virtude, orientada pela religião, que já somava dois anos de triunfo; com atitudes de impacto, enfim, inspiradas por essas diferentes razões, e que não tinham outro objetivo senão esquivar-se a minhas instâncias.

Não se trata, portanto, como em minhas demais aventuras, de uma simples capitulação mais ou menos vantajosa, de que é mais fácil aproveitar-se do que orgulhar-se; trata-se de uma completa vitória, obtida através de penosa campanha, e decidida por sábias manobras. Não é surpreendente, portanto, que esse êxito, devido exclusivamente a mim, seja-me mais precioso; e o prazer maior que senti em meu triunfo, e que ainda estou a sentir, não é mais que a doce impressão do sentimento de vitória. Aprecio esse modo de ver, que me evita a humilhação de pensar que eu possa ser, de alguma forma, dependente da própria escrava que sujeitei; que não venha de mim apenas a plenitude de minha felicidade; e que a capacidade de me fazer gozá-la em toda a sua energia possa estar reservada a tal ou tal mulher, em exclusão a todas as outras.

Tais sensatas ponderações irão nortear minha conduta nessa importante ocasião; e pode estar certa de que não me deixarei acorrentar a ponto de não ser capaz de romper esses novos laços, facilmente e a meu bel-prazer. Mas cá estou já lhe falando em ruptura; enquanto você ainda ignora por que meios obtive o direito a ela; leia, portanto, e veja a que se expõe a sensatez quando tenta socorrer a loucura. Analisei tão atentamente minhas palavras e as respostas que obtinha que espero relatar-lhe umas e outras com uma precisão que será de seu agrado.

Verá, pela cópia das cartas anexas,^{aq} que mediador escolhi para reaproximar-me de minha bela, e com que zelo a santa personagem empenhou-se em reunir-nos. O que devo contar-lhe, além disso, e que eu soube por uma carta, interceptada como de hábito, é que o receio e a pequena humilhação de ser abandonada haviam um tanto abalado a prudência da austera devota; e enchido seu coração e sua cabeça com sentimentos e ideias que, destituídos de bom senso, nem por isso careciam de interesse. Após essas preliminares, que é necessário conhecer, ontem, quinta-feira 28, data fixada e indicada pela ingrata, apresentei-me em sua casa como um tímido e arrependido escravo, para de lá sair coroados

vencedor.

Eram seis da tarde quando cheguei à casa da bela reclusa — pois desde seu regresso manteve suas portas fechadas a todos. Tentou levantar-se quando me anunciaram, mas seus joelhos, trêmulos, não permitiram que permanecesse nessa posição; tornou imediatamente a sentar-se. O criado que me introduzira tendo algum serviço a efetuar no aposento pareceu impacientá-la. Preenchemos esse intervalo com os cumprimentos de praxe. Mas, para não desperdiçar um tempo de que cada momento era precioso, examinei cuidadosamente o local; e, desde logo, defini o palco de minha vitória. Poderia ter escolhido outro mais cômodo, uma vez que havia, na mesma sala, uma otomana. Mas reparei que, em frente a esta, estava um retrato do marido e, confesso, tive medo de que, numa mulher tão singular, um mero olhar lançado ao acaso nessa direção destruísse num instante a obra de tantos cuidados. Ficamos por fim a sós, e entrei no assunto.

Depois de expor, em poucas palavras, que o padre Anselme devia havê-la informado dos motivos de minha visita, queixei-me do rigoroso tratamento que recebera, insistindo especialmente no *desprezo* que ela me havia demonstrado. Ela se defendeu, como eu esperava; e, como você também esperava, dei como prova a desconfiança e o pavor que eu lhe havia inspirado; a escandalosa fuga que se seguira, a recusa em responder minhas cartas, ou mesmo recebê-las etc. etc. Como ela começasse a desfiar justificativas demasiado fáceis, julguei dever interrompê-la e, para que perdoasse a brusquidão, cobri-a em seguida com adulações. “Se tantos encantos”, prossegui então, “causaram em meu coração tão profunda impressão, tantas virtudes não causaram impressão menor em minha alma. Seduzido, decerto, pelo desejo de aproximar-me, ousei julgar-me digno de fazê-lo. Não a censuro por não ter julgado de outro modo, mas puno a mim mesmo por meu erro.” Como ela guardasse o silêncio do constrangimento, continuei: “Desejei, senhora, quer justificar-me a seus olhos, quer obter o perdão pelos erros que me atribui; a fim de ao menos terminar, com alguma serenidade, uma vida à qual já não dou valor desde que se recusa a embelezá-la”.

Nesse ponto, ela até procurou responder. “Meu dever não me permitia...” E a dificuldade em concluir a mentira exigida pelo dever não permitiu que concluísse a frase. Retomei então, em tom muito terno: “Então é mesmo verdade que era de mim que fugia?” “Essa partida era

necessária.” “E afastar-se de mim também?” “É preciso.” “Para sempre?” “Devo fazê-lo.” Nem preciso dizer que, durante esse breve diálogo, a voz da doce virtuosa estava sufocada, e seus olhos não se alçavam para mim.

Julguei ter de animar um pouco aquela cena langorosa; assim, levantando-me com ar despeitado: “Sua firmeza”, disse então, “devolve-me a minha. Pois bem, sim, senhora, ficaremos afastados; mais afastados até do que imagina; e poderá congratular-se com sua obra”. Um tanto surpresa por aquele tom de censura, ela tentou responder. “A decisão que tomou...”, disse ela. “É apenas efeito de meu desespero”, retruquei exaltado. “A senhora quis que eu fosse infeliz; vou provar-lhe que o consegui além do que desejava.” “Desejo sua felicidade”, respondeu. E sua voz começava a denunciar uma emoção bastante forte. Assim, jogando-me a seus pés, e com o tom dramático que você conhece: “Ah! Cruel”, exclamei, “pode haver para mim felicidade que a senhora não partilhe? Onde encontrar a minha longe da senhora? Ah! Jamais, jamais!”. Confesso que, ao me expor a esse ponto, contara um bocado com o efeito das lágrimas: porém, quer por má disposição, quer talvez apenas por efeito da penosa e contínua atenção a tudo, foi-me impossível chorar.

Por sorte, lembrei-me de que, para subjugar uma mulher, todos os meios são igualmente bons, e que bastava surpreendê-la com um grande gesto para causar-lhe uma impressão profunda e favorável. Supri, portanto, com o terror, a sensibilidade que me faltava; e isso apenas mudando a inflexão de minha voz enquanto mantinha a mesma postura: “Sim”, continuei, “faço o juramento a seus pés: possuí-la ou morrer”. No que pronunciava essas últimas palavras, nossos olhares se encontraram. Não sei o que a tímida pessoa viu, ou julgou ver, nos meus, mas levantou-se com ar apavorado e escapuliu de meus braços que a envolviam. Verdade é que não fiz nada para retê-la: reparei diversas vezes que as cenas de desespero demasiado intensas caem no ridículo quando se estendem em demasia, ou só deixavam alternativas realmente trágicas que eu estava bem longe de desejar. Entretanto, enquanto ela se esquivava, acrescentei em tom baixo e sinistro, mas de forma que ela pudesse ouvir: “Pois que seja! Morrer!”.

Então levantei-me e, permanecendo um instante em silêncio, lancei-lhe como ao acaso olhares ferozes que, embora desvairados em aparência, não deixavam de ser perspicazes e observadores. A atitude incerta, a respiração ofegante, a contração de todos os músculos, os braços trêmulos e semierguidos bastavam para demonstrar que o efeito causado era aquele

que eu queria produzir. Uma vez que no amor, porém, nada termina senão bem de perto, e que estávamos então um pouco afastados um do outro, antes de mais nada era preciso aproximar-nos. Nesse intuito é que assumi o quanto antes uma tranquilidade aparente, própria para acalmar os efeitos daquele estado violento sem, no entanto, amainar a impressão causada.

Minha transição foi: “Sou muito infeliz. Quis viver para sua felicidade, e não fiz mais que perturbá-la. Sacrifico-me por sua tranquilidade, e mais uma vez a perturbo”. E então, com um ar composto mas compungido: “Perdoe-me, senhora; pouco afeito às tormentas da paixão, não sei conter seus impulsos. Se errei ao entregar-me a eles, saiba pelo menos que foi esta a última vez. Ah! Acalme-se, acalme-se, eu lhe suplico”. E durante esse longo discurso aproximava-me imperceptivelmente. “Se quer que eu me acalme”, respondeu a bela assustada, “esteja o senhor mesmo mais tranquilo.” “Pois bem, isso eu prometo”, disse eu. Acrescentei em voz mais fraca: “Se é grande o esforço, ao menos não deverá ser longo. Mas”, retomei em seguida com ar perdido, “vim aqui para devolver-lhe suas cartas, não é mesmo? Por favor, digne aceitá-las de volta. Resta-me fazer esse doloroso sacrifício; não deixe comigo nada que possa esmaecer minha coragem”. E, tirando do bolso a preciosa coletânea: “Aqui está”, disse, “o ilusório depositário de suas promessas de amizade! Ele prendia-me à vida, pegue-o de volta. Dê assim, a senhora mesma, o sinal que deve separar-me de si para sempre”.

Nesse ponto, a temerosa enamorada cedeu por completo a sua terna inquietação. “Mas, senhor de Valmont, o que é isso, o que está a dizer? Sua iniciativa não é voluntária? Não é fruto de suas próprias reflexões? E não foram elas que o levaram a aceitar, por sua vez, a decisão necessária que tomei por dever?” “Pois bem”, retruquei, “essa decisão determinou a minha.” “E qual seria?” “A única capaz, ao separar-me da senhora, de pôr um termo a meu sofrimento.” “Pois responda-me, que decisão é essa?” Nisso, estreitei-a nos braços sem que ela de modo algum se defendesse; e, imaginando, ante esse lapso de decoro, quão forte e poderosa era sua emoção: “Mulher adorável”, disse, arriscando o entusiasmo, “não faz ideia do amor que me inspira; jamais saberá a que ponto foi adorada, e o quanto esse sentimento me era mais precioso que minha própria existência! Oxalá sejam afortunados e serenos todos os seus dias; oxalá sejam enfeitados por toda a felicidade de que me privou! Retribua ao menos esse

desejo sincero com um lamento, uma lágrima; e acredite que meu derradeiro sacrifício não será o mais penoso para meu coração. Adeus”.

Enquanto falava assim, sentia seu coração palpitar violentamente; observava a alteração em seu semblante; via, sobretudo, as lágrimas sufocarem-na, embora só escorressem raras e custosas. Foi então que resolvi fingir que me afastava; e ela, retendo-me com força: “Não, escute-me”, disse vivamente. “Deixe-me”, respondi. “Quero que me escute.” “Preciso fugir, preciso.” “Não!”, exclamou ela... Nisso, jogou-se, ou melhor, caiu desmaiada em meus braços. Como eu ainda duvidasse de tão feliz desenlace, fingi um imenso pavor; enquanto me assustava, porém, conduzi-a, ou carreguei-a, ao local previamente definido como campo de minha vitória; e ela, com efeito, ao voltar a si já estava submissa e entregue a seu afortunado vencedor.

Até então, minha bela amiga, terá vislumbrado em mim, acredito, uma pureza no método que será de seu agrado; e verá que em nada me afastei dos verdadeiros princípios dessa guerra que, muitas vezes observamos, é tão parecida com a outra. Avalie-me, portanto, como avaliaria Turenne ou Frederico.¹ Obriguei ao combate o inimigo que não queria mais que temporizar; atribuí-me, mediante sábias manobras, a escolha do terreno e das disposições; soube inspirar segurança ao inimigo de modo a alcançá-lo mais facilmente em seu reduto; soube criar o terror antes de passar ao combate; nada deixei ao acaso, a não ser a constatação de uma grande vantagem em caso de êxito, e a certeza de recursos em caso de derrota; por fim, só desencadeei a ação depois de garantir uma retirada, por onde pudesse cobrir e conservar tudo o que já havia conquistado. Creio que fiz tudo que é possível fazer; agora, porém, receio ter amolecido qual Aníbal em meio às delícias de Cápua.² Eis o que se passou depois.

Eu esperava, decerto, que tão grande acontecimento não se desse sem as lágrimas e o desespero de praxe; e, se observei de início um maior embaraço e uma espécie de retraimento, atribuí um e outro à condição de virtuosa; assim, sem preocupar-me com essas ligeiras diferenças que julgava ser meramente pessoais, trilhei simplesmente a grande via das consolações; convencido de que, como sói acontecer, as sensações viriam em auxílio do sentimento, e que uma única ação faria mais que todos os discursos, os quais, porém, não negligenciei. Mas deparei com uma resistência realmente assustadora, menos por seu excesso do que pela forma como se manifestava.

Imagine uma mulher sentada, imóvel em sua rigidez e com um semblante imutável; parecendo não pensar, nem ouvir, nem entender; cujos olhos fixos deixam escapar lágrimas contínuas, escorrendo sem esforço. Assim estava a sra. de Tourvel enquanto eu discorria; mas se tentasse atrair sua atenção com uma carícia, ou mesmo com o gesto mais inocente, a essa aparente apatia imediatamente sucediam o terror, a sufocação, as convulsões, os soluços e alguns gritos espaçados, embora sem nenhuma palavra articulada.

Tais crises se repetiram várias vezes, cada vez mais fortes; a última foi tão violenta que desanimei por completo, chegando a temer, por um momento, ter obtido uma inútil vitória. Apelei para os lugares-comuns de praxe, entre os quais o seguinte: “Está assim desesperada porque fez minha felicidade?”. A essas palavras, a adorável mulher voltou-se para mim e seu semblante, embora ainda um pouco perturbado, já recobrou sua celeste expressão. “Sua felicidade!”, disse ela. Pode adivinhar minha resposta. “Então o senhor é feliz?” Redobrei minhas instâncias. “E feliz graças a mim!” Acrescentei os elogios e as ternas palavras. Enquanto eu falava, seus membros relaxaram; recaiu languidamente na poltrona e, abandonando-me a mão que eu me atrevera a segurar: “Sinto”, disse ela, “que essa ideia me consola e alivia”.

Pode imaginar que, assim trazido de volta para a trilha, não me afastei mais dela; era realmente o caminho certo, talvez mesmo o único. Assim, quando quis tentar um segundo êxito, deparei inicialmente com alguma resistência, e o ocorrido anteriormente tornou-me circunspecto. Tendo, porém, apelado para a mesma ideia de minha felicidade, logo percebi seus efeitos favoráveis: “Tem razão”, disse-me a doce criatura, “já não sei suportar minha existência, a menos que sirva para torná-lo feliz. A isso me dedico por inteiro: neste momento, entrego-me, e não terá, de minha parte, nem arrependimentos nem recusas”. Foi com essa candura, ingênua ou sublime, que ela me entregou sua pessoa e seus encantos, e aumentou minha alegria ao partilhá-la. A embriaguez foi completa e recíproca; e, pela primeira vez, a minha sobreviveu ao prazer. Só saí de seus braços para cair a seus pés, para jurar-lhe amor eterno; e, pois há que confessar tudo, era sincero no que dizia. Enfim, mesmo depois de nos termos separado, sua imagem não me largava, e tive de fazer um esforço para distrair-me.

Ah! Quem dera você estivesse aqui para, pelo menos, equilibrar a graça da ação com a da recompensa! Mas não perco por esperar, não é verdade?

E espero poder cogitar, como combinado, o feliz acordo que lhe propus em minha última carta. Como vê, estou cumprindo o prometido, e meus assuntos estarão suficientemente adiantados para que eu possa ceder-lhe parte de meu tempo. Trate, portanto, de despachar rapidamente seu pesado Belleruche, e deixe para lá o meloso Danceney, para cuidar apenas de mim. Afinal, o que tanto tem feito no campo que nem sequer me responde? Sabe que eu poderia ralhar com você? Mas a felicidade inclina à indulgência. Além disso, não esqueço que, ao reintegrar o número de seus pretendentes, devo novamente submeter-me a seus pequenos caprichos. Lembre, porém, que o novo amante nada quer perder de seus antigos direitos de amigo.

Adeus, como outrora... *Sim, adeus, meu anjo! Mando-lhe todos os beijos do amor.*

P.S. — Sabe que Prévan, findo seu mês na prisão, foi obrigado a deixar seu regimento? Essa é hoje a novidade de toda a Paris. Na verdade, ei-lo cruelmente punido por um erro que não cometeu, e sua vitória é absoluta!

Paris, neste 29 de outubro de 17**.

CARTA 126

DA SRA. DE ROSEMONDE À PRESIDENTA DE TOURVEL

Teria respondido antes, minha amável menina, se o esforço de minha última carta não me tivesse trazido de volta minha dor, o que novamente privou-me, todos esses dias, do uso de meu braço. Tinha pressa em agradecer-lhe as boas notícias que me deu de meu sobrinho, e igual pressa em felicitá-la sinceramente. É-se verdadeiramente obrigada a perceber aí um gesto da Providência que, ao tocar um dos dois, salvou igualmente o outro. Sim, minha bela, Deus, que queria apenas pô-la à prova, acudiu-a no momento em que se esgotavam suas forças e, apesar de seu pequeno lamento, creio que tem algumas graças a render-lhe. Não que eu não perceba muito bem que teria preferido que essa decisão tivesse vindo primeiro de você, e que a de Valmont não fosse mais que sua consequência; parece até, humanamente falando, que os direitos de nosso sexo teriam sido mais bem preservados, e não queremos perder nenhum

deles! Mas o que são essas ligeiras considerações diante dos importantes objetivos que foram alcançados? Já se viu alguém que se salva de um naufrágio reclamar por não ter podido escolher os meios?

Não vai demorar a perceber, minha cara menina, que o sofrimento que receia irá se atenuar por si mesmo; e ainda que subsistisse sempre e por inteiro, você ainda assim sentiria que era mais fácil de suportar que o remorso do pecado e o desprezo por si mesma. Em vão teria lhe falado antes com esta aparente severidade: o amor é um sentimento autônomo, que a prudência pode ajudar a evitar, mas não saberia vencer; e que, uma vez nascido, só morre de morte morrida ou de absoluta falta de esperança. Este último caso, que é o seu, é que me devolve a coragem e o direito de dar-lhe livremente minha opinião. É cruel assustar um enfermo desenganado, passível tão somente de consolos e paliativos. Mas é sensato esclarecer um convalescente sobre os perigos pelos quais passou, a fim de inspirar-lhe a prudência necessária e a submissão aos conselhos de que ainda poderá precisar.

Uma vez que escolheu a mim como sua médica, é nessa qualidade que lhe falo, e digo-lhe que as pequenas contrariedades que tem sentido, e que talvez requeiram alguns remédios, não são nada, porém, se comparadas com a assustadora doença cuja cura já está agora assegurada. Em seguida, na qualidade de amiga, amiga de uma mulher sensata e virtuosa, permito-me acrescentar que essa paixão que a subjugou, já malfadada em si, era-o mais ainda por causa de seu objeto. A crer no que me dizem, meu sobrinho, que confesso amar, quiçá com certa fraqueza, e que une, de fato, várias qualidades a vários encantos, não é, em relação às mulheres, isento de falhas e perigo, tão empenhado que é em seduzi-las como em perdê-las. Acredito que você poderia tê-lo convertido. Nunca ninguém foi mais digna disso; mas tantas outras julgaram consegui-lo, e viram frustrar-se suas esperanças, que prefiro não a ver reduzida a tal recurso.

Considere, minha bela, que em vez de tantos perigos que teria tido de enfrentar, terá agora, para além da paz de sua consciência e sua própria tranquilidade, a satisfação de ter sido a causa maior desse feliz retorno a Deus por parte de Valmont. Quanto a mim, não tenho dúvida de que seja esse, em boa parte, o fruto de sua corajosa resistência, e que um momento de fraqueza de sua parte talvez deixasse meu sobrinho num eterno desvario. Gosto de pensar assim, e desejo vê-la pensar do mesmo modo; talvez encontre nisso suas primeiras consolações, e eu, novos motivos para

amá-la mais ainda.

Aguardo-a aqui dentro de alguns dias, minha amável filha, conforme anunciou. Venha reencontrar a paz e a tranquilidade nesse mesmo lugar em que as perdeu; venha, mais que nada, alegrar-se com sua terna mãe por ter tão exitosamente cumprido a palavra que lhe tinha dado, e por nada ter feito que não fosse digno dela e de você!

Do castelo de..., neste 30 de outubro de 17**.

CARTA 127
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Se não respondi, visconde, a sua carta do dia 19, não foi por falta de tempo; foi simplesmente porque causou-me irritação e porque não encontrei nela nenhum bom senso. Julguei então que o melhor a fazer era deixá-la no esquecimento; mas já que volta ao assunto, já que parece apegado às ideias nela contidas, e que confunde meu silêncio com assentimento, mister é dizer-lhe claramente minha opinião.

Posso às vezes ter tido a pretensão de, sozinha, substituir um inteiro serralho;³ mas nunca convim em fazer parte de algum. Julguei que soubesse disso. Pelo menos agora, já não podendo ignorá-lo, perceberá facilmente o quanto sua proposta me soou ridícula. Quem, eu? Sacrificar uma atração, e além disso uma atração nova, para ocupar-me com você? E ocupar-me como? Esperando minha vez, qual escrava submissa, de receber os sublimes favores de *Vossa Alteza*. Quando quiser, por exemplo, distrair-se por um momento do *desconhecido encanto* que somente a *adorável*, a *celeste* sra. de Tourvel lhe fez experimentar, ou quando reçar comprometer, junto da cativante Cécile, a imagem superior que deseja que ela mantenha a seu respeito; então, descendo até mim, viria buscar prazeres, não tão intensos, é verdade, mas sem consequências; e suas preciosas atenções, embora um tanto raras, seriam suficientes para minha felicidade!

Você é, sem dúvida, rico em boas opiniões sobre si mesmo; mas eu, aparentemente, não sou rica em modéstia, já que, por mais que olhe para mim mesma, não consigo ver-me decaída a esse ponto. Talvez seja uma

fraqueza de minha parte, mas previno-o de que ainda tenho muitas mais.

Tenho, sobretudo, a fraqueza de acreditar que o *meloso*, o *colegial* Danceny, interessado apenas em mim, sacrificando-me, sem fazer-se valer, uma primeira paixão antes mesmo de satisfazê-la, e amando-me, enfim, como se ama nessa idade, poderia, no que pesem seus vinte anos, obrar com mais eficácia para minha felicidade e meus prazeres. Permito-me inclusive acrescentar que, caso me ocorresse a fantasia de dar-lhe um adjunto, este não seria você, ao menos neste momento.

E por que motivo, irá perguntar? Para começar, seria possível não haver nenhum, uma vez que o capricho que nos faz preferir pode, do mesmo modo, nos levar a excluir. Posso, no entanto, por gentileza, oferecer-lhe meus motivos. Quer parecer-me que você teria demasiado sacrifícios a fazer; e eu, em lugar da gratidão que você decerto esperaria de mim, seria capaz de achar que ainda me devia algum! Bem vê que, tão distanciados um do outro em nossa maneira de pensar, não haveria modo de nos aproximarmos; e receio que eu precise de tempo, muito tempo, para mudar meu sentimento. Prometo avisar-lhe quando isso acontecer. Até lá, vá por mim, tome outras disposições, e guarde seus beijos: tem tantas opções de melhor empregá-los!...

Adeus, como outrora, diz você? Ocorre que outrora, parece-me, você fazia mais caso de mim; não me reservava um papel secundário e, mais que nada, dignava-se a esperar por meu “sim” antes de contar com meu consentimento. Queira aceitar, portanto, que em vez de dizer-lhe igualmente “adeus como outrora”, eu lhe diga adeus como agora.

Sua criada, senhor visconde.

Do castelo de..., neste 31 de outubro de 17**.

CARTA 128

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Só ontem recebi, senhora, sua tardia resposta. Teria-me matado no ato, caso eu ainda possuísse uma existência: outro, porém, a possui, e esse outro é o sr. de Valmont. Como vê, não lhe escondo nada. Se com isso não mais me julgar digna de sua amizade, prefiro ainda perdê-la do que surpreendê-la. Só o que posso dizer-lhe é que, colocada pelo sr. de

Valmont entre sua morte e sua felicidade, optei pela segunda alternativa. Não me orgulho nem me condeno: apenas digo aquilo que é.

Pode por aí imaginar facilmente a impressão que me causou sua carta e as severas verdades que ela encerra. Não pense, porém, que tenha suscitado em mim qualquer arrependimento, nem que possa vir a fazer-me mudar de sentimento ou atitude. Não que eu não tenha momentos cruéis: mas, quando meu coração mais se dilacera, quando temo não conseguir mais suportar meu tormento, pondero: Valmont está feliz; e tudo se esvanece a essa ideia, ou melhor, ela transforma tudo em prazer.

De modo que a seu sobrinho é que me consagrei, por ele é que me perdi. Ele se tornou o único foco de meus pensamentos, atos e sentimentos. Enquanto minha vida for necessária à felicidade dele, ela me será preciosa e a julgarei afortunada. Se ele algum dia vir a julgar de outro modo... não ouvirá, de minha parte, nenhuma queixa ou censura. Já ousei encarar esse fatal momento, e minha decisão está tomada.

Percebe agora quão pouco me pode afetar seu aparente receio de que o sr. de Valmont cause algum dia minha perdição: pois antes disso ele terá deixado de me amar, e de que me importarão então vãs censuras que não ouvirei? Será ele meu único juiz. E, como só terei vivido para ele, nele é que descansará minha memória; e se ele, por força, reconhecer que eu o amava estarei suficientemente justificada.

Acaba, senhora, de ler em meu coração. Preferi a infelicidade de perder sua estima com minha franqueza a dela tornar-me indigna pelo aviltamento da mentira. Pensei dever essa inteira confiança a sua antiga bondade para comigo. Escrever uma palavra a mais poderia levá-la a supor que tenho a presunção de ainda contar com essa bondade, quando, pelo contrário, faço-me justiça deixando de a ela pretender.

Sou, com todo o respeito, senhora, sua mui humilde e obediente serva.

Paris, neste 1º de novembro de 17**.

CARTA 129

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Ora, diga-me, bela amiga, de onde surgiu esse tom de escárnio e azedume que impera em sua última carta? Qual é, pois, esse crime que cometi, sem

aparentemente perceber, e que tanta irritação lhe causa? Dei a impressão, ao que me censura, de contar com seu consentimento antes de havê-lo obtido. Julgava, porém, que o que para toda gente poderia parecer presunção sempre seria, entre mim e você, tido como confiança: e desde quando esse sentimento é nocivo ao amor ou à amizade? Juntando a esperança ao desejo, não fiz mais que ceder ao impulso natural que sempre nos faz situar-nos o mais perto possível da felicidade que buscamos; e você viu um sintoma de orgulho no que era sintoma de minha afoiteza. Estou ciente de que o decoro exige, nesses casos, uma respeitosa incerteza; mas sabe também que isso não passa de formalidade, de mero protocolo; e eu estava, quer parecer-me, autorizado a julgar que tais minúcias já não eram necessárias entre nós.

Creio até que essa atitude sincera e espontânea, quando fundada numa antiga relação, é preferível à insípida lisonja que tantas vezes sensaboriza o amor. É possível, aliás, que o valor que atribuo a essa maneira de ser se deva àquele que atribuo à felicidade que ele me recorda. Por isso mesmo, seria ainda mais penoso vê-la pensar de outro modo.

É este, no entanto, o único erro que reconheço: pois sequer me ocorre você ter seriamente pensado que pudesse existir para mim neste mundo alguma mulher preferível a você; e muito menos que eu possa tê-la julgado tão mal como finge acreditar. Diz você, a propósito, que olhou para si mesma e não se achou decaída a esse ponto. Acredito, e isso apenas prova que seu espelho é confiável. Mas não poderia ter concluído daí, com mais simplicidade e justiça, que eu decerto não fizera tal juízo a seu respeito?

Em vão procuro uma causa para essa estranha ideia. Todavia, parece-me que está mais ou menos ligada aos elogios que me permiti tecer sobre outras mulheres. Pelo menos é o que deduzo de sua afetação ao destacar os epítetos *adorável*, *celeste*, *cativante* que empreguei ao falar-lhe da sra. de Tourvel ou da menina Volanges. Não sabe então que essas palavras, no mais das vezes escolhidas antes por acaso que por reflexão, expressam menos a imagem que se tem dessa pessoa do que sua situação quando a mencionamos? E se, no preciso instante em que me achava tão intensamente tocado por uma ou outra, nem por isso a desejava menos, se dava-lhe clara preferência sobre ambas, já que afinal não podia reatar nossa primeira relação senão em prejuízo das outras duas, não vejo que haja aí grande motivo para censurar-me.

Tampouco será difícil justificar-me quanto ao *desconhecido encanto* que

também parece chocá-la um pouco, uma vez que ser ele desconhecido não implica que seja mais forte. Ora, quem seria capaz de superar os deliciosos prazeres que só você sabe tornar sempre novos, e sempre mais intensos? Apenas quis dizer, portanto, que esse era de um gênero que ainda não havia experimentado, mas sem a intenção de atribuir-lhe um grau de valor; e acrescentei, e hoje repito, que, como quer que seja, saberei combatê-lo e vencê-lo. Nisso hei de empenhar-me mais ainda se vislumbrar, nesse ligeiro esforço, uma homenagem a você.

Quanto à menina Cécile, creio ser inútil falar a respeito. Não terá esquecido de que atendendo a um pedido seu foi que me incumbi dessa menina, e espero apenas sua permissão para livrar-me dela. Posso ter comentado sobre sua ingenuidade e frescor; posso até, por um momento, tê-la julgado *cativante*, porque sempre nos comprazemos de algum modo com nossa obra. Mas ela decerto não tem a consistência necessária para prender minimamente a atenção.

Apelo agora, bela amiga, a sua justiça, a suas primeiras atenções para comigo; à longa e perfeita amizade, à inteira confiança que desde então estreitaram nossos laços: acaso mereço o tom rigoroso com que me tem tratado? Mas que fácil será para você compensar-me quando assim desejar! Diga uma palavra apenas, e verá se algum encanto ou envolvimento será capaz de me prender aqui, não digo nem por um dia, mas por um minuto. Irei voando jogar-me a seus pés e em seus braços, e provar-lhe, mil vezes e de mil maneiras, que você é, sempre será, a legítima soberana de meu coração.

Adeus, bela amiga; aguardo ansiosamente sua resposta.

Paris, neste 3 de novembro de 17**.

CARTA 130

DA SRA. DE ROSEMONDE À PRESIDENTA DE TOURVEL

E por que, minha bela, deixaria de ser minha filha? Por que parece anunciar que toda correspondência será rompida entre nós? Será para punir-me por não ter adivinhado o que era contrário a qualquer expectativa? Ou suspeita que eu a tenha propositalmente afligido? Não, conheço bem demais seu coração para crer que ele julgue assim o meu.

Assim, o pesar que sua carta me causou se refere muito menos a mim do que a você mesma!

Ó minha jovem amiga! É com tristeza que lhe digo: você é digna demais de ser amada para que o amor um dia a faça feliz. Pois que mulher verdadeiramente delicada e sensível não encontrou o infortúnio nesse mesmo sentimento que tanta felicidade lhe prometia? Sabem os homens apreciar a mulher que possuem?

Não que muitos deles não sejam sinceros em suas atitudes, e constantes em seu afeto; mesmo entre esses, porém, quantos são os que sabem pôr-se em uníssono com nosso coração! Não pense, minha cara menina, que o amor dos homens seja igual ao nosso. Eles sentem a mesma embriaguez; não raro são inclusive mais arrebatados: mas desconhecem o inquieto desvelo, a delicada solícitude que em nós produz cuidados ternos e contínuos, e cujo único alvo é sempre o objeto amado. O homem desfruta da felicidade que sente, e a mulher, da que proporciona. Tal diferença, tão essencial e tão pouco notada, influi sensivelmente no conjunto de seus comportamentos respectivos. O prazer de um está em satisfazer desejos, e o do outro, em despertá-los. Agradar é para eles somente uma forma de êxito, ao passo que para elas é o êxito em si. E o coquetismo, tão criticado nas mulheres, não é senão o abuso dessa maneira de sentir, que, por aí mesmo, prova o quanto ela é real. Enfim, essa atração exclusiva que caracteriza particularmente o amor, nos homens não passa de uma preferência servindo, quando muito, para aumentar um prazer que outro objeto talvez atenuasse, mas não destruiria; ao passo que nas mulheres é um sentimento profundo, que não só aniquila qualquer outro desejo, como, mais forte que a natureza, e alheio a seu controle, não lhes permite sentir mais que nojo e repugnância precisamente onde deveria nascer a volúpia.

E não vá pensar que exceções mais ou menos numerosas, que poderíamos citar, possam contrariar essas verdades de ordem geral! Essas são abalizadas pela opinião pública, que, para os homens apenas, distinguiu a infidelidade da inconstância: distinção de que eles se prevalecem, quando deveriam sentir-se humilhados; e, para nosso sexo, não foi adotada senão pelas mulheres depravadas que causam sua vergonha, e para as quais todos os meios são bons desde que as possam salvar do doloroso sentimento de sua própria baixaza.

Julguei, minha bela, que poderiam lhe ser úteis essas reflexões, para opô-

las às quiméricas ideias de uma felicidade perfeita com que o amor nunca deixa de nos confundir a imaginação: ilusória esperança a que nos apegamos, mesmo quando forçados a abandoná-la, e cuja perda acirra e multiplica as dores já tão reais, inseparáveis de uma intensa paixão! O papel de aliviar suas mágoas, ou de diminuir seu número, é o único que quero, que posso cumprir neste momento. Nos males sem remédio, resta aos conselhos se limitarem à dieta. Apenas peço-lhe que se lembre de que ter pena de um doente não significa criticá-lo. Pois quem somos nós para criticarmos uns aos outros? Deixemos o direito de julgar àquele, único, que lê em nossos corações; atrevo-me inclusive a acreditar que, a seus olhos paternais, uma porção de virtudes pode redimir uma fraqueza.

Mas, suplico-lhe, cara amiga, evite sobretudo essas resoluções extremas, que, mais do que força, denotam um absoluto desânimo: lembre-se de que, ao fazer de outra pessoa a dona de sua existência, para usar sua própria expressão, você nem por isso pode tirar de seus amigos a parte que eles já possuíam, e que nunca cessarão de reclamar.

Adeus, minha cara filha; lembre às vezes de sua terna mãe, e acredite que sempre será, e acima de tudo, o objeto de seus mais caros pensamentos.

Do castelo de..., neste 4 de novembro de 17**.

CARTA 131
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Ora vivas, visconde, estou desta vez mais satisfeita com você; mas conversemos, agora, como bons amigos, e espero convencê-lo de que, para você como para mim, o que parece desejar seria uma verdadeira loucura.

Acaso ainda não reparou que o prazer, de fato o único móbil do encontro entre os dois sexos, não basta, contudo, para criar uma relação entre eles? E que, embora precedido pelo desejo, que aproxima, também é seguido pelo fastio, que repele? É essa uma lei da natureza, que só o amor é capaz de mudar; e acaso tem-se amor quando se quer? Ele, no entanto, é sempre necessário; o que seria realmente embaraçoso se não tivéssemos percebido que, felizmente, basta que ele exista de um dos lados. A dificuldade, com isso, diminui pela metade, e sem que isso implique

grandes perdas; com efeito, um desfruta a felicidade de amar, e o outro, a de agradar, que é na verdade um pouco menos intensa, mas à qual vem juntar-se o prazer de enganar, reestabelecendo o equilíbrio; e assim tudo se ajeita.

Mas me diga, visconde, qual de nós dois se incumbirá de enganar o outro? Conhece a história dos dois larápios que, num jogo, reconheceram um ao outro: não vamos chegar a nada, ponderaram, paguemos a meio pelas cartas; e abandonaram a partida. Sigamos, vá por mim, esse prudente exemplo, e não percamos, juntos, um tempo que poderíamos empregar tão bem alhures.

Para provar que nesse ponto considero tanto seu interesse quanto o meu próprio, e que não estou sendo movida por irritação ou capricho, não lhe recuso o prêmio combinado entre nós: sinto perfeitamente que para uma só noite seremos mais que suficientes um para o outro; e não duvido inclusive que saibamos torná-la bela a ponto de vê-la findar com pesar. Mas não esqueçamos que esse pesar é necessário à felicidade; e por mais doce que seja nossa ilusão não vamos crer que possa ser duradoura.

Como vê, estou fazendo minha parte, e isso sem você estar em dia comigo: pois afinal era para eu ter recebido a primeira carta da celeste virtuosa e, quer por você ainda apegar-se a ela, quer por ter esquecido as condições de um acordo, que talvez lhe interesse menos do que quer dar a entender, ainda não recebi nada, absolutamente nada. No entanto, ou muito me engano ou a doce devota deve escrever bastante: o que mais faria quando está sozinha? Decerto não tem o bom senso de distrair-se. De modo que eu teria, se quisesse, algumas pequenas queixas a formular; mas silencio a respeito, como modo de compensar certa irritação que talvez tenha manifestado em minha última carta.

Agora, visconde, resta-me apenas fazer-lhe um pedido, que, mais uma vez, é tanto de seu interesse quanto do meu: peço-lhe para adiar um momento que eu talvez deseje tanto quanto você, mas que me parece dever ser retardado até meu regresso à Cidade.⁴ Por um lado, não teríamos aqui a liberdade necessária e, por outro, haveria algum risco para mim: pois um mínimo ciúme bastaria para prender mais ainda esse infeliz Belleruche, o qual, no entanto, já está por um fio. Anda fazendo inúteis esforços para me amar, a tal ponto que tenho agora colocado tanta malícia quanto prudência nas carícias com que o sobrecarrego. Ao mesmo tempo, bem vê que não seria este um sacrifício que eu lhe faria! Uma infidelidade

recíproca dará muito mais força ao encanto.

Sabe que às vezes lamento estarmos reduzidos a tais recursos? No tempo em que nos amávamos, pois acredito que era amor, eu era feliz; e você, visconde?... Mas por que pensar numa felicidade que não pode voltar? Não, por mais que você diga, é mesmo impossível. Para começar, eu exigiria sacrifícios que você decerto não poderia ou não quereria fazer, e que eu talvez não mereça; e depois, como prendê-lo? Ah, não, não quero sequer deter-me nessa ideia; e, apesar do prazer que sinto neste momento em escrever-lhe, ainda prefiro despedir-me bruscamente.

Adeus, visconde.

Do castelo de..., neste 6 de novembro de 17**.

CARTA 132

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Imbuída, senhora, de sua bondade para comigo, a ela me entregaria por inteiro se não me detivesse, de alguma forma, o medo de profaná-la ao aceitá-la. Por que, se a considero tão preciosa, tenho ao mesmo tempo de sentir que já não sou digna dela? Ah! Atrevo-me pelo menos a demonstrar-lhe minha gratidão; e a admirar, principalmente, essa indulgência da virtude que só conhece nossas fraquezas para partilhá-las, e cujo poderoso encanto mantém tão doce e forte domínio em nosso coração, mesmo junto do encanto do amor.

Posso, porém, merecer uma amizade que já não basta para minha felicidade? Digo o mesmo sobre seus conselhos: sinto seu valor mas não posso segui-los. E como não acreditar numa felicidade perfeita, se a estou vivenciando neste momento? Sim, se os homens são assim como diz, há que fugir deles, são detestáveis; mas que longe está Valmont de parecer-se com eles! Se possuí, como eles, essa violência na paixão que a senhora chama de arrebatamento, o quanto ela é nele superada por seu excesso de delicadeza! Ó minha amiga! Fala-me em partilhar minhas dores, pois alegre-se com minha felicidade; devo-a ao amor, e o quanto seu objeto ainda lhe aumenta o valor! Diz que ama seu sobrinho, talvez com fraqueza? Ah, se o conhecesse como eu conheço! Amo-o com idolatria, e ainda bem menos do que ele merece. Pode, sem dúvida, ter sido induzido a

alguns erros, como ele próprio reconhece; mas quem jamais conheceu, como ele, o verdadeiro amor? Que mais posso dizer-lhe? Ele sente o amor tal como o inspira.

Irá julgar que se trata aqui de *uma dessas ideias quiméricas com que o amor nunca deixa de iludir nossa imaginação*. Mas, nesse caso, por que teria ele se tornado mais terno, mais atencioso, desde que não tem mais nada a obter? Confesso que antes via nele um ar de reflexão, de reserva, que raramente o abandonava, e que muitas vezes sem querer me confirmava as falsas e cruéis impressões que me haviam passado sobre ele. Mas, desde que pode se entregar sem peias aos impulsos de seu coração, parece adivinhar todos os desejos do meu. Quem sabe se não nascemos um para o outro! Se essa felicidade de ser necessária à dele não me estava reservada! Ah! Se for essa uma ilusão, que eu morra antes que ela acabe.⁵ Mas não: quero viver para bem querê-lo, para adorá-lo. Por que deixaria ele de me amar? Que outra mulher o faria mais feliz que eu? E, vejo por mim mesma, a felicidade que fazemos nascer é o laço mais forte, o único que verdadeiramente prende. Sim, esse sentimento delicioso é que enobrece o amor, purifica-o de certa forma e torna-o realmente digno de uma alma terna e generosa como a de Valmont.

Adeus, minha cara, respeitável, indulgente amiga. Em vão quis escrever-lhe por mais tempo: está na hora em que ele prometeu vir, e qualquer outra ideia me foge. Perdoe-me! Mas a senhora deseja minha felicidade, e esta é tão grande atualmente que mal dou conta de senti-la.

Paris, neste 7 de novembro de 17**.

CARTA 133

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Que sacrifícios serão esses, minha bela amiga, que julga você eu não faria, e cuja recompensa seria o ser-lhe agradável? Diga-me apenas quais são, e, se eu hesitar em oferecê-los, autorizo-a a recusá-los. Ora, que juízo tem feito de mim nos últimos tempos se, mesmo em sua indulgência, duvida de meus sentimentos ou de minha energia? Sacrifícios que eu não quereria ou não poderia fazer! Acredita então que eu esteja apaixonado, subjugado? E suspeita que tenho ligado à pessoa o valor que dei à vitória? Ah, graças a

Deus, ainda não estou reduzido a tanto, e me disponho a prová-lo. Sim, irei prová-lo, mesmo que tenha de ser em relação à sra. de Tourvel. Depois disso, seguramente não lhe restará mais dúvida alguma.

Pude, creio, sem comprometer-me, dedicar algum tempo a uma mulher que possui pelo menos o mérito de ser de um gênero que raramente se encontra. Talvez o fato de estarmos na baixa estação⁶ também tenha contribuído para meu maior envolvimento nessa aventura; e mesmo agora, quando mal recomeça o movimento, não é de surpreender que ela me ocupe quase por inteiro. Considere, porém, que faz apenas uma semana que venho colhendo o fruto de três meses de esforço. Tantas vezes me detive mais tempo em outros que valiam muito menos e não me haviam custado tanto!... Sem que você jamais concluísse nada de ruim a meu respeito.

Além disso, quer saber o verdadeiro motivo do zelo que tenho investido nesse caso? Ei-lo. Essa mulher é naturalmente tímida; nos primeiros tempos, duvidava constantemente da própria felicidade, e tal dúvida bastava para perturbá-la. De modo que mal tenho começado a observar até onde vai meu poder nesse sentido. E era algo que eu tinha mesmo curiosidade de saber, e ocasiões nesse sentido não são tão fáceis de encontrar como se pensa.

Primeiramente, para muitas mulheres o prazer é sempre prazer, e apenas isso; e com elas, qualquer que possa ser o título com que nos enfeitem, nunca passamos de simples carteiros, meros comissários, cujo mérito define-se tão somente pelo desempenho, e entre os quais aquele que faz mais é sempre quem faz melhor.

Em outra categoria, talvez a mais numerosa hoje em dia, a celebridade do amante, o prazer de o terem roubado de uma rival, o medo de que lhes seja tirado por sua vez ocupam quase inteiramente as mulheres: até temos, mais ou menos, alguma participação na espécie de felicidade de que elas desfrutam; mas isso se deve mais às circunstâncias do que à pessoa. A felicidade lhes chega através de nós, e não por nós.

Precisava encontrar, portanto, para minha observação, uma mulher delicada e sensível, cujo único interesse fosse o amor e, no amor em si, só enxergasse seu amante; cuja emoção, longe de trilhar os caminhos comuns, sempre partisse do coração para então chegar aos sentidos; uma mulher que vi, por exemplo (e não estou a falar no primeiro dia), emergir do prazer em lágrimas e, no instante seguinte, reencontrar a volúpia a uma

palavra que respondia a sua alma. Enfim, tinha ela também de possuir essa candura natural, tornada insuperável pelo hábito de entregar-se a ela, e que não lhe permite ocultar nenhum sentimento. Ora, você há de convir que tais mulheres são raras, e é lícito supor que, não fosse essa, talvez nunca tivesse encontrado alguma.

Não há nada de surpreendente, portanto, no fato de ela me prender mais tempo que as outras; e se o que pretendo realizar com ela exige que eu a torne feliz, perfeitamente feliz, por que iria furtar-me a isso, mesmo porque me é útil, em vez de contrariar-me? E de o espírito estar ocupado decorre que o coração seja escravo? Decerto que não. Assim, o valor que não me proíbo dar a essa aventura não irá me impedir de procurar outras, ou mesmo de sacrificá-la por alguma mais agradável.

Tão livre estou que nem sequer tenho negligenciado a menina Volanges, a qual, no entanto, tão pouco me interessa. Sua mãe deve trazê-la de volta à Cidade dentro de três dias; e eu, desde ontem, soube garantir minhas comunicações: algum dinheiro ao porteiro e florzinhas a sua mulher resolveram a questão. Dá para entender Danceny não ter descoberto esse recurso tão simples? E ainda dizem que o amor nos torna engenhosos! Imbeciliza, pelo contrário, aqueles a quem domina. E eu não saberia defender-me? Ora, fique tranquila. Já dentro de alguns dias vou atenuar, dividindo-a, a impressão, quiçá demasiado intensa, que senti; e, se uma simples divisão não for suficiente, posso multiplicá-la.

Nem por isso deixarei de estar pronto a entregar a jovem colegial a seu discreto namorado, tão logo você o julgue oportuno. Parece-me já não ter nenhum motivo para impedi-lo; quanto a mim, consinto em prestar esse insigne favor ao pobre Danceny. É, na verdade, o mínimo que lhe devo pelos tantos que ele me prestou. Ele está no momento preocupadíssimo em saber se será recebido em casa da sra. de Volanges; tenho-o acalmado o quanto posso, assegurando-lhe que, de uma forma ou de outra, hei de dar-lhe essa alegria na primeira oportunidade. Enquanto isso, continuo incumbindo-me da correspondência, que ele quer retomar quando chegar *sua Cécile*. Já tenho seis cartas dele, e deverei ter mais uma ou duas até o ditoso dia. É de crer que esse rapaz não tenha muito mais a fazer!

Deixemos, porém, de lado esse casal infantil, e voltemos a nós; que eu possa tratar unicamente da doce esperança que sua carta me trouxe. Sim, decerto que irá prender-me, e não a perdoaria por duvidar disso. Acaso alguma vez deixei de lhe ser constante? Os laços entre nós se desataram,

não se romperam; nossa pretensa ruptura não passou de um erro de nossa imaginação: nossos sentimentos, nossos interesses, permaneceram unidos. Qual viajante a retornar desiludido, reconheço que abri mão da felicidade para sair atrás da esperança; e direi, como d'Harcourt:

Quanto mais estrangeiros vi, mais amei minha pátria.^{ar7}

Portanto, deixe de lutar contra a ideia, ou melhor, o sentimento que a traz de volta para mim; e, depois de termos experimentado todos os prazeres em nossas diferentes incursões, gozemos da felicidade de sentir que nenhum deles se compara àquele que sentimos juntos, e que reencontraremos, ainda mais delicioso!

Adeus, minha encantadora amiga. Consinto em esperar seu regresso; mas apresse-o, e não se esqueça do quanto anseio por ele.

Paris, neste 8 de novembro de 17**.

CARTA 134
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Na verdade, visconde, é mesmo como as crianças, diante das quais não se pode dizer nada, e às quais nada se pode mostrar sem que imediatamente queiram para si! Comento uma simples ideia que me ocorre, sobre a qual previno-o que não me quero deter, e você aproveita para a ela trazer, prender minha atenção, quando eu buscava distrair-me, e fazer, de certa forma, com que eu partilhe à revelia seus desejos irrefletidos! Será generoso de sua parte deixar que eu carregue sozinha o fardo da prudência? Torno a dizer-lhe o que repito mais ainda a mim mesma, que o arranjo que me propõe é realmente inviável. Mesmo que investisse nele toda a generosidade que tem demonstrado no momento, acha então que não tenha eu também minha sensibilidade, e queira aceitar sacrifícios que prejudiquem sua felicidade?

Ora, não é verdade, visconde, que está a iludir-se sobre seu sentimento pela sra. de Tourvel? É amor, ou nunca existiu amor: você o nega de cem maneiras, mas prova-o de mil formas. Que subterfúgio é esse, por

exemplo, que usa perante si mesmo (pois acredito que seja sincero comigo), pelo qual atribui à vontade de observar o desejo que não consegue esconder, nem combater, de manter essa mulher? Não parece até que nunca fez outra mulher feliz, perfeitamente feliz? Ah, se disso duvida, é que tem fraca memória! Mas não é isso. É simplesmente seu coração a iludir sua mente, fazendo-a contentar-se com más razões. Mas eu, que tenho todo interesse em não me enganar, não me contento tão facilmente.

Assim é que, observando sua polidez, que o levou a evitar com cuidado todos os termos que julgava passíveis de me desagradar, reparei que, no entanto, e talvez sem sequer perceber, você ainda assim conservava as mesmas ideias. Com efeito, já não se trata da adorável, da celeste sra. de Tourvel, mas de *uma mulher surpreendente, uma mulher delicada e sensível*, e isso com exclusão a todas as outras; *uma mulher rara, enfim*, como *não se encontra outra igual*. Da mesma forma, esse encanto desconhecido, que não é o *mais forte*. Pois que seja. Mas, uma vez que não o tinha encontrado até agora, quer mesmo parecer que tampouco o encontraria futuramente, e a perda então não seria menos irreparável. Se esses não são, visconde, sintomas indiscutíveis do amor, temos de renunciar a encontrá-lo.

Esteja certo de que, dessa feita, falo-lhe sem irritação. Prometi a mim mesma não mais me irritar, pois bem percebi que isso poderia tornar-se uma perigosa armadilha. Vá por mim, sejamos apenas amigos, e fiquemos nisso. Apenas me agradeça por minha coragem em defender-me. Sim, coragem, já que ela às vezes é necessária, inclusive para não tomar uma decisão que sentimos ser equivocada.

Assim, já não é para convencê-lo de minha opinião que vou responder à pergunta que me faz sobre os sacrifícios que eu exigiria e que você não poderia atender. Emprego propositalmente o termo exigir, pois tenho certeza de que, dentro de um instante, irá de fato julgar-me demasiado exigente: melhor assim! Longe de me aborrecer com sua recusa, irei agradecer-lhe. Ora, não é com você que quero dissimular, talvez precise disso.

Eu exigiria, veja quanta crueldade!, que essa rara, essa surpreendente sra. de Tourvel já não passasse para você de uma mulher como outra qualquer, simplesmente a mulher que ela de fato é: pois não há que iludir-se, esse encanto que julgamos encontrar nos outros é em nós que ele está; e é somente o amor que tanto embeleza o objeto amado. Isso que lhe peço,

por impossível que seja, você talvez fizesse mesmo o esforço de prometé-lo, jurá-lo até; mas, confesso, eu não acreditaria em vãos discursos. Só poderia ser persuadida por sua conduta como um todo.

Mas isso não é tudo, pois eu seria caprichosa. O sacrifício da menina Cécile, que me oferece tão de bom grado, em nada me interessaria. Iria pedir-lhe, pelo contrário, que continuasse essa penosa tarefa até segunda ordem minha; quer porque gostasse de abusar assim de meu poder; quer porque, mais indulgente ou mais justa, eu me contentasse em dispor de seus sentimentos sem desejar contrariar seus prazeres. Seja como for, gostaria de ser obedecida, e minhas ordens seriam bem rigorosas!

Verdade é que eu me sentiria então obrigada a agradecer-lhe; quem sabe?, talvez mesmo a recompensá-lo. Por exemplo, certamente abreviaria uma ausência que se me tornaria insuportável. Enfim tornaria a vê-lo, visconde, e a vê-lo... como?... Mas está lembrado de que essa não passa de uma conversa, a mera descrição de um projeto impossível, e não quero ser a única a esquecer...

Sabe que meu processo tem me preocupado um pouco? Quis enfim saber ao certo de que meios disponho; meus advogados bem que citam algumas leis e, sobretudo, muitas *autoridades*, como eles dizem: mas não vejo nisso muita razão ou justiça. Já estou quase arrependida de ter recusado o acordo. Tranquillizo-me, porém, lembrando que o procurador é hábil, o advogado, eloquente, e a pleiteante, bonita. Se esses três recursos deixassem de valer, seria preciso alterar todo o rumo dos processos, e o que seria então do respeito pelas antigas tradições?

Esse processo é atualmente a única coisa que me retém aqui. Já o processo de Belleruche se concluiu: foi suspenso, e as despesas compensadas entre as partes. Está a lamentar não ir ao baile desta noite; lamento de desocupado! Irei devolver-lhe sua inteira liberdade assim que voltar à Cidade. Faço-lhe esse doloroso sacrifício e consolo-me pela generosidade que ele vê nisso.

Adeus, visconde, escreva-me amiúde: a descrição de seus prazeres irá compensar-me, ao menos em parte, de meus aborrecimentos.

Do castelo de..., neste 11 de novembro de 17**.

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Tento escrever-lhe, sem saber ainda se conseguirei fazê-lo. Deus meu, quando lembro que em minha última carta o excesso de felicidade me impedia de continuar! O excesso de desespero é que agora me oprime, deixando-me forças apenas para sentir minha dor, e tirando-me aquelas para expressá-la.

Valmont... Valmont já não me ama, nunca me amou. O amor não vai embora assim. Ele me engana, me trai, me ultraja. Tenho sentido todas as desgraças e humilhações possíveis, e é ele quem as causa.

E não pense que se trata de mera desconfiança: tão longe estava eu de ter alguma! Não me cabe a sorte de poder duvidar. Eu vi: o que poderia ele dizer para justificar-se?... Mas pouco se lhe dá! Ele nem sequer vai tentar... Que importância terão para ele suas queixas e lágrimas, infeliz, se não é com você que se preocupa?

É mesmo verdade que ele me sacrificou, me entregou até... e a quem?... a uma vil criatura... Mas que digo? Ah, perdi até o direito de desprezá-la. Traiu menos deveres, é menos culpada que eu. Ó, que dolorosa é a mágoa quando se esteia no remorso! Sinto redobrar meus tormentos. Adeus, minha amiga; por indigna que eu me tenha tornado de sua compaixão, ainda sentirá alguma por mim se puder ter uma ideia do quanto estou sofrendo.

Acabo de reler minha carta, e percebo que não a elucida em nada; vou tratar, portanto, de criar coragem para lhe contar esse fato cruel. Foi ontem; eu ia, pela primeira vez desde que voltei, jantar fora de casa. Valmont veio me ver às cinco horas; nunca me pareceu tão terno. Fez-me entender que minha intenção de sair o contrariava e, como pode supor, imediatamente decidi ficar em casa. Entretanto, duas horas mais tarde, num repente, seu jeito e seu tom mudaram sensivelmente. Não sei se me escapou algo que o tenha aborrecido; seja como for, pouco depois alegou lembrar-se de um assunto que o obrigava a deixar-me, e saiu. Não sem antes manifestar um profundo pesar, que me pareceu terno e, naquele momento, sincero.

Ao ver-me sozinha, julguei mais correto não me furtar a meu compromisso inicial, já que estava disponível para cumpri-lo. Terminei de arrumar-me e subi no carro. Infelizmente, meu cocheiro fez com que eu passasse em frente à Ópera, onde fiquei presa no congestionamento da

saída; avistei, quatro passos à frente, na fila ao lado da minha, o carro de Valmont. Meu coração pôs-se imediatamente a bater, mas não por medo: meu único anseio era ver meu carro avançar. Em vez disso, o dele é que foi forçado a recuar, vindo parar ao lado do meu. Adiantei-me de chofre: qual não foi meu espanto ao ver a seu lado uma mulher, bem conhecida como mulher da vida! Recuei, como deve supor, e já vira o suficiente para desolar meu coração. Mas o que só a custo irá acreditar é que essa mesma mulher, aparentemente instruída por alguma odiosa confiança, não saiu da janela do carro, nem cessou de me encarar, com gargalhadas espalhafatosas.

Embora aniquilada, deixei-me conduzir à casa onde iria jantar, mas foi-me impossível ficar: sentia-me a todo instante prestes a desmaiar e, sobretudo, não lograva conter as lágrimas.

Ao chegar em casa, escrevi ao sr. de Valmont e mandei entregar a carta em seguida; ele não estava. Querendo a todo custo sair daquele estado mortal, ou então confirmá-lo de vez, tornei a mandar entregá-la, com ordens para que o esperassem. Antes da meia-noite, porém, meu criado retornou, dizendo que o cocheiro, já de volta, informara-lhe que seu patrão não voltaria para casa naquela noite. Julguei não me restar outra coisa a fazer, esta manhã, senão pedir que me devolvesse minhas cartas e não aparecesse mais em minha casa. E, com efeito, dei ordens nesse sentido; mas eram decerto inúteis. Já é quase meio-dia, ele ainda não deu o ar da graça, e nem sequer recebi algum bilhete seu.

Dito isso, querida amiga, não tenho o que acrescentar: já sabe de tudo, e conhece meu coração. Minha única esperança é não me restar muito tempo para afligir sua sensível amizade.

Paris, neste 15 de novembro de 17**.

CARTA 136
DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Depois do ocorrido ontem, senhor, decerto já não espera ser recebido em minha casa, e decerto tampouco o deseja! Esse bilhete visa menos, portanto, pedir-lhe para não vir mais do que solicitar-lhe a devolução de

cartas que jamais deveriam ter existido; as quais, se acaso o interessaram em algum momento, enquanto provas da cegueira que suscitava, só lhe podem ser indiferentes quando se dissipou essa mesma cegueira, e já expressam tão somente um sentimento que o senhor destruiu.

Reconheço e confesso que foi um erro nutrir pelo senhor uma confiança de que tantas antes de mim já haviam sido vítimas; disso culpo apenas a mim mesma; mas julgava pelo menos não merecer ser jogada, pelo senhor, ao desprezo e ao insulto. Julgava que ao sacrificar-lhe tudo, e perdendo, exclusivamente pelo senhor, meus direitos à estima dos outros e a minha própria, pudesse todavia esperar não ser julgada pelo senhor com mais severidade que pela opinião pública, que ainda estabelece uma clara distinção entre a mulher fraca e a depravada. Falo-lhe tão somente desses que seriam erros para qualquer pessoa. Calo-me sobre os erros do amor; seu coração não entenderia o meu. Adeus, senhor.

Paris, neste 15 de novembro de 17**.

CARTA 137

DO VISCONDE DE VALMONT À PRESIDENTA DE TOURVEL

Só ainda há pouco, senhora, entregaram-me sua carta; estremeci ao lê-la, e ela mal me deixa forças para responder. Que pavorosa imagem faz então de mim! Ah, tenho meus defeitos, sem dúvida; que nunca irei perdoar-me, mesmo que a senhora os cobrisse com sua indulgência. Mas os defeitos de que me acusa sempre estiveram distantes de minha alma! Quem, eu? Humilhá-la! Aviltá-la! Eu, que a respeito tanto quanto lhe quero bem, eu que só soube o que é o orgulho no momento em que me julgou digna de si. As aparências a enganaram; e admito que estavam contra mim: mas não havia em seu coração o necessário para combatê-las? E este não se revoltou à mera ideia de ter de queixar-se do meu? A senhora, contudo, acreditou. Assim, não só julgou-me capaz desse atroz delírio, como ainda receou estar exposta a ele devido a suas atenções para comigo. Ah, se julga-se a esse ponto degradada por nosso amor, eu próprio sou então muito vil a seus olhos?

Oprimido pelo doloroso sentimento que tal ideia causa em mim, perco, para refutá-la, o tempo que deveria empregar em destruí-la. Vou confessar

tudo; só mais uma consideração me detém. Será mesmo preciso retrair fatos que eu queria abolir, e prender sua atenção e a minha no momento de um erro que, aliás, queria resgatar com a vida, de que ainda tento entender a causa e cuja memória há de ser para todo o sempre minha humilhação e desespero? Ah! se, ao confessar-me, vier a suscitar sua ira, ao menos não terá de pensar muito numa vingança; bastará entregar-me a meus próprios remorsos.

Entretanto, quem diria? Esse acontecimento tem por causa primeira o poderosíssimo encanto que sinto em sua presença. Ele é quem me fez esquecer por mais tempo um assunto importante que eu não podia adiar. Despedi-me da senhora tarde demais, e já não encontrei a pessoa que ia buscar. Esperava achá-la na Ópera, mas minha busca foi igualmente infrutífera. Émilie, que lá encontrei, e que eu conhecera numa época em que estava bem longe de conhecer a senhora e o amor, Émilie estava sem seu carro, e pediu-me que a deixasse em sua casa que fica a poucos passos dali. Não vendo nisso nenhum problema, consenti. Foi então que cruzei com a senhora; e percebi de imediato que seria induzida a julgar-me culpado.

O medo de desagradar-lhe ou afligi-la é tão forte em mim que deve ter sido, e logo foi de fato, notado. Confesso até que me levou a tentar pedir à mulher que não se mostrasse; tal zelo, ditado pela sensibilidade, voltou-se contra o amor. Acostumada, como toda mulher de sua condição, a só assegurar um poder constantemente usurpado mediante o abuso que se permite fazer dele, Émilie não deixaria escapar tão bela oportunidade. Quanto mais via crescer meu embaraço, mais fazia questão de mostrar-se; e sua louca alegria, de que enrubesço ao pensar que poderá ter julgado ser o objeto, tinha por única causa a dor cruel que eu experimentava, que por sua vez se devia a meu respeito e meu amor.

Até aí, sou, sem dúvida, mais azarado que culpado; e esses erros, *que seriam erros para qualquer pessoa, os únicos de que me fala*, esses erros, inexistindo, não me podem ser censurados. Em vão, porém, cala-se sobre os erros do amor: não guardarei sobre eles o mesmo silêncio, que um demasiado interesse me obriga a romper.

Não que, constrangido como estou depois desse inconcebível desatino, não me seja um extremo sofrimento evocar sua memória. Ciente de meus erros, consentiria em suportar minha pena ou esperaria meu perdão do tempo, de minha eterna afeição e de meu arrependimento. Mas como

calar-me quando o que me resta dizer importa a sua sensibilidade?

Não julgue que é esse um subterfúgio para justificar ou paliar minha falta; confesso-me culpado. Mas não confesso, nem nunca confessarei, que essa falha humilhante possa ser considerada um erro de amor. Ora, o que pode haver em comum entre uma surpresa dos sentidos, entre um momento de olvido de si mesmo, logo seguidos pela vergonha e pelo arrependimento, e um sentimento puro, que não pode nascer senão numa alma delicada, e nela sustentar-se senão pela afeição, e de que, enfim, a felicidade é o fruto. Ah! Não profane assim o amor! Receie, antes de mais nada, profanar a si mesma, reunindo num mesmo ponto de vista aquilo que nunca pode confundir-se. Deixe as mulheres vis e degeneradas temerem uma rivalidade que elas sentem passível de se instaurar a sua revelia, e experimentarem os tormentos de um ciúme igualmente cruel e humilhante; a senhora, porém, desvie os olhos desses objetos que só lhe turvariam o olhar; e, pura qual a Divindade, tal como ela castigue a ofensa sem senti-la.

Mas que castigo poderia me infligir que fosse mais doloroso que este que já vivencio? Que pudesse ser comparado ao pesar de tê-la desagradado, ao desespero de vê-la aflita, à ideia opressiva de ter me tornado menos digno da senhora? Trata de me punir! E eu peço-lhe consolações: não que as mereça; mas me são necessárias, e só da senhora podem vir.

Se, de súbito, esquecendo-se de meu amor e do seu e já não dando valor a minha felicidade, quiser, pelo contrário, condenar-me a uma dor eterna, é esse um direito que lhe cabe: desfira o golpe. Mas se, mais indulgente, ou mais sensível, ainda recordar os ternos sentimentos que uniam nossos corações; aquela volúpia da alma, sempre renascente e sempre mais intensamente sentida; os dias tão doces, tão venturosos, que cada um de nós devia ao outro; todos esses bens que somente o amor proporciona! Então talvez prefira o poder de fazê-los renascer ao poder de destruí-los. Enfim, que mais lhe posso dizer? Tudo perdi, e tudo perdi por minha culpa; mas posso reaver tudo se conceder-me essa graça. Cabe-lhe agora decidir. Digo mais uma palavra apenas. Ainda ontem, jurava-me que minha felicidade estava assegurada enquanto dependesse da senhora. Ah, e hoje irá me condenar a um eterno desespero?

Paris, neste 15 de novembro de 17**.

CARTA 138
DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Insisto, bela amiga: não, não estou apaixonado; e não é culpa minha se as circunstâncias me obrigam a desempenhar tal papel. Apenas consinta, e volte; logo verá por si própria o quanto sou sincero. Disso ontem dei provas, que não podem ser destruídas pelo que acontece hoje.

Estava, então, em casa da doce virtuosa, sem nenhum outro compromisso, já que a menina Volanges, apesar de seu estado, ia passar a noite no baile precoce⁸ da sra. V... De início, a ociosidade levou-me a querer prolongar o serão, e cheguei inclusive a exigir nesse sentido um pequeno sacrifício. Mal foi ele outorgado, porém, e o prazer que eu augurava foi turvado pela ideia desse amor que você insiste em me atribuir, ou, pelo menos, censurar-me. De modo que já não tinha outro desejo que não poder, a um só tempo, assegurar a mim mesmo, e convencê-la, de que isso era, de sua parte, pura calúnia.

Tomei então uma decisão extrema; e, com uma desculpa um tanto frágil, deixei ali minha bela, muito surpresa decerto e, principalmente, aflita. E fui tranquilamente encontrar-me com Émilie na Ópera; e ela poderá confirmar que, até de manhã, quando nos separamos, nenhum arrependimento veio turvar nossos prazeres.

Tive, porém, um belo motivo de preocupação, não fosse ter me salvado minha perfeita indiferença: pois saiba que estava a apenas quatro casas de distância da Ópera, e com Émilie comigo em meu carro, quando o da austera devota veio emparelhar-se ao lado do meu, e um congestionamento nos deixou quase um quarto de hora lado a lado. Víamos tão claramente como se fosse meio-dia, e não havia jeito de escapar.

Mas isso não é tudo; resolvi contar a Émilie que se tratava da mulher da carta. (Você talvez recorde essa loucura, e que Émilie serviu de escrivanhinha.)^{as} Ela, que não esquecera, e que é dada à galhofa, não descansou enquanto não contemplou à vontade *essa virtude*, como dizia, e isso em meio a gargalhadas de um espalhafato irritante.

E isso não é tudo: a ciumenta mulher não mandou o criado lá em casa ainda nessa mesma noite? Eu não estava, mas, em sua obstinação, mandou-o uma segunda vez, com ordens para me esperar. Enquanto eu, tendo resolvido ficar em casa de Émilie, despachara o carro, sem outra

ordem ao cocheiro senão a de ir buscar-me hoje pela manhã; e como este, ao chegar, deparou com o mensageiro amoroso, achou natural informá-lo de que eu não voltaria para casa naquela noite. Pode imaginar o efeito que causou essa notícia, e que ao chegar encontrei minha dispensa, expressa com toda a dignidade exigida pela circunstância!

Assim essa aventura, interminável segundo você, poderia, como vê, ter acabado esta manhã; e se não acabou, não é, como poderá acreditar, porque eu faça questão de continuá-la: é porque, de um lado, não achei decente ser dispensado e, de outro, quis reservar-lhe a honra desse sacrifício.

De modo que respondi ao severo bilhete com uma longa epístola de sentimentos; dei extensas razões e deixei ao amor o cuidado de fazer com que soassem bem. Fui bem-sucedido. Acabo de receber um segundo bilhete, ainda bem rigoroso, confirmando o rompimento eterno, como deve ser; mas cujo tom, porém, já não é o mesmo. Não quer ver-me de jeito nenhum: essa decisão é anunciada quatro vezes da maneira mais irrevogável. Donde concluí que não havia um minuto a perder para me apresentar. Já despachei meu criado para que fosse entreter o porteiro; em instantes irei eu mesmo protocolar meu perdão: pois em erros desse gênero só existe uma forma de obter a plena absolvição, e esta só se executa em presença.

Adeus, minha encantadora amiga; corro a intentar esse grande desenlace.

Paris, neste 15 de novembro de 17**.

CARTA 139

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Como me arrependo, minha sensível amiga, por ter falado demasiado, e demasiado cedo, de minhas mágoas passageiras! Por minha causa estará agora aflita; essa tristeza que lhe vem de mim ainda dura, ao passo que eu estou feliz. Sim, tudo foi esquecido, perdoado; ou, melhor dizendo, tudo foi reparado. Àquele estado de dor e angústia sucederam-se serenidade e delícias. Ó júbilo de meu coração, como expressar-lhe? Valmont é inocente; com tanto amor, não se pode ser culpado. Os erros graves, ofensivos, que eu lhe imputava com tanta amargura, ele não os cometeu; e

se, num único ponto, tive de ser indulgente, acaso não tinha eu também minhas injustiças a reparar?

Não vou descrever em detalhes os fatos ou as razões que os justificam; quem sabe até fossem pouco apreciados pelo espírito: apenas ao coração cabe senti-los. Caso suspeite, porém, haver certa fraqueza de minha parte, apelarei a seu juízo para apoiar o meu. Diz a senhora que, nos homens, a infidelidade não significa inconstância.

Não que eu não sinta que tal distinção, em vão autorizada pelo senso comum, nem por isso deixe de ferir a sensibilidade: mas do que poderia queixar-se a minha, se a de Valmont tem sofrido ainda mais? Não vá supor que ele perdoa a si mesmo, ou se consola, por esse mesmo erro que eu esqueço; no entanto, o quanto já não compensou essa falta ligeira com o excesso de seu amor e o de minha felicidade!

Quer minha felicidade esteja maior, quer eu sinta melhor seu valor depois de temer tê-la perdido: o que posso dizer é que, se sentisse em mim forças para suportar mais mágoas cruéis como as que acabo de experimentar, não julgaria estar pagando caro demais o bônus de felicidade que tenho vivenciado desde então. Ó minha doce mãe, ralhe com sua irrefletida filha por tê-la afligido em sua precipitação; ralhe com ela por ter temerariamente julgado e caluniado aquele que não devia cessar de adorar; mas, ao reconhecê-la insensata, veja como é feliz, e torne sua alegria maior ao partilhá-la.

Paris, neste 16 de novembro de 17**, à noite.

CARTA 140

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Como se explica, minha bela amiga, eu não receber uma resposta sua? Minha última carta, contudo, parecia-me merecer uma; e, como já poderia tê-la recebido há três dias, ainda a espero! Estou no mínimo aborrecido; de modo que não vou nem mencionar meus grandes assuntos.

Que a reconciliação surtiu pleno efeito, que em vez de recriminações e desconfiança, só propiciou carinhos renovados; que seja eu, atualmente, quem recebe as desculpas e as reparações devidas a minha inocência posta sob suspeita; disso não direi palavra e, não fosse o imprevisível fato

ocorrido na noite passada, sequer lhe escreveria. Como esse fato, porém, diz respeito a sua pupila, e que ela provavelmente não estará, ao menos por algum tempo, em condições de informá-la pessoalmente, encarrego-me da tarefa.

Por motivos que poderá imaginar, ou não, a sra. de Tourvel não vinha me ocupando havia alguns dias; e como esses motivos não poderiam existir para a menina Volanges, andava mais assíduo com ela.⁹ Graças ao prestativo porteiro, não existia nenhum obstáculo e levávamos, sua pupila e eu, uma vida cômoda e regrada. O hábito, porém, acarreta a negligência: nos primeiros dias, todas as precauções eram poucas para nossa segurança; ainda estremeçíamos, mesmo por trás dos ferrolhos. Ontem, uma incrível distração causou o acidente que devo comunicar-lhe; e se, de minha parte, foi apenas um susto, para a menina está custando mais caro.

Não estávamos dormindo, e sim entregues ao repouso e abandono que se seguem à volúpia, quando ouvimos a porta do quarto se abrir de repente. Lanço imediatamente mão da espada, tanto para minha defesa como para a de nossa pupila; adianto-me, e não vejo ninguém, mas a porta estava de fato aberta. Como estivéssemos sem luz, saí em busca de uma, e não encontrei viva alma. Lembrei-me então de que havíamos esquecido nossas precauções habituais e a porta, decerto apenas encostada, ou mal fechada, abriu-se sozinha.

Ao voltar para junto de minha tímida companheira a fim de tranquilizá-la, não encontrei-a na cama; teria caído, ou se escondido no vão: enfim, estava ali desmaiada, sem outro movimento além de fortes convulsões. Imagine meu embaraço! Consegui, no entanto, recolocá-la na cama, e até fazer com que voltasse a si; mas ela se machucara na queda, e não demorou a sentir o resultado.

Dores lombares, cólicas violentas, sintomas ainda menos equívocos esclareceram-me rapidamente sobre a situação. Para explicar-lhe, porém, precisei antes explicar o estado em que antes se encontrava, de que ela sequer desconfiava. Nunca, talvez, antes dela, alguém tenha conservado tamanha inocência enquanto fazia tão bem o necessário para dissipá-la! Ah, essa não é de perder tempo refletindo!

Perdia muito tempo, contudo, lamentando-se, e percebi que precisava tomar uma atitude. De modo que combinei com ela que iria imediatamente procurar o médico e o cirurgião da família e, ao avisá-los de que estavam para ser chamados, iria contar-lhes tudo, sob sigilo; que ela, por seu lado,

chamaria sua camareira; iria contar-lhe, ou não, o segredo, como quisesse, mas a mandaria buscar ajuda e, antes de mais nada, proibiria que acordasse a sra. de Volanges: delicada e natural atenção de uma filha não querendo preocupar a mãe.

Fiz minhas duas visitas e minhas duas confissões o mais depressa que pude, voltando então para casa, de onde ainda não saí. Mas o cirurgião, que eu aliás conhecia, apareceu ao meio-dia para me relatar o estado da enferma. Eu não me enganara; ele espera, porém, em não sobrevindo nenhum imprevisto, que ninguém na casa perceba qualquer coisa. A camareira está a par do segredo; o médico deu um nome à enfermidade; e o caso há de se ajeitar, como tantos outros, a menos que no futuro nos seja útil comentá-lo.

Ainda haverá, porém, algum interesse comum entre nós? Seu silêncio me levaria a duvidar, e já nem sequer acreditaria nisso, se o desejo que tenho de que ele exista não me fizesse buscar todos os meios de conservar a esperança.

Adeus, bela amiga; um beijo, sem renunciar a meu rancor.

Paris, neste 21 de novembro de 17**.

CARTA 141
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Meu Deus, visconde, como me incomoda sua obstinação! Que lhe importa meu silêncio? Julga que, se o mantenho, seja por falta de razões para me defender? Ah, queira Deus! Mas não, é simplesmente porque me custa dizê-las.

Fale a verdade: está iludindo a si mesmo ou tentando me enganar? A diferença entre suas palavras e ações só me deixa por alternativa esses dois sentimentos: qual será o verdadeiro? O que quer então que eu lhe diga, se eu mesma não sei o que pensar?

Parece vangloriar-se de sua última cena com a presidenta; mas o que essa cena vem provar em favor de seu método ou contra o meu? Eu seguramente jamais lhe disse que você amava essa mulher o bastante para não traí-la, para não agarrar todas as oportunidades que lhe parecessem

fáceis ou agradáveis; nem sequer duvidei de que, para você, tanto faria satisfazer com outra mulher, com a primeira que aparecesse, os próprios desejos que somente essa lhe terá despertado; e não me surpreende que, por uma libertinagem de espírito que seria um erro censurar-lhe, tenha feito uma vez, por caso pensado, o que já havia feito mil vezes por oportunidade. Quem não sabe que essa é meramente a tendência geral, e a prática de todos vocês, desde o celerado até os *nescios*? Quem disso se abstém hoje em dia passa por romântico, e não é este, parece-me, o defeito de que o acuso.

O que eu disse, o que pensei, o que ainda penso, é que mesmo assim você sente amor por sua presidenta; não que seja, em verdade, um amor muito puro ou terno, mas é o amor de que você é capaz; um amor que, por exemplo, faz com que veja numa mulher encantos ou qualidades que ela não possui; que a coloca numa classe à parte, e todas as demais numa segunda categoria; que o mantém preso a ela, mesmo quando a ultraja; enfim, o amor que imagino um sultão deva sentir por sua sultana favorita, o que não o impede de não raro escolher uma simples odalisca. Minha comparação parece tão mais acertada porque você, tal como o sultão, nunca é o amante ou o amigo de uma mulher, mas, sempre, seu tirano ou seu escravo. Assim, estou certa de que se humilhou, se aviltou bastante, de modo a recair nas graças desse tão belo objeto! E, feliz por tê-lo conseguido, tão logo julga chegada a hora de obter seu perdão, despede-se de mim em razão *do grande acontecimento*.

Ainda em sua última carta, se não me fala exclusivamente sobre essa mulher é porque não quer me falar sobre *seus grandes assuntos*; parecem-lhe estes tão importantes que o silêncio que mantém a respeito soa-lhe como um castigo para mim. E depois dessas mil provas de sua preferência por outra mulher é que me pergunta tranquilamente se ainda haverá algum interesse comum *entre nós*! Cuidado, visconde! Se eu chegar a responder, minha resposta será irrevogável; e eu temer dar neste momento essa resposta talvez já seja dizer demais. Assim, não quero absolutamente tocar mais nesse assunto.

Só o que posso fazer é contar-lhe uma história. Talvez não tenha tempo para lê-la ou dar-lhe atenção suficiente para bem entendê-la? Como queira. No pior dos casos, será apenas uma história perdida.

Um conhecido meu envolvera-se, como você, com uma mulher que não estava a sua altura. Ele até tinha, de quando em quando, o bom senso de

perceber que, cedo ou tarde, aquela aventura viria a prejudicá-lo. Embora ela o envergonhasse, porém, não tinha coragem de romper. Seu embaraço era tanto maior por ter se gabado junto de seus amigos de ser totalmente livre; e por não ignorar que nosso ridículo sempre cresce à medida que dele nos defendemos. Passava assim a vida fazendo bobagens sem cessar, e sem cessar afirmando posteriormente: *Não é culpa minha*. Esse homem tinha uma amiga que, em certo momento, sentiu-se tentada a denunciar publicamente esse seu estado de embriaguez, tornando assim indelével seu ridículo. No entanto, mais generosa que maligna, ou quem sabe por algum outro motivo, resolveu tentar um derradeiro recurso para, qualquer coisa, poder dizer como seu amigo: *Não é culpa minha*. Enviou-lhe então, sem mais explicações, a seguinte carta, como um remédio que podia ser útil para seu mal.

Tudo acaba por nos cansar, meu anjo, é esta uma lei da natureza; não é culpa minha.

Portanto, se eu hoje me cansei de uma aventura que me envolveu por inteiro durante quatro penosos meses, não é culpa minha.

Se, por exemplo, tive tanto amor quanto você teve virtude,¹⁰ o que já é dizer muito, não será surpresa que aquele termine ao mesmo tempo que esta. Não é culpa minha.

Decorre daí que eu a tenha traído, de uns tempos para cá; mas também, de certa forma, seu carinho impiedoso obrigou-me a isso! Não é culpa minha.

Hoje, uma mulher que amo perdidamente exige que eu sacrifique você. Não é culpa minha.

Bem vejo que é esta uma bela ocasião para acusar-me de perjúrio, mas se a natureza concedeu aos homens somente a constância, ao passo que deu às mulheres a obstinação, não é culpa minha.

Vá por mim, escolha outro amante, assim como eu escolhi outra. É esse um bom, um excelente conselho; se julgar que é mau, não é culpa minha.

Adeus, meu anjo, eu a possuí com prazer, e deixo-a sem pesar. Talvez ainda volte para você. Assim gira o mundo. Não é culpa minha.

Não é o momento, visconde, de contar-lhe o resultado dessa tentativa, e o

que se seguiu. Mas prometo contar-lhe em minha próxima carta. Nela também encontrará meu ultimatum concernente à renovação do tratado que me propõe. Até lá, adeus simplesmente...

A propósito, agradeço os detalhes sobre a menina Volanges; é mesmo um artigo a reservar, até o dia seguinte ao casamento, para a Gazeta da maledicência. Enquanto isso, queira aceitar minhas condolências pela perda de sua posteridade. Boa noite, visconde.

Do castelo de..., neste 24 de novembro de 17**.

CARTA 142

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Ora, bela amiga, não sei se li mal ou mal entendi, tanto sua carta como a história que nela me conta e o pequeno modelo epistolar que vinha incluso. O que posso dizer é que esse último me pareceu original e próprio a causar efeito: de modo que simplesmente o copiei, e simplesmente também o enviei à celeste presidenta. Não perdi um instante sequer, já que a doce missiva foi despachada ainda ontem à noite. Preferi assim, primeiro porque prometera escrever-lhe ontem; depois, porque ponderei que a noite inteira não lhe seria demasiada para recolher-se e meditar sobre *esse grande acontecimento*, mesmo que, pela segunda vez, você critique essa minha expressão.

Esperava poder enviar-lhe esta manhã a resposta de minha bem-amada: mas já é perto do meio-dia e ainda não a recebi. Vou esperar até as cinco horas, e se até lá não tiver tido notícias, irei eu mesmo assuntar; pois, principalmente tratando-se de atitudes, o que custa é apenas o primeiro passo.

E agora, como pode imaginar, estou bastante ansioso para saber o final da história desse seu conhecido, tão veementemente acusado de não saber, se preciso fosse, abandonar uma mulher. Não se terá corrigido? E sua generosa amiga não lhe terá perdoado?

Não é menor meu desejo de receber seu ultimatum, como diz tão politicamente! Estou curioso, sobretudo, de saber se, nessa atitude, ainda irá encontrar amor. Ah! Decerto que há amor, e muito! Mas por quem? No entanto, nada pretendo afirmar, e tudo espero de seus favores.

Adeus, minha encantadora amiga; só vou selar esta carta às duas horas, na esperança de ainda poder incluir a desejada resposta.

Às duas horas da tarde.

Nada ainda. Está na hora, já não há tempo de acrescentar nem uma palavra: mas ainda irá você, desta vez, recusar os mais ternos beijos de amor?

Paris, neste 27 de novembro de 17**.

CARTA 143

DA PRESIDENTA DE TOURVEL À SRA. DE ROSEMONDE

Rasgou-se o véu, senhora, em que estava pintada a ilusão de minha felicidade.¹¹ Ilumina-me a funesta verdade, deixando-me vislumbrar apenas uma morte próxima e certa, cujo caminho me está traçado entre a vergonha e o remorso. Ei de trilhá-lo... querendo bem a meus tormentos caso abreviem minha existência. Junto-lhe a carta que recebi ontem; não acrescento nenhum comentário, ela os traz em si. Já não é tempo de queixar-me, resta-me apenas sofrer. Não é de compaixão que preciso, mas de força.

Receba, senhora, o único adeus que lhe darei, e atenda meu derradeiro pedido, que é de abandonar-me a minha sorte, esquecer-me por completo, não mais me incluir neste mundo. Existe um ponto da desgraça em que a própria amizade só faz aumentar nosso sofrimento e já não pode curá-lo. Quando as feridas são mortais, qualquer ajuda se torna desumana. Qualquer sentimento que não o desespero me é estrangeiro. Nada mais pode me convir senão a noite profunda em que irei sepultar minha vergonha. Nela hei de chorar por meus erros, se é que ainda sou capaz de chorar! Pois desde ontem não derramei nem uma lágrima. Meu coração fenecido já não as produz.

Adeus, senhora. Não me responda. Jurei, sobre esta carta cruel, não receber mais nenhuma.

Paris, neste 27 de novembro de 17**.

CARTA 144
DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Ontem, às três horas da tarde, bela amiga, impaciente por não ter notícias, apresentei-me em casa da bela abandonada; disseram-me que havia saído. Não vi, nessa frase, mais que uma recusa em receber-me, que não me magoou nem surpreendeu; retirei-me, na esperança de que tal atitude ao menos incitasse uma mulher tão educada a honrar-me com um bilhete de resposta. Meu desejo de recebê-lo fez com que eu passasse em casa por volta das nove horas, mas nada encontrei. Surpreso por esse silêncio, que não esperava, pedi a meu criado que fosse assuntar, e descobrir se a sensível criatura estava morta ou moribunda. Enfim, quando voltei, ele me informou que a sra. de Tourvel de fato havia saído às onze horas da manhã, com sua camareira; que pedira para ser levada ao convento de..., e que às sete horas da noite mandara de volta carro e criados, com ordens para que não a esperassem em casa. Isso, seguramente, é entrar nos conformes. O convento é o legítimo abrigo de uma viúva; e, se ela persistir em tão louvável decisão, terei de somar a tudo o que já lhe devo a notoriedade que essa aventura irá adquirir.

Eu bem lhe dizia, algum tempo atrás, que apesar de sua preocupação eu ressurgiria na cena social para brilhar com mais intensidade. Que venham, pois, os tais críticos severos que me acusavam de um amor romântico e infeliz; que efetuem rompimentos mais súbitos e fulgurantes; não, que façam melhor: que se apresentem como consoladores, o caminho está aberto. Pois bem! Que ousem tentar essa trajetória que eu percorri por inteiro; e, se algum deles lograr o mínimo êxito, cedo-lhe o primeiro lugar. Irão todos perceber, no entanto, que, quando ponho meu empenho, a impressão que deixo é indelével. Ah, essa certamente o será; e irei considerar como nulas todas as minhas conquistas se acaso tiver, junto dessa mulher, um rival preferido.

A decisão que ela tomou lisonjeia meu amor-próprio, admito; mas me aborrece que tenha encontrado em si mesma força suficiente para afastar-se de mim tanto assim. Haverá, portanto, entre nós dois, outros obstáculos além dos que eu mesmo coloquei! Como? Se eu quisesse aproximar-me dela, ela poderia não querer; que digo, não desejar, não mais ter nisso sua suprema felicidade! Acaso é assim que se ama? E julga, bela amiga, que eu

deva aceitar isso? Será que eu não poderia, por exemplo, será que não seria melhor, ainda tentar fazer com que essa mulher vislumbre a possibilidade de uma reconciliação, sempre desejada enquanto se tem esperança nela? Eu poderia tentar esse gesto sem dar-lhe muita importância e, por conseguinte, sem lhe causar ciúme. Pelo contrário, seria um pequeno experimento que faríamos em conjunto; e, mesmo que eu tivesse êxito, seria apenas mais uma forma de repetir, a seu bel-prazer, um sacrifício que me pareceu ser-lhe agradável. E agora, bela amiga, resta-me receber minha recompensa, e todo o meu anseio é seu regresso. Venha, pois, e depressa, reencontrar seu amante, seus prazeres, seus amigos e o ritmo das aventuras.

A da menina Volanges resolveu-se às mil maravilhas. Ontem, minha preocupação não me deixando parar quieto, aproveitei uma de minhas várias saídas para ir à casa da sra. de Volanges. Encontrei sua pupila já na sala, ainda em trajes de enferma, mas em plena convalescença, o que só a tornava mais viçosa e interessante. Vocês, mulheres, numa situação dessas, passariam um mês inteiro na espreguiçadeira. Ora, vivam as donzelas! Esta, na verdade, deu-me vontade de conferir se a cura tinha sido completa!

Devo dizer-lhe ainda que esse acidente da menina por pouco não enlouquece o seu *sentimental* Danceny. Primeiro, de tristeza; e hoje, de alegria! *Sua Cécile* estava enferma! Pode imaginar a vertigem diante de tal desgraça. Mandava pedir notícias três vezes ao dia, e não deixava passar nenhum sem ir lá pessoalmente; pediu por fim, numa bela epístola à mãe dela, permissão para ir cumprimentá-la pela convalescença de um ente tão querido; e a sra. de Volanges consentiu, de modo que lá deparei com o rapaz tão à vontade como tempos atrás, a não ser por certa familiaridade que ainda não ousava permitir-se.

Por ele mesmo é que eu soube desses detalhes; pois fui embora com ele, e o fiz falar. Não faz ideia do efeito que lhe causou essa visita. É uma alegria, são desejos, arroubos impossíveis de descrever. Eu, que gosto das grandes emoções, terminei de fazê-lo perder a cabeça garantindo que dentro de bem poucos dias iria dar-lhe ocasião de ver sua bela ainda mais de perto.

Com efeito, estou decidido a entregar-lhe a menina tão logo conclua minha experiência. Quero dedicar-me por inteiro a você; além disso, valeria a pena sua pupila ser também minha aluna apenas para trair o marido? A obra-prima está em trair o amante! Pois, quanto a mim, não

devo sequer recriminar-me por ter pronunciado a palavra amor.

Adeus, bela amiga; volte, pois, o quanto antes desfrutar do poder que exerce sobre mim, por ele receber minha devida homenagem e entregar-me o devido prêmio.

Paris, neste 28 de novembro de 17**.

CARTA 145
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

É sério, visconde, abandonou a presidenta? Enviou-lhe a carta que eu redigira para ela? Você é mesmo encantador, e superou minha expectativa! Confesso de bom grado que essa vitória me lisonjeia mais que todas as que já alcancei. Julga, talvez, que dou um valor um tanto elevado a essa mulher que antigamente eu apreciava tão pouco; nada disso: não é sobre ela que obtive essa vantagem, mas sobre você. E isso é que é agradável, e realmente delicioso.

Sim, visconde, você amava muito a sra. de Tourvel, talvez ainda ame; amava-a loucamente. Mas, porque eu me divertia em envergonhá-lo por isso, sacrificou-a bravamente. Teria sacrificado mil outras para não ter de suportar uma brincadeira. Até onde não nos leva a vaidade! Tem razão o sábio ao dizer que ela é inimiga da felicidade.¹²

Como estaria neste momento se eu só tivesse querido pregar-lhe uma peça? Mas sou incapaz de enganar, sabe disso; e, ainda que você agora me reduzisse, por minha vez, ao desespero e ao convento, assumo os riscos e me rendo a meu vencedor.

Entretando, se capitulo é, em verdade, por pura fraqueza: pois, se quisesse, quantas chicanas ainda poderia criar-lhe! E você talvez as merecesse? Admiro, por exemplo, com que sutileza ou inépcia sugere sutilmente reatar com a presidenta. Muito lhe conviria, não é mesmo, atribuir-se o mérito do rompimento sem perder os prazeres do gozo? E, uma vez que esse aparente sacrifício deixaria de sê-lo para você, dispõe-se a repeti-lo a meu bel-prazer! Dessa forma, a celeste beata continuaria se achando a eleita exclusiva de seu coração, enquanto eu me orgulharia de ser sua rival preferida; seríamos ambas enganadas, mas você estaria

satisfeito, e que importa o resto?

É uma pena que, tendo tantos talentos para idealizar projetos, tenha tão pouco para executá-los; e que, com uma única atitude irrefletida, tenha você mesmo erguido um intransponível obstáculo ante aquilo que mais deseja.

Como! Considerava a possibilidade de reatar, e escreveu minha carta! Então julgou-me, por minha vez, bastante inepta! Ah, visconde, vá por mim, quando uma mulher golpeia o coração de outra, raramente erra o ponto sensível, e a ferida é incurável. Enquanto golpeava essa em especial, ou melhor, enquanto orientava seus golpes, não esquecia que essa mulher era minha rival, que por um momento você a julgara preferível a mim e que, enfim, me colocara um nível abaixo. Se me enganei em minha vingança, consinto em assumir a culpa. Assim, acho certo você tentar todos os recursos: convido-o a isso, inclusive, e prometo não me aborrecer com sua vitória se porventura a obtiver. Estou tão tranquila sobre esse assunto, que já não quero tratar dele. Falemos de outro.

A saúde da menina Volanges, por exemplo. Você me dará notícias positivas assim que eu voltar, não é verdade? Gostaria muito de tê-las. Depois disso, caberá a você decidir se lhe convém melhor entregar a menina a seu amante ou tentar, uma segunda vez, tornar-se o fundador de um novo ramo dos Valmont, sob o nome Gercourt. Essa ideia me parece interessante e, embora deixando-lhe a possibilidade, peço-lhe para não tomar nenhuma decisão definitiva sem antes conversarmos. Isso não significa adiar por muito tempo, pois devo estar em Paris muito em breve. Não posso dizer-lhe com certeza a data; mas não tenha dúvida de que, tão logo chegar, você será o primeiro a saber.

Adeus, visconde; no que pesem minhas implicâncias, brincadeiras e censuras, ainda o amo muito e tenho me preparado para lhe dar prova disso. Até breve, meu amigo.

Do castelo de..., neste 29 de novembro de 17**.

CARTA 146

DA MARQUESA DE MERTEUIL AO CAVALEIRO DANCENY

Vou partir afinal, meu jovem amigo, e amanhã à noite estarei de volta a

Paris. Em meio aos tantos transtornos decorrentes da viagem, não irei receber ninguém. No entanto, caso tenha alguma confiança urgente a fazer-me, consinto em excetuá-lo da regra geral; mas tal exceção só se aplica ao senhor, de modo que lhe peço segredo sobre minha chegada. Nem mesmo o próprio Valmont será informado.

Se tivessem me dito, algum tempo atrás, que o cavaleiro logo gozaria de minha exclusiva confiança, eu não teria acreditado. Mas sua confiança desencadeou a minha. Quase me inclino a pensar que investiu nisso algum engenho, talvez mesmo sedução. O que seria muito feio! No momento, porém, ela não representaria nenhum perigo: o senhor tem realmente muito mais com que se ocupar! Quando a protagonista entra em cena, já não se dá atenção à confidente.

Assim, não teve tempo sequer para me contar as últimas novidades. Quando sua Cécile estava ausente, os dias não eram longos o bastante para ouvir seus ternos lamentos. Teria se lamentado para o eco se eu não estivesse ali para ouvi-lo. Depois que ela caiu doente, ainda honrou-me com o relato de suas preocupações; precisava de alguém a quem contá-las. Mas agora que aquela que ama se encontra em Paris, que está bem de saúde e que, mais que nada, o senhor pode vê-la de vez em quando, ela preenche tudo e seus amigos já nada significam.

Não o recrimino; a culpa é de seus vinte anos. Já desde os tempos de Alcibíades, não é sabido que os rapazes só conhecem a amizade quando sofrem alguma mágoa? A felicidade os torna às vezes indiscretos, mas nunca confiantes. Direi, como Sócrates: *Gosto que meus amigos venham a mim quando estão infelizes;*^{at13} mas ele, sendo filósofo, sabia passar sem eles quando não vinham. Nisso, não sou tão sábia como ele, e me resenti de seu silêncio com toda a fraqueza de uma mulher.

Não vá, contudo, julgar-me exigente: estou longe de sê-lo! O mesmo sentimento que me leva a observar essas carências me ajuda a suportá-las com coragem quando elas são prova, ou causa, da felicidade de meus amigos. De modo que só conto com o senhor amanhã à noite na medida em que o amor o deixar livre e disponível, e proíbo-o de fazer o menor sacrifício por mim.

Adeus, cavaleiro; será um grande prazer revê-lo: acaso virá?

Do castelo de..., neste 29 de novembro de 17**.

CARTA 147
DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Ficará seguramente tão aflita como estou, minha digna amiga, ao saber do estado em que se encontra a sra. de Tourvel; está enferma desde ontem: sua enfermidade a acometeu tão bruscamente, e manifesta sintomas tão graves, que estou realmente alarmada.

Uma febre ardente, uma agitação violenta e quase contínua, uma sede que nada pode aplacar, é tudo que se pode observar. Os médicos dizem que nada podem prognosticar por enquanto, e o tratamento será tanto mais difícil quanto a enferma recusa obstinadamente qualquer tipo de remédio: a tal ponto que tiveram de segurá-la à força para sangrá-la; e desde então foi preciso fazer o mesmo para repor a atadura, que em sua agitação ela tenta arrancar.

A senhora que, como eu, conheceu-a tão frágil, tímida e meiga, poderá imaginar que quatro pessoas mal dão conta de contê-la, e que assim que lhe é feita qualquer observação, entra em indescritíveis acessos de fúria? Quanto a mim, receio que haja nisso mais que delírio, e que se trate de uma autêntica alienação mental.

O que ainda vem aumentar meu receio é o que ocorreu antes de ontem.

Nesse dia, ela chegou por volta das onze horas da manhã, acompanhada da camareira, ao convento de.... Tendo sido educada naquela instituição, e conservado o hábito de frequentá-la vez ou outra, foi recebida como de costume, e parecia, aos olhos de todos, tranquila e bem de saúde. Cerca de duas horas mais tarde, indagou se estava vago o quarto que ocupava quando pensionista e, ao responderem-lhe que sim, pediu para revê-lo. A madre superiora acompanhou-a, junto com outras freiras. Foi então que ela declarou que voltaria a ocupar o quarto que, dizia, nunca deveria ter deixado, acrescentando que dali só sairia *morta*: foi essa a expressão que usou.

A princípio, ninguém soube o que dizer. Passado, porém, o espanto inicial, observaram que sua condição de mulher casada não permitia que a recebessem sem uma autorização especial. Não adiantou esse argumento, nem os outros mil que apresentaram; a partir daí ela teimou em não sair, não só do convento, como de seu quarto. Por fim, às sete horas, vencidas pelo cansaço, consentiram em que passasse a noite ali. Despacharam de

volta seu carro com os criados, e adiaram a decisão para o dia seguinte.

Asseguram que, no início da noite, seu aspecto ou sua postura, longe de aparentar desvario, estavam calmos e ponderados, e que ela apenas mergulhou, umas quatro ou cinco vezes, num devaneio tão profundo de que não emergia quando lhe falavam; e que, toda vez, antes de voltar a si, levava as duas mãos à testa, que parecia apertar com força. Nisso, tendo uma das religiosas presentes lhe perguntado se estava com dor de cabeça, fitou-a demoradamente antes de responder, dizendo afinal: “Não é aí que está minha dor!”. Instantes depois, pediu que a deixassem sozinha e que, no futuro, não lhe fizessem mais pergunta alguma.

Todas então se recolheram, com exceção de sua camareira, que felizmente iria dormir no mesmo quarto, na falta de outro lugar.

Segundo o relato dessa moça, sua patroa permaneceu bastante calma até as onze horas da noite. Disse então que desejava deitar-se. Contudo, antes de terminar de se despir, pôs-se a andar pelo quarto, em meio a muita agitação e gesticulação frequente. Julie, que testemunhara o ocorrido ao longo do dia, não se atreveu a dizer nada, e esperou em silêncio por quase uma hora. Por fim, a sra. de Tourvel a chamou duas vezes seguidas: mal teve tempo de acorrer, e a patroa caiu em seus braços, dizendo: “Não quero mais”. Deixou-se levar até a cama, e não quis tomar nada, nem buscar ajuda. Apenas pediu a Julie que deixasse água perto dela, e mandou que se deitasse.

Julie afirma ter ficado até as duas horas da manhã sem dormir, e não ter escutado, até então, nem movimento nem queixas. Mas diz ter acordado às cinco horas com sua patroa falando em voz alta e forte; e que, tendo-lhe perguntado se precisava de alguma coisa, e não obtendo resposta, pegou um candeeiro e foi até a cama da sra. de Tourvel, que não a reconheceu, mas, interrompendo de súbito seu palavreado sem nexos, exclamou vivamente: “Deixe-me sozinha, deixe-me no escuro: o escuro é o que me convém”. Eu mesma ontem pude observar que tem repetido essa frase seguidamente.

Enfim, Julie aproveitou essa espécie de ordem para sair em busca de alguém e de socorro; mas a sra. de Tourvel rejeitou uma e outra coisa, com a fúria e os acessos que tantas vezes se repetiram desde então.

O alvoroço que isso causou em todo o convento fez com que a madre superiora decidisse mandar me chamar às sete horas da manhã de ontem... Ainda não amanhecera. Acorri imediatamente. Quando me anunciaram à

sra. de Tourvel, ela pareceu voltar a si, e respondeu: “Ah, sim, que entre”. Mas, quando cheguei junto de sua cama, contemplou-me fixamente, tomou-me rapidamente a mão, que apertou, e disse com voz forte, mas sombria: “Morro por não ter acreditado na senhora”. Em seguida, ocultando o olhar, repetiu sua fala mais frequente: “Deixem-me sozinha etc.”; e esvaneceu-se toda lucidez.

Essas palavras que me disse, além de algumas poucas que lhe escaparam em meio ao delírio, levam-me a rezear que essa cruel enfermidade tenha uma causa ainda mais cruel. Respeitemos, porém, os segredos de nossa amiga, atendo-nos a lamentar seu infortúnio.

Todo o dia de ontem foi igualmente tempestuoso, dividido entre acessos pavorosos e momentos de abatimento letárgico, os únicos que ela tem e nos permite algum descanso. Só saí de sua cabeceira às nove horas da noite, e devo voltar lá esta manhã para ficar o dia inteiro. Decerto não irei abandonar minha desgraçada amiga, mas é desoladora sua obstinação em rejeitar qualquer cuidado ou socorro.

Envio-lhe o boletim desta noite que acabo de receber, e que, como verá, não é nada animador. Cuidarei de lhe encaminhar todos eles regularmente.

Adeus, minha digna amiga, vou para junto da enferma. Minha filha, que felizmente está quase restabelecida, apresenta-lhe seus cumprimentos.

Paris, neste 29 de novembro de 17**.

CARTA 148

DO CAVALEIRO DANCENY À MARQUESA DE MERTEUIL

Ó senhora que amo! Ó senhora que adoro! Ó senhora que iniciou minha felicidade! Ó senhora que a preencheu! Amiga sensível, terna amante, por que vem a lembrança de sua dor perturbar o enlevo em que me encontro? Ah, senhora, acalme-se, a pedido da amizade. Ó minha amiga, seja feliz, é a súplica do amor.

Ora, que censuras tem afinal a fazer-me? Seus pruridos estão a iludi-la, acredite. O arrependimento que eles lhe suscitam, os erros de que me acusa, são igualmente quiméricos; e sinto em meu coração que não houve, entre nós, nenhum sedutor além do amor. De modo que não mais receie entregar-se aos sentimentos que inspira, e deixar-se penetrar por todo o

ardor que desperta. Quê! Por que foram aclarados mais tarde, serão menos puros nossos corações? Decerto que não. Pelo contrário, a sedução, que nunca age senão segundo um plano, é que é capaz de combinar seu curso e seus recursos, e prever de longe os acontecimentos. O verdadeiro amor, porém, não permite a ponderação e a reflexão: distrai-nos de nossos pensamentos com nossos sentimentos; seu poder nunca é tão forte como quando é ignorado, e na sombra e no silêncio é que ele nos envolve em liames impossíveis de perceber ou romper.

Assim é que ontem mesmo, a despeito da violenta emoção que me causava a ideia de seu regresso, a despeito do prazer extremo que senti ao vê-la, ainda julgava não ser atraído ou guiado senão pela tranquila amizade; ou melhor, inteiramente entregue aos doces sentimentos de meu coração, pouco me dedicava a deslindar sua causa ou origem. Assim como eu, minha doce amiga, você experimentava, sem conhecê-lo, o imperioso encanto que entregava nossas almas às doces sensações da ternura; e ambos só reconhecemos o amor quando emergimos da embriaguez em que nos mergulhara este Deus.

Isso em si nos justifica, porém, em vez de condenar-nos. Não, você não traiu a amizade, como tampouco eu abusei de sua confiança. Ambos desconhecíamos nossos sentimentos, é verdade; mas apenas vivemos essa ilusão, sem pensar em despertá-la. Ah! Longe de nos lamentarmos, pensemos apenas na felicidade que nos propiciou; e, sem turvá-la com injustas censuras, tratemos apenas de aumentá-la ainda mais com o encanto da confiança e da segurança. Ó minha amiga! Como é cara a meu coração essa esperança! Sim, livre doravante de qualquer receio, e inteiramente entregue ao amor, irá partilhar meus desejos, meus enlevos, o delírio de meus sentidos, a embriaguez de minh'alma; e cada momento de nossos bem-aventurados dias será marcado por uma nova volúpia.

Adeus, você que eu adoro! Vejo-a esta noite, mas, estará sozinha? Não ouse esperá-lo. Ah! Você não o deseja tanto quanto eu.

Paris, neste 1º de dezembro de 17**.

CARTA 149
DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Tive durante todo o dia de ontem, minha digna amiga, a esperança de poder esta manhã dar-lhe notícias mais favoráveis sobre a saúde de nossa querida enferma. Desde ontem à noite, porém, tal esperança ruiu, e restame apenas a tristeza de tê-la perdido. Um acontecimento, anódino em aparência, mas bastante cruel pelos desdobramentos que teve, deixou a enferma num estado tão aflitivo como antes, ou mesmo pior.

Eu mesma não teria entendido essa súbita transformação se não tivesse recebido ontem a inteira confiança de nossa desgraçada amiga. Uma vez que ela não me ocultou que também a senhora estava a par de todos os seus infortúnios, posso falar-lhe sem reservas sobre sua triste situação.

Ontem pela manhã, quando cheguei ao convento, disseram-me que a enferma dormia havia mais de três horas; e seu sono era tão profundo e tranquilo que receei, por um momento, que fosse um sono letárgico. Passado algum tempo, ela acordou, e abriu ela própria os cortinados da cama. Fitou-nos com ar surpreso e, como eu me levantasse para ir ter com ela, reconheceu-me, disse meu nome e pediu que eu me acercasse. Não me deu tempo de fazer qualquer pergunta e indagou onde estava, o que estávamos fazendo ali, se estava doente e por que não estava em sua própria casa. De início, julguei tratar-se de novo delírio, apenas mais calmo que o anterior: mas percebi que ela compreendia perfeitamente minhas respostas. Com efeito, tinha recobrado a razão, mas não a memória...

Interrogou-me minuciosamente sobre tudo o que acontecera desde sua chegada ao convento, para onde não se lembrava de ter ido. Respondi com exatidão, omitindo tão somente o que poderia assustá-la demais. E quando, por minha vez, perguntei-lhe como estava, respondeu-me que no momento não sentia dor alguma, mas que seu sono fora bastante agitado e sentia-se cansada. Convidei-a a acalmar-se e falar pouco, tornando então a cerrar parcialmente o cortinado, que deixei entreaberto, e sentei-me perto da cama. Nisso, ofereceram-lhe um caldo, que ela tomou e achou bom.

Permaneceu assim por cerca de meia hora, durante a qual falou apenas para agradecer-me por meus cuidados; e pôs em seus agradecimentos a graça e o encanto que a senhora conhece. Em seguida, manteve-se por algum tempo num silêncio absoluto, que só interrompeu para dizer: “Ah! Sim, recordo-me de ter vindo para cá”; e, no instante seguinte, exclamou dolorosamente: “Minha amiga, minha amiga, tenha pena de mim; estou a lembrar de todas as minhas desgraças”. Como eu então me acercasse, ela

segurou minha mão e, nela apoiando a cabeça: “Deus meu!”, continuou, “por que eu não morro?”. Sua expressão, mais que suas palavras, comoveu-me até as lágrimas; ela o percebeu por minha voz, e disse-me: “Tenha pena de mim! Ah, se me conhecesse!...”. E, interrompendo-se: “Peça que nos deixem a sós, então lhe contarei tudo”.

Como creio já ter mencionado, eu tinha algumas suspeitas sobre o que seria o objeto dessa confiança; e, temendo que essa conversa, que eu previa demorada e triste, pudesse ser prejudicial ao estado de nossa infeliz amiga, recusei de início, pretextando que ela precisava de repouso. Mas ela insistiu, e eu cedi a suas instâncias. Assim que nos vimos a sós, ela contou-me tudo o que a senhora já sabe por ela, motivo pelo qual não vou repeti-lo.

Por fim, falando-me da forma cruel com que fora abandonada, acrescentou: “Eu estava certa de que iria morrer, e sentia coragem para tanto; mas sobreviver a minha desgraça e vergonha, disso não sou capaz”. Tentei combater esse desânimo, ou melhor, esse desespero, com as armas da religião, até então tão poderosas para ela; logo percebi, porém, que não tinha forças suficientes para essas augustas funções, e limitei-me a sugerir que chamasse o padre Anselme, em quem sei que confia inteiramente. Ela consentiu, e pareceu até desejá-lo muito. Mandaram então chamar o padre, que veio imediatamente. Permaneceu muito tempo com a enferma, e disse, ao sair, que se os médicos fossem da mesma opinião a cerimônia dos sacramentos poderia ser adiada; e que voltaria no dia seguinte.

Eram cerca de três horas da tarde e, até as cinco, nossa amiga esteve bastante tranquila: de modo que voltamos todos a ter alguma esperança. Por infelicidade, trouxeram-lhe então uma carta. Quando quiseram entregá-la, ela primeiro respondeu que não queria receber nenhuma carta, e ninguém insistiu. Desse momento em diante, porém, pareceu mais agitada. Pouco depois, perguntou de onde vinha a carta; não estava selada. Quem a trouxera? Ninguém sabia. Da parte de quem fora entregue? Não o haviam dito às irmãs rodeiras. Ela então permaneceu algum tempo em silêncio. Depois do quê, recomeçou a falar, mas suas palavras sem nexos apenas nos mostraram que o delírio recomeçara.

Ainda houve, entretanto, um intervalo tranquilo, até que por fim pediu que lhe entregassem a tal carta. Assim que pôs os olhos nela, exclamou: “É dele! Deus meu!”, e, com uma voz forte, mas sufocada: “Peguem-na de volta, peguem-na”. Mandou de imediato que fechassem os cortinados da

cama e proibiu que qualquer pessoa se aproximasse. Logo depois, porém, fomos obrigados a voltar para junto dela. O acesso estava mais forte que nunca, e a ele somavam-se convulsões realmente assustadoras. Tais fenômenos se repetiram por toda a tarde, e o boletim desta manhã me informa que a noite não foi menos tempestuosa. Enfim, seu estado é tal que me espanta ela ainda não ter sucumbido; e não lhe escondo que só me resta pouquíssima esperança.

Suponho que a malfadada carta seja do sr. de Valmont: mas o que ainda terá ele a dizer-lhe? Perdoe-me, cara amiga. Proíbo-me qualquer comentário, mas é demasiado cruel ver perecer tão desgraçadamente uma mulher até então tão feliz e tão digna de sê-lo.

Paris, neste 2 de dezembro de 17**.

CARTA 150
DO CAVALEIRO DANCENY À MARQUESA DE MERTEUIL

Enquanto espero a felicidade de vê-la, entrego-me, minha terna amiga, ao prazer de escrever; e é pensando em você que esconjuro a dor de estarmos afastados. Descrever-lhe meus sentimentos, recordar os seus, é para meu coração um autêntico gozo; e assim é que esse próprio período de privações ainda oferece mil bens preciosos a meu amor. Entretanto, a crer no que me diz, não obterei de você qualquer resposta; esta própria carta há de ser a última, e nos privaremos então de um intercâmbio que é, a seu ver, perigoso, *e do qual não precisamos*. Decerto acabarei por acreditar nisso, se você persistir: pois o que pode você querer que, por esse exato motivo, eu não queira também? Mas, antes de decidir em definitivo, permite que conversemos a respeito?

Quanto ao que diz respeito ao perigo, só a você cabe julgar: não tenho como avaliar, e me atenho a pedir-lhe que atente para sua segurança, já que não posso estar tranquilo enquanto você estiver preocupada. Nesse tópico, nós dois não somos um, e sim, você é que é nós dois.

O mesmo não ocorre quanto à *necessidade*: nisso, não podemos senão ter um só pensamento, e se divergirmos, só poderá ser por falta de nos explicarmos ou nos entendermos. Eis, portanto, o que creio sentir.

Uma carta parece, sem dúvida, bem pouco necessária quando podemos

nos ver livremente. O que ela poderia dizer que uma palavra, um olhar ou mesmo o silêncio não exprimiriam cem vezes melhor? Tão verdadeiro isso me parece que, no momento em que você falou em não mais nos escrevermos, tal ideia penetrou facilmente em minha alma; incomodou-a, talvez, mas não a afetou. Mais ou menos como quando, ao querer beijar seu coração, deparo com uma fita ou gaze, e apenas a afasto, sem ter, porém, a sensação de um obstáculo.

Depois disso, porém, nos separamos; e logo, sem sua presença, a ideia de uma carta voltou a me atormentar. Por que, pensei, mais uma privação? Quê! Porque estamos afastados, já não teremos nada a dizer-nos? Fico imaginando que, favorecidos pelas circunstâncias, passemos um dia inteiro juntos; teremos de furtar, para conversar, o tempo de gozar? Sim, gozar, minha terna amiga; pois com você, os próprios momentos de repouso ainda oferecem um gozo delicioso. Enfim, por mais tempo que tenhamos, acabamos por nos separar, e ficamos então tão sós! Nesse momento, uma carta é tão preciosa! Se não a lemos, ao menos a contemplamos... Ah, sem dúvida, é possível contemplar uma carta sem lê-la, assim como me parece que à noite eu ainda teria prazer em tocar seu retrato...

Eu disse seu retrato? Mas uma carta é o retrato da alma. Não tem, como a fria imagem, essa estagnação tão alheia ao amor; presta-se a todas as nossas emoções: ora se anima, ora goza, ora descansa... Seus sentimentos me são todos tão preciosos! Irá privar-me de uma forma de os acolher?

Tem mesmo certeza de que a necessidade de escrever-me nunca irá atormentá-la? Se, na solidão, seu coração se dilatar ou se oprimir, se um sentimento de alegria tocar sua alma, se uma tristeza involuntária vier perturbá-la um instante; então não será no peito de seu amigo que irá derramar sua alegria ou sua mágoa? Terá então um sentimento que ele não irá partilhar? Então irá deixar que ele, pensativo e solitário, se disperse longe de você? Minha amiga... minha terna amiga! Mas cabe a você decidir. Eu queria apenas conversar, e não persuadi-la; expus apenas argumentos, ousou acreditar que seria mais hábil com súplicas. Tentarei não me afligir, portanto, se você persistir; farei um esforço para dizer a mim mesmo o que você teria me escrito; mas, ora, você o diria melhor que eu; e, mais que nada, eu sentiria mais prazer em ouvi-la.

Adeus, minha encantadora amiga; aproxima-se enfim o momento em que poderei vê-la: despeço-me rapidamente, para ir mais cedo a seu encontro.

Paris, neste 3 de dezembro de 17**.

CARTA 151

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Decerto não me julga tão bisonho, marquesa, a ponto de me enganar quanto ao tête-à-tête em que a flagrei esta noite, e quanto ao *surpreendente acaso* que conduzira Danceny a sua casa! Não que seu experiente semblante não tenha sabido adotar à perfeição a expressão da calma e da serenidade, nem que se tenha traído com uma dessas frases que por vezes escapam à perturbação ou ao remorso. Reconheço inclusive que seus olhares dóceis obedeceram-lhe à perfeição; e que, se tivessem sabido convencer tão bem como se fizeram entender, longe de ter ou manter a menor suspeita, eu em momento algum teria duvidado do extremo desgosto que lhe causava a presença *daquele terceiro importuno*. Mas, para não esbanjar à toa tão imensos talentos, para obter o êxito que deles esperava, para causar, enfim, a ilusão que buscava produzir, deveria ter instruído com mais cuidado seu amante novato.

Já que está começando a cuidar de educação, ensine a seus alunos a não corarem e se desconcertarem ao mínimo gracejo; a não negarem com tanta veemência, sobre uma única mulher, aquilo que desmentem tão frouxamente sobre todas as demais. Ensine-lhes, além disso, a ouvirem elogiar sua amante sem se sentirem obrigados a fazer suas honras; e, antes de permitir que a contemplem em público, faça com que saibam ao menos disfarçar esse olhar de posse, tão fácil de identificar e que eles tão ingenuamente confundem com o olhar do amor. Então poderá permitir-lhes a presença em seus exercícios públicos sem que sua conduta comprometa a sábia preceptora; e eu próprio, feliz em contribuir para sua celebridade, prometo elaborar e publicar o programa dessa nova escola.

Mas até lá, surpreende-me, confesso, que seja a mim que você tenha resolvido tratar como a um colegial. Ah, com qualquer outra mulher eu logo estaria vingado! E com que prazer! Um prazer que excederia, e muito, aquele de que ela julgava privar-me! Sim, você é mesmo a única por quem posso preferir a reparação à vingança; e não pense que me detenha a menor dúvida, a menor incerteza; eu sei de tudo.

Já faz quatro dias que está em Paris, e todos esses dias estive com

Danceny, e apenas com ele. Hoje mesmo a porta de sua casa ainda se achava fechada; só faltou a seu porteiro, para impedir-me de chegar até você, um aprumo igual ao seu. Embora eu não devesse ter dúvidas, escreveu-me você, de que seria o primeiro a ser informado de sua chegada; dessa chegada de que ainda não podia me dizer a data, mesmo que tenha me escrito na véspera de sua viagem. Irá negar esses fatos ou tentará desculpar-se? Ambas as alternativas são igualmente impossíveis; no entanto, ainda me contendo! Reconheça aí seu poder; mas, vá por mim, satisfeita por tê-lo confirmado, não abuse dele por muito mais tempo. Conhecemos um ao outro, marquesa: essas palavras deveriam lhe bastar.

Disse-me que deve sair amanhã o dia inteiro? Muito bem, se vai de fato sair; e pode supor que estarei a par. Mas afinal à noite estará de volta; e, para nossa difícil reconciliação, até o dia seguinte não será tempo de sobra. Mande-me dizer se será em sua casa, ou *lá*,¹⁴ que empreenderemos nossas muitas e mútuas expiações. E, por favor, basta de Danceny. Sua mente teimosa estava repleta da ideia dele, e posso não sentir ciúme desse delírio de sua imaginação: mas pondere que, a partir de agora, o que era simples capricho passará a clara preferência. Não creio que essa humilhação seja do meu feitio, e não espero recebê-la de você.

Espero, inclusive, que esse sacrifício não se lhe afigure como tal. E, mesmo que lhe custasse um pouco, creio ter-lhe dado um belíssimo exemplo! De que uma mulher linda e sensível, que existia apenas para mim, que nesse exato momento talvez esteja morrendo de amor e desgosto, bem vale um jovem colegial que, concedo, não carece de boa aparência nem inteligência, mas ainda não possui traquejo nem consistência.

Adeus, marquesa; não digo nada sobre meus sentimentos por você. Só posso, neste momento, não perscrutar meu coração.guardo sua resposta. Pondere bem, ao escrevê-la, pondere que, se lhe é muito fácil fazer-me esquecer a ofensa que me fez, uma recusa sua, um mero adiamento, gravaria essa ofensa em meu peito com traços indeléveis.

Paris, neste 3 de dezembro de 17**, à noite.

CARTA 152
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Tome tento, visconde, e seja mais delicado com minha extrema timidez! Como quer que eu suporte a aflitiva ideia de incorrer em sua indignação, e, sobretudo, que eu não sucumba ao medo de sua vingança? Mesmo porque, como sabe, caso me aprontasse alguma maldade, seria impossível para mim revidá-la. Por mais que eu comentasse por aí, sua existência não se tornaria menos brilhante ou menos tranquila. Aliás, o que teria a temer? O ser obrigado a partir, se lhe deixassem tempo para tanto. Mas não se vive tão bem no estrangeiro como aqui? E, ao fim e ao cabo, conquanto a corte francesa o deixasse em paz na corte onde escolhesse viver, isso para você seria uma mera mudança de cenário para suas conquistas.¹⁵ Depois de tentar devolver-lhe o sangue-frio mediante essas considerações morais, voltemos a nossos assuntos.

Sabe por que, visconde, nunca tornei a me casar? Decerto não foi por falta de encontrar partidos vantajosos; foi simplesmente para que ninguém se desse ao direito de questionar meus atos. Não que eu temesse não poder mais realizar minhas vontades, pois isso eu sempre acabaria por fazer; mas me incomodaria o mero fato de alguém sentir-se no direito de queixar-se; e enfim, porque queria trair apenas por prazer, e não por necessidade. E eis que você me escreve a carta mais marital que se possa ler! Menciona tão somente falhas de minha parte, e atrativos da sua! Como é possível, no entanto, estar em falta em relação a quem não se deve nada? Não posso imaginar!

Vejamos: do que se trata afinal? Você encontrou Danceny em minha casa, e isso não foi de seu agrado? Muito bem: e o que terá deduzido? Que era fruto do acaso, como eu lhe disse, ou de minha vontade, como eu não disse. No primeiro caso, sua carta é injusta; no segundo, é ridícula: nem valia a pena escrever! Mas você está com ciúme, e o ciúme não raciocina. Pois bem, vou raciocinar por você.

Ou você tem um rival, ou não tem. Se tem um rival, deve agradar para se tornar o preferido, se não tem, deve igualmente agradar para evitar vir a ter. Em ambos os casos, a atitude a tomar é a mesma. Assim, por que se atormentar? E, mais que nada, por que me atormentar? Então já não sabe ser o mais amável? Já não está seguro de suas conquistas? Ora, visconde, está sendo injusto consigo mesmo. Não se trata disso, porém: o fato é que, a seu ver, eu não mereço tanto esforço seu. Você menos deseja minhas atenções do que quer abusar de seu poder. Vamos, você é um ingrato.

Creio perceber aí algum sentimento!, e a continuar assim, esta carta poderia tornar-se muito terna; mas você não merece isso.

Tampouco merece que eu me justifique. Para puni-lo de suas suspeitas, irei deixar que fique com elas: assim, sobre a data de meu regresso ou sobre as visitas de Danceny, nada lhe direi. Teve de se esforçar para obter informações a respeito, não é verdade? Pois bem, de que lhe adiantou? Espero que tenha encontrado nisso muito prazer; já o meu, não foi abalado.

Só o que posso responder, portanto, a sua carta ameaçadora, é que ela não teve o dom de me agradar nem o poder de me intimidar, e que, no momento, não poderia estar menos disposta a atender seus pedidos.

Em verdade, aceitá-lo tal como se mostra atualmente seria uma real infidelidade. Não seria reatar com meu antigo amante; seria arranjar um novo, que não vale, nem de longe, aquele. Ainda não esqueci suficientemente o primeiro para enganar-me assim. O Valmont que eu amava era encantador. Posso inclusive admitir que nunca conheci homem mais amável. Ah, visconde, se acaso o encontrar, traga-o para mim, eu lhe peço; sempre será bem recebido.

Previna-o, contudo, que de modo algum isso seria para hoje ou amanhã. Seu *Menecma* causou-lhe algum prejuízo; e, se me apressar demais, receio confundir-me; ou, quem sabe, já me comprometi com Danceny nessas duas datas? E sua carta mostrou-me que você não é de brincar quando se falta à palavra dada. Como vê, terá de esperar.

Que lhe importa, porém? Irá, de qualquer modo, vingar-se de seu rival. O qual não irá fazer a sua amante mais mal do que você fez à dele; e, afinal, tanto faz uma mulher ou outra? São esses seus princípios. Mesmo aquela, terna e sensível, que só *existisse para você, que morresse enfim de amor e arrependimento*, seria sacrificada ao primeiro capricho, ao medo de ser por um momento escarnecido; e quer que eu faça cerimônias? Ah, não é justo.

Adeus, visconde; torne a ser amável. Ora, tudo o que quero é achá-lo encantador; e, tão logo esteja certa disso, comprometo-me a lhe provar. Sou boa demais, na verdade.

Paris, neste 4 de dezembro de 17**.

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

Respondo no ato a sua carta, e tentarei ser claro; o que não é fácil com você, quando decide não entender.

Não eram precisos longos discursos para demonstrar que, cada um de nós tendo em mãos o necessário para perder o outro, temos igual interesse em nos pouparmos mutuamente: não é disso, portanto, que se trata. Mas, entre a brutal alternativa de nos perdermos e aquela, decerto melhor, de permanecermos unidos como éramos, de nos unirmos ainda mais reatando nossa antiga relação, entre essas duas alternativas, digo, existem mil outras possíveis. Não era ridículo dizer-lhe, portanto, e não o é repetir-lhe que, deste dia em diante, serei seu amante ou seu inimigo.

Percebo muito bem que fazer essa escolha a incomoda, que melhor lhe conviria tergiversar; e bem sei que você nunca apreciou ser assim colocada entre o sim e o não. Mas deve perceber, por sua vez, que não posso deixá-la escapar desse estreito círculo sem me arriscar a ser escarnecido; e você deve imaginar que isso eu não iria aceitar. Agora, cabe a você decidir: posso deixar-lhe a escolha, mas não permanecer na incerteza.

Previno-a apenas de que não irá iludir-me com seus raciocínios, acertados ou não; que tampouco irá seduzir-me com uns poucos afagos com que procure enfeitar suas recusas; e que, finalmente, é chegada a hora da franqueza. Disponho-me de bom grado a dar o exemplo; e é um prazer declarar-lhe que prefiro a paz e a união: mas, se for necessário quebrar uma ou outra, creio ter direitos e meios para tanto.

Acrescento, portanto, que o menor obstáculo de sua parte será encarado por mim como uma autêntica declaração de guerra: percebe que a resposta que lhe peço não exige nem longas nem belas frases. Duas palavras serão suficientes.

Paris, neste 4 de dezembro de 17**.

RESPOSTA DA MARQUESA DE MERTEUIL
ESCRITA EMBAIXO DA MESMA CARTA.

Pois que seja! Guerra!

CARTA 154
DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Os boletins poderão instruí-la melhor do que eu, cara amiga, sobre o deplorável estado de nossa enferma. Inteiramente dedicada aos cuidados que venho lhe prestando, só tomo o tempo de escrever-lhe quando surgem novos elementos além da própria doença. Eis aqui um deles, que eu decerto não esperava. Trata-se de uma carta que recebi do sr. de Valmont, o qual achou por bem escolher-me por confidente, e até como sua mediadora junto da sra. de Tourvel, a quem enviou igualmente uma carta, anexada à minha. Uma delas eu devolvi, junto com minha resposta à outra. Encaminho-lhe essa última, e creio que irá concordar que eu não podia, nem devia, fazer nada daquilo que ele me pede. Ainda que o quisesse, nossa desgraçada amiga não estaria em condições de me ouvir. Está em constante delírio. Mas o que me diz desse desespero do sr. de Valmont? Podemos, para começar, acreditar nele, ou será que quer apenas enganar todo o mundo até o fim? Se, por uma vez, estiver sendo sincero, força lhe é reconhecer que construiu ele próprio sua desgraça. Creio que pouco irá apreciar minha resposta, mas confesso que tudo o que envolve essa desafortunada aventura me deixa cada vez mais revoltada com seu autor.

Adeus, querida amiga; vou retomar meus tristes cuidados, ainda mais tristes pela pouca esperança que tenho de vê-los resultar. Já sabe dos sentimentos que nutro pela senhora.

Paris, neste 5 de dezembro de 17**.

CARTA 155
DO VISCONDE DE VALMONT AO CAVALEIRO DANCENY

Passei duas vezes em sua casa, meu caro cavaleiro. Mas, desde que abandonou o papel de amante pelo de homem de aventuras galantes, tornou-se, como é natural, inencontrável. Seu criado de quarto, contudo, assegurou-me que voltaria para casa esta noite; que tinha ordens de esperá-lo. Já eu, que estou a par de seus planos, compreendi que só passaria em casa rapidamente para trocar de roupa, retomando imediatamente suas

bem-sucedidas atividades. Ora vivas, só me resta aplaudir. Mas talvez seja tentado, esta noite, a dar-lhes um rumo diferente. Até o momento, conhece seus assuntos apenas em parte; deve ser informado sobre a outra parte para, então, poder decidir. Dê-se o tempo, portanto, de ler minha carta. Ela não o estará distraindo de seus prazeres, uma vez que, ao contrário, tem por único objetivo permitir-lhe optar entre eles.

Tivesse merecido sua inteira confiança, tivesse sabido pelo cavaleiro a parte de seus segredos que deixou por adivinhar, teria sido informado a tempo; e meu zelo, menos inepto, não estaria hoje a perturbar seu caminho. Enfim, partamos desse ponto em que estamos. Qualquer que seja sua decisão, a menos interessante para o cavaleiro sempre poderá significar a alegria de outro.

Tem um encontro esta noite, não é verdade? Com uma mulher encantadora e que você adora? Pois, em sua idade, que mulher não adoramos, pelo menos na primeira semana? O local do encontro também deve contribuir a seus prazeres. Uma deliciosa *petite maison*, e *adquirida só por sua causa*, deverá adornar a volúpia com as graças da liberdade e do mistério. Está tudo combinado; o cavaleiro é esperado, e está ansioso por ir! Eis o que nós dois sabemos, embora não me tenha contado nada. E agora, eis o que não sabe, e que preciso contar-lhe.

Desde meu regresso a Paris, vinha tratando de aproximá-lo da srta. de Volanges, conforme prometera; e, ainda na última vez em que tocamos no assunto, tive razões para supor, por suas respostas, diria até por seus enlevos, que isso significava tratar de sua felicidade. Não tinha como, sozinho, realizar essa tarefa um tanto difícil, mas, depois de providenciar os meios, deixei o restante ao zelo de sua jovem namorada. Ela encontrou, com seu amor, os recursos que faltavam a minha experiência. Enfim, para azar seu, ela conseguiu. Disse-me esta tarde que, há dois dias, todos os obstáculos foram superados, e sua felicidade depende agora apenas do cavaleiro.

Há dois dias, também, pretendia dar-lhe pessoalmente a notícia e, mesmo na ausência da mãe, iria recebê-lo. Mas o cavaleiro nem sequer apareceu! E, para ser sincero, quer por capricho, quer por discernimento, a moça pareceu-me um tanto aborrecida com essa falta de empenho de sua parte. Enfim, deu um jeito para que também eu pudesse chegar até ela, e me fez prometer que lhe entregaria o quanto antes a carta que lhe envio junto desta. Pelo zelo que demonstrou, posso apostar que o assunto é um

encontro para esta noite. Seja como for, jurei sobre a honra e a amizade que o cavaleiro receberia a terna missiva durante o dia, e não posso nem quero faltar a minha palavra.

E agora, meu rapaz, que atitude irá tomar? Dividido entre o coquetismo e o amor, entre o prazer e a felicidade, qual será sua escolha? Estivesse eu falando com o Danceny de três meses, ou mesmo uma semana atrás, seguro de seu coração, saberia quais seriam seus atos. Mas o Danceny de hoje, disputado pelas mulheres, envolvendo-se em aventuras, e tornado, como se deve, um tanto safado, irá preferir a moça muito tímida, que conta apenas com sua beleza, sua inocência e seu amor, aos encantos de uma mulher absolutamente traquejada?

Quanto a mim, caro amigo, quer parecer-me que, mesmo levando em conta seus novos princípios, que, confesso, são também um pouco os meus, as circunstâncias me sugeririam a jovem namorada. Primeiro porque seria uma a mais, depois, por ser novidade, e também pelo receio de perder o fruto de tanto esforço ao deixar de colhê-lo; pois afinal seria realmente, quanto a essa, uma oportunidade perdida, que nem sempre se repete, sobretudo tratando-se de uma primeira fraqueza. Não raro, nesses casos, basta um instante de irritação, uma suspeita ciumenta, ou até menos, para malograr a mais bela conquista. A virtude, ao afogar-se, às vezes se agarra em algum galho, e uma vez resgatada mantém-se de sobreaviso e já não é tão fácil surpreendê-la.

Quanto à outra, pelo contrário, o que estaria arriscando? Nem mesmo um rompimento; uma pequena rusga, quando muito, em que pagamos com alguns mimos o prazer de uma reconciliação. Que alternativa resta a uma mulher já rendida, senão a indulgência? O que teria ela a ganhar sendo severa? A perda de seus prazeres, sem nenhum proveito para seu prestígio.

Se, como suponho, fizer a opção pelo amor, que me parece ser também a da razão, creio ser mais sensato não mandar cancelar o encontro marcado; deixe-se simplesmente esperar: caso arrisque uma justificativa, ela poderá sentir-se tentada a verificá-la. As mulheres são curiosas e obstinadas; tudo sempre pode ser descoberto. Eu mesmo, como sabe, fui recentemente um exemplo disso. Mas se deixar acesa a expectativa, sendo esta sustentada pela vaidade, só se esvanecerá muito depois da hora propícia às inquirições. E amanhã poderá escolher o obstáculo intransponível que o terá retido: terá estado doente, morto se preciso for, ou qualquer outro motivo que igualmente o desespere, e tudo se arranjará.

De resto, qualquer que seja sua opção, peço-lhe apenas que me ponha a par; e, como não tenho aí nenhum interesse pessoal, em ambos os casos apoiarei sua decisão. Adeus, caro amigo.

Devo ainda acrescentar que sinto falta da sra. de Tourvel; desespera-me estarmos separados; pois eu daria metade de minha vida pela alegria de dedicar-lhe a outra metade. Ah, vá por mim, só no amor somos felizes.

Paris, neste 5 de dezembro de 17**.

CARTA 156

DE CÉCILE VOLANGES AO CAVALEIRO DANCENY
(JUNTADA À ANTERIOR)

Como é possível, meu amado, que eu deixe de vê-lo quando isso é justamente o que não deixo de desejar? Acaso não tem tanta vontade quanto eu? Ah, agora sim é que estou triste! Mais triste do que quando estávamos totalmente separados. A tristeza que outros me causavam agora é de você que me vem, e é muito maior a dor.

De uns dias para cá, minha mãe não tem parado em casa, como sabe; e eu esperava que você tentasse se aproveitar desse momento de liberdade. Mas você nem sequer pensa em mim: ando muito infeliz! Você tanto repetia que, de nós dois, eu era quem amava menos! Eu sabia que era o contrário, e aí está a prova. Se tivesse vindo me ver, teria de fato me visto. Pois não sou como você, só no que penso é no que pode nos reunir. Você bem mereceria que eu não lhe contasse tudo o que fiz nesse sentido, e me custou tanto esforço. Mas amo-o demasiado, e tenho tanta vontade de vê-lo, que não posso evitar de contar-lhe. E então poderei ver afinal se me ama de verdade!

Tanto me empenhei que o porteiro está de nosso lado, e prometeu-me que sempre que você aparecer ele o deixará entrar como se não o tivesse visto. E podemos confiar nele, pois é um homem muito correto. De modo que agora só falta evitar que o vejam dentro de casa, o que será fácil se você só vier à noite, quando não houver mais nada a temer. Minha mãe, por exemplo, nesse período em que tem saído todo dia, vai todo dia deitar-se às onze horas: teríamos assim bastante tempo.

O porteiro me disse que, quando você quiser vir dessa forma, em vez de

bater na porta, basta bater na janela dele, e ele abrirá de imediato; depois, você encontrará decerto a escada de serviço; e, como não poderá usar nenhuma luz, deixarei entreaberta a porta de meu quarto, o que sempre lhe dará alguma claridade. Tome cuidado para não fazer barulho, principalmente ao passar em frente ao quarto de minha mãe. Quanto ao de minha camareira, tanto faz, pois prometeu-me que não acordaria; também ela é uma moça muito boa! E, na hora de ir embora, será do mesmo jeito. E agora, vamos ver se você virá.

Meu Deus, por que bate tão forte meu coração quando lhe escrevo? Será que está para me acontecer uma desgraça, ou a expectativa de vê-lo é que me deixa assim transtornada? O que de fato sinto é que nunca o amei tanto como agora, e nunca tive tanta vontade de dizê-lo. Venha, pois, meu amado, meu bem-amado; que eu possa cem vezes repetir que o amo, que o adoro, que nunca amarei mais ninguém.

Dei um jeito de mandar avisar ao sr. de Valmont que tinha algo a dizer-lhe; e ele, sendo um tão bom amigo, virá certamente amanhã, e vou pedir que lhe entregue imediatamente minha carta. Assim, estarei esperando por você amanhã à noite, e você virá sem falta, se não quiser ver sua Cécile muito infeliz.

Adeus, meu amado; um beijo, de todo o coração.

Paris, neste 4 de dezembro de 17**, à noite.

CARTA 157

DO CAVALEIRO DANCENY AO VISCONDE DE VALMONT

Não duvide, meu caro visconde, nem de meu coração nem de minhas atitudes: como poderia resistir a um desejo de minha Cécile? Ah, é mesmo ela, somente ela, que eu amo, e sempre hei de amar! Sua ingenuidade, sua ternura têm para mim um encanto, de que pude ter a fraqueza de me deixar distrair, mas que nada jamais há de apagar. Envolvido em outra aventura sem, por assim dizer, dar por isso, não raro veio a lembrança de Cécile perturbar-me, mesmo em meio aos mais doces prazeres; e talvez meu coração nunca lhe tenha prestado mais sincera homenagem do que no momento preciso em que lhe era infiel. Entretanto, meu amigo, poupemos sua sensibilidade, e calemos sobre minhas falhas; não para enganá-la, mas

para não a afligir. A felicidade de Cécile é meu mais ardente desejo; nunca perdoaria a mim mesmo um erro que lhe custasse uma lágrima sequer.

Mereci, bem sinto, sua brincadeira acerca do que chama meus novos princípios. acredite, porém, que não é por eles que me pauto no momento, e estou disposto a prová-lo amanhã mesmo. Irei desculpar-me junto daquela que causou meu desvario e o compartilhou, e lhe direi: “Leia em meu coração; ele nutre pela senhora a mais doce amizade; a amizade aliada ao desejo se assemelha tanto ao amor!... Ambos nos enganamos; passível de erro, porém, não sou capaz de má-fé”. Conheço minha amiga; é tão honesta quanto é indulgente; além de perdoar-me, irá aprovar-me. Ela própria recriminava-se amiúde por ter traído a amizade; seus pruridos, não raro, assustavam seu amor: mais sábia que eu, irá fortalecer em minha alma esses úteis temores que eu, temerariamente, tentava esquecer na dela. A ela deverei o tornar-me melhor, como ao visconde deverei o ser mais feliz. Ó meus amigos! Dividam entre si minha gratidão. A ideia de dever-lhes minha felicidade só vem aumentar seu valor.

Adeus, meu caro visconde. Meu excesso de alegria não me impede de pensar em sua dor, e unir-me a ela. Oxalá pudesse ajudá-lo! A sra. de Tourvel mantém-se, então, inexorável? Dizem também que está muito doente. Meu Deus, como lastimo! Possa ela recobrar tanto a saúde quanto a indulgência, e fazer sua felicidade para sempre! São esses os votos da amizade; ousou esperar que sejam atendidos pelo amor.

Queria entreter-me mais tempo com o visconde; mas sou pressionado pelo tempo, e talvez Cécile já esteja a minha espera.

Paris, neste 5 de dezembro de 17**.

CARTA 158

DO VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA DE MERTEUIL

(A SEU DESPERTAR)

E então, marquesa, como está, após os prazeres da noite passada? Não se sente um tanto cansada? Admita que Danceny é encantador! Faz prodígios, esse garoto! Não esperava isso da parte dele, não é verdade? Ora, justiça seja dita: um rival assim bem merecia que eu fosse sacrificado por ele. Sério, ele tem muitas qualidades! E, principalmente, quanto amor,

constância, sensibilidade! Ah! Se for amada por ele como é amada sua Cécile, não terá de temer nenhuma rival: ele o provou essa noite. Outra mulher poderá, quem sabe, à força de coquetismo, roubá-lo por um instante; os jovens não sabem esquivar investidas provocantes. Mas, como vê, basta uma palavra do objeto amado para dissipar essa ilusão; assim, a você falta apenas ser esse objeto para ser perfeitamente feliz.

Decerto não irá se enganar: seu tato é demasiado seguro para que tenhamos esse receio. A amizade que nos une, contudo, tão sincera de minha parte como bem reconhecida da sua, fez-me desejar, para você, a experiência dessa noite. Foi fruto de minha dedicação; e deu certo. Mas, por favor, não me agradeça: não vale a pena, foi mesmo muito fácil.

De fato, o quanto me custou? Um ligeiro sacrifício, e alguma habilidade. Consentí em dividir com o rapaz as atenções de sua namorada: mas, enfim, nisso o direito dele era o mesmo que o meu; e me importava tão pouco! A carta que a jovem criatura lhe escreveu, fui eu mesmo quem a ditou; mas foi só para ganhar tempo, porque tínhamos maneiras melhores de empregá-lo. A carta que a ela juntei, ora, não era nada, quase nada: umas poucas reflexões da amizade para guiar a escolha do novo amante. Mas, para ser sincero, eram supérfluas: verdade seja dita, ele não hesitou um instante sequer.

E ele agora, em sua candura, deve ir vê-la ainda hoje para lhe contar tudo; e esse relato será decerto muito de seu agrado! Dirá ele, segundo me adiantou: *Leia em meu coração*; e, como vê, isso resolve tudo. Espero que, ao ler em seu coração o que houver para ser lido, você leia também que amantes tão jovens têm lá seus perigos; e, também, que mais vale ter-me como amigo do que como inimigo.

Adeus, marquesa; até uma próxima oportunidade.

Paris, neste 6 de dezembro de 17**.

CARTA 159
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT
(BILHETE)

Não gosto que, a maus procedimentos, somem brincadeiras de mau gosto;

não é de meu agrado, nem de meu feitio. Quando tenho queixas contra uma pessoa, não a escarneço; faço melhor: vingo-me. Por satisfeito que possa sentir-se neste momento, não se esqueça de que não será a primeira vez que você se congratula antecipadamente, e sozinho, na expectativa de uma vitória que lhe escapava no exato momento em que você se aplaudia.

Adeus.

Paris, neste 6 de dezembro de 17**.

CARTA 160

DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Escrevo-lhe do quarto de nossa desgraçada amiga, cujo estado continua mais ou menos o mesmo. Deve ocorrer hoje à tarde uma deliberação entre quatro médicos. Isso infelizmente constitui, como sabe, antes uma prova do perigo do que um meio de ajuda.

Entretanto, parece que está mentalmente um pouco melhor desde a noite passada. Sua camareira informou-me esta manhã que, por volta de meia-noite, a patroa mandou chamá-la; pediu para ficar a sós com ela e ditou-lhe uma longa carta. Julie acrescentou que, quando foi preencher o envelope, a sra. de Tourvel voltou a delirar, de modo que a moça ficou sem saber a quem deveria endereçá-la. Surpreendeu-me de início que a carta em si não tivesse lhe dado essa informação. Como ela me respondesse que temia equivocar-se, mas que a patroa insistira para que enviasse a carta imediatamente, tomei a responsabilidade de abri-la.

Encontrei o texto que lhe remeto, e que de fato não é endereçada a ninguém por dirigir-se a demasiadas pessoas. Tendo a acreditar, porém, que era ao sr. de Valmont que nossa desgraçada amiga pretendia escrever inicialmente; e que cedeu, sem o perceber, à desordem de suas ideias. Seja como for, julguei que essa carta não deveria ser entregue a ninguém. Envio-a à senhora, porque nela poderá ver, melhor do que eu saberia dizer, que pensamentos ocupam a mente de nossa enferma. Enquanto ela permanecer assim, tão vivamente afetada, não terei grande esperança. O corpo dificilmente se restabelece quando o espírito se mostra tão intranquilo.

Adeus, minha cara e digna amiga. Alegra-me que esteja distante do triste

espetáculo que tenho continuamente diante dos olhos.

Paris, neste 6 de dezembro de 17**.

CARTA 161

DA PRESIDENTA DE TOURVEL A...

(DITADA POR ELA E REDIGIDA POR SUA CAMAREIRA)

Criatura cruel e maléfica, não se cansa de me importunar? Já não lhe basta ter me atormentado, degradado, aviltado? Até mesmo a paz do túmulo quer roubar-me? Como! Nessa morada de trevas em que a ignomínia me forçou a sepultar-me, será a dor sem trégua, e a esperança, desconhecida? Não imploro por uma graça que não mereço: para que eu sofra sem me queixar, basta meu sofrimento não ser maior que minhas forças. Mas não torne insuportáveis meus tormentos. Ao deixar-me com minhas dores, retire de mim a lembrança cruel dos bens que perdi. Uma vez que os roubou de mim, não esboce mais a meus olhos sua desoladora imagem. Eu era inocente e tranquila: ao vê-lo perdi meu sossego; ao ouvi-lo tornei-me pecadora. Autor de minhas faltas, que direito tem você de puni-las?

Os amigos que me queriam bem, onde estarão? Apavora-os meu infortúnio. Nenhum ousa aproximar-se. Estou oprimida, e deixam-me sem ajuda! Morro, e ninguém chora por mim. Todo consolo me é negado. A compaixão se detém à beira do abismo em que mergulha o pecador. É dilacerado pelo remorso, e seus gritos não são escutados!

E você, que eu ultrajei; você, cuja estima vem somar-se a meu suplício; você, o único com direito a vingar-se, o que faz longe de mim? Venha punir uma mulher infiel. Que eu finalmente sofra merecidos tormentos. Queria já ter me submetido a sua vingança, mas faltou-me coragem para contar-lhe minha vergonha. Não por dissimulação, mas por respeito. Que esta carta lhe fale, ao menos, de meu arrependimento. A Providência assumiu sua causa, e o tem vingado por uma ofensa que ignorava. Foi ela quem atou minha língua e conteve minhas palavras; temeu que você me perdoasse uma falta que ela queria punir. Furtou-me a sua indulgência, que lhe teria ferido a justiça.

Impiedosa em sua vingança, entregou-me àquele mesmo que me perdeu. Sofro, a um só tempo, por ele e para ele. Em vão tento fugir-lhe; ele me

segue, está aí, obceca-me sem cessar. Mas como está diferente! Seus olhos já não expressam senão ódio e desprezo. Sua boca não profere senão recriminações e insultos. Seus braços não me envolvem senão para dilacerar-me. Quem irá salvar-me de seu bárbaro furor?

Mas como! É ele... não estou enganada; é ele que revejo. Ah, meu amável amigo! Acolha-me em seus braços; esconda-me em seu seio. Sim, é você, é mesmo você! Que funesta ilusão fez com que eu o desconhecêsse? Como sofri com sua ausência! Não mais nos separemos, não nos separemos jamais. Deixe-me respirar. Sinta meu coração, como palpita! Ah! Já não é temor, e sim a doce emoção do amor. Por que recusar-se a minhas ternas carícias? Volte para mim seu doce olhar! Que laços são esses que tenta romper? Por que prepara esse aparato de morte? Quem estará alterando assim suas feições? O que está fazendo? Deixe-me: tenho medo! Meu Deus, esse monstro de novo! Minhas amigas, não me abandonem. Você, que me aconselhava a fugir dele, ajude-me a combatê-lo; e você que, mais indulgente, prometia aliviar minhas dores, venha para junto de mim. Onde estão vocês duas? Se não me for permitido revê-las, ao menos respondam a esta carta; para que eu saiba que ainda me amam.

Deixe-me em paz, cruel! Que novo furor o anima? Receia que um doce sentimento penetre minha alma? Redobra meus tormentos, obriga-me a odiá-lo. Oh! Que doloroso é o ódio! Como corrói o coração que o destila! Por que me persegue? O que ainda terá a dizer-me? Já não me pôs na impossibilidade, tanto de ouvi-lo como de responder-lhe? Não espere mais nada de mim. Adeus, senhor.

Paris, neste 5 de dezembro de 17**.

CARTA 162

DO CAVALEIRO DANCENY AO VISCONDE DE VALMONT

Estou a par, senhor, de seus procedimentos para comigo. Sei também que, não satisfeito em ter-me indignamente enganado, não hesita em vangloriar-se, congratular-se por isso. Vi a prova de sua traição escrita de seu próprio punho. Confesso que meu coração se afligiu, e que senti certa vergonha pelo tanto que contribuí para que hediondamente abusasse de minha cega confiança. Não lhe invejo, porém, essa vergonhosa vantagem. Sinto-me

apenas curioso de saber se irá conservá-la. Serei informado se, como espero, irá se dignar a me encontrar amanhã, entre oito e nove horas da manhã, à entrada do Bois de Vincennes, na aldeia de Saint-Mandé. Cuidarei para que ali tenhamos à disposição todo o necessário para os esclarecimentos que ainda preciso obter do senhor.¹⁶

CAVALEIRO DANCENY

Paris, neste 6 de dezembro de 17**, à noite.

CARTA 163

SR. BERTRAND À SRA. DE ROSEMONDE

Senhora,

É com grande pesar que cumpro o triste dever de anunciar-lhe uma notícia que tão cruel tristeza irá lhe causar. Antes, permita-me convidá-la à piedosa resignação que todos tantas vezes admiraram na senhora, e que é a única coisa capaz de nos ajudar a suportar os males que permeiam nossa miserável existência.

O senhor seu sobrinho... Deus meu, será preciso que eu traga tamanha aflição a uma senhora respeitável! O senhor seu sobrinho teve a infelicidade de sucumbir durante um combate singular que teve esta manhã com o sr. cavaleiro Danceny. Desconheço por completo o motivo da contenda. Porém, ao que parece, pelo bilhete que encontrei no bolso do senhor visconde, e que tenho a honra de remeter-lhe, ao que parece, digo, não era ele o agressor. E foi justamente ele que a Providência permitiu que sucumbisse!

Eu estava em casa do senhor visconde a esperá-lo no momento em que o trouxeram. Avalie meu horror, ao ver o senhor seu sobrinho sendo carregado por dois de seus criados, todo banhado em seu próprio sangue. Tinha dois ferimentos de espada no corpo, e já estava bastante fraco. O sr. Danceny também estava presente, e inclusive chorava. Ah! por certo deve chorar: mas é tarde para verter lágrimas, depois de ter causado uma irreparável tragédia!

De minha parte, não pude conter-me; e, apesar de minha insignificância, não deixei de dizer-lhe o que pensava. Mas foi aí que o senhor visconde verdadeiramente mostrou sua grandeza. Ordenou que eu me calasse; e

tomou a mão daquele que era seu assassino, beijou-a diante de nós todos e disse-nos: “Ordene-lhes que tenham para com este senhor toda a consideração devida a um homem bravo e distinto”. Além disso, mandou que lhe entregassem, em minha frente, um grande volume de documentos que eu não conhecia, mas aos quais sei que ele atribuía grande importância. Em seguida, quis ele que os deixássemos a sós um instante. Entretanto, eu imediatamente mandara buscar ajuda, tanto espiritual como temporal. Infelizmente, porém, o mal era sem remédio. Menos de meia hora depois, o senhor visconde estava desacordado. Só pôde receber a extrema-unção, e mal terminara a cerimônia, exalou seu último suspiro.

Deus meu! Quando recebi em meus braços, ao nascer, esse precioso esteio de tão ilustre casa, como imaginar que em meus braços ele iria expirar e que eu teria de prantejar sua morte? Morte tão precoce e tão desgraçada! Minhas lágrimas escorrem a minha própria revelia. Peço-lhe perdão, senhora, por atrever-me assim a mesclar minha dor à sua. Mas, qualquer que seja nossa condição, possuímos um coração e sensibilidade; e muito ingrato eu seria se não pranteasse pelo resto da vida um patrão que era tão bom para mim, e me honrava com tamanha confiança.

Amanhã, após o traslado do corpo, mandarei pôr lacres em tudo, e pode contar inteiramente com meus cuidados. Não desconhece, senhora, que esse infeliz incidente anula suas disposições testamentárias e a deixa inteiramente livre para novas determinações. Se puder ser-lhe útil de alguma maneira, peço-lhe que me transmita suas ordens: porei todo meu zelo em executá-las pontualmente.

Sou, senhora, com o mais profundo respeito, seu mui humilde etc.

BERTRAND

Paris, neste 7 de dezembro de 17**.

CARTA 164

DA SRA. DE ROSEMONDE AO SR. BERTRAND

Recebi neste instante sua carta, meu caro Bertrand, informando-me do terrível incidente de que meu sobrinho foi a desgraçada vítima. Sim, por certo terei ordens a transmitir-lhe, e só por isso não me ocupo com outra coisa senão minha mortal aflição.

O bilhete do sr. Danceney, que me remeteu, é uma prova bastante concludente de que foi ele quem provocou o duelo. E minha intenção é que o senhor registre imediatamente uma queixa, e em meu nome. Ao perdoar seu inimigo, seu assassino, meu sobrinho pode satisfazer sua natural generosidade; já eu tenho o dever de vingar tanto sua morte como a humanidade e a religião. Nunca será demais incitar a severidade das leis contra esse resquício de barbárie que ainda infesta nossos costumes; e não creio que seja esse o caso de prescrever o perdão das ofensas. Espero, portanto, que acompanhe esse caso com todo o zelo e a diligência de que o sei capaz, e que o senhor deve à memória de meu sobrinho.

Terá, antes de mais nada, o cuidado de ir ter com o senhor presidente de...¹⁷ em meu nome, e conversar com ele a respeito. Não lhe escrevo, aflita que estou por entregar-me por inteiro a minha dor. Apresente-lhe minhas desculpas e transmita-lhe esta carta.

Adeus, meu caro Bertrand; louvo e agradeço seus bons sentimentos, e asseguro que sempre poderá contar comigo.

Do castelo de..., neste 8 de dezembro de 17**.

CARTA 165
DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Sei que já foi informada, minha querida e digna amiga, da perda que acaba de sofrer. Eu conhecia sua afeição pelo sr. de Valmont, e compartilho sinceramente a aflição que deva estar sentindo. É lamento muitíssimo ter de acrescentar-lhe um novo pesar: mas, infelizmente, também só nos restam lágrimas a oferecer a nossa desgraçada amiga, que perdemos ontem, às onze horas da noite. Por uma fatalidade de seu destino, que parecia desafiar toda sabedoria humana, o breve intervalo em que sobreviveu ao sr. de Valmont foi-lhe suficiente para ser informada de sua morte; e, como ela mesma disse, para sucumbir ao peso de sua desgraça só depois de atingir seu paroxismo.

Com efeito, sabia a senhora que há mais de dois dias ela estava absolutamente inconsciente; e ainda ontem pela manhã, quando seu médico chegou e nos acercamos de sua cama, não nos reconheceu, e não logramos obter dela nem uma palavra nem o mínimo gesto. Pois bem, mal

retornáramos para junto da lareira, e, enquanto o médico me relatava o triste evento da morte do sr. de Valmont, a desafortunada mulher recobrou a lucidez, devendo-se tal revolução quer à própria natureza, quer à repetição das palavras *sr. de Valmont* e *morte*, que podem ter lembrado à enferma os únicos pensamentos que desde há muito a ocupavam.

Seja como for, abriu rapidamente os cortinados da cama, exclamando: “Como! O que disse? O sr. de Valmont morreu!”. Esperava convencê-la de que se enganara, e assegurei-lhe, de início, que havia escutado mal; porém, longe de deixar-se persuadir, exigiu do médico que ele repetisse sua cruel narrativa; e no que tentei dissuadi-la ela chamou-me e disse baixinho: “Por que tenta me enganar? Ele já não estava mesmo morto para mim?”. De modo que foi preciso ceder.

Nossa desgraçada amiga de início escutou com ar bastante tranquilo. Mas logo interrompeu o relato, dizendo: “Basta, basta”. Pediu imediatamente que cerrassem os cortinados, e, quando o médico quis tratar de seu estado, não admitiu que ele sequer se aproximasse.

Assim que este se retirou, mandou que saíssem igualmente a enfermeira e sua camareira. E, quando ficamos a sós, pediu-me que a ajudasse a ficar de joelhos sobre a cama e a sustentasse. Assim permaneceu por algum tempo em silêncio, sem outra expressão além das lágrimas, que escorriam abundantes. Por fim, unindo as mãos e erguendo-as para o céu: “Deus todo-poderoso”, disse ela com voz fraca, mas fervorosa, “submeto-me a sua justiça; mas perdoe Valmont. Que minhas desgraças, que reconheço serem merecidas, não lhe sejam motivo de censura, e eu bendirei sua misericórdia!”. Permito-me, minha querida e digna amiga, estender-me em detalhes num assunto que, bem percebo, só vem renovar e agravar sua dor, porque não duvido que essa prece da sra. de Tourvel traga grande consolação a sua alma.

Depois de nossa amiga ter proferido essas poucas palavras, deixou-se cair em meus braços; e mal se acomodara na cama foi tomada por uma fraqueza prolongada, que cedeu, no entanto, ante os cuidados habituais. Assim que voltou a si, pediu que eu mandasse chamar o padre Anselme, acrescentando: “É agora o único médico de que necessito; sinto que meus males estão chegando ao fim”. Queixava-se muito de opressão, e falava com dificuldade.

Pouco depois, mandou-me entregar por sua camareira este cofrinho que lhe envio, dizendo que continha documentos pessoais, e pedindo-me que o

remetesse à senhora após sua morte.^{av} Em seguida falou-me da senhora, da sua amizade por ela, até onde seu estado o permitia e com muita ternura.

O padre Anselme chegou por volta das quatro horas, e permaneceu com ela quase uma hora. Quando entramos, o semblante da enferma estava calmo e sereno; mas percebia-se facilmente que o padre Anselme havia chorado muito. Ele ficou para assistir aos derradeiros sacramentos da Igreja. Essa cena, sempre tão imponente e dolorosa, era-o ainda mais pelo contraste entre a tranquila resignação da enferma e a dor profunda de seu confessor, o qual desmanchava-se em prantos a seu lado. A comoção tomou conta de todos, e aquela por quem todos choravam foi a única a não chorar.

O resto do dia transcorreu entre as orações usuais, interrompidas apenas pelos frequentes desfalecimentos da enferma. Por fim, por volta das onze horas da noite, pareceu-me mais oprimida e indisposta. Estendi a mão, buscando seu braço; ela ainda teve forças para pegá-la e colocá-la sobre o coração. Já não senti nenhum batimento; e, com efeito, nossa infeliz amiga expirou naquele mesmo instante.

Recorda-se, cara amiga, que em sua última viagem aqui, há menos de um ano, ao conversarmos sobre certas pessoas cuja felicidade nos parecia mais ou menos assegurada, detivemo-nos com satisfação no destino dessa mesma mulher de que hoje pranteamos os infortúnios e a morte? Tantas virtudes, louváveis qualidades e encantos; um temperamento tão doce e tão fácil; um marido que ela amava e pelo qual era adorada; amigos de que gostava, e dos quais era a alegria; boa aparência, juventude, riqueza; tantas vantagens reunidas perderam-se então por uma única imprudência! Ó Providência! Cabe-nos, sem dúvida, adorar seus desígnios; mas quão incompreensíveis são para nós! Detenho-me aqui; temo aumentar sua tristeza entregando-me à minha.

Vou deixá-la, e passar nos aposentos de minha filha, que está um tanto indisposta. Ao ser informada por mim, esta manhã, da morte tão súbita de duas pessoas que conhecia, sentiu-se mal, e mandei colocá-la na cama. Espero, no entanto, que essa ligeira indisposição não tenha consequências. Nessa idade, ainda não se está habituado às perdas, de modo que elas causam uma impressão mais vívida e mais forte. Essa sensibilidade tão aguçada é, sem dúvida, uma qualidade louvável; mas como tudo o que vemos diariamente nos ensina a temê-la! Adeus, minha cara e digna amiga.

Paris, neste 9 de dezembro de 17**.

CARTA 166
DO SR. BERTRAND À SRA. DE ROSEMONDE

Senhora,

De acordo com as ordens que se dignou me endereçar, tive a honra de me encontrar com o senhor presidente..., e transmitir-lhe sua carta, prevenindo-o de que, segundo seu desejo, agiria apenas de acordo com seus conselhos. Esse respeitável magistrado incumbiu-me de mencionar-lhe que a queixa que tenciona registrar contra o sr. cavaleiro Danceny comprometeria igualmente a memória do senhor seu sobrinho, cuja honra seria necessariamente maculada pela sentença da corte, o que seria sem dúvida muitíssimo lamentável. Sua opinião, portanto, é a de que não deve ser empreendida nenhuma diligência, e, se houvesse alguma a empreender seria, pelo contrário, tentar impedir que o Ministério Público tome conhecimento dessa malfadada aventura, que já repercutiu mais do que deveria.

Tais ponderações pareceram-me muito sábias, de modo que optei por aguardar novas ordens de sua parte.

Permito-me pedir-lhe, senhora, que, ao transmitir-me essas ordens, tenha a bondade de acrescentar umas palavras sobre seu estado de saúde, o qual receio muitíssimo possa se ressentir com tantos desgostos. Espero que perdoe tal liberdade a meu zelo e dedicação.

Sou, senhora, com respeito, seu etc.

Paris, neste 10 de dezembro de 17**.

CARTA 167
DE UM ANÔNIMO AO SENHOR CAVALEIRO DANCENY

Senhor,

Tenho a honra de alertá-lo de que esta manhã, no fórum da corte, foi mencionado entre os procuradores do rei o assunto de que tratou por esses dias com o sr. visconde de Valmont, e há receios de que o Ministério

Público apresente uma queixa. Julguei que esse aviso poderia lhe ser útil, quer para que acione seus protetores no sentido de deter tais lastimáveis desdobramentos; quer, caso não o consiga, para que possa tomar medidas de precaução.

Se me permite, inclusive, um conselho, creio que seria melhor se, durante algum tempo, aparecesse menos em público do que tem feito nos últimos dias. Embora exista, de modo geral, certa indulgência em casos desse tipo, pelo menos esse respeito à lei sempre é devido.

Tal precaução torna-se tão mais necessária por ter me chegado aos ouvidos que certa sra. de Rosemonde, que me disseram ser tia do sr. de Valmont, pretendia apresentar queixa contra o senhor, e o Ministério Público não poderia, nesse caso, negar sua requisição. Talvez fosse oportuno alguém conversar, em seu nome, com essa senhora.

Motivos particulares impedem-me de assinar esta carta. Mas quero crer que, embora não sabendo de quem vem, não deixará de apreciar o sentimento que a ditou.

Tenho a honra de ser etc.

Paris, neste 10 de dezembro de 17**.

CARTA 168

DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Têm se espalhado por aqui, minha cara e digna amiga, a propósito da sra. de Merteuil, rumores um tanto surpreendentes e desagradáveis. Estou longe, por certo, de acreditar neles, e poderia apostar que se trata de uma terrível calúnia. Sei bem demais, porém, o quanto as maldades, mesmo as mais inverossímeis, facilmente adquirem consistência, e o quanto a impressão que causam é difícil de apagar, para não me sentir alarmada com essas, por mais fáceis que me pareçam de ser destruídas. Queria sobretudo que pudessem ser rapidamente sustadas, antes de se espalharem mais ainda. Todavia, apenas ontem, já muito tarde, vim a saber desses horrores que mal começam a ser divulgados; e quando mandei, esta manhã, um mensageiro à sra. de Merteuil, acabava ela de partir para o campo, onde deverá passar dois dias. Não souberam dizer-me em casa de quem. Sua segunda camareira, que mandei chamar, disse-me que sua

patroa apenas deixara ordens para que a esperassem na quinta-feira próxima; e nenhum dos criados que ela deixou aqui sabe dizer nada além disso. Eu mesma não imagino onde possa estar: não me ocorre ninguém, entre seus conhecidos, que permaneça no campo até esta época do ano.

Seja como for, conto que até lá a senhora possa fornecer-me esclarecimentos que venham a ser úteis: pois esses detestáveis boatos têm por base circunstâncias da morte do sr. de Valmont, de que a senhora deverá estar a par se forem verdadeiras, ou sobre as quais poderá ao menos se informar facilmente, o que, por favor, peço-lhe que faça. Eis o que vem sendo alardeado, ou, melhor dizendo, o que ainda apenas se sussurra, mas que decerto não tardará a ressoar com mais força.

Dizem que a contenda ocorrida entre o sr. de Valmont e o cavaleiro Danceny seria obra da sra. de Merteuil, que enganava a ambos; que, como sói acontecer, os dois rivais começaram por lutar, e só depois passaram aos esclarecimentos; esclarecimentos estes que resultaram numa sincera reconciliação; e que, a fim de que o cavaleiro Danceny soubesse quem era realmente a sra. de Merteuil, e assim justificar a si mesmo por completo, o sr. de Valmont juntou a suas palavras uma quantidade de cartas, as quais compunham uma correspondência regular que mantinha com essa senhora, em que ela própria conta sobre si, com a maior ousadia, as mais escandalosas histórias.

Dizem ainda que Danceny, em sua indignação inicial, mostrou essas cartas a quem quisesse vê-las e que, atualmente, correm por toda a Paris. Duas são especialmente citadas:^{aw} uma em que conta toda a história de sua vida e de seus princípios, e que dizem ser o cúmulo do horror; outra que inocenta totalmente o sr. de Prévan, de cuja história deve estar lembrada, por conter a prova de que ele não fez mais que ceder às provocantes investidas da sra. de Merteuil, e que o tal encontro fora combinado com ela.

Tenho, felizmente, fortes motivos para crer que tais imputações são tão falsas quanto são detestáveis. Para começar, ambas sabemos que o sr. de Valmont decerto não estava interessado na sra. de Merteuil, e tenho sérias razões para acreditar que tampouco Danceny nutria qualquer interesse por ela: assim, parece estar demonstrado que ela não pode ter sido nem o objeto nem a autora da desavença. Também não entendo que interesse teria a sra. de Merteuil, que supõem estivesse combinada com o sr. de Prévan, em criar uma situação que só vinha prejudicar seu prestígio e que

podia tornar-se muito perigosa, uma vez que transformava assim em inimigo irreconciliável um homem que detinha parte de seu segredo e tinha na época muitos partidários. Observe-se que, depois daquele caso, não houve nenhuma voz que se erguesse em favor de Prévan e, mesmo por parte dele mesmo, não houve reclamação alguma.

Tais reflexões me inclinariam a ver nele o autor dos atuais rumores, e nessas perfídias a obra do ódio e da vingança de um homem que, vendo-se perdido, espera dessa forma ao menos espalhar alguma dúvida, e quem sabe criar uma cortina de fumaça. Mas, qualquer que seja a origem dessas maldades, o mais urgente é destruí-las. Elas se desfariam por si próprias se, como é provável, o sr. de Valmont e o sr. Danceny não tivessem conversado depois de seu malfadado encontro, e nenhum documento tivesse sido entregue.

Em minha impaciência de verificar os fatos, enviei esta manhã um mensageiro à casa do sr. Danceny; tampouco ele encontra-se em Paris. Seus empregados disseram a meu criado que ele havia partido esta noite, em decorrência de um bilhete recebido ontem, e que seu paradeiro é mantido em segredo. Teme, aparentemente, os desdobramentos do caso. De modo que só por você, minha cara e digna amiga, posso obter os detalhes que me interessam, e tão necessários podem vir a ser para a sra. de Merteuil. Reitero o pedido de que me mantenha informada o mais breve possível.

P.S. — A indisposição de minha filha não teve maiores consequências; pede que eu lhe transmita seus cumprimentos.

Paris, neste 11 de dezembro de 17**.

CARTA 169
DO CAVALEIRO DANCENY À SRA. DE ROSEMONDE

Senhora,

Talvez lhe soe um tanto estranha esta minha iniciativa. Rogo-lhe, contudo, que me escute antes de julgar-me, e não veja nenhuma audácia ou temeridade onde existe tão somente respeito e confiança. Não desconheço o dano que lhe causei, e nunca perdoaria a mim mesmo se pudesse, por um instante sequer, imaginar que me fora possível evitá-lo. Esteja certa,

senhora, de que, embora me julgue isento de culpa, não o sou de pesar; e ainda posso acrescentar sinceramente que a tristeza que lhe causei contribui, e muito, para aquela que eu mesmo sinto. Para crer nesses sentimentos que me atrevo a manifestar-lhe, deve bastar-lhe ser justa, e saber que, sem ter a honra de ser seu conhecido, tenho, porém, a de conhecê-la.

Contudo, enquanto lamento essa fatalidade que causou, a um só tempo, sua dor e minha desgraça, há quem me induza a temer que, entregue a sua vingança, a senhora busque os meios de satisfazê-la até mesmo pela severidade das leis.

Permita-me primeiramente observar, quanto a isso, que nesse caso sua dor está a enganá-la, uma vez que meu interesse nesse ponto é essencialmente vinculado ao do sr. de Valmont, e que seria ele mesmo envolvido na condenação que a senhora porventura suscitasse contra mim. De modo que acredito, senhora, poder contar antes com seu auxílio do que com obstáculos de sua parte nas atitudes que possa ser obrigado a tomar a fim de que esse malfadado evento se quede sepultado no silêncio.

Mas esse recurso da cumplicidade, que convém igualmente ao culpado e ao inocente, não poderia bastar para minha consciência: embora queira afastá-la como oponente, solicito-a como meu juiz. A estima daqueles que respeitamos é por demais preciosa para que eu me veja privado da sua sem antes defender-me, e acredito ter meios para tanto.

Com efeito, se convir que a vingança é permitida, ou, melhor dizendo, que a devemos a nós mesmos quando fomos traídos no amor, na amizade e, sobretudo, na confiança, então minha culpa se esvanecerá a seus olhos. Não acredite em minhas palavras; mas leia, se tiver coragem, a correspondência que entrego em suas mãos.^{ax} O número de cartas que aí se encontram no original parece autenticar aquelas de que só existem a cópia. Além do mais, recebi esses documentos, tal e qual tenho a honra de remetê-los, do próprio sr. de Valmont. Nada acrescentei, e subtraí apenas duas cartas,¹⁸ que me permiti divulgar.

Uma era necessária para a vingança, minha e do sr. de Valmont, a que ambos tínhamos direito, e da qual ele expressamente me incumbiu. Além disso, julguei que estaria prestando à sociedade um favor ao desmascarar uma mulher realmente perigosa como o é a sra. de Merteuil e que, como pode ver, é a única, a verdadeira causa de tudo o que se passou entre mim e o sr. de Valmont.

Um sentimento de justiça levou-me também a divulgar a segunda, para inocentar o sr. de Prévan, que mal conheço, mas que de modo algum merecia o rigoroso tratamento a que foi recentemente submetido nem a severidade da opinião pública, mais temível ainda, e pela qual vem padecendo desde então sem ter como se defender.

Dessas duas cartas, portanto, encontrará tão somente uma cópia, uma vez que devo guardar os originais. Quanto às outras, creio não poder entregar em mãos mais seguras um acervo que talvez me importe não ver destruído, mas do qual me envergonharia abusar. Creio, senhora, ao confiar-lhe esses documentos, ser tão útil às pessoas a quem eles interessam do que se os entregasse a elas mesmas; e assim evito-lhes o constrangimento de recebê-los de mim, de saber-me a par de aventuras que elas decerto desejam que todos ignorem.

Creio dever alertá-la, a propósito, de que a correspondência anexa não é mais que uma parte, extraída pelo sr. de Valmont em minha presença, de uma bem mais volumosa, e que senhora deverá encontrar, após a retirada dos lacres, sob o título *Contas em aberto, entre a marquesa de Merteuil e o visconde de Valmont*. Tomará, quanto a esse objeto, a decisão que lhe ditar sua sabedoria.

Sou respeitosamente, senhora etc.

P.S. — Alguns alertas que recebi, assim como os conselhos de meus amigos, convenceram-me a ausentar-me de Paris por algum tempo. Mas o local de meu refúgio, mantido em segredo para todos, não o será para a senhora. Se quiser honrar-me com uma resposta, peço-lhe que a envie para a Comendadoria de...,¹⁹ por intermédio de P..., e aos cuidados do senhor comendador de..., de cuja residência tenho a honra de escrever-lhe.

Paris, neste 12 de dezembro de 17**.

CARTA 170
DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Tenho andado, cara amiga, de surpresa em surpresa, e de tristeza em tristeza. Só quem é mãe pode ter ideia do que sofri durante toda a manhã de ontem; e se minhas mais cruéis inquietações se acalmaram desde então,

ainda me resta uma profunda aflição da qual não vislumbro o fim.

Ontem, por volta das dez horas, surpresa por ainda não ter avistado minha filha, mandei minha camareira descobrir o que estaria ocasionando tal atraso. Retornou esta logo depois, assustadíssima, e assustando-me mais ainda ao anunciar que minha filha não se encontrava em seus aposentos; e que já desde cedo não fora vista pela própria camareira. Imagine minha situação! Mandei chamar todos os empregados, principalmente o porteiro: todos juraram não saber de nada nem terem nada a dizer sobre o fato. Fui em seguida ao quarto de minha filha. A desordem que ali reinava revelou-me que ela aparentemente saíra já pela manhã; mas não encontrei, afora isso, nenhum esclarecimento. Vasculhei seus armários, seu secretário; encontrei tudo no lugar, assim como suas roupas, com exceção do vestido com que saíra. Não levava sequer o pouco dinheiro que tinha guardado.

Como só ontem soubera tudo o que andam falando sobre a sra. de Merteuil, à qual é muito apegada, a ponto de não ter feito mais que chorar durante todo o serão; como eu lembrasse também que ela não sabia que a sra. de Merteuil partira para o campo, minha ideia inicial foi que quis ver sua amiga e cometeu a insensatez de ir sozinha até sua casa. Mas o tempo passando sem que ela voltasse fez renascer todos os meus receios. Cada minuto vinha aumentar meu tormento, e, embora aflita por notícias, não me atrevia a buscar informações por medo de alardear um fato que mais tarde talvez quisesse esconder de todo o mundo. Nunca sofri tanto em toda a minha vida!

Já passavam das duas horas, quando finalmente recebi, em simultâneo, uma carta de minha filha e uma da madre superiora do convento de... A de minha filha dizia apenas que, temendo que eu me opusesse a sua vocação de se tornar religiosa, não ousara falar-me a respeito. No mais, meras desculpas por ter tomado, sem minha permissão, essa decisão que eu decerto não reprovava, acrescentava, se conhecesse suas razões, as quais pedia, porém, que eu não indagasse.

A madre superiora dizia-me que, ao ver chegar uma moça sozinha, de início se negara a recebê-la; mas que, tendo-a interrogado e descoberto de quem se tratava, julgara prestar-me um favor oferecendo, primeiramente, abrigo a minha filha, de modo a não a expor às novas andanças a que parecia estar decidida. A superiora, embora se oferecendo, naturalmente, para devolver-me minha filha caso eu assim deseje, aconselhou-me, como

seria de esperar, a não me opor a uma vocação, segundo ela, tão determinada; dizia ainda não ter podido me informar mais cedo sobre o ocorrido pelo tanto que lhe custara fazer com que me escrevesse minha filha, cuja ideia era que seu retiro fosse ignorado por todos. O desatino dos filhos é algo muito cruel!

Fui imediatamente ao convento; e, depois de conversar com a madre superiora, pedi-lhe para ver minha filha, a qual apareceu relutante e muito trêmula. Falei com ela na presença das freiras, e também a sós; só o que pude arrancar-lhe, em meio a muito choro, é que só poderia ser feliz no convento; resolvi permitir que ficasse, mas não ainda como postulante, como era seu desejo. Receio que a morte da sra. de Tourvel e do sr. de Valmont tenham afetado demais sua cabecinha. Por mais respeito que sinta pela vocação religiosa, não veria minha filha abraçar tal condição sem pesar, ou mesmo temor. Parece-me que já temos tantas obrigações a cumprir, que não há necessidade de inventarmos outras; e além disso não sabemos nessa idade o que de fato nos convém.

O que ainda vem aumentar minha preocupação é o próximo regresso do sr. de Gercourt; será preciso anular um casamento tão vantajoso? Como fazer a felicidade de nossos filhos, se não basta, para tanto, desejá-la e dar-lhe toda a atenção? Seria de grande ajuda se me dissesse o que faria em meu lugar; não consigo tomar nenhuma decisão: não há nada que julgue mais terrível do que decidir o destino dos outros, além de que tanto receio empregar, nessa circunstância, a severidade de um juiz como a indulgência de uma mãe.

Censuro-me constantemente por aumentar sua dor ao falar-lhe das minhas; mas conheço seu coração: não terá maior consolo do que aquele que porventura oferecer aos demais.

Adeus, minha cara e digna amiga; aguardo ansiosamente suas duas respostas.

Paris, neste 13 de dezembro de 17**.

CARTA 171
DA SRA. DE ROSEMONDE AO CAVALEIRO DANCENY

Depois do que me deu a conhecer, senhor, resta-nos tão somente chorar e

calar. Lamentamos ainda estarmos vivos, quando descobrimos tamanhos horrores; envergonhamo-nos por ser mulher, quando vemos uma delas capaz de semelhantes excessos.

Disponho-me de bom grado, senhor, no que me diz respeito, a deixar no silêncio e no esquecimento tudo o que possa se relacionar a esses funestos acontecimentos e trazer-lhes desdobramentos. Desejo, inclusive, que nunca venham a causar-lhe outras mágoas além das que são inseparáveis da malfadada vitória que obtive sobre meu sobrinho. No que pesem os erros desse último, que sou forçada a admitir, sinto que jamais irei consolar-me por sua perda: contudo, minha eterna aflição será a única vingança que me permitirei em relação ao senhor; cabe a seu coração avaliar-lhe a amplitude.

Se me permite, em minha idade, uma reflexão que não se faz na sua: tivéssemos nós clareza sobre o que é a verdadeira felicidade, nunca iríamos buscá-la fora dos limites prescritos pelas leis e pela religião.

Pode estar certo de que guardarei fiel e zelosamente o pacote que me confiou; mas peço-lhe autorização para não entregá-lo a ninguém, nem mesmo ao senhor, a menos que se torne necessário para sua defesa. Ouso acreditar que não irá negar-me esse pedido, o senhor já aprendeu que não raro lamentamos termo-nos permitido mesmo a mais justa das vinganças.

Não me estendo em minhas solicitações, certa que estou de sua generosidade e delicadeza; faria jus a ambas se me entregasse igualmente as cartas da srta. de Volanges, que aparentemente conservou, e que decerto já não o interessam. Sei que essa moça errou profundamente em relação ao senhor; mas não acredito que cogite puni-la por isso: mesmo que apenas por respeito a si mesmo, não iria aviltar a quem tanto amou. Nem preciso, portanto, acrescentar que a consideração que a filha não merece é pelo menos devida à mãe, essa mulher respeitável, à qual deve sem dúvida uma reparação. Pois afinal, por mais que nos queiramos iludir com uma pretensa delicadeza de sentimentos, aquele que, primeiro, tenta seduzir um coração ainda honesto e puro torna-se, por aí mesmo, o primeiro fator de sua corrupção, e será para todo o sempre responsável pelos subsequentes excessos e desvarios.

Que não o surpreenda, senhor, tamanha severidade de minha parte; é ela a maior prova que lhe posso dar de minha perfeita estima. Fará ainda mais jus a essa estima dispondo-se, como é meu desejo, a guardar um segredo cuja revelação lhe seria pessoalmente prejudicial, além de ser mortal para

um coração de mãe já ferido pelo senhor. Por fim, desejo prestar esse favor a minha amiga; e, acaso ainda pudesse rezear que me negasse esse consolo, iria pedir-lhe para ponderar que é o único que me deixou.

Tenho a honra de ser etc.

Do castelo de..., neste 15 de dezembro de 17**.

CARTA 172

DA SRA. DE ROSEMONDE À SRA. DE VOLANGES

Tivesse eu, cara amiga, de solicitar e aguardar que me enviassem de Paris os esclarecimentos que me pede em relação à sra. de Merteuil, ainda não me seria possível oferecê-los; e decerto os teria obtido apenas vagos e incertos. Mas chegaram-me alguns que eu não esperava, que não tinha motivo nenhum para esperar; e esses não poderiam ser mais certos. Ó minha amiga! Como a enganou essa mulher!

Repugna-me entrar em qualquer pormenor acerca desse amontoado de horrores; mas asseguro-lhe que o que quer se comente a respeito ainda estará bem aquém da verdade. Espero, cara amiga, que me conheça o suficiente para confiar em minha palavra sem exigir de mim nenhuma prova, bastando-lhe saber que existe uma profusão delas, que estão neste momento em minhas mãos.

Não é sem extrema tristeza que, da mesma forma, rogo-lhe que não me force a justificar o conselho que me pede concernente à srta. de Volanges. Sugiro-lhe que não se oponha à vocação que ela manifesta. Não existe decerto nada que justifique obrigar alguém a vestir o hábito quando a isso não se sente chamado; às vezes, porém, é uma bênção que o seja; e bem vê que sua própria filha diz que não a reprovava se conhecesse suas razões. Aquele que inspira nossos sentimentos sabe melhor que nossa vã sabedoria o que convém a cada um; e, não raro, o que parece ser uma expressão de sua severidade é, pelo contrário, expressão de sua clemência.

Enfim, minha opinião, que bem percebo irá afligi-la, e por isso mesmo deve acreditar que não a exprimo sem antes ter muito refletido, é que deixe a srta. de Volanges no convento, desde que ela assim escolheu; que encoraje, em vez de contrariar, a decisão que ela parece ter tomado; e que, no aguardo de sua execução, não hesite em anular o casamento que havia

acertado.

Tendo cumprido esses dolorosos deveres da amizade, e na impossibilidade em que me encontro de acrescentar-lhes qualquer consolo, resta-me, cara amiga, pedir-lhe o obséquio de não mais me indagar sobre nada que esteja relacionado a esses tristes acontecimentos: deixemo-los no olvido que lhes convém; e, sem buscar vãos e aflitivos esclarecimentos, sujeitemo-nos às decisões da Providência, acreditemos na sabedoria de seus desígnios, mesmo que ela não nos autorize a compreendê-los. Adeus, minha amiga.

Do castelo de..., neste 15 de dezembro de 17**.

CARTA 173

DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

Oh, minha amiga! Com que véu assustoso envolve o destino de minha filha! E parece recear que eu tente soerguê-lo! O que ele esconde que possa afligir ainda mais um coração de mãe do que as terríveis suspeitas a que me abandona? Quanto mais penso em sua amizade, em sua indulgência, mais redobram meus tormentos; várias vezes já, desde ontem, quis dar um fim a essas cruéis incertezas e pedir-lhe que me explicasse sem considerações nem rodeios; e a cada vez estremei de medo ao lembrar seu pedido para que eu não a interrogasse. Por fim, detenho-me numa alternativa que ainda me deixa alguma esperança; e confio que sua amizade não irá negar-me o que desejo: confirmar se entendi mais ou menos o que teria a me dizer; não temer me contar tudo o que a indulgência materna for capaz de abraçar, e não for impossível de reparar. Se minhas desventuras estiverem além dessa medida, então consinto em deixar que de fato só se explique com seu silêncio. Eis então o que já pude descobrir e até onde podem ir meus receios.

Minha filha manifestou certa inclinação pelo cavaleiro Danceny, e fui informada de que chegou a receber cartas dele, e até a respondê-las; mas julgava ter logrado impedir que esse erro de menina tivesse algum desdobramento perigoso. Hoje, quando tudo receio, admito que minha vigilância possa ter sido burlada, e temo que minha filha, seduzida, tenha levado ao cúmulo seus desatinos.

Recordo, ainda, várias circunstâncias passíveis de fortalecer esse temor. Já lhe contei que minha filha passou mal à notícia da desgraça ocorrida ao sr. de Valmont; tal sensibilidade talvez tivesse por único motivo a ideia dos riscos corridos pelo sr. Danceny durante essa luta. Quando, depois disso, tanto chorou ao descobrir o que se comentava acerca da sra. de Merteuil, aquilo que tomei por dor de amizade talvez não passasse de ciúme, ou do desgosto de saber que seu namorado era infiel. Sua última atitude, parece-me, pode igualmente se explicar por esse mesmo motivo. Não raro nos sentimos chamadas por Deus tão somente por nos sentirmos revoltadas contra os homens. Enfim, supondo-se que sejam verdadeiros esses fatos, e que a senhora deles esteja a par, poderá, sem dúvida, julgá-los suficientes para fundamentar o rigoroso conselho que me dá.

No entanto, se assim fosse, embora censurando minha filha, ainda me sentiria no dever de tentar por todos os meios poupá-la dos tormentos e dos perigos de uma vocação ilusória e passageira. Caso o sr. Danceny não tenha perdido nenhum sentimento de honradez, não irá se negar a reparar um erro de que é o único autor; e quero crer, afinal, que um casamento com minha filha seja suficientemente vantajoso para ser do agrado tanto dele como de sua família.

É essa, minha cara e digna amiga, minha derradeira esperança; confirme-a rapidamente, se possível for. Pode imaginar o quanto anseio por sua resposta, e que terrível golpe seria para mim seu silêncio.^{ay}

Estava para fechar minha carta quando um meu conhecido veio visitar-me, e contou-me a cena cruel vivida anteontem pela sra. de Merteuil. Uma vez que não estive com ninguém nesses últimos dias, não tinha ideia desse fato; eis como me foi relatado por uma testemunha ocular.

Ao chegar do campo, anteontem, quinta-feira, a sra. de Merteuil dirigiu-se à Comédie-Italienne, onde possui um camarote; estava sozinha e, o que deve ter-lhe parecido extraordinário, nenhum homem ali se apresentou durante todo o espetáculo. À saída, e segundo seu costume, ela entrou no pequeno salão, que já estava repleto de gente; imediatamente fez-se um burburinho, do qual ela aparentemente não julgou ser o objeto. Avistou um lugar vago numa das banquetas, e ali se sentou; imediatamente, porém, todas as mulheres que ali estavam levantaram-se, como de comum acordo, deixando-na absolutamente sozinha. Esse gesto ostensivo de indignação geral foi aplaudido por todos os homens, e fez redobramos os murmúrios que, dizem, chegaram às vaias.

Para que nada faltasse a sua humilhação, quis sua má sorte que o sr. de Prévan, que não se mostrara em parte alguma desde aquele episódio, adentrasse naquele momento o pequeno salão. Tão logo o avistaram, todos, homens e mulheres, cercaram-no e aplaudiram-no; e ele se viu carregado, por assim dizer, até diante da sra. de Merteuil pelos presentes, que formaram um círculo em torno de ambos. Comenta-se que essa senhora fez como quem não viu nem ouviu nada, e que seu semblante não se alterou! Mas creio que seja um exagero. Seja como for, essa situação, para ela realmente ignominiosa, perdurou até o momento em que anunciaram seu carro; e, a sua saída, ainda redobram as vaias escandalosas. É um horror saber-se parente dessa mulher. O sr. de Prévan foi, nessa noite, muito bem acolhido por todos os oficiais de seu regimento que ali se encontravam, e ninguém duvida de que irá brevemente reintegrar seu posto e sua patente.

A mesma pessoa que fez esse relato disse-me que a sra. de Merteuil foi, na noite seguinte, acometida por uma febre altíssima, que de início julgou-se ser fruto da violenta situação que havia vivenciado; mas sabe-se, desde ontem à noite, tratar-se de uma varíola confluyente²⁰ de forte virulência. Na verdade, creio que morrer disso seria para ela uma bênção. Comenta-se, por outro lado, que esse caso talvez venha a prejudicá-la um bocado em seu processo, que está para ser julgado, e para o qual dizem que ela precisaria de muita proteção.

Adeus, minha cara e digna amiga. Bem vejo, nisso tudo, os maus sendo punidos; mas não percebo nenhum consolo para suas desgraçadas vítimas.

Paris, neste 18 de dezembro de 17**.

CARTA 174
DO CAVALEIRO DANCENY À SRA. DE ROSEMONDE

Tem toda a razão, senhora, e, no que depender de mim, não irei negar-lhe nada do que possa ter para si algum valor. O pacote que tenho a honra de enviar-lhe contém todas as cartas da srta. de Volanges. Caso venha a lê-las, talvez não veja sem espanto como se pode aliar tanta ingenuidade a tanta perfídia. Foi, ao menos, o que mais me impressionou nessa última leitura que acabo de fazer.

Mas como não sentir, sobretudo, a mais viva indignação contra a sra. de Merteuil, se lembrarmos com que medonho prazer ela se empenhou em abusar de tanta inocência e candura?

Não, não sinto mais amor. Nada me resta de um sentimento tão indignamente traído; não é por ele que tento justificar a srta. de Volanges. No entanto, esse coração tão ingênuo, esse temperamento tão meigo e fácil não se teriam inclinado ao bem mais facilmente do que se deixaram arrastar ao mal? Que outra moça, saindo de um convento, sem nenhuma experiência e quase sem ideia alguma, e só trazendo ao mundo, como sói acontecer, uma total ignorância tanto do bem como do mal; que moça teria resistido a tão criminosos artifícios? Ah, basta, para ser indulgente, refletir sobre o quanto a terrível alternativa entre sensibilidade ou depravação de nossos sentimentos depende de circunstâncias que nos são alheias. Estava certa a meu respeito, senhora, ao julgar que os erros da srta. de Volanges, que tão intensamente me magoaram, não me inspiram, porém, nenhuma ideia de vingança. Já basta ter de renunciar a amá-la! Odiá-la me seria demasiado penoso.

Não precisei de nenhuma reflexão para desejar que tudo o que a ela se refere, e tudo o que possa vir a prejudicá-la, permaneça para todo o sempre ignorado por todos. Se dei a impressão de diferir por algum tempo o cumprimento de seu desejo nesse sentido, creio não precisar ocultar-lhe o motivo: queria antes ter certeza de que não iria ser perturbado pelas consequências desse malfadado caso. Num momento em que rogava por sua indulgência, em que ousava mesmo acreditar merecê-la de algum modo, receava dar a impressão de a estar negociando, de certa forma, por tal condescendência de minha parte; e, certo da pureza de minhas intenções, tive, confesso, o orgulho de querer que não pudesse duvidar delas. Espero que me perdoe esse cuidado, quiçá demasiado suscetível à veneração que a senhora me inspira, ao apreço que tenho por sua estima.

Esse mesmo sentimento leva-me a pedir-lhe, como último favor, que tenha a bondade de me dizer se julga que cumpri com todas as obrigações exigidas pelas infelizes circunstâncias em que me vi envolvido. Uma vez sossegado a esse respeito, minha decisão já está tomada: parto para Malta. Lá irei proferir com prazer, e cumprir religiosamente, votos que irão apartar-me de um mundo do qual, tão jovem ainda, já tenho tantos motivos de queixa; tentarei, enfim, desfazer sob um céu estrangeiro a imagem de tantos horrores acumulados, cuja memória só poderia

entristecer e macular minha alma.

Sou respeitosamente, senhora, seu mui humilde etc.

Paris, neste 26 de dezembro de 17**.

CARTA 175
DA SRA. DE VOLANGES À SRA. DE ROSEMONDE

A sorte da sra. de Merteuil parece estar finalmente selada, minha cara e digna amiga; e de tal forma que seus maiores inimigos sentem-se divididos entre a indignação que ela merece e a compaixão que ela inspira. Eu estava certa ao dizer que talvez fosse para ela uma bênção morrer dessa variola. Ela sobreviveu, é verdade, mas terrivelmente desfigurada, tendo além disso perdido um dos olhos. Não tornei a vê-la, naturalmente, mas dizem que está mesmo medonha.

O marquês de..., que não perde a oportunidade de falar uma maldade, dizia ontem, a seu respeito, que a doença a virara do avesso e que sua alma, agora, se estampava em seu rosto. Todos, infelizmente, julgaram que a imagem era muito acertada.

Outro fato ainda veio somar-se a seus danos e dissabores. Seu processo foi julgado anteontem, e o perdeu por unanimidade. Custas, perdas e danos, restituição da renda, tudo foi adjudicado aos menores. De modo que o pouco de sua fortuna que não estava implicado no processo, e mais que isso, será consumido pelas despesas.

Tão logo soube dessa notícia, embora ainda doente, tomou suas providências e partiu sozinha, à noite, e de diligência. Dizem seus criados que nenhum deles quis acompanhá-la. Acredita-se que seguiu em direção à Holanda.

Sua partida tem causado ainda mais escândalo que todo o resto, já que levou consigo seus diamantes, de considerável valor, que deveriam integrar o inventário de seu marido; as joias, a prataria, tudo o que pôde, enfim; e que deixa atrás de si quase cinquenta mil libras em dívidas. Uma autêntica bancarrota.

A família deve reunir-se amanhã para pensar num acordo a ser feito com os credores. Embora meu parentesco seja bem afastado, ofereci-me para contribuir, mesmo sem estar presente na reunião, uma vez que devo assistir

a uma cerimônia ainda mais triste. Minha filha veste amanhã o hábito de postulante. Espero que não tenha esquecido, minha amiga, que o único motivo pelo qual me sinto obrigada a esse imenso sacrifício é o silêncio que manteve para comigo.

O sr. Danceney deixou Paris há cerca de duas semanas. Dizem que vai para Malta, onde pretende se estabelecer. Talvez ainda esteja em tempo de retê-lo?... Minha amiga!... É muito grande, então, a culpa de minha filha?... Irá decerto perdoar a uma mãe por só dificilmente render-se a essa terrível certeza.

Que fatalidade terá se espalhado a meu redor de uns tempos para cá, ferindo-me através daqueles que mais quero! Minha filha, e minha amiga!

Quem deixaria de estremecer ao pensar na desgraça que uma única relação perigosa pode causar? E quanta dor não evitaríamos refletindo melhor a respeito? Que mulher não fugiria ante as primeiras palavras de um sedutor? Que mãe poderia, sem estremecer, ver qualquer pessoa, além dela mesma, falar com sua filha? Tais reflexões tardias, porém, só ocorrem depois dos fatos; e uma das mais importantes verdades, talvez também uma das mais aceites, queda-se abafada e sem serventia em meio ao turbilhão de nossos inconsequentes costumes.

Adeus, minha cara e digna amiga; sinto, neste momento, que nossa razão, já tão insuficiente para prevenir nossos infortúnios, o é mais ainda para deles consolar-nos.^{az21}

Cartas adicionais

Estas duas cartas aparecem no manuscrito do romance mas não foram incluídas nas edições publicadas durante a vida de Laclos.

I

A carta suplementar abaixo ficava no fim do manuscrito como um documento perdido recém-recuperado. Os editores a substituíram pela nota de rodapé que atualmente encerra o livro.

DA PRESIDENTA DE TOURVEL
AO VISCONDE DE VALMONT

Oh, meu querido, que tormentos venho sofrendo desde o momento em que você me deixou! E eu preciso tanto de calma. Como posso ter sucumbido a esta agitação que me maltrata e me causa tão grande inquietude? Você acredita? Sinto que até para lhe escrever necessito reunir toda força e recordar minha razão. Insisto em me dizer que você é feliz; mas, pelo contrário, essa ideia que me deleita o coração e que você chama tão acertadamente de doce lenitivo do amor arrojou-me numa agitação e me achapou com uma felicidade por demais violenta. Entretanto, se tento me apartar desse delicioso devaneio, mergulho diretamente na angústia cruel que tantas vezes lhe prometi evitar, coisa que decerto devo fazer já que diminuiria a sua felicidade. Meu amigo, fácil lhe foi ensinar-me a viver unicamente para você; ensine-me agora a viver longe de você. Não, não era isso que eu queria dizer; a verdade é que não devia querer viver longe de você, ou desejaria esquecer que vivi. Na solidão, não posso suportar minha felicidade ou minha dor. Sinto necessidade de descansar, mas o descanso é impossível. Pedi em vão que o sono chegasse; o sono fugiu para longe de mim. Não consigo me ocupar de nada, tampouco posso estar ociosa. Primeiro um fogo ardente me devora, depois um frio mortal me entorpece. Qualquer movimento me cansa, e eu não consigo parar num lugar. O que

dizer então? Sofreria menos no acesso da mais violenta febre, e, posto que não o possa explicar nem entender, sei que este estado de sofrimento provém exclusivamente da minha incapacidade de conter ou direcionar uma legião de sentimentos, a cada qual deles entregaria alegremente toda a minha alma. No momento em que você partiu, fiquei menos atormentada. Certa agitação mesclou-se aos meus pesares, mas isso eu atribuí à presença das minhas criadas, que entraram naquele momento e cujo serviço, sempre excessivamente lerdo para os meus desejos, pareceu-me mil vezes mais demorado que de costume. Acima de tudo, eu queria estar só. Não suspeitei então que, cercada de tão meigas lembranças, não encontraria na solidão a única felicidade que a sua ausência me proporcionava. Como podia ter previsto que, forte como eu era na sua presença para suportar o choque de tantos sentimentos conflitantes, experimentada em tão veloz sucessão, a sós seria incapaz de tolerar até mesmo a memória deles. Desenganei-me muito cedo e muito cruelmente... Aqui, meu querido amigo, eu hesitei em lhe contar tudo... No entanto, acaso não sou sua, inteiramente sua, e devo ocultar de você um único pensamento meu? Oh, seria impossível. Só rogo a sua indulgência para com meus erros involuntários, dos quais meu coração não participou. Como de hábito, mandei minhas mulheres embora antes de ir para a cama...

2

A carta abaixo, que seria a de número 155, Laclos a riscou e a substituiu pela nota de rodapé da Carta 154.

DO VISCONDE DE VALMONT À SRA. DE VOLANGES

Sei, madame, que a senhora não gosta de mim; estou igualmente ciente de que sempre falou mal de mim à sra. de Tourvel, e tenho certeza de que se sente confirmada em suas opiniões. Até concedo que não lhe falta em que se basear. Não obstante, é à senhora que escrevo, e não hesito em lhe pedir não só que entregue à sra. de Tourvel a carta aqui anexada como também que a faça prometer lê-la, afiançando-lhe o meu arrependimento, o meu pedido de desculpas e, especialmente, o meu amor. Percebo que este pedido pode lhe parecer estranho. Eu mesmo estou surpreso comigo. Mas o desespero não perde oportunidade nem se detém para pensar. Ademais,

num assunto tão importante e de interesse para nós dois, devemos deixar de lado todas as outras considerações. A sra. de Tourvel está morrendo; a sra. de Tourvel é infeliz. Temos de lhe devolver a vida, a saúde, a felicidade. Este deve ser o nosso objetivo. Todos os meios são válidos se assegurarem ou apressarem tal resultado. Se rejeitar o que ofereço, a senhora será responsável pelo que acontecer. Sua morte, seu desgosto, meu eterno desespero, tudo será obra sua. Sei que insultei deploravelmente uma mulher digna de toda a minha adoração. Sei que as minhas maldades terríveis foram a causa de seus males. Não tento esconder nem desculpar meus erros. Mas, senhora, não se torne minha cúmplice impedindo-me de corrigi-los. Eu cravei uma espada no coração de sua amiga, mas só eu posso retirar a lâmina da ferida. Só eu tenho meios de curá-la. Que importa ser culpado se posso ser útil! Salve a sua amiga; salve-a! Ela precisa da sua ajuda, não da sua vingança!

Paris, 4 de dezembro de 17**.